UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional”

Ana Paula Medeiros

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional”

Ana Paula Medeiros

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

RIBEIRÃO PRETO - SP
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Medeiros, Ana Paula

Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional. Ribeirão Preto, 2014.

257 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Barbieri, Valéria.

1. Tendência antissocial. 2. Transgeracional. 3. Família.
4. Psicanálise.

Capa: Cândido Portinari, *Meninos Soltando Pipas*, 1938. Reprodução autorizada por João Candido Portinari.

MEDEIROS, Ana Paula

Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esse trabalho às crianças que, de uma forma ou de outra, manifestam sua esperança e seu desejo de mudança.

“Só te conheço de retrato,
não te conheço de verdade,
mas teu sangue bole em meu sangue
e sem saber te vivo em mim
e sem saber vou copiando
tuas imprevistas maneiras,
mais do que isso: teu fremente
modo de ser, enclausurado
entre ferros de conveniência
ou aranhóis de burguesia,
vou descobrindo o que me deste
sem saber que o davas, na líquida
transmissão de taras e dons,
vou te compreendendo, somente
de esmerilar em teu retrato
o que a pacatez de um retrato
ou o seu vago negativo,
nele implícito e reticente,
filha de um homem; sua face
oculta de si mesmo; impulso
primitivo; paixão insone
e mais trevosas intenções
que jamais assumiram ato
nem mesmo sombra de palavra,
mas ficaram dentro de ti
cozinhas em lenha surda.
Acabei descobrindo tudo
que teus papéis não confessaram
nem a memória de família
transmitiu como fato histórico
e agora te conheço mais
do que a mim próprio me conheço,
pois sou teu vaso e transcendência,
teu duende mal encarnado.
Refaço os gestos que o retrato
não pode ter, aqueles gestos
que ficaram em ti à espera
de tardia repetição,
e tão meus eles se tornaram,
tão aderentes ao meu ser
que suponho tu os copiaste
de mim antes que eu os fizesse,
e furtando-me a iniciativa,
meu ladrão, roubaste-me o espírito”

(Carlos Drummond de Andrade, Antepassado)

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos aqueles que se dedicaram a me ajudar nesta etapa de minha vida e que, de uma forma ou de outra, possibilitam a concretização deste meu sonho. Em especial, agradeço:

À minha orientadora Valéria Barbieri, que me orientou da melhor maneira possível. Por ter me estimulado, me apoiado e me oferecido todo o seu carinho e dedicação. Agradeço também por todos os ensinamentos durante a graduação, que muito influenciaram nas minhas escolhas profissionais.

Ao professor Manoel Antônio dos Santos, por toda a disponibilidade, pelas ricas contribuições no momento da qualificação e por estar presente também na conclusão deste trabalho. Por toda a presença durante a graduação, pois este momento de aprendizagem não teria sido tão rico sem os seus ensinamentos e sua sensibilidade.

À professora Martha Franco Diniz Hueb, por ter aceitado participar da qualificação e da defesa. Pela sua disponibilidade, pelas experiências compartilhadas e por todas as contribuições que me auxiliaram no amadurecimento deste trabalho.

Aos meus pais “suficientemente bons”, João Augusto Medeiros e Vera Lúcia de Freitas Medeiros, que nunca desistiram de mim e sempre me incentivaram a querer mais. Por terem dividido comigo todos os momentos de minha vida, estando ao meu lado e me dedicando amor, carinho e atenção.

Ao meu irmão, Leonardo Augusto Medeiros, que me ensina a viver todos os dias, desde seu nascimento. Porque a sua presença completa a minha existência. Obrigada por me ensinar a transpor as barreiras e os desafios que a vida nos impõe.

À minha avó, Natalina Castellani Medeiros, pelas suas orações, pela sua força e por todo o seu amor dedicado a mim. Ter você presente em minha vida deixa o meu coração mais feliz e tranquilo.

À minha querida amiga Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, por todo o acolhimento, por me oferecer apoio, ajuda e por dedicar o seu tempo a mim. Simplesmente, por ser a quem me espelho no exercício da psicologia.

À amiga Marcela Lança de Andrade, por toda a paciência e escuta. Por todo o apoio que proporcionou a criação deste trabalho e por ter compartilhado comigo a sua sensibilidade. Por ter me auxiliado durante todo o percurso e por ter dividido comigo a escolha da capa deste trabalho.

À Lilian Regiane de Souza Costa, minha amiga-irmã, pela sua amizade, tão essencial a mim. Por todas as trocas, pelas experiências compartilhadas, pelo apoio nos momentos difíceis e por estar presente também nos momentos de felicidade. Por se importar comigo independente da distância.

À Beatriz Prado Vitali, Adriana Fabrício Melão e Maria Gardênia Rebellato de Gouveia, que me acolheram da melhor maneira possível em meu ambiente de trabalho, que compartilham comigo todas as suas experiências e tornam os meus dias mais leves e divertidos.

A Allan Ricardo Vian, que se manteve comigo durante todo o meu percurso, que dedicou a mim todo o seu amor e a sua paciência. Que não desistiu mesmo nos momentos mais difíceis. Por me incentivar a continuar e a crescer cada dia mais e por sempre dizer: “Você consegue”.

À Marina Fernandes Alvares Leite Denardi, por ter dividido comigo as suas habilidades e por ter deixado o texto deste trabalho mais bonito.

À CAPES pelo apoio e concessão da bolsa de mestrado durante o primeiro ano desta pesquisa.

A João Candido Portinari, que gentilmente me concedeu autorização para a reprodução da imagem “Meninos soltando pipas”, que ilustra a capa deste trabalho e que, a mim, representa o encontro e a importância do brincar.

À família participante desse estudo, que dedicou o seu tempo a mim e ao meu estudo e que proporcionou que este trabalho fosse feito da forma mais bonita possível. Por terem aberto a porta de suas casas, suas histórias e seus corações.

RESUMO

Medeiros, A. P. (2014). *Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A literatura psicológica é unânime em afirmar que o ambiente é um importante propulsor do desenvolvimento infantil. Assim, ao considerar a importância do meio, é preciso entender que a família exerce uma importante influência na criança, podendo auxiliar ou dificultar seu processo evolutivo. A partir de uma perspectiva transgeracional, é possível identificar a forma como ocorrem a transmissão psíquica e o processo estruturante da organização familiar, correspondente à herança familiar em nível inconsciente, que transfere aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos. A tendência antissocial pode levar a um importante rompimento das expectativas que a sociedade e a família têm para com a criança, sendo que os sintomas que a caracterizam compreendem a presença de brigas, agressividade, oposição, mentiras, fugas, desobediência, entre outros. Sendo assim, o presente trabalho visou compreender os psicodinamismos familiares envolvidos no surgimento e na manutenção da tendência antissocial em uma criança do sexo feminino de cinco anos de idade, a partir da perspectiva da teoria da Transmissão Psíquica Transgeracional. Foi realizado um estudo de caso com a participação de uma família, cuja criança apresenta sintomas de tendência antissocial. Participaram desta pesquisa: a criança, seus pais, sua avó materna e sua avó paterna. A avaliação realizada compreendeu a utilização da Bateria Hammer para todos os participantes; Teste de Apercepção Temática Infantil e Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven para a criança; entrevista psicológica semiestruturada e Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por) para a mãe; e Teste de Apercepção Temática para todos os adultos. Os materiais foram analisados a partir de uma perspectiva clínica psicanalítica, além das citações propostas pelos manuais dos instrumentos. A partir dos dados obtidos, nota-se que os sintomas da criança estão intimamente relacionados às angústias, sofrimentos e incertezas dos membros de sua família. As duas avós apresentam uma história que as aproxima e contribui para a compreensão familiar, sendo que ambas expressam uma dependência em relação ao outro, de forma que buscam relações que possam auxiliá-las a satisfazer suas necessidades. As avós e a mãe da criança sofreram privações emocionais ao longo da vida, relacionadas à ausência de figuras importantes, à separação prematura de seus pais e ao *holding* deficitário, sem encontrarem alguém para suprir-lhes as carências afetivas. A criança recebe a angústia dessas mulheres e seu desejo de mudança, por ela expressos através de sua impulsividade e agitação. Já o pai demonstra sentimento de inutilidade e futilidade frente ao mundo, o que o faz se distanciar da família e dos cuidados da filha. Como seus pais evidenciam a ausência de figuras de identificação para o exercício das funções parentais, a criança recebe conteúdos não elaborados, ligados a perdas, busca por *holding*, depressão e sensação de ser exigida além do que pode oferecer. Os contornos do *Self* infantil são pouco definidos, e a menina não se sente protegida por uma imposição segura de limites. Os sintomas da criança parecem ser uma maneira que ela encontrou para elaborar os conteúdos que lhe foram transmitidos, buscar ajuda e receber *holding*. Faz-se necessária uma intervenção nessa família, para que o tratamento da criança seja efetivo. Outras pesquisas devem ser realizadas, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a temática.

Palavras-chave: tendência antissocial; transgeracional; família; psicanálise.

ABSTRACT

Medeiros, A. P. (2014). *Psychodynamisms of antisocial trend: a transgenerational study*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The psychological literature is unanimous in stating that the environment plays a very important whole in children's development process. In so being, the family may help or hinder their healthy growth. From an intergenerational perspective, it is possible to identify how the psychic transmission and the structuring process of the family organization (corresponding to the family inheritance on an unconscious level) occur as to the transfer of intrapsychic and intersubjective aspects. The antisocial trend can cause a major disruption of the expectations that society and the family have for the child, and the symptoms that characterize such trend encompass the presence of quarrels, aggression, opposition, lies, escaping from reality, and disobedience, among others. Therefore, this study aimed to understand the family psychodynamics involved in the onset and maintenance of antisocial trend in a female child of five years old, from the perspective of the Psychic Transgenerational Transmission theory. A case study including the participation of her family was conducted. So, the child, her parents, her maternal grandmother and her paternal grandmother were included. The evaluation encompassed the use of Hammer Battery (with all the participants); Children Apperception Test and Raven's Coloured Progressive Matrices Test (with the child); psychological interview and the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-Per) (with the mother); and Thematic Apperception Test with all adults. The data were analyzed from a psychoanalytic clinical perspective, together with the conjectures proposed by manual instruments. It can be noted that the child's symptoms are closely related to the anguish, suffering and uncertainty of the members of her family. Both grandmothers have similar life histories, expressing a dependency on others, that contributes to the understanding of their families. Both wish to get involved in relationships that could help them to meet their needs. The child's grandmothers and mother have suffered emotional deceptions throughout life, which are related to the absence of important figures, due to premature separation of their parents and consequent deficit of holding, and did not find other person to meet their affective needs. The child receives the distresses of these women and their wishes of changes in their lives, expressing such feelings through her impulsiveness and restlessness. Her father demonstrates a feeling of uselessness and futility as to the world, leading him to an emotional distance from his family and his daughter's care. So, the child's parents reveal major losses that led to the absence of figures of identification in exercising their parental responsibilities. The child receives contents not well elaborated, related to loss, search for holding, depression and feeling of being required, but with no conditions to answer accordingly. The contours of the child's Self are poorly defined and the girl does not feel protected by secure imposing limits. The child's symptoms seem to be a way she found to elaborate contents and seek for help and holding. An intervention should be carried out with this family to help the child's treatment. Further researches should be conducted to deepen the knowledge on the subject.

Keywords: antisocial trend; transgenerational; family; psychoanalysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Desenho da Casa feito por Mariana	66
Figura 2. Desenho da Árvore feito por Mariana.....	69
Figura 3. Desenho da Pessoa feito por Mariana	71
Figura 4. Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Mariana.....	73
Figura 5. Desenho da Família feito por Mariana.....	75
Figura 6. Desenho Livre feito por Mariana	77
Figura 7. Desenho da Casa feito por Fátima	92
Figura 8. Desenho da Árvore feito por Fátima.....	94
Figura 9. Desenho da Pessoa feito por Fátima	96
Figura 10. Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Fátima.....	101
Figura 11. Desenho da Família feito por Fátima	102
Figura 12. Desenho Livre feito por Fátima	107
Figura 13. Desenho da Casa feito por Carlos	127
Figura 14. Desenho da Árvore feito por Carlos	129
Figura 15. Desenho da Pessoa feito por Carlos	130
Figura 16. Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Carlos	132
Figura 17. Desenho da Família feito por Carlos.....	134
Figura 18. Desenho Livre feito por Carlos	135
Figura 19. Desenho da Casa feito por Aparecida	155
Figura 20. Desenho da Árvore feito por Aparecida.....	158
Figura 21. Desenho da Pessoa feito por Aparecida	160
Figura 22. Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Aparecida	164
Figura 23. Desenho da Família feito por Aparecida.....	167
Figura 24. Desenho Livre feito por Aparecida	169
Figura 25. Desenho da Casa feito por Roseli	186
Figura 26. Desenho da Árvore feito por Roseli.....	188
Figura 27. Desenho da Pessoa feito por Roseli	189
Figura 28. Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Roseli.....	191
Figura 29. Desenho da Família feito por Roseli.....	192
Figura 30. Desenho Livre feito por Roseli	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características dos Participantes da Pesquisa.....	47
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 A importância da família para o desenvolvimento infantil	23
1.2 Transmissão Psíquica Transgeracional	25
1.3 Tendência antissocial: aspectos descritivos e compreensão psicanalítica	32
2 OBJETIVOS	41
3 MÉTODO	43
3.1 Referencial Metodológico	43
3.2 Participantes	46
3.3 Instrumentos	47
3.4 Procedimentos	52
3.5 Análise dos dados	52
3.6 Aspectos éticos	54
4 RESULTADOS	55
4.1 Apresentação do Caso	55
4.1.1 Entrevista Inicial	57
4.1.2 Análise da Entrevista	60
4.2 Mariana	64
4.2.1 Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e Bateria Hammer	64
4.2.2 CAT-A	79
4.2.3 Síntese do caso - Mariana	89
4.3 Fátima (mãe)	91
4.3.1 Bateria Hammer	91
4.3.2 TAT	109
4.3.3 Síntese do caso - Fátima	124
4.4 Carlos (pai)	126
4.4.1 Bateria Hammer	126
4.4.2 TAT	137
4.4.3 Síntese do caso - Carlos	152
4.5 Aparecida (avó materna)	154
4.5.1 Bateria Hammer	154
4.5.2 TAT	171
4.5.3 Síntese do caso - Aparecida	183

4.6 Roseli (avó paterna).....	185
4.6.1 Bateria Hammer.....	185
4.6.2 TAT.....	196
4.6.3 Síntese do caso – Roseli.....	208
5 SÍNTESE DA FAMÍLIA DE MARIANA E DISCUSSÃO.....	211
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	225
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	227
8 APÊNDICES.....	237
Apêndice A – Roteiro de entrevista com os pais.....	237
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (criança).....	241
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais).....	243
Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (avós).....	245
9 ANEXOS.....	247
Anexo A – Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por).....	247
Anexo B – Descrição de conteúdos manifestos e latentes dos cartões do CAT-A.....	249
Anexo C – Descrição de conteúdos manifestos e latentes dos cartões do TAT.....	253
Anexo D – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP.....	257

Bola de meia, bola de gude

“Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão”

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

1 INTRODUÇÃO

1.1 A importância da família para o desenvolvimento infantil

A literatura psicológica é unânime em afirmar que o ambiente é um relevante propulsor do desenvolvimento infantil. Assim, ao considerar a importância do meio, é preciso entender a influência que a família exerce na criança, podendo auxiliar ou dificultar o seu processo evolutivo. De acordo com Soifer (1982), a família tem sete funções para a criança, pois cabe a ela ensinar o cuidado físico (como alimentação e higiene); as relações familiares (elaboração da inveja e do Complexo de Édipo, desenvolvimento do amor e do respeito, por exemplo); a atividade produtiva e recreativa (como estudos e jogos); as relações sociais (com familiares e amigos); a inserção profissional; as relações sentimentais (escolha de parceiro) e como consolidar uma nova família. Portanto, a família deve assumir um papel de orientação e de cuidado desde os primeiros momentos de vida da criança até aquele em que ela for adulta e independente.

Nesse mesmo sentido, para Winnicott (1956/1993), a mãe exerce um papel de auxiliar no crescimento inato de seu filho, sendo necessário que ela se sinta amada pelo seu companheiro, inserida e aceita na sociedade e no círculo familiar para ser bem sucedida. De acordo com Dias (2003), a mãe de um filho recém-nascido também se encontra em um estado de dependência e sente-se tão desamparada quanto o próprio bebê. Na teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional é ressaltada a importância do ambiente para a constituição da saúde emocional do bebê, sendo que a criança precisa dele para obter sustentação e apoio para o seu amadurecimento (Dias, 2003).

Primeiramente, a criança encontra-se em um estágio de dependência absoluta, na qual sua personalidade não está integrada. Neste período, a integração será auxiliada pela presença do *holding* (o aquecer, segurar e balançar a criança) e pelas experiências que farão a criança sentir-se dentro de seu corpo (Winnicott, 1958/2000). É importante destacar que quando a mãe não consegue identificar-se com o filho, este não consegue se constituir em uma unidade e se integrar, o que impede que ele se desenvolva normalmente e passe para os estágios subsequentes: a dependência relativa e a autonomia relativa. Assim, com o desenvolvimento prejudicado, a criança sente-se apenas como um corpo com partes soltas, o que pode acarretar o surgimento de patologias mentais (Brum & Schermann, 2004).

Nesta etapa de identificação da mãe com a criança, denominada preocupação materna primária, é fundamental que ela proporcione a experiência de ilusão ao bebê, oferecendo

sustentação e apoio a ele e favorecendo o desenvolvimento de sua criatividade primária (Abadi, 1998). Após esse período, a mãe deve, gradualmente, oferecer situações que sejam frustrantes para o filho, não estando sempre presente quando ele precisar: assim, ele será capaz de guardar recordações da mãe até que ela volte. Esta experiência, denominada de desilusão, insere a criança na realidade e proporciona a ela um conhecimento de sua própria necessidade, sendo necessária para que o *Self* se desenvolva. Neste sentido, a criança conseguirá integrar sua personalidade principalmente quando sua mãe for suficientemente boa, ou seja, capaz de se adaptar às necessidades do bebê e lhe oferecer apoio e sustentação (Winnicott, 1958/2000).

Considerando todo este contexto, de acordo com Eizirik e Bergmann (2004), a função paterna também é fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que o pai deve oferecer sustentação afetiva para a díade, de modo que a mãe possa interagir com o bebê. Assim, o pai deve proteger a mãe e evitar que ela tenha que se preocupar com outras situações do mundo externo (Dias, 2003). O pai também precisa auxiliar na divisão da relação simbiótica (figura materna-filho), de forma que a criança precisa do pai para elaborar a perda da relação fusional inicial com a mãe. Para Ferrari (1999), quando ambos os pais estão presentes, a criança consegue viver mais naturalmente os processos de identificação e diferenciação, sendo que a ausência de um deles pode influenciar no desenvolvimento da personalidade da criança, uma vez que a “super presença” da mãe ou do pai não supre a ausência do outro. Apesar desta ideia, é preciso relativizar esta informação, sobretudo em consequência dos novos arranjos familiares, que não devem ser compreendidos como capazes de originar psicopatologias.

A família deve, portanto, adaptar as condições ambientais às necessidades da criança, possibilitando sua maturidade emocional. De acordo com Dessen e Polonia (2007), é no ambiente familiar que a criança vai aprender a lidar com os conflitos, a expressar seus sentimentos e a controlar suas emoções. Essas aprendizagens deverão ser utilizadas também em outros contextos, até mesmo quando o indivíduo tornar-se adulto.

Desta forma, entende-se que quando os pais cuidam e atentam para as necessidades do filho, este se sente inserido em um ambiente capaz de responder às suas necessidades físicas e emocionais, fazendo com que ele conquiste confiança e consiga se desenvolver rumo à independência. Atualmente, sabe-se que os papéis exercidos dentro de cada família têm se tornado complexos e multidimensionais, sobretudo devido às modificações ocorridas ao longo do tempo e pelos diferentes contextos culturais existentes (Dessen & Silva Neto, 2000). Desta

forma, entende-se a importância de um trabalho completo com o grupo familiar a fim de compreender melhor a sua organização e influências entre os indivíduos que o compõe.

1.2 Transmissão Psíquica Transgeracional

O tema da transmissão psíquica transgeracional corresponde a um processo estruturante da organização familiar, que compreende a herança familiar que ocorre em nível inconsciente e que transita entre os níveis intrapsíquicos e intersubjetivos (Féres-Carneiro, Lisboa & Magalhães, 2011), fazendo parte da constituição do sujeito desde antes do seu nascimento (Santos & Ghazzi, 2012). Esta temática está presente na psicanálise desde os tempos de Freud e tem sido aprofundada em pesquisas realizadas principalmente nas últimas três décadas. Inicialmente, Freud (1895/2006) preocupou-se em investigar o conceito de transmissão da neurose: para ele, um indivíduo desenvolveria a neurose não por uma questão hereditária, mas sim por uma possibilidade de predisposição familiar em decorrência de questões relacionais entre os membros deste grupo, sendo a transferência um importante meio de transmissão da vida psíquica. Desta maneira, a relação transferencial vivenciada na família seria uma estratégia essencial para a transmissão do legado.

Apesar destas ideias, Magalhães e Féres-Carneiro (2004) destacam que Freud deixava clara a possibilidade de o sujeito transformar o seu destino, de forma que ele não estaria preso ao passado e predestinado a apenas repeti-lo. Assim, o legado recebido pelo indivíduo, por meio da relação transferencial, pode ser transformado e assumir um papel diferente daquele esperado.

Dentre os trabalhos de Freud em que a questão da transmissão é abordada, destaca-se *Totem e Tabu* (1913/1974). Neste texto, o autor afirma que a transmissão pode ocorrer tanto por identificação com os pais quanto pela chamada transmissão genérica, que corresponde à transmissão proveniente de traços que estão presentes na pré-história ou em gerações anteriores do indivíduo. Nesse sentido, a herança seria advinda de objetos que foram perdidos, cujo luto não pode ser vivido ou que não foi acompanhado do processo de simbolização; em suma, ocorre a transmissão de objetos em relação aos quais não foi realizado o trabalho de elaboração psíquica. Neste mesmo sentido, Correa (2003) ressalta que a criança sempre herdará de seus pais aqueles sonhos e desejos que não foram conquistados por eles.

Estas transmissões podem ocorrer de diferentes maneiras, o que justifica a utilização de diferentes conceitos. Desta forma, ao tratar das transmissões entre familiares, Falcke e Wagner (2005) discutem as diferenças entre os conceitos de transgeracionalidade,

intergeracionalidade e multigeracionalidade. O primeiro conceito, representado pelo prefixo *trans*, apresenta a ideia de componentes que perpassaram as histórias familiares e estão presentes nas gerações. Já o segundo, com o prefixo *inter*, indica que há passagem de conteúdos entre a mesma geração, sem permanecer necessariamente nas seguintes. Enfim, *multi* sugere que há um envolvimento de várias gerações, sendo que estas gerações podem ou não estar ligadas diretamente. A partir desta exposição, optar-se-á por utilizar o conceito de transgeracionalidade no presente trabalho, uma vez que este conceito contempla de uma melhor maneira o objetivo deste estudo e o método que foi empregado nele, que implicou o estudo de três gerações ligadas diretamente. No entanto, deve-se considerar que a transmissão multigeracional não será descartada, uma vez que podem surgir elementos importantes nesta linha de transmissão.

É possível encontrar na literatura diversas definições para conceitos como “Transgeracionalidade”, o que pode aprofundar o conhecimento a respeito desta forma de transmissão. Para Zen, Luescher, Nunes, Bens e Aguiar (2006), a transgeracionalidade pode ser definida como uma herança através das gerações, uma transmissão dos significantes dos pais e dos outros ancestrais, que ocorre por meio do inconsciente e não através de uma transmissão genética.

Já de acordo com Baranes (2001), aquilo que é abarcado como transgeracional não tem o intuito de remeter a um contexto histórico, mas sim compreender como cada indivíduo se organiza com relação aos movimentos eu/outro, dentro/fora, passado/presente e introjetivo/projetivo. Neste sentido, o homem precisa entender que está inserido em um espaço com possibilidades de ação e representação, mas que são permeados pelos mitos familiares (Prado, 2000).

Diante desta compreensão, o mito familiar é um importante conceito da transmissão psíquica familiar, uma vez que é ele que organiza o sistema de crenças que define os papéis e atribuições de cada componente da família. Sendo assim, o grupo compartilha crenças sem, muitas vezes, questioná-las, o que protege e fortalece a família, além de manter a concordância grupal, favorecendo sua perpetuação (Henriques & Gomes, 2005).

Neste sentido, Pichon-Rivière (1980/1994) apresenta os conceitos de depositante, depositado e depositário. O depositante é o responsável por depositar ou projetar conteúdos, como sentimentos, fantasias e conflitos (que são chamados de depositado) no depositário. Essa transmissão pode ocorrer em diversos sentidos e pode acarretar diferentes respostas nos indivíduos e no grupo familiar como um todo. Para Box, Copley, Magagna e Moustaki (1981/1994) os membros da família podem usar uns aos outros para expressar características

suas e para transmitir a eles o seu psicodinamismo, ou seja, suas angústias, situações emocionais que não foram elaboradas, fantasias e lutos. Essa transmissão pode ocorrer por meio da identificação projetiva e influenciar os psicodinamismos de cada membro familiar.

Para Soifer (1982), a família tem uma função institucional que é de servir de controle, segurança e depósito de fantasias, assim como inseguranças e receios que podem impedir um bom desenvolvimento e que são provenientes de uma parte primitiva da personalidade. Os legados familiares advindos dos antepassados influenciam a forma de contenção da parte mais imatura da personalidade, o que intervém no desenvolvimento da família atual e pode, ainda, transmitir para as outras gerações conteúdos não elaborados ou reprimidos, que se perpetuam até sua elaboração. Da mesma forma, as defesas utilizadas pelos antecessores podem ser usadas pelos descendentes sem que esses percebam esta transmissão.

Käes (1997) é um importante teórico francês da atualidade que se preocupou em abordar as questões da transgeracionalidade. Para ele, estes trabalhos se iniciaram a partir da observação de pacientes *borderline*, narcísicos e psicóticos, e foram estendidos para os temas de luto, incorporação e fantasma. De acordo com este autor (Käes, 2001), a transmissão psíquica transgeracional ocorre predominantemente em caráter inconsciente e por meio da comunicação não verbal, a partir da repetição de comportamentos e da forma como as pulsões se manifestam.

O autor ainda declara que o ego de um indivíduo é formado a partir de outros egos, sendo passado de outras gerações para a geração atual por meio da identificação (Käes, 2005). O que seria transmitido corresponde a “preferencialmente, o que não contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra, como a vergonha, a falta, a doença, o recalçamento, os objetos perdidos e ainda enlutados” (Käes, 1998, p. 9). Além disso, pode também ser transmitido aquilo que mantém os vínculos familiares, como as ideias, os mecanismos de defesa e as identificações (Käes, 1998).

Ainda para Käes (1994), todas estas transmissões ocorrem por meio de um jogo transicional que possibilita que o “eu” formado seja metafórico, ou seja, o ego é formado a partir dos egos anteriores, mas a transicionalidade proporciona uma modificação e criação de novos elementos da história. É a partir deste jogo que a família proporciona a construção de uma personalidade diferente ao indivíduo, mas que sustenta elementos provenientes das outras gerações.

Eiguer também tem se destacado como um importante autor desta temática, propondo a teoria da transmissão psíquica transgeracional (Eiguer, 1998), que se baseia na ideia de que há um campo de forças psíquicas inconscientes, resultado de um trabalho de sucessivas

gerações. Para Eiguer (1985), a família é organizada a partir do conjunto inconsciente da vida familiar, formada por um coletivo de psiquismos individuais, sendo, no entanto, diferente deles. Dessa maneira, os sistemas familiares se constituem a partir das ações de cada um dos componentes e de suas interações, o que resulta em uma organização familiar que estabelece a coerência de seu funcionamento (Morin, 1982/2005). É a partir desta organização que cada participante da família torna-se ativo e responsável não apenas pela sua história, como também pela do grupo, sendo que cada membro tem um papel dentro da dinâmica familiar, que influencia os outros envolvidos. Neste contexto há uma circulação de fantasias entre os membros e a instituição de um espaço simbólico no qual habitam angústias e medos (Figueiras et al., 2007).

Eiguer (1998) faz uso do conceito de “objeto de transmissão” para explicar sua teoria. De acordo com ele, o que se transmite corresponde a representações de um objeto, que são colocadas em um outro por meio da intermediação de um sujeito, sendo que este indivíduo também já investiu e erotizou o objeto anteriormente. Todo este processo será proporcionado pela identificação, conforme já mencionado por Kães (2005), e deverá ocorrer no campo da intersubjetividade, o que favorece uma consistência fantasmática à subjetividade.

Neste sentido, deve-se compreender o conceito de “fantasma”, que representa a ligação entre conteúdos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, manifestando-se inicialmente no momento da união do casal parental (Eiguer, 1985). De acordo com Valdanha, Scorsolini-Comin e Santos (2013), são estes conteúdos que estão presentes em objetos inconscientes e que serão projetados nos vínculos libidinais de objeto, de maneira que “cada membro da família relaciona-se com o outro de acordo com o modelo objetal dessas representações, que são dinâmicas e, portanto, passíveis de transformação no tempo” (p. 74).

Além disso, Eiguer (1995) apresenta três organizadores psíquicos da vida familiar que abarcam aspectos inconscientes e que têm como objetivo estruturar os vínculos familiares: a escolha do objeto, o eu familiar e os fantasmas partilhados. O primeiro deles, a *escolha do objeto*, representa a escolha do parceiro e acontece a partir de um modelo dos objetos infantis. A importância da família neste momento é a de que ela é responsável por preparar o indivíduo para escolher um parceiro que esteja fora do grupo familiar. O segundo organizador, o *eu familiar*, é composto pelos seguintes aspectos: sentimento de pertença na família, ou seja, sentimentos dos membros que inserem uns aos outros no grupo; habitat interior ou lar, que é um espaço de todos os membros do grupo; e ideal de ego, que representa a satisfação de todos os membros do grupo como diferente da satisfação individual. Por fim, o terceiro organizador,

chamado de *fantasmas partilhados*, refere-se ao conjunto dos fantasmas de cada membro do grupo familiar, que gera novos significados e histórias na família.

Nessa mesma direção, Passos (2006) relata uma entrevista com Eiguer, em que este sustenta que, muitas vezes, os filhos adoecem em decorrência de uma confrontação entre o ambiente social e o familiar. Quando a família sente insegurança ou desconfia de um filho, há maiores chances deste sentir-se despreparado para o ingresso no mundo adulto. Ainda para Eiguer, a patologia do transgeracional estaria relacionada ao fato de filhos vivenciarem, como seus, traumas que ocorreram com seus pais ou avós e que não foram elaborados por eles. Assim, o pai passaria ao filho, por meio de uma identificação que é desorganizadora, situações não elaboradas que podem causar sintomas ou patologias (Eiguer, 1997).

Além disso, Eiguer acredita que a ausência do pai e/ou da mãe, a constante mudança destas figuras ou a dificuldade de delimitar seus papéis podem originar dificuldade nos filhos, resultando em problemas como psicopatias e delinquência. Nesta mesma entrevista (Passos, 2006), Eiguer defende a ideia de que o indivíduo considerado infrator apresentou dificuldade em construir a sua identidade e/ou apresenta um sentimento de que foi lesado ou roubado pela família.

De acordo com Correa (2000), a transmissão transgeracional ocorre a partir de uma linguagem que está presente dentro de cada família e que estabelece as comunicações entre os membros, capaz de transmitir dificuldades e anseios. Contudo, são poucas as pessoas que percebem essa influência familiar, o que dificulta que muitos quebrem esses processos de transmissão que terminam, muitas vezes, em repetições de comportamentos entre os membros da família (Correa, 2000). Sendo assim, para esta autora, são transmitidos costumes, valores e normas entre as gerações, que provocam o vínculo do indivíduo com o passado, o seu enraizamento e sentimento de pertença.

Ainda para Correa (2000), o legado cultural que é transmitido entre as gerações proporciona o desenvolvimento emocional, a apropriação do corpo, a construção e a integração do eu, o que favorece o desenvolvimento emocional do indivíduo que recebeu este legado. Neste sentido, a transmissão psíquica transgeracional exige um constante trabalho psíquico, que é obrigatório tanto para a elaboração quanto para a transformação daquilo que foi recebido das gerações anteriores (Correa, 2003).

Já para Santana (2004), o ambiente familiar é o primeiro que vai transmitir ao sujeito seus valores e as informações que são necessárias e determinantes para a estruturação da personalidade. Neste sentido, Andrade (1998) propõe o conceito de ponto transferencial, defendendo a ideia de que o indivíduo estabelece todas as suas relações como um reflexo da

forma como ele vivenciou a interação com seus pais. Assim, as experiências deste primeiro relacionamento serão transferidas de maneira inconsciente a outras pessoas, de forma que essas vivências positivas e negativas da infância serão reexperimentadas em outros momentos da vida.

Nesse sentido, para Santana (2004), as experiências negativas, como um ambiente familiar não acolhedor na infância, podem chegar a mutilar os componentes afetivos e racionais do indivíduo, o que diminui sua autonomia, a autoria de pensamentos criativos e podem vir a comprometer o desenvolvimento das estruturas mentais, sendo um dos causadores de comportamentos agressivos. Desta forma, deve-se entender que o grupo familiar todo influencia no desenvolvimento de uma criança. Zen et al. (2006), por exemplo, destacam a importância dos avós no desenvolvimento dos netos, sendo que estes avós representam a referência do passado, enquanto que os pais são a referência do presente. Além disso, os avós seriam responsáveis pelo enriquecimento da identidade dos netos, uma vez que transmitem a eles linguagens, símbolos, silêncios e memórias. Para Trachetenberg, Kopittke, Pereira, Chem e Mello (2005), os filhos têm seus conteúdos psíquicos demarcados pelos avós, mesmos que não os tenham conhecido. Isso ocorre porque a vida psíquica de seus pais foi marcada pela influência dos avós, de forma que esta transmissão impede uma independência com relação à família: há sempre uma imposição psíquica aos descendentes.

Para Falcke e Wagner (2005) o indivíduo sempre será herdeiro e prisioneiro dos elementos trazidos por suas gerações anteriores, uma vez que as relações estabelecidas pelos seus antepassados e as que o indivíduo estabelecerá dentro de sua família influenciarão seus comportamentos e escolhas no futuro. Os mesmos autores apresentam sete conceitos que estão relacionados aos fenômenos transgeracionais: lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, ritos ou rituais e legados. O primeiro deles, *lealdades*, refere-se a forças que tornam o sujeito um membro efetivo do grupo e que fazem com que ele cumpra deveres perante este. *Valores* são os aspectos que os pertencentes do grupo preocupam-se em transmitir aos descendentes. Já as *crenças* são as ideias de certo e errado presentes na família. Os *mitos* representam as características presentes na família e aceitas por ela, mas que são pouco explicadas. O conceito de *segredos* refere-se ao respeito à privacidade do sujeito. Os chamados *ritos* ou *rituais* são as cerimônias familiares que procuram transmitir os valores, mitos e crenças aos componentes. Por fim, os *legados* são os fenômenos que transmitem os principais aspectos da família de que se espera uma continuidade. Os valores e crenças são transmitidos aos descendentes; no entanto, se estes se comportarem de forma diferente

daquela que é esperada pela família, o resultado poderá ser o de um conflito entre gerações (Falcke & Wagner, 2005).

Estes conflitos familiares podem, inclusive, ocasionar o surgimento de sintomas, conforme pode ser encontrado na literatura. De acordo com Soifer (1982), os sintomas físicos ou psíquicos de um indivíduo podem ser entendidos como uma resposta a um conflito familiar, sendo que a pessoa representa a família toda. Neste mesmo sentido, tanto Pichon-Rivière (1980/1994), quanto Eiguer (1995), parecem referir-se principalmente aos fenômenos intergeracionais, mas deve-se ressaltar a possibilidade deles serem vividos também transgeracionalmente, quando, por exemplo, o filho é depositário do luto resultante da morte de seu avô.

Alguns autores buscam compreender as possibilidades de delimitar intervenções e tratamentos a partir das considerações teóricas a respeito da transmissão psíquica transgeracional. Sendo assim, Magalhães e Féres-Carneiro (2004), enfatizam a importância de analisar a visão global do grupo e verificar como o paciente se posiciona como aquele que se beneficia da forma como a família está organizada. Além disso, deve-se utilizar a transferência vivenciada no processo terapêutico como uma importante ferramenta interventiva, uma vez que é por meio deste dispositivo que há a possibilidade de o indivíduo ressignificar e se apropriar daquilo que foi transmitido, podendo compreender qual é sua posição e papel dentro de sua família.

Para Gomes e Zanetti (2009), Eiguer (2006) e Correa (2003), a terapia familiar psicanalítica é um espaço que possibilita intervir a partir do olhar para o transgeracional. Eiguer (2006) destaca que por meio da terapia familiar os membros poderão se expressar de forma diferente da que estão acostumados. Este diálogo, para Gomes e Zanetti (2009), proporcionará a vivência e resolução de conflitos, sendo que o terapeuta deve atentar para aquilo que é proveniente, e não elaborado, de outras gerações.

As considerações de todos estes autores parecem fornecer um enquadre bastante promissor para a compreensão do modo de atuação dos psicodinamismos inconscientes da família na produção transgeracional da psicopatologia infantil, particularmente nos casos de tendência antissocial, que vêm apresentando uma prevalência crescente em nossa sociedade. É no contexto dessas novas contribuições das teorias da transmissão psíquica transgeracional que este estudo busca entender como operaria, em termos psicodinâmicos, a relação entre o funcionamento familiar, considerando os seus aspectos conscientes e inconscientes, e a tendência antissocial infantil, uma vez que a literatura científica reconhece, como será apresentado a seguir, a influência capital da família no desenvolvimento dessa patologia.

1.3 Tendência antissocial: aspectos descritivos e compreensão psicanalítica

Na literatura científica encontra-se similaridade entre as definições de Transtorno de Conduta e tendência antissocial. A primeira nomenclatura é mais comumente utilizada em pesquisas que investigam seus aspectos descritivos e em definições presentes em manuais médicos, como a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), da Organização Mundial da Saúde – OMS (2006) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da American Psychiatric Association – APA (2014). Já a segunda definição (tendência antissocial) é mais frequente quando as pesquisas referem-se a uma compreensão psicanalítica da temática. Desta maneira, este capítulo respeita a nomenclatura utilizada pelos autores dessas duas vertentes de compreensão da psicopatologia, entendendo os dois termos como sinônimos. O restante do estudo utiliza o termo “tendência antissocial”, por se referir à perspectiva psicanalítica utilizada neste trabalho.

De acordo com a CID-10 (OMS, 2006), este transtorno caracteriza-se por um repetitivo padrão de comportamento desafiador ou antissocial, que pode produzir um importante rompimento das expectativas que a sociedade tem para com a pessoa, levando em consideração a sua idade. Os sintomas que caracterizam o distúrbio são: brigas ou intimidações em excesso, roubo, mentiras, crueldade com pessoas ou animais, desobediência grave e contínua, fugir de casa e da escola, frequentes ataques de birra, entre outros. Essa classificação subdivide estes transtornos em: a) restrito ao contexto familiar; b) não socializado; c) socializado; d) desafiador de oposição; e) outros não especificados.

O DSM-V (APA, 2014) descreve que os indivíduos com este distúrbio têm pouca empatia e preocupação com os sentimentos dos outros. Eles tendem a não apresentar culpa e remorso e percebem os comportamentos dos demais como ameaçadores, justificando assim a sua conduta agressiva. Consideram ainda que a agressividade utilizada não é demasiada e pode ser justificada. A autoestima é baixa, assim como a tolerância às frustrações. Dentre as outras características da personalidade, destaca-se traços de afetividade negativa, humor irritável, busca de imprudências e fortes emoções, além de desconfiança e explosões de raiva. Diferentemente da CID-10 (OMS, 2006), o DSM-V (APA, 2014) define o Transtorno “Desafiador de Oposição” como uma categoria à parte do Transtorno de Conduta, sustentando que o primeiro não inclui padrões de comportamento que violam os direitos básicos do outro.

A presença do Transtorno de Conduta pode estar associada ao comportamento sexual precoce, consumo de álcool e drogas, expulsão escolar e baixo rendimento acadêmico. Além

disso, este distúrbio pode estar mais presente (mas nem sempre) naqueles que têm quociente de inteligência abaixo da média, sobretudo para a inteligência verbal. Essas características podem favorecer um diagnóstico adicional ao Transtorno de Conduta, como o Transtorno de Oposição Desafiante, Transtorno Específico da Aprendizagem, Transtornos de Ansiedade, Transtornos Depressivos ou Bipolar, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias (APA, 2014).

A prevalência do Transtorno de Conduta tem aumentado com o passar do tempo e está mais presente em contextos urbanos do que rurais. Atualmente, a taxa de prevalência é considerada consistente, variando entre 2% e 10%, com mediana de 4%, nas mais diferentes etnias (APA, 2014). As taxas de frequência do Transtorno de Conduta aumentam da infância para a adolescência; além disso, ele é mais frequente no sexo masculino do que no feminino (APA, 2014), podendo haver diferenças de suas manifestações entre os sexos.

Em uma investigação das manifestações da tendência antissocial em meninas e meninos, Cauffman (2008) concluiu que as crianças do sexo feminino que apresentam este transtorno tendem a manifestar um maior número de comorbidades ou outros problemas de saúde mental, quando comparadas com o sexo masculino. Além disso, Rodríguez (2010) destaca que as manifestações da tendência antissocial são diferentes entre os sexos devido à maior importância que é dada à socialização e aos relacionamentos familiares em meninas. Estes fatores levariam as meninas a conseguir melhores estratégias de resolução de conflito positivas e cooperativas, o que tende a diminuir as manifestações de agressividade e dos problemas de comportamento. Há também evidência de que as meninas são constantemente vigiadas, o que diminuiria as oportunidades para a manifestação da agressividade. Em concordância com esta ideia, Consuelo e Fuensanta (2010) destacam que, em decorrência desta vigilância, a conduta agressiva por parte das meninas, muitas vezes, passa despercebida e ocorre de forma mais sutil. Já os meninos têm a agressividade mais marcada, até mesmo porque, frequentemente, esses comportamentos são vistos como marcadores da masculinidade e sinal de valentia.

Assim, entende-se que a literatura aponta para a maior prevalência da tendência antissocial em meninos como uma consequência de diversos fatores que estão associados, desde a maneira como a criança vive o processo de socialização, até o *status* conferido aos meninos, vistos como valentes, ou às meninas, que são vistas como mais comportadas e mais empáticas com relação aos sentimentos dos outros. Estas diferenças de gênero, que se estendem para outros âmbitos da vida da criança e que se mantêm ao longo da fase adulta,

evidenciam a necessidade de novos trabalhos que investiguem a questão do gênero mais profundamente.

Na Psicanálise, autores clássicos se preocuparam em discutir o diagnóstico, a etiologia e o tratamento dessa patologia. Para Freud (1933/1976), o desenvolvimento dos códigos morais e de conduta da criança, elementos comprometidos na tendência antissocial, está intimamente ligado ao superego, instância da personalidade que atua como censor sobre as atividades e pensamentos do indivíduo e que é um depósito de modelos de conduta, códigos morais e parâmetros de inibição da personalidade. A constituição do superego de uma criança ocorre a partir do modelo de superego dos pais, ou seja, os modelos de conduta e suas ações são influenciados diretamente por essas figuras. Essa teoria de Freud sobre o papel do comprometimento do superego na gênese da tendência antissocial levou vários psicanalistas subsequentes a ele, como Soifer (1982), a considerarem também que o desenvolvimento dessa patologia referir-se-ia a uma ausência ou a um desenvolvimento atípico, falho ou atrofiado dessa instância de personalidade.

Contudo, em outro trabalho, o próprio Freud (1916/1996) ofereceu uma versão alternativa a essa teoria, ao verificar que as pessoas que cometiam atos antissociais o faziam em função de um sentimento de culpa pré-existente, sendo que, após a prática desta ação, elas sentiam um imenso alívio mental. Para Freud, o sentimento de culpa que essas pessoas apresentavam era uma reação ao Complexo de Édipo, às intenções criminosas de matar o pai e ter relações sexuais com a mãe. Assim, as más ações reais teriam o propósito de aliviar o sofrimento que estas intenções teriam causado, deslocando-as para outro foco. Ainda para Freud, seria mais fácil visualizar esse movimento em crianças, que muitas vezes se comportam mal para vivenciarem a punição, o que seria mais um indício de que a culpa é antecessora da ação criminosa.

Winnicott (1958/1999) destacou-se ao aprofundar seus estudos a respeito da tendência antissocial. Ele compreende que a ausência ou o déficit do superego não devem ser considerados como a origem do comportamento antissocial, uma vez que mesmo crianças com tendências criminais apresentam sentimento de culpa. Devido ao seu trabalho como psiquiatra consultor do Plano de Evacuação Governamental, Winnicott teve um estreito contato com crianças que sofreram as consequências da Segunda Guerra Mundial, fato que foi primordial para o desenvolvimento de uma teoria a respeito da tendência antissocial. A partir de suas observações, ele compreendeu que o fator ambiental era primordial no desenvolvimento de quadros como delinquência e distúrbios de caráter, que resultariam de

uma falha do ambiente em proporcionar cuidados físicos e emocionais suficientes às crianças para permitir-lhes um bom desenvolvimento.

Para Winnicott (1956/1993), a tendência antissocial fundamenta-se em uma privação ocorrida no passado da criança, em um momento em que ela já consegue perceber que a falha é ambiental, ou seja, já apresenta uma diferenciação mínima entre o eu e a realidade. De acordo com ele, a criança com tendência antissocial perdeu algo de bom que ocorreu em sua vida, e a duração dessa retirada extrapolou o tempo em que a criança teria sido capaz de reter a lembrança do objeto e da experiência vivenciada, caracterizando a de-privação. Nesse contexto, os comportamentos delinquentes seriam uma tentativa de reencontrar o objeto e a experiência perdidos e de reconquistar autoconfiança. Segundo Winnicott (1958/1999), os primeiros sinais da tendência antissocial seriam a avidez e inibição de apetite: enquanto a avidez representa uma procura do bebê pela mãe que foi responsável pela privação que ele sofreu, a inibição do apetite demonstra que a criança não consegue mais receber aquilo que foi oferecido pela mãe, no caso, o alimento.

Winnicott (1958/1999) propõe a existência de duas vertentes para a tendência antissocial: o roubo e a destrutividade. A primeira, o roubo, refere-se a quando a criança busca algo (a experiência perdida ligada ao relacionamento entre ela e a mãe) e não o encontra, optando então por procurar um objeto substituto. Já na vertente da destrutividade, a criança busca uma estabilidade ambiental que deve suportar a tensão decorrente do seu comportamento impulsivo e que não foi encontrada no lar. É essa estabilidade que define limites claros e que vai permitir à criança movimentar-se ou excitar-se, pois sem ela ocorre um incremento da angústia e a criança ou se torna inibida ou atua de modo antissocial para liberar a tensão. Dessa maneira, a agressividade seria uma estratégia empregada pela criança para buscar limites e contenção por parte das figuras de autoridade.

Essa compreensão da vertente da destrutividade encontra suas bases na teoria do próprio Winnicott sobre a origem e a evolução da agressividade em bebês: segundo este autor, os bebês alternam momentos de estados excitados com momentos de estados tranquilos (Winnicott, 1958/1983). Enquanto os estados tranquilos têm a função de integração, em termos de tempo, espaço e alojamento da psique, os estados excitados correspondem aos momentos de contato com a realidade e de estabelecimento das raízes da agressividade. Esta excitação do bebê é originada por duas fontes: instintualidade e motilidade, sendo que a instintualidade possui também raízes para a destrutividade. Nos momentos em que a criança estiver nos estados excitados, é fundamental a presença de uma figura materna que seja capaz de sustentar essa agressividade, de maneira que o bebê possa perceber que está seguro e que

pode manifestar a sua impulsividade (Dias, 2003). Desse modo, a presença materna é fundamental para que o bebê compreenda a possibilidade e a importância da reparação, uma vez que, se isso não ocorrer, ele poderá temer que sua agressividade cause danos irreversíveis (Winnicott, 1954/2000). Nesse sentido, a depressão materna ou a recusa da mãe em aceitar a agressividade do bebê podem fazer com que o filho passe a buscar por uma figura materna que o aceite e auxilie.

Além da figura materna, é fundamental a presença do pai para realizar a contenção da criança nesses momentos excitados, uma vez que ele poderá passar segurança ao bebê, impor limites e fazer com que o seu filho compreenda que pode movimentar-se livremente, pois a figura paterna será capaz de reparar os danos causados, ou até mesmo impedi-los. A ausência do pai ou a da mãe no cumprimento dessas funções pode fazer com que a criança tema pelas consequências de sua destrutividade, podendo deprimir-se, esconder seus impulsos, desenvolver um excessivo e prematuro autocontrole ou então a tendência antissocial (Dias, 2003).

À medida que o bebê começa a se integrar, sobretudo nos estados tranquilos, ele é capaz de perceber que os impulsos estão presentes em si mesmo, e não são provenientes do ambiente. No entanto, é no contato com o meio externo que ele conseguirá vivenciar esta capacidade para a agressão, de forma que a evolução desse seu “potencial agressivo” (Winnicott, 1958/1999, p. 304) vai depender da sua relação com o ambiente e da quantidade de oposição que ele encontrará. A quantidade de oposição fornecida ao bebê é fundamental para o seu desenvolvimento, uma vez que o excesso poderá inibir a sua experiência instintual; por outro lado, a ausência de oposição poderá fazer com que a criança manifeste demasiadamente seus impulsos e agressividade (Dias, 2003).

Segundo Winnicott (1958/1999), a tendência antissocial, em sua vertente do roubo, estaria relacionada à ausência da figura materna, o que representaria o sentimento de perda de objeto, de forma que a criança não pode contar com a disponibilidade da mãe, nem ter as suas necessidades emocionais atendidas; é essa constelação de fatores que a faz buscar por outro objeto: “A criança que furta um objeto não está desejando o objeto roubado, mas a mãe, sobre quem ela tem direitos” (p.141). Já na vertente da agressividade, a tendência antissocial estaria relacionada à falta de moldura, de limites, que deveriam ser impostos por uma figura paterna rigorosa, capaz de conter a criança e de também proteger a mãe. Sem esta proteção e contenção, a criança age de forma livre, mas desprotegida, o que representa a destrutividade. Dessa forma a destrutividade vinda da criança significa uma busca constante por estabilidade e por um ambiente que seja capaz de suportar o seu comportamento impulsivo.

É importante destacar, contudo, essa característica positiva que representa a busca da cura a partir da manifestação dos sintomas da tendência antissocial. De acordo com Winnicott (1958/1999) a criança comporta-se desta forma porque tem esperança de que suas necessidades poderão ser atendidas, de forma que os comportamentos refletem uma procura por ajuda.

Se a importância da família e das relações familiares no desenvolvimento da tendência antissocial é insinuada na teoria freudiana e assumida explicitamente na winnicottiana, os autores contemporâneos que se dedicaram ao estudo desse quadro têm cada vez mais prosseguido nessa direção, dentro e fora da Psicanálise. Para Bordin e Offord (2002), por exemplo, embora este distúrbio tenha alicerces tanto em fatores constitucionais como em ambientais, os fatores que mais interferem no seu surgimento são os problemas familiares e sociais da história da criança. Esses autores descrevem uma lista dos fatores mais envolvidos no aparecimento dessa patologia: receber cuidados maternos e paternos inadequados, ter pais agressivos e violentos ou com problemas de saúde mental, residir em áreas urbanas e ser do sexo masculino. Bordin e Offord ainda enfatizam a importância de observar a contribuição da criança para a forma como ocorrerá o relacionamento entre pais e filhos, uma vez que um filho desobediente e agressivo favorecerá a desorganização familiar.

Para Santana (2004), a agressão é inerente ao comportamento humano, sendo que a chance para ela se modificar para positiva (aquela que traz benefícios à criança) ou negativa (que prejudica a criança) depende das interações do indivíduo com o meio. Caso haja a presença de uma mãe suficientemente boa e de um ambiente facilitador, a agressividade da criança será desenvolvida positivamente. Por outro lado, quando o meio é desfavorável e não consegue atender às necessidades da criança, esta tende a manifestar sua agressividade negativamente, sendo que estes comportamentos podem caracterizar a tendência antissocial. Ainda, para Santana (2004), as crianças tendem a apresentar comportamentos relacionados à tendência antissocial se seus pais forem usuários de álcool, se elas forem frequentemente agredidas física e psicologicamente por eles, se os pais estão separados ou ficam a maior parte do tempo fora de casa, se não há regras no lar ou horários definidos para a criança se alimentar, estudar e brincar, e se a educação é permeada por coerção e pressão. Além disso, a criança tem mais probabilidade para desenvolver a tendência antissocial se ela for a principal responsável pelo cuidado de irmãos mais novos e se apresentar baixa autoestima e problemas de aprendizagem.

Botero, Tobón, Gonzalez e Barceló (2010) concluem que crianças que não têm capacidade para compreender a realidade, as emoções do outro, as consequências de suas

atitudes e as regras de interação tendem a desenvolver a tendência antissocial. Com relação às regras de interação, os estudos de Gámez-Guadix, Straus, Carroble e Muñoz-Rivas (2010) e de Rodríguez (2010) apresentam a mesma conclusão e entendem que falhas no processo de socialização causam prejuízos desta ordem nas crianças. Estes autores também revelam que o pouco controle exercido pelos pais sobre a criança contribui para a manifestação da tendência antissocial.

Wellausen e Bandeira (2010), por sua vez, discutem que as crianças tenderão a apresentar graves problemas de comportamento se sofrerem castigos corporais e se não receberem suporte e afetividade dos pais. Já para Barbieri e Pavelqueires (2012), a criança inicia e mantém os comportamentos antissociais como uma tentativa de procurar por ajuda, a fim de sanar a privação que sofreu. Estas autoras defendem a ideia de que a privação está relacionada à ausência de um ambiente acolhedor e de pais que possam auxiliar as crianças a lidar com suas dificuldades comportamentais e emocionais.

Bueno, Mishima e Barbieri (2010), realizaram uma investigação com um grupo composto por crianças com tendência antissocial (clínico), comparado a um grupo de crianças sem essas queixas (grupo de comparação). Os resultados mostraram que as crianças do grupo clínico tinham uma percepção positiva da figura materna, enquanto que crianças do grupo de comparação variavam entre percepção positiva e ambivalente. No entanto, as crianças com tendência antissocial demonstraram percepção de que a figura paterna não desempenhava sua função de forma satisfatória, o que poderia favorecer a origem e manutenção do transtorno. Além disso, as necessidades e os mecanismos de defesa deste grupo eram mais primitivos do que os do grupo de comparação, evidenciando falhas precoces no desenvolvimento. Neste mesmo sentido, Barbieri e Pavelqueires (2012) concluíram que quando a figura paterna não consegue oferecer ao filho um meio apropriado, que possibilite o abandono da onipotência e a integração das pulsões, a criança passa a se comportar de forma ambivalente, sentindo-se ameaçada e apresentando problemas de comportamento e agressividade. Deve-se ressaltar que estes estudos foram realizados apenas com crianças do sexo masculino, o que pode explicar o fato de a figura paterna ter sido vista como mais importante.

Alegre (2012) concluiu que a forma como os pais se comportam influencia diretamente a inteligência emocional da criança, que compreende a capacidade para reparar o humor, de entender os próprios sentimentos e os sentimentos dos outros. Diante disso, Alegre entende que mudanças no comportamento dos pais influenciam os filhos, podendo motivá-los ou impedi-los de se comportar agressivamente.

Gámez-Guadix et al. (2010) e Botero et al. (2010) também concordam que a manutenção do comportamento agressivo e da tendência antissocial está estreitamente relacionada às atitudes dos pais, de forma que a criança costuma imitá-las e internalizar os seus valores. Assim, crianças com esse transtorno poderiam ter aprendido seus comportamentos e tenderiam a mantê-los como respostas aos comportamentos dos pais que elas sentem como ameaçadores. Desse modo, a literatura científica deixa evidente o quanto a relação entre pais e filhos deve ser considerada profundamente no estudo da tendência antissocial, uma vez que ela permeia todo o processo de entendimento a respeito dessa problemática, desde a sua origem até as delimitações de intervenções terapêuticas (Moreira, Vilhena, Cruz & Novaes, 2009).

Com relação ao tratamento para a tendência antissocial, Winnicott (1956/2000), compreende que os sintomas relacionados a esta problemática poderão sanar se a figura materna conseguir reconhecer e atender às necessidades da criança e se for capaz de permitir que esta expresse o seu ódio pela privação sofrida. O autor entende que o tratamento enfrentará menos dificuldades se houver concomitantemente uma “assistência ambiental especializada” (Winnicott, 1958/1999, p. 136), devendo haver estabilidade neste ambiente, para que a criança possa experimentar os impulsos do id. Já Bordin e Offord (2002) ressaltam a importância de trabalhos que sejam realizados por um longo período e que abranjam a criança, a família e a escola. Para eles é importante a instauração de um trabalho preventivo, que atente para os primeiros sinais do distúrbio (irritabilidade fácil, dificuldade de relacionamento entre pais e filho) e que previna o seu desenvolvimento.

A relevância do estudo sobre o tratamento da tendência antissocial justifica-se pelas graves consequências que ela acarreta para aquele que a apresenta e para a sociedade (Barros & Silva, 2006). As crianças que exibem esse quadro tendem a ser excluídas socialmente, tanto por consequência de seus comportamentos quanto por outras condutas que podem afastá-las do restante do seu grupo social (Rutland, Abrams & Cameron, 2007). Já na vida adulta, Marino e Caballo (2002) descrevem que aqueles que desenvolvem esse quadro apresentam maiores índices de violência familiar, desemprego, conflitos conjugais e divórcio do que o restante da população.

Nesse contexto, os diversos trabalhos que abordam a temática do tratamento destacam a importância da psicoterapia, como Alegre (2012), Bueno et al. (2010), Barbieri e Pavelqueires (2012), MacKenzie (2007) e Gámez-Guadix et al. (2010), dando ênfase também à necessidade da participação familiar para um bom prognóstico. Cada um destes estudos apresenta alternativas diferentes de tratamento: psicodiagnóstico interventivo (Barbieri &

Pavelqueires, 2012), treinamento e aperfeiçoamento da inteligência emocional da criança (Alegre, 2012), desenvolvimento de habilidades para relacionamentos e promoção de socialização (Garaigordobol & Maganto, 2011) e treinamento para a criança e seus pais (Mackenzie, 2007).

Para Bueno et al. (2010), o terapeuta deve auxiliar os pais a compreenderem o sintoma da criança, com o intuito de reconhecer a privação sofrida por ela. Após isso, psicólogo e pais devem trabalhar no sentido de reparar as dificuldades da criança e buscar entender porque eles não conseguiram responder às necessidades do filho. Há então duas possibilidades: as dificuldades podem ser de origem esporádica ou estrutural. No primeiro caso, é possível que o ambiente sozinho consiga reparar a falha, mas, no segundo, há a necessidade de atendimento psicológico mais prolongado com a criança, para que ela possa, por transferência, ter acesso à experiência de um ambiente suficientemente bom. Cauffman (2008) não especifica o uso da psicoterapia nesse quadro, mas ressalta a necessidade de proporcionar um meio amoroso e firme à criança e de favorecer a formação de laços sociais e de cidadania. Enfim, esses trabalhos destacam a importância, no tratamento, de focar as relações familiares e proporcionar um ambiente doméstico que possa atender às necessidades da criança. Desta forma, as intervenções realizadas com a criança com tendência antissocial não podem ser isoladas, ou seja, necessitam de uma participação familiar ativa.

A partir destas considerações, entende-se que a tendência antissocial caracteriza-se como uma temática complexa e que envolve inúmeros fatores. É importante considerar nesse quadro as relações entre os membros da família para que seja possível compreender os sintomas da criança em profundidade, visto que os estudos apresentados são unânimes ao afirmar que pais cujos filhos apresentam esta sintomatologia também apresentam dificuldades, que, por sua vez, podem estar ligadas a dificuldades que eles viveram com os próprios pais.

Neste sentido, a teoria da Transmissão Psíquica Transgeracional possibilitaria a investigação de conteúdos manifestos e latentes que influenciam as relações da criança antissocial com seus pais e avós, de forma a abranger a discussão a respeito do desenvolvimento da problemática. Considerando que um estudo dessa natureza proporcionaria o conhecimento a respeito das defesas, angústias, figuras maternas e paternas introjetadas, entre outros aspectos dos psicodinamismos da criança, de seus pais e avós, esta compreensão poderia oferecer um melhor saber a respeito da natureza da tendência antissocial, o que auxiliaria na delimitação de novas estratégias de cuidado específico.

2 OBJETIVOS

Geral

Diante das considerações apresentadas anteriormente, o presente trabalho visa compreender, por meio de um estudo de caso, os psicodinamismos familiares envolvidos no surgimento e na manutenção da tendência antissocial em uma criança, a partir da perspectiva da teoria da Transmissão Psíquica Transgeracional.

Específicos

1. Formular uma compreensão do entrelaçamento da vida psíquica de uma família a partir do conhecimento do funcionamento emocional de membros de três gerações;
2. Identificar os psicodinamismos das avós, paterna e materna, de uma criança com tendência antissocial e sua repercussão no desenvolvimento emocional dela e de seus pais;
3. Compreender as interações entre os psicodinamismos dos pais e o surgimento e manutenção da tendência antissocial na criança.

3 MÉTODO

3.1 Referencial Metodológico

O presente trabalho insere-se em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, que emprega a estratégia metodológica do estudo de caso com a utilização de diversos instrumentos, dentre eles procedimentos projetivos. O referencial teórico psicanalítico winnicottiano embasará as análises e interpretações presentes neste estudo.

A perspectiva metodológica de pesquisa qualitativa, segundo Chizzotti (2003), é representada por uma partilha com pessoas, fatos e locais, que acabam por constituir o objeto de pesquisa. A análise dos dados obtidos busca extrair os significados visíveis e latentes, que só podem ser percebidos a partir de um olhar crítico e de uma atenção minuciosa a tudo o que foi coletado. Bogdan e Biklen (2000) apontam para algumas características específicas da pesquisa qualitativa. Dentre elas destaca-se a importância de um papel ativo do pesquisador como instrumento de trabalho, de forma que ele deve se envolver com o pesquisado para que possa alcançar as minúcias de sua comunicação. Além disso, os procedimentos podem se adaptar a partir do objetivo, não precisando haver um planejamento e controle rígido deles.

De acordo com Turato (2003), o pesquisador, no trabalho qualitativo, deve atentar a todas as informações que obtiver a partir da fala e das ações do participante e que oferecerão indícios sobre seus sentimentos, ideias e comportamentos, sendo que, a partir destas informações, é preciso procurar compreender quais são os sentidos e significados que o sujeito atribui a estes fenômenos. Para Valles (1997), os estudos qualitativos possuem uma característica analítica, uma vez que têm um direcionamento do objeto de estudo desde o momento de sua formulação. O mesmo autor estabelece que a pesquisa qualitativa deve ser realizada a partir da consideração de três conceitos: *credibilidade*, que se refere ao uso das técnicas do estudo; *transferência*, que representa a possibilidade de usar os mesmos procedimentos a contextos semelhantes; e *dependência*, que representa a possibilidade de outros autores utilizarem os dados para a realização de novas pesquisas.

Uma das estratégias metodológicas mais utilizadas nesta forma de pesquisa é o estudo de caso, apesar de ele não ser específico dessa perspectiva metodológica. Embora o seu desenvolvimento dependa do referencial teórico utilizado, diversos autores (Yin, 1994; Chizzotti, 2000; Stake, 2000) afirmam que as principais características do estudo de caso correspondem à análise em profundidade e à preocupação com seu aspecto unitário. Stake (2000) enfatiza a importância de se conhecer a natureza e o histórico do caso a ser estudado,

bem como o contexto em que ele está inserido e quais os sujeitos que estão envolvidos. Desta forma, cada caso estudado deve contemplar essas informações e a realização do trabalho deve se direcionar para um pequeno número de questões, de maneira que estas possam ser aprofundadas. O autor ainda destaca que um caso pode corresponder a um grupo de indivíduos, uma instituição ou outras formas de organização, de forma que não representa apenas um indivíduo, como poderia se pensar a princípio.

Há ainda, para Stake (2000), três tipos de estudos de caso: intrínseco, em que o pesquisador investigará de maneira profunda um caso particular, entendendo-o como ilustrativo para um problema específico; instrumental, em que se busca retirar uma generalização ou verificar suas particularidades em relação a um grupo; e coletivo, que pretende investigar uma população, condição geral ou um fenômeno, visando chegar a um melhor entendimento e teorização de um amplo número de casos. É importante destacar que, neste trabalho, será realizado um estudo de caso intrínseco, procurando compreender a problemática da tendência antissocial a partir do estudo aprofundado de uma família.

De maneira geral, Moura e Nikos (2000) ressaltam que o estudo de caso deve ser realizado a partir da delimitação do objeto a ser investigado, que pode ser representado por temas, questionamentos ou fenômenos. Independente da forma como for delimitado, o pesquisador deve ter embasamento teórico para a realização de seu trabalho, uma vez que a teoria deverá dialogar com os dados obtidos durante a realização da pesquisa. Para Lüdke e André (1986), o referencial teórico tem a importância de ser um ponto de partida para a realização do estudo de caso, sendo que, a partir dele, devem ser desenvolvidas novas ideias.

Em relação ao estudo de caso com orientação da psicanálise, Rezende (1993) destaca que esta investigação se baseia na ideia de interpretar os diferentes significados que as situações podem assumir, o que difere este tipo de pesquisa daquelas realizadas nas ciências empírico-formais. Para Turato (2003), no estudo de caso psicanalítico, deve-se ressaltar a importância de uma atitude clínica, devendo o pesquisador ser natural no contato com o outro, auxiliando-o a compartilhar suas ansiedades e angústias, o que possibilita que os efeitos terapêuticos ocorram espontaneamente, uma vez que a investigação e intervenção são inseparáveis na pesquisa psicanalítica.

Assim, para este mesmo autor, na investigação qualitativa a partir do referencial psicanalítico, o trabalho clínico e de pesquisa caminham conjuntamente, uma vez que ambos buscam uma investigação a partir dos conteúdos inconscientes. Por isso, os dados obtidos devem ser vistos como um resultado da interação entre participante e pesquisador, uma vez que este não fica alheio ou distante do processo de coleta e análise de dados (Iribarry, 2003).

A questão da interação entre participante e pesquisador está intimamente ligada aos aspectos éticos que envolvem a realização de uma pesquisa, de forma que, no estudo de caso, a exposição do participante deve ser norteada por um código de ética. O pesquisador deve então proteger os participantes, explicitando os possíveis riscos a que ele está exposto devido a sua participação na pesquisa (Stake, 2000). Assim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ter a sua elaboração orientada pelo cuidado e pela ética, a fim de que todas as informações necessárias sejam fornecidas pelo pesquisador. No presente trabalho, o código de ética foi preservado, zelando pelo cuidado com os participantes.

Para investigar os aspectos transgeracionais da tendência antissocial foram utilizadas diversas técnicas. Dentre estas, estão as técnicas projetivas, sustentadas teoricamente pela abordagem psicanalítica. As técnicas projetivas distinguem-se das outras pela liberdade de respostas e pela forma como são apresentados os estímulos, que são pouco estruturados, o que dá margem a diferentes interpretações; estas, por sua vez, são resultantes dos psicodinamismos do próprio respondente e da sua maneira de se comportar frente aos estímulos (Anastasi & Urbina, 2000). Assim, é possível uma visão mais completa da pessoa, fornecendo um panorama de diversas variáveis do indivíduo em interação, o que possibilita um entendimento de sua singularidade (Barbieri, 2010).

Para Trinca (1984) a utilização de técnicas projetivas facilita que o participante transfira, ao psicólogo, conteúdos inconscientes que auxiliam na compreensão da problemática e que dão acesso às angústias e fantasias do respondente. Além disso, é possível utilizar dados obtidos a partir da transferência e da contratransferência para promover a compreensão clínica. De acordo com Safra (1984), a utilização dos testes favorece uma compreensão também dos mecanismos de defesa do paciente, além de propiciar uma visão complementar àquela obtida em outros contatos, como a entrevista psicológica e as sessões clínicas, conforme também foi relatado por Simon (1993).

Sendo assim, por se realizar uma análise global dos participantes, considerando os aspectos intrapsíquicos, intrafamiliares e socioculturais, é possível afirmar que este estudo foi realizado em acordo com os preceitos do Psicodiagnóstico Compreensivo (Trinca, 1984). Desta forma, pretende-se investigar os significados latentes, a dinâmica emocional do investigado e de sua família, selecionando-se os aspectos centrais do indivíduo, para compreender suas angústias, fantasias e mecanismos de defesa, utilizando os recursos do psicólogo para avaliar os significados dos conteúdos trazidos pelo participante. É importante salientar que o Psicodiagnóstico Compreensivo utiliza preferencialmente métodos de

associação livre, privilegiando a análise por meio da livre inspeção (Trinca, 1984; Barbieri, 2010).

Neste contexto, Safra (1993) ressalta a relevância do psiquismo do pesquisador no desenvolvimento do estudo de caso, sendo que, para ele, os aspectos objetivos do trabalho estão relacionados à autoanálise do pesquisador e à presença de um supervisor. Para Fédida (1991), é na situação de supervisão a partir da abordagem psicanalítica que o caso é construído, uma vez que a figura do supervisor desempenha a função de alteridade durante o trabalho.

Diante de tais considerações, a presente pesquisa utiliza a estratégia metodológica de estudo de caso, pautada pela utilização de diversas técnicas com base teórica na abordagem psicanalítica, a fim de investigar os aspectos transgeracionais que podem estar envolvidos na gênese e manutenção da tendência antissocial de uma criança. Destaca-se que este estudo não pretende generalizar os dados obtidos, mas contribuir para a compreensão dos fatores envolvidos na tendência antissocial.

3.2 Participantes

Participou deste estudo uma família que apresentou queixas referentes a comportamentos relacionados à tendência antissocial, como: desobediência, agressividade, atitudes opositivas frente aos familiares, dificuldade de relacionamento com crianças da mesma idade, mentiras, entre outros. Para que a criança fosse selecionada para a pesquisa era necessário que os pais, no momento da entrevista inicial, respondessem ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por), no qual a subcategoria “problemas de conduta” deveria ser avaliada como “anormal”, a fim de atender aos critérios de inclusão. Esta subcategoria investiga a presença dos seguintes comportamentos: “Enerva-se muito facilmente ou faz birras”, “Luta frequentemente com outras crianças”, “Mente frequentemente ou engana” e “Rouba em casa, na escola ou em outros sítios”, bem como a ausência do comportamento “Obedece com facilidade”.

A criança selecionada tinha, no início do trabalho, cinco anos de idade. O contato entre a psicóloga e a família desta criança ocorreu por meio de um intermediador, psicólogo de rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, responsável pelo acompanhamento da escola em que a criança está matriculada. Este psicólogo conversou com a mãe da criança em uma reunião escolar e, neste momento, a mãe relatou as queixas com relação à filha. Após este encontro, o intermediador contatou novamente esta família,

apresentando os objetivos do estudo e fornecendo o contato da psicóloga. A mãe então contactou a pesquisadora, que iniciou o trabalho de investigação, a fim de verificar se a criança e os familiares preenchiam os critérios necessários para a participação no estudo.

A inserção de cada um dos membros da família ocorreu a partir de sua disponibilidade para participar da pesquisa e do preenchimento dos seguintes critérios: não ter indícios de comprometimento intelectual ou de ordem verbal ou motora de modo a inviabilizar a aplicação dos instrumentos; e ter nível socioeconômico médio, a fim de não configurar privações concretas reais extremas que pudessem conduzir ao quadro da tendência antissocial como uma reação a elas. Além disso, foi verificado se nenhum dos participantes tinha histórico de tentativa de suicídio, de internação psiquiátrica e de diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial.

Desta forma, a família participante foi composta por uma criança do sexo feminino, pais, avó paterna e avó materna. O avô paterno era falecido e o avô materno era divorciado da avó e não mantinha contato com a família, o que justifica a ausência de ambos neste trabalho.

A tabela abaixo resume as características da família participante:

Tabela 1: Características dos Participantes da Pesquisa

	Idade	Profissão
Criança	5 anos	Estudante
Mãe	38 anos	Dona de casa
Pai	44 anos	Auxiliar de produção
Avó materna	58 anos	Dona de casa
Avó paterna	60 anos	Dona de casa

3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados no trabalho foram:

1. Entrevista Psicológica com auxílio de roteiro semiestruturado (Apêndice A);
2. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por) (Anexo A);
3. Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven;
4. Teste de Apercepção Temática Infantil, forma animal (CAT-A), conforme proposto por Bellak e Bellak (1949/1981);

5. Teste de Apercepção Temática (TAT), aplicado em forma reduzida, composta por 15 cartões para cada participante (1, 2, 3RH¹, 4, 5, 6RH, 7RH, 8RH, 10, 11, 12RM, 13R, 13HF, 19 e 16 para o pai; e 1, 2, 3RH, 4, 5, 6MF, 7MF, 9MF, 10, 11, 12RM, 13R, 13HF, 19, e 16, para a mãe e avós), conforme modelo de aplicação proposto por Brelet-Foulard e Chabert (2005);
6. Bateria de Grafismo de Hammer, segundo a proposição de Buck (2003), Machover (1967) e Corman (1979).

A entrevista psicológica, norteada por um roteiro semiestruturado, teve como objetivo obter dados a respeito da história da criança, da dinâmica e das relações da família participante desta pesquisa. A fim de obter estes conhecimentos, inqueriu-se sobre os sintomas da criança, relacionamento de seus pais, dinâmica familiar, e características gerais do desenvolvimento da criança, a saber: gestação e parto, alimentação, sono, linguagem, desenvolvimento psicomotor e emocional, vida sexual, relacionamento social, condições de saúde física e mental, escolaridade. Para Bleger (1980), o desenrolar da entrevista psicológica depende das características do entrevistado e do entrevistador, sendo que o campo relacional é construído a partir, principalmente, da realidade em que o entrevistado está inserido. Para Santiago (1984), o psicólogo deve ser visto como aquele que também interfere na entrevista, sobretudo pelos elementos que ele faz surgir ao longo do contato. Apesar desta interferência, é essencial que o psicólogo se posicione no sentido de não determinar quais serão os conteúdos emergentes, de forma que não interfira nas respostas obtidas.

O SDQ-Por (com nome original de *Strenghts and Difficulties Questionnaire*) é dirigido à avaliação de crianças e adolescentes entre quatro e 16 anos, com a possibilidade de ser respondido por pais ou professores. Este instrumento foi elaborado por Goodman (1997) e traduzido e adaptado para o Brasil por Golfeto e Cury (2003). Ele avalia, por meio de 25 itens, as cinco subescalas seguintes: problemas emocionais, hiperatividade, problemas de relacionamento, problemas de conduta e comportamento pró-social, sendo um importante meio de avaliação da saúde mental infantil. Segundo Saur e Loureiro (2012), estudos têm apontado que este instrumento é um importante meio de investigação para a realidade brasileira, inclusive por apresentar um alcance transcultural. A versão utilizada neste trabalho, destinada à utilização no Brasil para que seja respondida por pais de crianças e adolescentes

¹ RH: Lâminas propostas inicialmente para aplicação em homens adultos; MF: Lâminas propostas inicialmente para aplicação em mulheres adultas; RH: Lâminas propostas inicialmente para aplicação em jovens do sexo masculino; MF: Lâminas propostas inicialmente para aplicação em jovens do sexo feminino (Cunha, 2000)

até 14 anos, apresentou índice de fidedignidade de 0,8 (Woerner et al., 2004). Já com relação à validade, Saur e Loureiro (2012) destacam diversos estudos internacionais que realizaram esta investigação, com índices de validade convergente variando de 0,63 a 0,88. No entanto, as autoras destacam a necessidade da realização deste estudo, com amostra abrangente, no Brasil. O SDQ-Port foi utilizado neste trabalho como um instrumento de triagem do caso, para fins de confirmação das queixas dos pais e do psicólogo que intermediou o contato com a família (atendendo aos critérios de inclusão da pesquisa), e como um auxiliar na investigação desses sintomas relacionados à criança participante. Ele foi respondido pela mãe da menina, sendo que os resultados indicaram anormalidade na subescala “problemas de conduta”.

O Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven é um instrumento no qual a pessoa é convidada a completar uma série de figuras que lhe são apresentadas. De acordo com Safran (1984), este instrumento visa a investigação do fator G, ou seja, busca avaliar qual é o potencial de inteligência que o indivíduo possui. É importante destacar que este teste está aprovado para uso, pelo Conselho Federal de Psicologia, desde 11 de abril de 2003, tendo como requerente o Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia. Estudos apontam que este teste apresenta índices psicométricos consistentes, sendo que a precisão varia de 0,8 a 0,93; enquanto que a validade varia de 0,79 a 0,82 (Carroll & Jensen, 1980; Valencia, 1984; Esquivel, 1984; Pasquali, Wechsler & Bensussan, 2002). Estes trabalhos enfatizam que o Raven é válido para o contexto brasileiro também por manter a precisão em diferentes culturas. Apesar do teste ser destinado a crianças entre cinco e 12 anos, os mencionados estudos apontam que o índice de precisão tende a ser mais baixo quando o teste é aplicado em crianças menores de sete anos. No presente trabalho, utilizou-se o Raven a fim de avaliar a capacidade cognitiva da criança, visando assegurar que ela não apresentasse dificuldades intelectuais passíveis de comprometerem os resultados das técnicas projetivas que seriam aplicadas em sequência.

O Teste de Apercepção Temática Infantil tem como objetivo avaliar os psicodinamismos de crianças, compreendendo a maneira como vivenciam o seu desenvolvimento psicossocial, incluindo o Complexo de Édipo, seu crescimento e suas relações com as figuras mais importantes de sua vida (Hirsch, 2009). Sua forma animal (CAT-A) consiste de dez cartões com figuras de animais em diferentes situações antropomórficas, reproduzindo circunstâncias da vida familiar. O teste pode ser aplicado em crianças entre três e dez anos (Bellak & Bellak, 1949/1981), faixa etária que se identifica mais facilmente com figuras animais do que humanas (Silva & Villemor-Amaral, 2006).

A aplicação do instrumento consiste em pedir para que a criança conte uma história a respeito de cada um dos quadros, incluindo o título. De acordo com Safra (1984), o CAT-A é um dos testes psicológicos, e projetivos, que melhor contribuem para a avaliação infantil. É importante destacar que, atualmente (desde março de 2013), o Conselho Federal de Psicologia apresentou parecer favorável a sua utilização, sendo o requerente a Vetor Editora. No entanto, em acordo com a perspectiva metodológica psicanalítica que norteia o presente estudo e com os pressupostos do Psicodiagnóstico Compreensivo em que ele se enquadra, a análise realizada desse instrumento foi sobretudo dinâmica, considerando as mensagens inconscientes subjacentes ao conteúdo manifesto de cada história. Com isso, no lugar das análises e interpretações pré-estabelecidas propostas na edição do material, foi empregado aqui o método da livre inspeção do material produzido pela criança (Trinca, 1984), mais coerente com os fundamentos epistemológicos deste estudo. A fim de auxiliar esta investigação, utilizou-se como embasamento para interpretações a descrição dos conteúdos manifestos e latentes propostos por Boekholt (2000), Chabert (1983) e Haworth (1966), conforme descritos no Anexo B.

O Teste de Apercepção Temática (TAT), é um instrumento projetivo que, em sua forma original, foi desenvolvido por Murray em 1935 (Cunha, 2000), com o objetivo de investigar as fantasias e os psicodinamismos de pacientes adolescentes e adultos por meio do relato de histórias a partir de imagens definidas, impressas em cartões. Em sua forma original, ele é composto por 31 cartões, alguns deles universais e outros distribuídos de acordo com o sexo e a faixa etária do examinando, a saber: 1, 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 16, 19 e 20, sendo os universais; 13FH, para adultos de ambos os sexos; 8RM, 12RM, para jovens de ambos os sexos; 3RH, 6RH, 7RH, 9RH, 17RH, 18RH, para homens de qualquer idade; 3MF, 6MF, 7MF, 8MF, 9MF, 17MF, 18MF para mulheres de qualquer idade; 12F, para mulheres adultas; 12H, para homens adultos; 13M, para mulheres jovens; 13R, para homens jovens.

Segundo esta proposição do TAT, o instrumento deve ser aplicado em duas sessões, cada uma delas solicitando histórias a 10 imagens. Todavia, Brelet-Foulard e Chabert (2005) desenvolveram um modelo de aplicação do TAT em que utilizam apenas 18 dos 31 cartões propostos no modelo original de Murray, considerados por elas como os mais pertinentes e significativos para o diagnóstico psicológico. Esse modelo foi acatado no presente estudo e, em se tratando apenas da avaliação de adultos, foram utilizados os seguintes cartões: 1, 2, 3RH, 4, 5, 6RH, 7RH, 8RH, 10, 11, 12RM, 13R, 13HF, 19 e 16 para o pai; e os cartões: 1, 2, 3RH, 4, 5, 6MF, 7MF, 9MF, 10, 11, 12RM, 13R, 13HF, 19, 16 para a mãe e as avós.

De acordo com o modelo de Brelet-Foulard e Chabert (2005) a aplicação do instrumento deve ocorrer em uma única sessão. Além disso, diferentemente do método original, proposto por Murray (Cunha, 2000), esta forma de aplicação não envolve uma etapa de inquérito, embora possam ser feitas perguntas a fim de auxiliar o respondente a elaborar sua história (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). É importante destacar que o TAT tem parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia para sua utilização, tendo sido aprovado em outubro de 2003 mas, da mesma maneira que no CAT-A, e pelas mesmas razões descritas acima, as análises e interpretações das histórias foram realizadas de maneira dinâmica, quadro a quadro e por meio do método da livre inspeção do material (Trinca, 1984).

Por meio dessas análises buscou-se investigar as necessidades, defesas, angústias, fantasias e natureza dos objetos internos, enfim, as características psicodinâmicas das avós e pais envolvidos no projeto. A partir dessas análises individuais, foi feita uma avaliação dinâmica global da família, de modo a iluminar uma análise dos aspectos transgeracionais envolvidos na gênese da tendência antissocial da criança.

A Bateria de Grafismo de Hammer é uma técnica projetiva gráfica que consiste na produção de cinco desenhos pelo participante: casa, árvore, pessoa, pessoa do sexo oposto ao desenhado primeiramente e desenho da família. De forma complementar, solicitou-se que os participantes realizassem também um desenho livre como última produção, além de dar a opção de que fizessem as produções utilizando lápis de cor. A Bateria de Grafismo de Hammer consiste em uma combinação das técnicas de Buck (2003), de Machover (1967) e do Teste do Desenho da Família (Corman, 1979). A Bateria foi aplicada da seguinte forma: após a elaboração de cada desenho, foi realizado um inquérito a respeito da produção, de forma que foram feitas perguntas a fim de facilitar a compreensão a respeito dos desenhos, bem como conhecer quais aspectos da vida do participante influenciaram na forma de desenhar. A aplicação desta Bateria teve como intuito avaliar os aspectos estruturais e dinâmicos da personalidade dos participantes envolvidos no processo, de modo a complementar as informações oriundas do TAT e do CAT-A, fornecendo uma visão mais ampla e completa da família.

3.4 Procedimentos

Inicialmente, a psicóloga fez contato com psicólogos escolares de uma rede municipal de ensino de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo, explicando os objetivos da pesquisa e seu público-alvo. Estes profissionais foram intermediadores do trabalho, apresentando-o para pais de crianças que explicitavam queixas relacionadas à tendência antissocial. O psicólogo conversou com a mãe da criança que participou deste estudo em uma reunião escolar, na ocasião em que ela verbalizou tais queixas com relação à filha. Posteriormente, o intermediador apresentou a ela os objetivos do estudo, convidou-a para participar dele e forneceu o contato da psicóloga. A mãe então contatou a pesquisadora, que iniciou o trabalho de investigação, a fim de verificar se a criança e os familiares preenchiam os critérios de inclusão do estudo. Os participantes foram contatados por telefone e, com a anuência deles, as sessões foram programadas, sendo que todas foram realizadas na casa deles, conforme preferiram. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, após isso, a coleta de dados se iniciou.

A primeira sessão foi destinada à realização da entrevista semiestruturada e aplicação do SDQ-Por com a mãe. Posteriormente, foi marcado um horário com a criança: na primeira sessão foi aplicado o Teste das Matrizes Coloridas de Raven e a Bateria de Grafismo de Hammer, sendo que na segunda houve a aplicação do CAT-A. Encerrada a etapa com a criança, foi marcada a sessão com sua mãe para a aplicação da Bateria de Grafismo de Hammer e no segundo encontro, realizou-se a aplicação do TAT. O mesmo procedimento foi seguido com o pai. Com as avós, a pedido delas, foi realizada apenas uma sessão, em que foram aplicados a Bateria de Grafismo de Hammer e o TAT.

Todas as sessões foram gravadas em MP3 para posterior transcrição, com o consentimento dos participantes. Após a coleta e análise dos dados, a psicóloga ofereceu uma devolutiva a cada um dos participantes, com exceção do pai da criança, que sinalizou que não gostaria de recebê-la.

3.5 Análise dos dados

A análise da entrevista foi realizada por meio do método da livre inspeção do material (Trinca, 1984), buscando, num primeiro momento uma delimitação mais precisa da queixa que a mãe apresentou em relação à criança, o conhecimento do desenvolvimento psicomotor, social e emocional da menina e uma primeira aproximação sobre as maneiras como se dão as

relações dentro da família. O Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foi analisado a partir dos critérios definidos por Raven, Raven e Court (1988). Foi utilizado o crivo de correção do instrumento. Após, obteve-se a pontuação bruta, que foi transposta para o percentil a partir da utilização de uma tabela que considera a idade e o tipo de escola frequentado pela criança, no caso, seis anos (idade da criança na data de aplicação do instrumento) e escola pública. Com o percentil, pode-se verificar a classificação, presente no manual, da inteligência da criança.

A análise dos dados obtidos com a aplicação do TAT também foi feita pelo método da livre inspeção do material (Trinca, 1984), mas considerando as definições dos conteúdos manifestos e latentes de cada cartão conforme definidos por Brelet-Fourlard e Chabert (2005) e descritos no Anexo C. A análise do CAT-A foi desenvolvida no mesmo sentido da análise do TAT, por meio de uma interpretação cartão a cartão, a fim de compreender os conteúdos manifestos e latentes presentes em cada uma das histórias construídas pela criança. Com relação aos conteúdos manifestos, eles foram considerados conforme descritos por Boekholt (2000), que se baseou nos materiais descritivos de Chabert (1983) e Haworth (1966). Por sua vez, os conteúdos latentes dos cartões foram analisados segundo as formulações de Boekholt (2000) e Chabert (1983).

A análise da Bateria de Grafismo de Hammer ocorreu por meio da utilização da lista de conceitos interpretativos sugeridos por Buck (2003), que envolve 12 elementos: observações gerais, proporção, perspectiva, detalhes, detalhes essenciais, não essenciais, irrelevantes e bizarros, dimensão do detalhe, sombreamento do detalhe, sequência do detalhe e qualidade da linha. Conjuntamente a esta avaliação, que procurou investigar o significado de cada desenho, foi realizada uma interpretação psicanalítica do conteúdo do inquérito, visando um melhor entendimento dos aspectos estruturais e dinâmicos da personalidade do indivíduo (Buck, 2003; Machover, 1967; Corman, 1979).

Após a análise dos protocolos de testes individuais dos participantes e a composição da síntese avaliativa final de cada um deles, elaborou-se uma síntese integrativa do grupo familiar, buscando compreender os sintomas da tendência antissocial apresentados pela criança no contexto dos psicodinamismos familiares como um todo, focalizando os elementos transgeracionais que poderiam sustentar as dificuldades infantis e que foram percebidos durante todo o processo, tomando-se como base a teoria da Transmissão Psíquica Transgeracional (Eiguer, 1998).

3.6 Aspectos éticos

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em acordo com as exigências da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sob número de processo 00942612.9.00005407, obtendo aprovação em 15 de junho de 2012 (Anexo D).

Todos os participantes adultos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os responsáveis pela criança autorizam a própria participação e a dela. Sendo assim, houve três Termos de Consentimento diferentes: um para que os pais autorizassem a participação da filha na pesquisa (Apêndice B), um em que os pais assinaram atestando seu acordo para a própria participação (Apêndice C) e um para as avós, descrito nos mesmos moldes que os dos pais (Apêndice D).

Os participantes foram informados de que a participação era voluntária, que as suas identidades ficariam preservadas, e que eles poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa, sem que isso gerasse quaisquer prejuízos a eles.

Após a realização do trabalho, a criança foi encaminhada para atendimento psicológico. Além disso, todos os participantes receberam devolutiva dos dados obtidos, com exceção do pai, que não quis recebê-la.

4 RESULTADOS

“O que é ser mãe”

Uma mãe, uma criança e uma boneca, né? Eu vejo a mãe, aquela figura de mãe, e a filha brincando sozinha com uma boneca, né? A mãe tá só presente, tá ali, mas não tá brincando. Ela tá ali, mas não tá presente. O olhar da menina tá até triste, porque ela tá ali, mas não tá presente. Ela tá perto, mas ao mesmo tempo tá longe, não tá prestando atenção. Eu acho que é isso. Ao mesmo tempo que a mãe tá presente, ela tá longe, não sabe o que se passa. E a menina também está longe, do mesmo jeito que a mãe tá tratando ela, ela tá tratando essa boneca. Porque a boneca também não tá perto, a boneca tá longe, né? É isso. E o título é “O que é ser mãe”. Porque, às vezes, a gente acha que sabe tudo, e não sabe. É uma coisa assim que... E cada filho é diferente, né?

(Fátima em relato ao cartão 7MF do TAT)

4.1 Apresentação do Caso

Mariana tinha cinco anos de idade quando foi iniciado o processo de avaliação, completando seis ao longo dele. Ela é filha de Carlos, de 44 anos, e de Fátima, de 38 anos. A principal queixa com relação à criança é o fato de Mariana ser muito agitada e agressiva, o que gera problemas de relacionamento com os colegas da escola e dificulta a convivência em sua casa e com outros familiares. Os pais notam que a filha é agitada desde quando era bebê, mas as dificuldades de relacionamento e a agressividade ficaram mais evidentes a partir dos quatro anos de idade da criança. Mariana mora com seus pais, é a filha caçula, tendo os irmãos: Pedro, de 10 anos, e Priscila, de 20 anos. Os pais de Mariana estão casados há 22 anos e sempre residiram na mesma cidade. Tanto Fátima quanto Carlos participaram da presente pesquisa.

Os avós maternos de Mariana são divorciados há 12 anos. Desde então, o pai de Fátima se afastou da família, sendo que a separação foi ocasionada por adultério da parte dele, fato que não foi aceito pelos filhos. Por isso, Fátima não sabe onde o pai está morando e qual o seu estado de saúde, sendo que ele não chegou a conhecer a neta. Assim sendo, apenas a avó materna, Aparecida, participou da pesquisa. Aparecida tem 58 anos, quatro filhos, sendo três

mulheres e um homem. Atualmente ela reside com a filha caçula, de 22 anos, portadora de Síndrome de Down, fato que parece ter sido bastante marcante para toda a família.

Com relação aos avós paternos da criança, o pai de Carlos faleceu há 12 anos, em decorrência de um câncer. Portanto, Mariana também não o conheceu. Roseli, avó paterna, participou desta pesquisa. Ela tem 60 anos, dois filhos, e mora atualmente com o filho mais novo, de 19 anos, e um novo companheiro, com quem convive há seis anos, mas com várias separações ao longo desse tempo.

Dessa forma, participaram da presente pesquisa: Mariana, seus pais (Fátima e Carlos), sua avó materna (Aparecida) e sua avó paterna (Roseli).

4.1.1 Entrevista Inicial

A entrevista inicial foi realizada na casa da família de Mariana. Embora o pai estivesse presente na casa, optou por não participar deste momento do trabalho, alegando: “*Quem cuida da menina é a mãe, não sou eu*”. O contato inicial com a mãe foi distante, mas ela se mostrou participativa e mais disposta, no decorrer da conversa.

Inicialmente, ela fornece dados gerais das pessoas que moram na casa: Carlos tem 44 anos, ensino médio completo e é auxiliar de produção; Fátima tem 38 anos, ensino médio incompleto e é dona de casa; Priscila tem 20 anos, ensino superior em andamento e é telefonista; por fim, Pedro tem 10 anos e cursa o ensino fundamental.

Na sequência, Fátima relata que, além da agitação, sua queixa principal com relação à filha é que ela é uma criança agressiva e com dificuldade de relacionamento com crianças da mesma idade. Ela diz que percebe estes comportamentos de Mariana desde quando a filha era bebê, lembrando que aos quatro meses de nascimento a pediatra da menina já havia dito que ela era uma criança muito agitada.

Com relação às situações em que tais comportamentos ocorrem, Fátima contou que a criança é agitada e agressiva, independentemente de onde se encontra, sendo que há um aumento da sua agressividade quando está em sua casa ou na casa das avós. A mãe acredita que esses são os momentos em que ela mais deseja “*chamar a atenção*” (sic). Ela ainda relata que neste ano a filha está pior, pois não se adaptou bem à escola e não gostou de sua professora. Quanto à atitude tomada pela família, quando a filha se comporta como descrito na queixa, a mãe diz que ela e seu marido ficam preocupados, mas que ela prefere deixar a filha fazer o que quer, ao passo que o pai de Mariana age de modo mais irritado e agressivo.

Sobre a gestação da criança, Fátima ressalta que a gravidez ocorreu em um momento de estabilidade do casal, que já mantinha o relacionamento havia bastante tempo. Ela conta que eles ficaram felizes quando souberam que teriam mais um filho. Contudo, o percurso da gravidez foi difícil, pois Fátima passou muito mal e teve de ficar internada algumas vezes. O parto também foi difícil, de longa duração, e a mãe se lembra de ter sentido contrações durante um dia inteiro. No entanto, Mariana nasceu bem e não teve quaisquer complicações.

Quanto à alimentação, Fátima relata que a criança foi amamentada até os cinco meses, que ela gostava de amamentar, mas a criança já era agitada. O desmame ocorreu por iniciativa do bebê. A introdução da papinha ocorreu aos seis meses, e Mariana não gostou da mudança. Até hoje é alimentada pela mãe, pois não gosta de comer, é preciso “*forçar*”. Mariana não consegue ficar sentada para comer, a mãe precisa lhe dar a comida na boca. Por esses

motivos, a criança não se alimenta na escola e chegou a perder peso quando ingressou na educação infantil. Mariana chupa o dedo até hoje, frequentemente. Com relação aos alimentos ingeridos, a criança não aprecia quase nada e só pode tomar leite de soja, pois tem alergia ao de vaca.

Sobre o sono de Mariana, Fátima contou que a menina dorme apenas de madrugada, em torno das três horas, e acorda por volta das 11 da manhã. Disse que a filha gosta de ver programas de televisão, principalmente filmes de terror, que só são exibidos nesses horários e, por isso, ela aceita que a filha não durma antes. Além disso, o pai de Mariana trabalha no período da noite, e a mãe acha que a filha se sente no direito de estar acordada, já que o pai também está. A criança divide o quarto com o irmão, fato que também gera problemas, uma vez que ele reclama do barulho que a irmã faz quando ele quer dormir. Fátima também relata que a filha costuma comer de madrugada, deixando a cozinha “*revirada*”, enquanto ela dorme.

Com relação ao desenvolvimento psicomotor de Mariana, Fátima não se recorda das datas exatas, mas o considera “*normal*”. Ela lembra apenas que a criança engatinhou aos oito meses, começou a andar com um ano e um mês, tendo o controle dos esfíncteres aos dois anos, momento que foi tranquilo, ensinado pela mãe. No entanto, no presente ano, houve perda de controle e ela começou a urinar na cama. Os pais voltaram a colocar fralda na criança, mas perceberam que ela estava gostando disso e retiraram a fralda novamente; em seguida, o problema diminuiu, mas não foi sanado completamente.

Sobre as atividades que a criança consegue realizar sozinha, como tomar banho, escovar os dentes, pentear-se e se vestir, a mãe refere que Mariana quer fazer tudo sozinha, mas ela não deixa, porque acha que a filha é muito nova para ser independente. Com relação a medos e fobias, a mãe menciona que a criança tem medo de brincar sozinha na garagem, pois teme ser atropelada por um carro, desde que uma amiga sofreu um acidente deste tipo, e também porque sempre lhe diz que, se ela correr na rua, pode ser atropelada. Apesar disso, Fátima procura orientar a filha sobre ser seguro brincar na garagem da casa.

Em relação à linguagem, Mariana começou a falar com um ano de idade. Ela fala corretamente, sabendo relatar fatos em sequência temporal e compreendendo bem a linguagem falada. A família não notou quaisquer dificuldades nesse sentido. Quanto à vida sexual, Mariana nunca demonstrou curiosidade ou interesse.

Fátima refere que a filha tem o período da manhã para brincar, embora não seja proveitoso, uma vez que a criança acorda tarde. Dessa forma, Mariana tem mais tempo para brincar nos finais de semana. A mãe diz que a filha não se concentra em uma atividade, passa

a maior parte do tempo procurando coisas para fazer. Em decorrência, a criança não usa muito seus brinquedos, também não cuida deles e os deixa espalhados pela casa. Fátima acredita que a filha tem interesses não compatíveis com a sua idade (vendo-os como os de adolescentes), como a preferência por filmes de terror e por maquiagens e roupas da irmã.

Mariana prefere brincar sozinha e sempre reage às brincadeiras com os outros com agressividade e choro. Ela dificilmente divide seus brinquedos com as demais crianças e não faz amizade com facilidade, tendo apenas uma amiga, cujos comportamentos são semelhantes aos dela. Atualmente ela não recebe mesada, pois os pais acreditam que ela ainda é muito nova para isso. Ela nunca se envolveu em atividades não condizentes com as normas sociais, nunca fez uso de drogas, não rói unhas, e a única mania que apresenta é mexer no cabelo.

Quanto à saúde, Mariana teve alergia a leite quando era bebê, o que deixou seu rosto em *“carne viva”*. Atualmente, tem refluxo e dores de estômago constantes. Em decorrência, passa por tratamento atualmente, tomando os medicamentos Domperidona e Cloridrato de Ranitidina. A criança nunca teve outros problemas de saúde, embora tenha sofrido várias fraturas pelo corpo: no braço, perna e clavícula.

A criança estuda em uma escola municipal de educação infantil. Com quatro meses de nascimento ingressou em uma creche, mas a mãe a tirou logo em seguida. Mariana só retornou a uma instituição escolar aos quatro anos, nessa mesma escola em que está matriculada atualmente. Segundo a mãe, ela se adaptou bem e acompanha a classe, mas como ainda não foi avaliada, Fátima desconhece o real rendimento da filha. O relacionamento da criança com a professora não é bom, porque esta exige disciplina, o que não é bem recebido por Mariana. A criança fica isolada dos colegas na escola, pois, de acordo com a mãe, *“eles não gostam do jeito dela”*.

Quanto ao relacionamento familiar, Fátima relata que ela e o marido estão casados há 22 anos e que convivem bem. Ela diz que eles são tranquilos, mas ela é bastante insegura quanto à educação dos filhos, enquanto ele é menos preocupado com essa questão. Quando perguntada sobre como ela e o marido se relacionam com os filhos, Fátima deixa transparecer certa inquietação, apenas respondendo que o marido trabalha à noite e não tem muito contato com a família. Apesar dessa resposta, ela diz que ambos exercem autoridade na casa.

A criança eventualmente auxilia a mãe a secar a louça, mas Fátima é a única responsável pela organização da casa. Quanto à forma de educar os filhos, a mãe fala que prefere conversar, mas o marido é mais rígido e chega a bater nos filhos, principalmente em Mariana, que é muito desobediente. Com relação às expectativas em relação à filha, Fátima deseja que ela cresça, estude e seja feliz.

Há na casa um coelho de estimação, que pertence à Priscila. A mãe conta que, quando ela e o marido estão ausentes, Mariana fica sob os cuidados da irmã mais velha ou das avós. Fátima menciona que eles não saem muito de casa, porque a filha *“tumultua”* os lugares que frequenta, destacando que a criança sempre prefere ficar em casa a sair. Ela conta que os aniversários da filha sempre são comemorados, e descreve o dia-a-dia da criança da seguinte forma: *“Acorda, almoça ou toma leite, vai para a escola. Eu busco e voltamos para casa. Assiste televisão até de madrugada e dorme”*.

Ao final da entrevista, Fátima foi convidada a responder o SDQ-Por. Suas respostas indicam que a criança apresenta um comportamento pró-social normal, e são consideradas limítrofes as categorias: sintomas emocionais, hiperatividade e problemas de relacionamentos, sendo a categoria problemas de comportamento a única a ser classificada como “anormal”. Com relação a essa categoria, destaca-se que a mãe classificou como “É muito verdade” as seguintes frases: “Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras” e “Mente frequentemente ou engana”. Já a frase “Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os outros mandam” foi respondida como “Não é verdade”.

4.1.2 Análise da entrevista

A partir da entrevista com a mãe de Mariana, pode-se perceber, em primeiro lugar, que a ausência do pai no momento (mesmo com ele presente na casa) e o fato de ele indicar que a educação da criança deve ser uma preocupação da esposa revelam sua pouca disposição para se envolver com o cuidado da menina. Em outros momentos, nota-se até mesmo uma tentativa da mãe de justificar esse fato, como quando diz que o pai não é próximo da filha, por trabalhar à noite.

Em decorrência desse contexto e do fato de Fátima ficar o dia todo em casa, parece haver uma dificuldade de sua parte para se desligar da filha, querendo, inclusive, evitar que ela cresça, o que representa um desejo de ter a sua companhia e de desempenhar o papel de mãe, preenchendo o seu dia-a-dia. Além disso, pode-se entender que, por Mariana ser a filha caçula, é aquela que vivencia de forma mais intensa a angústia da mãe quanto a se separar dos filhos.

Fátima parece reagir com grande dificuldade ao crescimento dos filhos, tornando a relação com eles ao mesmo tempo simbiótica e conflituosa, conclusão esta sustentada por algumas contradições observadas na entrevista: em um momento ela refere que é muito preocupada com a educação da criança, enquanto que, em outro, ela diz que não tem muito

conhecimento sobre o seu desempenho escolar, justificado pelo fato de Mariana ainda não ter passado por avaliações. Fátima demonstra um sentimento de que precisa estar à disposição de todos os filhos e do marido, buscando atender a todos. Essas características parecem sugerir a existência de núcleos depressivos na personalidade da mãe de Mariana.

Apesar da aparente preocupação de Fátima com a filha mais nova, nota-se que ela não descreve como queixas outras dificuldades da Mariana, como a insônia e a recusa a se alimentar, o que sugere que a mãe não consegue perceber sintomas importantes da filha. Dessa forma, é possível notar novamente a presença de ambivalência na relação mãe-filha, uma vez que há simbiose em alguns aspectos e, em outros, a criança vivencia certo abandono.

Fátima também diz que é bastante insegura com relação à educação dos filhos, enquanto o marido é menos interessado. Neste sentido, há uma demonstração do quanto a mãe se sente frágil, e não é auxiliada pelo pai, fator prejudicial à família, que pode promover os sintomas da criança.

Levando em conta essas informações, é preciso buscar entender as razões dos sintomas da criança. Em primeiro lugar, deve-se considerar que, de acordo com o relato da mãe, a menina teria um grau de hiperatividade, pelo resultado limítrofe do SDQ-Por e também pela agitação que ela descreve. No entanto, é possível que essa hiperatividade fique exacerbada e se associe a uma tendência antissocial, em decorrência da maneira como a criança se relaciona com a família.

Analisando essa interação familiar, é preciso destacar a falta de limites à criança. Assim, ela encontra espaço para usar maneiras agressivas de se manifestar, o que explica também outros comportamentos, como aqueles vistos pela mãe como “*adolescentes*”, ressaltando-se o fato de Mariana ver filmes de terror durante a madrugada. Essas informações permitem inferir que a criança está disposta a testar os perigos do mundo, reais e fantasiosos, como nesses filmes. Com isso, a ausência de enquadre e de *holding* pode fazer com que Mariana apresente ansiedade, sinalizada pela agitação. Essa ausência pode também prejudicar a criança na diferenciação entre a fantasia e a realidade, o que permite compreender seu interesse pelos filmes.

A insônia da menina, que se mantém ativa durante a madrugada, parece ser também uma espera pela figura paterna, que está ausente no período noturno e no envolvimento emocional com ela, representando uma expectativa da criança de encontrar o pai e de ser encontrada por ele.

Na relação entre a criança e Fátima nota-se que, em função da falta de limites, a mãe parece barrar a independência da criança em vários aspectos, não deixando, por exemplo, a

filha tomar banho ou se vestir sozinha, por achar que ela é muito nova para isso. Sendo assim, Fátima parece buscar manter a filha como um bebê, mantendo a sua onipotência sem oferecer limites, o que impede a autonomia da criança, não lhe transmite confiança e coloca obstáculos em seu desenvolvimento. Além disso, compreende-se que falta à menina a compreensão da existência de uma hierarquia entre ela e os adultos, de maneira que fica sem referências do que pode ou não fazer. Diante desta ideia, pode-se entender que as atitudes da mãe deixam Mariana confusa e angustiada, precisando então se comportar de forma agressiva, para que seja percebida e, assim, tenha suas necessidades atendidas.

Os comportamentos da criança são entendidos como uma procura pela imposição de limites por parte dos pais. À medida que a menina não os encontra, passa a testar o ambiente cada vez mais, na busca por essa contenção. Mariana não consegue encontrar referências e, com isso, tem dificuldade para perceber até onde pode ir e quais são os limites de seu *Self*. Portanto, sente-se angustiada por temer as consequências de seus comportamentos e da expressão de sua agressividade.

Mais uma vez, há evidências de comportamentos ambivalentes de Fátima, pois a mãe parece sufocar a criança, por não deixá-la executar atividades das quais é capaz, mas, ao mesmo tempo, não cumpre o *holding* mais básico, o que faz com que Mariana se sinta desprotegida. É importante destacar que a própria forma como a vida da criança é organizada impede que ela se desenvolva emocionalmente, já que Mariana não dispõe de tempo para brincar. Assim, não consegue alcançar plenamente a simbolização e um viver criativo, o que poderia fazer com que ela, gradualmente, fosse prescindindo de sua mãe (Winnicott, 1971/1975).

Então, a criança apresenta interesses pouco condizentes com a sua idade, uma vez que Fátima tem dificuldade para auxiliar a filha a compreender qual é seu real tamanho. Mariana parece estar inserida em um ambiente confuso, comportando-se ora como um bebê, ora como uma adolescente.

Essa percepção de desproteção parece ser repetida na escola: a criança se comporta também de forma agressiva nesse ambiente, como se fizesse uso desse comportamento para expressar sua angústia. Além disso, ela fica sozinha, distante dos amigos, o que evidencia a sua desproteção. A escola parece também não conseguir impor limites à Mariana e nem protegê-la, o que é indicado pela sua dificuldade de relacionamento com a professora. Pode-se também compreender que os comportamentos da menina na escola refletem sua dificuldade para deixar a onipotência e o narcisismo, que são vivenciados em sua casa, e aceitar o fato de que precisa dividir o espaço e a atenção com várias crianças no ambiente escolar.

Esta dificuldade pode ser vista como uma reação negativa à tentativa de imposição de limites por parte da professora, havendo diferenças na realidade vivida pela criança, uma vez que não lhe impõem limite em casa, e reage de forma agressiva quando recebe este enquadre na escola.

Por fim, é preciso buscar entender as dificuldades alimentares que a criança apresenta desde seu nascimento: refluxo, alergia ao leite e recusa à comida. Pode-se entender que a criança parece apresentar dificuldades emocionais desde o início de sua vida, sendo que pode ter havido prejuízos na interiorização da mãe e daquilo que é oferecido por ela, representado pelo leite. Essa dificuldade de introjetar a figura materna leva a um prejuízo no processo de simbolização, de forma que a criança não consegue se desenvolver de modo mais autônomo. Há indícios também de que a mãe não consiga discriminar as reais necessidades da criança, ou seja, tem dificuldade de oferecer o alimento emocional que ela realmente precisa. Além disso, evidencia-se a característica opositiva de Mariana, iniciada já na primeira infância.

A partir de todas essas considerações, é importante destacar que os sintomas de Mariana são positivos, no sentido de representar uma busca da criança por algo que poderá ajudá-la. Além disso, eles são reflexos de uma dinâmica familiar, e podem, inclusive, representar conflitos resultantes de fenômenos intergeracionais ou transgeracionais (Pichon-Rivière, 1980/1994; Eiguer, 1995).

4.2 Mariana

4.2.1 Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e Bateria Hammer

A sessão de aplicação do Raven e da Bateria Hammer é realizada na casa da família de Mariana. Nesta sessão, a mãe fica na sala, enquanto a psicóloga e a criança fazem as atividades na cozinha. A criança veste um vestido simples, com o cabelo despenteado. O tempo todo ela sorri e se movimenta na cadeira, ficando em pé em alguns momentos.

Com relação ao Raven, a criança faz todas as atividades, expressando desgosto em alguns momentos, embora sem manifestá-lo verbalmente. Antes de terminar, ela pergunta se pode falar com a sua mãe ao final, obtendo resposta afirmativa. Ao término da atividade, ela sai correndo e diz para sua mãe que acertou todas as perguntas. A mãe lhe diz “*Parabéns!*”, e ela retorna à cozinha.

Quanto à Bateria Hammer, a criança faz todos os desenhos rapidamente. Ao final, afirma que terminou, e segura os lápis de cor, como se estivesse esperando a psicóloga solicitar que os pinte. Ela se mostra irritada com o inquérito e responde rispidamente a várias perguntas. Sai algumas vezes da cozinha, ora para ir ao seu quarto, ora para ir brincar com o coelho, mas volta espontaneamente.

Ao concluir, a criança chama a mãe e vai para o quintal, sozinha. Enquanto a psicóloga espera o seu retorno, ouve um barulho e risos da criança. Então, a psicóloga percebe que a menina ligou o forno convencional de sua casa e colocou seu coelho dentro; a psicóloga toma a atitude de retirar o animal de lá. Quando chega, a mãe começa a chorar e diz: “*Está vendo o que eu passo todos os dias?*”. É importante destacar que a criança ri, não é repreendida, e vai para o seu quarto.

Em seguida, o gravador é desligado e a mãe conta que ela e o marido haviam brigado, pois ela não atendeu ao celular quando ele ligou para ela. Ela diz que a briga foi um excesso de preocupação do marido. Durante esta conversa, a criança volta à cozinha, desobedecendo a genitora por diversas vezes; a mãe, ora fala firme com a menina, ora simplesmente a ignora.

A psicóloga então marca a próxima sessão e Mariana diz que gostaria que ela voltasse no dia seguinte, recebendo como resposta que voltaria alguns dias depois, para ela não se cansar das atividades.

Análise:

Essa sessão mostra concretamente o quanto é tumultuada a relação entre Mariana e sua mãe. Prova disso é o comportamento da criança em relação ao coelho (posto no forno), logo após ela chamar Fátima para a cozinha, o que permite a compreensão de que a criança procurava mostrar à psicóloga como age em seu cotidiano e, também, que esperava que a mãe ou a psicóloga lhe impusesse limites. Percebe-se a presença de angústia, uma vez que a criança não sabe até onde pode ir e não consegue encontrar alguém que lhe forneça essa referência, o que a faz testar o ambiente a todo o momento. Apesar desse comportamento, vê-se que a criança necessita da aprovação da mãe, como ocorreu ao final da primeira atividade, quando se dirigiu à Fátima, dizendo que havia respondido corretamente a todas as perguntas do Raven.

Além disso, é possível constatar a falta de limites à Mariana, que não é repreendida num primeiro momento pela mãe, que depois oscila entre falar mais firme com ela e ignorá-la, o que pode ter motivado a continuação do comportamento de desobediência ao longo da conversa entre a psicóloga e Fátima. Assim, é possível compreender que a ausência de limites à criança dificulta que ela determine os limites do próprio *Self*.

Avaliação do Raven

A partir das respostas de Mariana e de sua codificação, segundo o manual do instrumento, obteve-se percentil 80, que enquadra a criança na categoria “definitivamente acima da média na capacidade intelectual” (Raven, Raven & Court, 1988). Os estudos a respeito da tendência antissocial têm apontado que as crianças que apresentam esta problemática tendem a mostrar rendimento escolar abaixo da média, embora a inteligência possa ser normal ou acima da média (APA, 2014; Silberg et al., 1996).

Para realizar uma comparação entre esses estudos e os dados de Mariana, seria importante ter acesso às informações sobre o rendimento da criança na escola, fato que não é oferecido pela mãe, uma vez que ela alega desconhecimento, já que a filha ainda não tem provas. Apesar disso, a psicóloga teve acesso ao caderno de atividades da criança, por meio do qual pode verificar que Mariana consegue fazer as tarefas, embora não as complete, fato que sustenta as conclusões dos estudos mencionados anteriormente, ou seja, a criança demonstra capacidade intelectual acima da média, mas o rendimento escolar pode estar abaixo do esperado, como uma consequência de seu comportamento agitado.

É importante ressaltar que a criança apresentou, durante todo o período de contato com a psicóloga, um vocabulário em nível muito acima daquele esperado para a sua idade. O uso da linguagem pode ser observado a seguir, nas transcrições literais das aplicações dos instrumentos Bateria Hammer e CAT-A. A maneira como Mariana se expressa verbalmente indica um desejo de crescer e de aparentar ser mais velha do que realmente é.

Desenhos da Bateria Hammer

Casa - Tempo de produção: 2 minutos

Figura 1: Desenho da Casa feito por Mariana

Inquérito

De quem é essa casa que você desenhou? *Do meu pai.*

E quem mora nela? *Minha mãe, meu pai, minha irmã, meu irmão e eu. E meu coelho.*

Como chama seu coelho? *Iuki. Eu tinha uma cachorra, um papagaio, um peixe, um peixe e mais outro peixe. Mas morreram. Eu tinha um peixe que eu ganhei de aniversário,*

num aquário, mas ele morreu. O peixe da minha irmã mordeu o rabo dele e ele morreu. Aí ele foi para o céu. Eu tinha a Juveva [calopsita], mas a moça soltou.

Quantos quartos tem essa casa? 1, 2, 3. Minha mãe mora, dorme com o meu pai. A minha irmã dorme sozinha e eu durmo com o meu irmão, em uma beliche.

Você gosta de dormir nesse quarto ou queria outro? Eu gosto, mas eu fico batendo muito a cabeça na beliche. E o quarto da minha irmã é perfumoso, porque ela passa perfume e maquiagem. Ela tem muitos batons.

E você gosta do perfume e das maquiagens dela? Aham. Eu também passo.

Ela deixa você usar? Sim. Ela briga pouquinho.

E você queria ficar no seu quarto mesmo? Sim, porque eu tenho figurinhas da Polly na porta. Que veio na pasta. E meu irmão tem figurinhas na cama dele também. Eu tinha na minha cama, mas tirei e coloquei na porta.

E aqui nesse desenho está de dia ou de noite? Dia.

Calor ou frio? Calor.

E o que vocês estão fazendo nesse desenho? Comendo, assistindo e sempre brigando.

Sempre brigando? Meu pai e minha mãe ficam brigando muito.

E por que eles brigam? Eu não sei, só que hoje o meu pai ia buscar, então a vó me levou, aí eu precisava ir no banheiro e nós ficamos lá. Aí meu pai foi buscar.

Tem mais alguma coisa que você quer falar para mim desse desenho? Que é uma casa. Eu vou desenhar o sol. Aqui tem pouca sombra. Quando eu volto do parque eu fico cansada porque tem que atravessar muitas ruas. Eu não tô indo, mas o Felipe foi.

E quem é o Felipe? O vizinho de frente. Eu sempre dou oi para ele, para o Marcelo, a Patrícia e os cachorros. O cachorro gosta de mim, do vizinho gosta de mim e do outro vizinho gosta de mim. Se eu atravessar a rua correndo, ele fala “au, au, au”. Mas se eu atravessar andando, ele não late.

Então é melhor ir andando do que correndo? Aham. Só que aqui tem muitos mosquitos, por toda a cidade. Aqui tem ventilador, mas a mãe não me deixa ligar. Só o da minha irmã deixa ligar. É porque ela é a mais velha, nasceu mais por último. Ela tem 20. Meu pai tem 24, não, 44. Minha mãe tem 38. Eu tenho 5 e meu irmão tem 10.

Análise:

Primeiramente, é preciso lembrar que a ausência da noção de proporção revela que a criança se encontra na etapa de desenvolvimento gráfico correspondente ao realismo intelectual (Luquet, 1969), em concordância com o que é esperado para a sua faixa etária. Nesta etapa do grafismo, a criança costuma representar vários pontos de vista em um mesmo desenho, ressaltando elementos que são de maior importância para ela. Além da desproporcionalidade, são frequentes também a transparência, descontinuidade, planificação e rebatimento (Souza, 2012). Apesar disso, é possível considerar que o desenho da casa está muito pequeno, indicando inibição e insegurança.

A falta de detalhes na casa é comum em crianças mais novas, sendo que a omissão de detalhes essenciais também o é (telhado, porta, janela e chaminé). No entanto, pode-se entender que a criança procura indicar falta de calor no lar (ausência de chaminé) e certo isolamento do mundo externo (ausência de porta e janelas).

Com relação ao telhado, também levando em consideração a falta de noção de proporção da criança, pode-se notar que há uma parte da casa que não está coberta, indicando um sentimento de desproteção, o que sugere que as interações familiares não são capazes de preservar a criança.

Além desses indicadores, diversos fatores (ausência de janela, desenho pequeno e falta de detalhes) apontam para certo retraimento. Pode-se entender que este retraimento é resultado de seu distanciamento como estratégia para se defender das angústias.

O inquérito revelou informações importantes sobre o funcionamento da criança e sua relação com a família. Quando ela relata que sua calopsita foi solta por uma moça, e que o peixe de sua irmã mordeu o seu, que morreu em consequência disso, é possível entender que ela percebe o quanto a falta de limites pode levar a danos irreparáveis. Sendo assim, demonstra uma percepção de que a incontinência de comportamentos impulsivos pode levar a consequências negativas para si própria e para os outros, deixando todos expostos e desprotegidos.

Além disso, ao fazer menção do cansaço na volta da escola, porque atravessa muitas ruas, a criança sinaliza que a mãe não consegue oferecer-lhe colo, o que simboliza a deficiência de *holding* que a menina experimenta. Assim, Mariana faz uso de outros meios para evitar o perigo, citando o cachorro que late se ela atravessar a rua correndo, como se ele oferecesse a proteção que ela precisa. Nesse mesmo sentido, a declaração de que a mãe não a deixa ligar o ventilador revela a dificuldade de Fátima para afastar os incômodos e as

angústias da criança. Além disso, Mariana sabe que a irmã, que é mais velha, pode ligar o aparelho, o que demonstra uma sensação da criança de que o crescimento tem privilégios.

Em síntese, a mensagem do desenho e do inquérito é a de falta de proteção. Mariana demonstra que o *holding* recebido não é percebido como firme, o que faz com que ela se sinta prejudicada e sem um espaço definido na casa (evidenciado pelo fato de a calopsita fugir). Assim, diante da deficiência para focar e manter as fronteiras do lar (e do colo da mãe), esses limites não podem ser introjetados e formar os contornos do *Self*. Consequentemente, as pulsões orais canibalísticas também não são contidas (um peixe come e mata o outro). Como tem a sensação de que sua mãe não a integra e não a protege, a criança precisa dar conta de si sozinha (longa caminhada) e procurar *holding* em outras figuras (irmã, cachorro).

Árvore - Tempo de produção: 2 minutos

Antes de iniciar a produção, o coelho de Mariana entra na cozinha. Ela brinca um pouco com ele e depois diz: *“O luki é um tratorzão. Ele comeu a porta e cadeira. Eu deixei ele comer a cadeira. Eu tirei ele de lá, mas ele não para de comer a cadeira e a porta. E não para de fazer cocô.”* Após esta fala, a criança iniciou sua produção.

Figura 2: Desenho da árvore feito por Mariana

Inquérito

Da onde é essa árvore que você desenhou? *De lá fora.*

Aqui da sua casa? *É minha árvore. Eu tenho só uma. Todos da rua têm árvore.*

E quem que plantou aquela árvore, você sabe? *Não, não sei.*

E quantos anos ela tem? *Quem?*

A árvore. Quantos anos será? *1, 2, 3, 4. 1, 2, 3, 4. Quatro.*

Quatro anos? *Aham.*

E essa árvore tá viva ou morta? *Viva.*

E ela tem um nome? *Não sei, não sei não.*

E se ela fosse uma pessoa, ela ia ser um homem ou uma mulher? *Uma mulher.*

Por quê? *Porque mulher é mais bonita. E um dia ela sempre fica mais bonita porque ela tem flores brancas. Um dia ela teve flores brancas, pequenas e fofinhas.*

E aqui, está calor ou está frio? *Calor. Frio. Frio.*

E é de dia ou de noite? *De noite.*

Por quê? *Porque sim. Eu vou fazer uma lua. [Faz o desenho] Ficou feia. Eu gosto mais de noite. Eu gosto de coisa que é assustador. Eu vi o desenho de um vampiro que era muito assustador.*

E você ficou com medo? *Não. Eu não tenho medo. A garota que tem medo de cachorro virou um lobisomem e não sabia que o pai dela se transformava em uma vampira. O filho falou, mas o pai dele nunca acredita nele.*

Análise:

A posição do desenho da árvore, mais à direita da folha, indica que Mariana tem uma preocupação com aquilo que é oferecido pelo ambiente, o que a faz antecipar o futuro. A copa da árvore é desenhada em forma de nuvem e um pouco achatada, demonstrando que a menina sente uma pressão ambiental, e fantasia para se defender daquilo que vem de fora. Além disso, a copa da árvore indica possibilidade de desabamento, como se lhe faltasse sustentação. Confirmando essas ideias, a árvore é desenhada com um tronco estreito e raiz pequena, evidenciando que a criança percebe que sua sustentação é fraca, ou seja, não lhe é oferecido *holding* suficiente, conforme já evidenciado no desenho da casa.

Com relação à conversa anterior ao desenho, Mariana refere que seu coelho come diversas coisas, que não deveriam ser comidas, demonstrando uma identificação da própria

voracidade com a do animal, sentindo que as pulsões orais de ambos não têm limites. Esse tema é retomado no inquérito, quando a criança demonstra que há uma identificação com a figura feminina, ao dizer que a árvore seria uma mulher, pois “*é mais bonita*”. Todavia, ao longo do inquérito, a árvore se modifica e a figura feminina, antes positiva e amorosa, se transforma em assustadora, como uma defesa contra o medo de figuras persecutórias e fantásticas que a agrediriam oralmente. Ela pede ajuda ao pai para conter a angústia, mas ele a ignora.

Pessoa - Tempo de produção: 2 minutos

Figura 3: Desenho da Pessoa feito por Mariana

Inquérito

Quem é essa pessoa? *É minha irmã.*

Quantos anos ela tem nesse desenho? *Eu já falei quantos anos ela tem.*

E aí no desenho ela também tem 20? *Vou fazer o número. Minha tia tem 22.*

Você gosta dela? *Aham.*

E o que a sua irmã está fazendo aqui? *Passeando.*

Aonde? *No trabalho dela.*

Onde que ela trabalha? *Na escola, na faculdade, e na farmácia eu acho que ela não trabalha mais. E ela vende relógio. Esqueci de desenhar os óculos, mas eu não sei desenhar óculos.*

Não tem problema. Ela usa óculos então? *Ela já quebrou dois óculos, dois celulares.*

Como? *Derrubando. Agora ela tem um novo celular e um novo óculos.*

Mais alguma coisa que você quer me falar desse desenho? *Vou fazer uma nuvem.*

Está calor? *Sim.*

De dia ou de noite? *Espera aí. Pronto. [Faz um sol] Um sol amarelo. Terminei.*

Análise:

Com relação ao desenho da pessoa, nota-se que há uma ênfase em um dos braços, o que indica agressão e grande necessidade de realização, como se a criança se sentisse cobrada e exigida demais. Os traços faciais são leves e pequenos, indicando retraimento, o que está em concordância com os indicativos do desenho da casa.

A agressividade também está presente nos desenhos das pernas, que estão afastadas. Além disso, há uma denotação de instabilidade nos membros inferiores, o que representa insegurança e dependência. Mesmo considerando que a criança ainda não desenvolveu as noções de proporção, pode-se analisar que o pescoço dessa pessoa está muito enfatizado (devido à largura) com relação ao tamanho do corpo, indicando uma necessidade de controle.

O fato de Mariana desenhar sua irmã indica uma identificação com esta e até mesmo um desejo de crescer e ser independente. Além disso, ela relata que a irmã quebrou dois óculos e dois celulares, apontando para uma forma de comportamento impulsivo, que sugere que Priscila não é digna de confiança, pois é descuidada. No entanto, após esse relato, a criança diz que a irmã tem celular e óculos novos, o que parece demonstrar uma percepção de Mariana de que a irmã recebeu uma recompensa por ter sido impulsiva, revelando que ela tem benefícios por se comportar dessa forma. Em suma, pode-se entender que a criança procura a irmã como fonte de identificação, mas esta não pode ajudá-la a conter a agressividade e nem ensiná-la que a reparação é possível. Esta fala da criança demonstra também que ela não consegue fazer uso da defesa da reparação, mas sim da substituição maníaca, da mesma maneira que a irmã se comporta, pois compra outro objeto, ao invés de tentar consertá-lo.

Pessoa do Sexo Oposto - Tempo de produção: 1 minuto

Figura 4: Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Mariana

Inquérito

1, 2, 3, 4, 5. 1, 2, 3, 4, 5. Tô contando os dedos. Esse é meu irmão. Ele chegou da escola. A escola dele fica aqui em cima. Ele foi em uma escola nova. Ele ia para fazer uma prova. A escola dele estava destruída, mas arrumou de novo.

E você gosta da sua escola? É um parque, não é uma escola. Mas eu vou ser da escola dele. Depois vou ser do primeiro ano. Da minha escola, que é o parque. Eu sou do Jardim II.

Quantos alunos tem na sua classe? Não sei. Nós tamos aprendendo uma regra sobre A, B, C. Todo o alfabeto, a gente tá fazendo, mas não todas as letras do alfabeto ainda.

E é fácil ou é difícil? É, a gente tem que levar o caderno, o estojo e a pasta. É só levantar o estojo e a pasta que eles vêm. E o caderno a gente levanta da cadeira e entrega depois.

E me conta, o que o seu irmão está fazendo aqui no desenho? Hum... Ele tá assistindo o desenho Happy Feet.

O que mais ele gosta de assistir? *Jogo.*

De futebol? *Claro, né? Eu gosto de assistir Chaves, Happy Feet, Nicky Junior, Disney Channel, jogo, um pouquinho... Eu assisto também novelas.*

Qual que você tá assistindo? *Carrossel, um pouquinho, e uma de amor com a minha vó.*

E o Pedro está como nesse desenho? *Feliz.*

E por quê? *Porque ele adora assistir. Eu também assisto ali no computador. Vídeos, jogos. Barbie, Click Jogos, de carro, de festa.*

E aqui nesse desenho está frio ou calor? *Calor.*

De dia ou de noite? *Dia.*

E aqui ele está assistindo TV onde? *Aqui na minha casa, mas agora ele foi no clube. Jogar futebol. Isso é verdade.*

E aqui ele tem 10 anos? *Como você sabe que ele tem 10?*

Porque você me falou. *Aí ele tem 10.*

Análise:

O desenho da pessoa do sexo oposto é pequeno, como os anteriores, corroborando as interpretações já expostas. Diferentemente do desenho do sexo feminino, este apresenta braços muito finos, o que indica dependência. A cabeça do desenho é grande, indicando regressão e grandiosidade, embora esta forma de desenhar seja comum em crianças pequenas.

Da mesma forma, crianças pequenas frequentemente omitem as pupilas ao desenhar, mas é preciso destacar que essa ausência indica contato pobre com a realidade. Este contato pobre pode ser resultante do afastamento do ambiente que a criança apresenta, tendo em vista o temor que ela tem do meio externo e daquilo que ela pode fazer com os outros. Também corroborando as ideias do desenho anterior, as pernas estão desenhadas em posição afastada e instável, demonstrando, mais uma vez, que há agressividade, dependência e insegurança.

Com relação ao inquérito, Mariana, ao apresentar o cotidiano de sua escola, dizendo o que está aprendendo e o que precisa levar de material, revela uma tentativa de situar-se quanto ao seu real tamanho, sendo que assim ela poderia agir como uma criança e ter necessidades e atitudes condizentes com sua idade.

Ao relatar que a escola de seu irmão foi destruída e depois arrumada de novo, a criança traz o tema de destruição e da reparação, como se procurasse por um ambiente que repare os danos sofridos em consequência da falha ambiental. Esta fala da criança indica que

ela procura alguém (com quem ela possa se identificar) que tenha recursos para a reparação, para que ela possa desenvolvê-los em si mesma. Da mesma maneira, quando Mariana diz que vai ser da mesma escola do irmão, ela parece demonstrar que deseja estar nesse ambiente, como se ele fosse indestrutível (porque foi construído novamente) e, assim, capaz de suportar a sua agressividade. Entendendo que a escola do irmão é um ambiente indestrutível, a menina poderá também usufruir da criatividade e imaginação infantis, além de poder se desenvolver e ser autônoma.

Família - Tempo de produção: 3 minutos e 40 segundos

Após receber a instrução sobre o desenho da família, Mariana diz: *Tá. Agora eu vou desenhar uma família. Tudo como começou. Quem nasceu primeiro. Meu pai nasceu primeiro. Eu nasci por último.*

E o que você acha de ter nascido por último? *Não sei. Prontinho. Agora a minha mãe. Minha irmã. Esqueci de fazer o cabelo da minha mãe. Pronto. Agora meu irmão. Esqueci o braço. Agora eu. Agora pronto. E agora... Pronto, meu coelho.*

Figura 5: Desenho da Família feito por Mariana

Inquérito

Então, quem você desenhou aí? *Meu pai, minha mãe, Priscila, Pedro, eu e o Iuki.*

E o que vocês estão fazendo aí? *Uma família.*

Mas vocês estão fazendo alguma coisa? *Uma família.* [Tom de voz agressivo]

Mas está passeando, assistindo, conversando? *Uma família assistindo.* [Irritada]

O que vocês estão assistindo? *Uma família.* [Ainda mais irritada]

Assistindo uma família? *Uma família.*

Aonde vocês estão assistindo? *Espera um pouquinho. Cadê a de diamante? Esqueci no vidro de plástico.* [Falando das tiaras de cabelo que estavam na mesa]

Olha, que bonita! E como vocês estão no desenho? *Felizes.*

E está de dia ou está de noite? [Silêncio, começa a colocar as idades]

E aqui está de dia ou está de noite? [Faz o sol].

E está frio ou calor? [Faz riscos]. *Frio.*

Está ventando? *Sim.* [Agitada]

Mais alguma coisa? *Não.* [Agressiva]

Análise:

A partir da análise desse inquérito à Mariana, é importante destacar que ela bloqueia suas associações na hora de responder às perguntas, além de passar a se comportar de forma agressiva. Assim, ela demonstra que é difícil para ela falar sobre a família e a maneira como eles se relacionam, inclusive colocando em prova a união familiar, já que não consegue especificar o que eles estão fazendo juntos. Provavelmente, Mariana tem dificuldade para perceber a família como um grupo que se relaciona, entendendo-a mais como um aglomerado de pessoas, de maneira que não há um “estar junto”, o que gera na menina dificuldade para responder aos questionamentos da psicóloga. Desse modo, a demanda do desenho e do inquérito impele Mariana a lidar com a percepção que ela tem da família, gerando agressividade e o desejo de mudar de assunto (começa a falar das tiaras).

Ao dizer que se esqueceu de desenhar o cabelo da mãe, Mariana representa que esta figura é desvitalizada, como se faltasse energia a ela para oferecer o que a criança necessita.

Desenho Livre - Tempo de produção: 50 segundos

Figura 6: Desenho Livre feito por Mariana

Inquérito

E onde é esse lugar que você desenhou? *É um jardim que eu vi lá, com um rio e uma ponte.*

E você já foi nesse lugar? Não. *Eu já vi uma ponte. Já andei de navio e a minha irmã esqueceu a blusa dela do Taz. E eu quero andar de avião. Só andei de ônibus para ir lá. É um lugar muito bom.*

E tem mais alguma coisa que você quer me contar do desenho? *Não.*

Análise:

Como pode ser percebido pelo desenho livre, a criança desenha uma flor, demonstrando que este é um lugar agradável. Mariana parece estar procurando aquilo que tinha e que perdeu, como a blusa de sua irmã e a ponte, o navio que ela teve a oportunidade de

conhecer, mas que ficaram muito distantes. Sendo assim, é possível entender que ela procura algo na família e, em especial, na relação com a mãe.

Ainda com relação à blusa da irmã, Mariana declara que esta tinha um desenho do Taz. Nesses termos, parece haver uma identificação da criança com este personagem, uma vez que o Taz é conhecido por correr rapidamente, em um redemoinho, destruir tudo por onde passa e comer qualquer coisa que estiver em sua frente. Assim, parece haver uma voracidade e impulsividade no personagem, que o aproxima de Mariana, como se ela o tivesse citado para demonstrar como é sua forma de ser.

A mensagem transmitida pela criança nesse desenho parece ser uma sequência da produção anterior, sugerindo que ela busca estabelecer elos de ligação e de comunicação entre as pessoas (evidenciando os elos pela ponte, navio e avião). Há uma necessidade de Mariana de perceber que a ligação persistirá, mesmo que ela passe a ser autônoma ou, ainda, se não estiver próxima dos familiares. Para tanto, a mãe precisa estar introjetada, e a menina necessita de um estado de tranquilidade, para que possa compreender que permanecerá na lembrança da mãe. Assim, poderá dar continuidade ao seu desenvolvimento, deixando de apresentar os sintomas expressos pela figura do Taz.

Síntese da Bateria Hammer:

A partir dos dados obtidos por meio da aplicação desse instrumento, pode-se perceber que a criança procura transmitir a mensagem sobre o sentido de sua maneira de ser e de agir, permeada pela impulsividade, parecendo não haver uma distinção clara entre as ameaças que são reais e as que são fantasiadas.

Considerando o que Mariana diz, pode-se entender que a mãe tem dificuldades para oferecer *holding*, impedindo que a menina introjete as noções de contornos do *Self*, e perceba quais são os limites externos. Deve-se destacar que a ausência de um enquadre que transmita segurança faz com que Mariana se sinta perdida. Em decorrência dessa falta de limites internos e externos, a criança se sente insegura, compreendendo o meio externo como ameaçador. Assim, ela se comporta de forma impulsiva, como uma maneira de reagir às ameaças e à insegurança.

Como não sente segurança no ambiente familiar, Mariana não sabe se ele sobreviverá após expressar sua impulsividade, o que a angustia. Parece haver um afastamento entre os familiares, de modo que eles não comunicam uns aos outros as próprias necessidades, nem percebem as dificuldades das outras pessoas, uma vez que talvez não consigam lidar com

estes sentimentos: ficam cristalizados e pouco se mobilizam para modificar a dinâmica familiar. Diante disso, a criança apresenta sentimento de culpa e medo por causar danos a si e aos outros, fazendo com que se retraia algumas vezes. Assim, também demonstra uma preocupação com o tema da destruição e reparação, em consequência de sua forma de ser e de se comportar.

4.2.2 CAT-A

Assim que a psicóloga chega à casa da família, Fátima diz que houve tempo para a criança tomar banho, comer e tomar leite. Conta que a menina estava chorando, porque bateu a cabeça em um poste, quando voltava da escola.

Nesse dia, a criança está bastante agitada, mas aceita bem a tarefa proposta, contando todas as estórias rapidamente. Em decorrência dessa rapidez, a psicóloga tem dificuldade para entender algumas partes das estórias, sendo que a criança responde impacientemente às perguntas.

Ao terminar, a criança se mostra ainda mais agitada. Ela chama a mãe e liga o computador. Enquanto é explicado à mãe sobre a coleta de dados com ela, Mariana fica irritada, porque não encontra um papel em que havia marcado os *sites* que ela gosta de acessar. A mãe escreve novamente, e ela fica, a todo o momento, chamando-a para ajudá-la a digitar ou porque não consegue entrar no *site*. Ela fica bastante brava com a mãe, que responde calmamente. Muitas vezes, interrompe a conversa entre a psicóloga e Fátima; depois, começa a dançar, pular e cantar muito alto, de modo que não é possível o diálogo. A psicóloga então se despede, e a criança lhe pergunta se voltaria no dia seguinte: ela responde que não, mas que voltaria logo.

Análise:

A partir dessa sessão, no primeiro contato, pode-se perceber que Fátima busca demonstrar que é uma boa mãe, contando que cuidou da filha, embora ela, aparentemente, não se sinta assim. Apesar disso, é possível notar que Fátima apresenta dificuldades importantes relacionadas à proteção e sustentação da criança, demonstradas pelo fato de Mariana ter batido a cabeça no poste, quando andava na rua, mesmo estando acompanhada pela mãe.

Mariana demonstrou agitação, impulsividade, rapidez e impaciência ao longo de suas produções. Os eventos ocorridos após a atividade sugerem que a relação entre ela e a mãe é

permeada por desentendimentos, como já havia sido notado na sessão anterior. Foi possível constatar mais uma vez que Fátima tem dificuldades para impor limites à filha, o que facilita a continuidade da maneira de agir de Mariana.

Os comportamentos da criança, como o de atrapalhar a conversa, parecem ser indicativos de ciúme, provavelmente porque Mariana percebe que a mãe está sendo atenciosa com a psicóloga, e que a está “deixando”. Sendo assim, demonstra necessidade de atenção e de cuidado, sentindo que o que recebe é insuficiente.

Estórias

Primeiro cartão

Título: “*A mamãe*”

É um pintinho ou um pato? [Como você quiser.] Uma galinha aqui e os pintinhos. A galinha e os pintinhos. Eles tavam lá no pátio. Quando a mãe deles chegaram e vieram. Para almoçar. [E aí?] Deixa eu ver. [Conta para mim o que aconteceu...] Eles tavam comendo frango. [E eles tavam gostando?] Estavam. E a mamãe que fez. A mesa era feita de madeira. De palha e com os amigos. Um estava almoçando. Bateu a colher e a mesa caiu. Ele estava com tanta fome que deixou a mesa cair e quebrou. Depois, a mamãe escreveu a receita bem no quarto do tio Margarido. E acharam que ela fez a comida e colocaram a mesa de volta e comeram e foram feliz para sempre.

Análise:

A estória de Mariana, levando em consideração os conteúdos latentes do cartão, referentes à figura materna e oralidade *versus* gratificação ou frustração, permite afirmar que a criança sofreu uma privação (“*tanta fome*”), que gerou voracidade, o que faz com que ela destruía involuntariamente o objeto. O *holding* oferecido pela mãe é sentido como frágil (mesa de palha) e a tolerância à agressividade é pequena, de modo que não há continência. A mãe delega sua função de gratificação e sustentação a outro (“*tio Margarido*”), mas, mesmo assim, as crianças são as principais responsáveis por oferecer *holding* a si mesmas, mesmo que pareça que a mãe o faz, conforme fica explícito na passagem em que os personagens acharam que a mãe fez a comida, mas foram eles que colocaram a mesa de volta e comeram.

O final da estória, em que os personagens “*foram felizes para sempre*”, sugere certa defesa maníaca contra o desamparo do precário *holding* materno, embora também indique uma tentativa de reparação, que busca eliminar os prejuízos que a voracidade causou.

Segundo cartão

Título: “*Três ursos brincando*”

Hum... O que são esses? [Ursos.] Os ursos vão brincar de guerra no parque. Eles estão puxando a corda. Porque eles queriam mais. Eles queriam mais. Eles não gostavam, mas ficavam puxando. Eles não podiam parar de puxar. Quando a corda rasgou, eles ficaram muito tristes. Então foi pedir ajuda. Eles estavam muito cansados e pediram uma carona. Depois ele achou que achou, mas não achou, não. Depois ele encontrou uma amiga. O urso. Depois, ela consertou a corda, nós brincamos. Dividimos a corda. Brincamos e fomos felizes para sempre.

Análise:

Novamente a criança demonstra uma avidez desproposita, o que era lúdico se torna incontrolável e se confunde com a agressividade involuntária (pré-crueldade), que destrói o objeto e o vínculo com ele (“*eles não gostavam, mas ficavam puxando (...) quando a corda rasgou*”). Nota-se que a perda acarreta dor e culpa (“*eles ficaram muito tristes*”), levando a entender que a criança percebe a sua impulsividade oral como algo perigoso, que pode trazer consequências negativas. Coloca-se como incapaz de efetuar a reparação por si mesma, o que a faz buscar ajuda externa, que ela obtém depois de tentativas frustradas. O auxílio reparatório oferecido pelo outro torna então a criança menos temerosa e capaz de retomar o simbolismo e o brinquedo.

Terceiro cartão

Título: “*Um urso bateu em uma coisa, ficou doente e ficou feliz*”

Um leão sentado. O leão estava assistindo televisão. Então ele bateu a cara e depois a cachorra dele empurrou ele na parede. Foram ao médico. O médico disse para fazer um

prato, ir no chuveiro, comer o almoço, tomar o remédio e depois saiu, assistiu televisão e ele ficou muito feliz que saiu e a cachorra dele também. Ele ficou muito feliz e ficou feliz para sempre. Essa estória parece das princesas.

Análise:

Nessa estória, a criança revela novamente a brincadeira interrompida, mas agora pela ação de alguém que deveria protegê-la e em quem ela deveria confiar (a própria cachorra). Mais uma vez, as possibilidades de reparação se encontram fora do lar e demonstram que há uma busca pelo oferecimento do *holding*, do *handling* e da gratificação, que podem ser encontrados e proporcionar o brincar criativo, consistindo em sua fantasia de cura.

Enfim, nessa produção, Mariana demonstra novamente a deficiência do *holding* e do *handling* que recebe, indicando que precisa da presença do outro para que possa satisfazer suas necessidades, a fim de que a reparação seja possível.

Quarto cartão

Título: *“Três cangurus indo passear para brincar”*

O que é isso? [Cangurus...] Tá. Cangurus tavam passeando. Caiu a cesta e a bolsa. E o canguru não estava achando a cesta. Aí a bexiga saiu voando. Aí ele pediu ajuda. Um amigo achou o chapéu. O outro achou a bolsa. Uma senhora achou a cesta. Era uma girafa salvou ele e eles ficaram muito felizes porque recuperaram tudo o que perderam. Ficaram muito feliz, foram na floresta, brincaram na floresta e não se perderam na floresta, porque lá tinha mais gente para brincar. E lá tinha uma menininha e fim. [E quem era essa menininha?] Era uma linda menininha que achou a bolsa do canguru. [E ela foi brincar com eles na floresta?] Sim. [E do que eles brincaram?] De pega-pega de bicicleta. [E depois?] Eles voltaram para casa felizes para sempre e fim.

Análise:

Considerando que o conteúdo latente deste cartão remete à imagem materna e o que se passa no ventre da mãe, pode-se perceber que a criança transmite novamente a ideia de um *holding* materno inseguro, que não é suficiente e não a protege. Além disso, a mãe, por si só,

não tem energia, recursos e nem flexibilidade para reparar a falha que cometeu na sustentação. Como nas estórias anteriores, é necessária muita ajuda exterior para que a reparação ocorra, para que a criança se sinta contida, segura e, assim, possa brincar.

Com relação à figura materna, nota-se que, nesta estória, a mãe está sozinha e não consegue exercer o seu papel, como se faltasse alguém para ajudá-la no cuidado dos filhos e na reparação, o que pode sugerir ausência afetiva da figura paterna.

Quinto cartão

Título: “*O gatinho e o elefante brincando em uma cama*”

Uma menininha em um quarto. Estava brincando o elefante e a gatinha. Então foi passear. Se perdeu. Então o elefante salvou ela e ela fez ele dormir. Ela perguntou aonde ele ia e ele disse que não sabia. Ela falou “Então pode ficar aqui”. E aí ela arrumou tudo para ele e disse boa noite. Ele disse boa noite para ela e eles ficaram muito felizes e fim. [Então quem dormiu aqui nessa cama maior?] O gatinho. [E onde que o elefante ficou?] Aqui. [No berço?] É.

Análise:

A distorção perceptiva do quadro (os dois ursinhos idênticos vistos como um elefante e um gato) sugere possíveis dificuldades de espelhamento vividas em um momento precoce da infância. A autonomia é exercitada, mas há o receio de não mais encontrar o lar no caminho de volta. Existe, assim, o temor de que os pais não estarão esperando por ela. De acordo com a estória, a única solução é encontrar uma nova família, já que a própria foi perdida.

A criança parece, assim, sentir-se desorientada pela falta de um enquadre em seu cotidiano, que lhe permita sair do casulo familiar, sem o risco de se perder. Com isso, a caminhada rumo à autonomia pode ser angustiante e provocar perda de continuidade do lar e da família, além de exposição aos perigos do mundo.

Sexto cartão

Título: *“O urso pensou que era um barulhinho”*

Era uma vez uns cachorros desafiadores. Estavam dormindo. Ouviram um barulho, se foram, achou alguém e se foi. Depois ele voltou para casa e acabou com todos aqueles estranhos. Ele voltou para casa e dormiu. Aí ele acordou e ouviu uma aranha, mas não era nada. Então ele ficou muito feliz que não era nada e fim. [Então, ele ouviu um barulho e o que aconteceu?] Não era nada. Aí ele passeou e voltou. Era o pequeno que tava vindo trazer para trazer isso daqui. São dois ursos e antes eu achei que era cachorro.

Análise:

De acordo com essa história, Mariana demonstra uma situação de alerta diante da possibilidade de invasão e do perigo, que gera medo. Sentindo-se exposta, ela própria precisa se transformar no perseguidor (*“cachorros desafiadores”*) e tornar-se uma ameaça. Contudo, o caráter defensivo dessa solução faz com que o medo continue a existir de modo insidioso, e permaneça certo grau de hipervigilância. De acordo com a produção da criança, nota-se uma dificuldade na tarefa de diferenciar a ameaça real da fantasiosa, que se torna mais difícil por ela contar apenas consigo própria para realizá-la.

Sétimo cartão

Título: *“Um tigre mais um macaco e alguém salva ele”*

Hum... Um tigre pulou em cima dele e o outro salvou o macaquinho. Ele ia ficar muito feliz, quando ele morreu. Mas alguém veio e deu uma mamadeira para ele. Eles ficaram amigos e ficaram muito felizes. Ele agradeceu muito e ficaram muito feliz e ele foi embora muito agradecido. E fim.

Análise:

Como nas outras produções, existe a menção a uma sensação de exposição que ameaça a criança com a própria aniquilação e morte. Mariana se sente desamparada diante dos perigos do mundo, mas anseia e espera pelo surgimento de uma figura protetora, capaz de provê-la com *holding* e proteção (“o outro salvou o macaquinho”).

Embora não conclusiva, sua fala de que “*Ele ia ficar muito feliz, quando ele morreu*”, revela que a participante teve uma experiência de sofrimento, em que a angústia da aniquilação esteve bastante próxima. No entanto, o final é feliz, de modo que há possibilidade da reparação, com a ajuda do outro.

Oitavo cartão

Título: “*Os quatro macacos e os filhinhos que se perderam e que acharam todas as coisas que perderam*”

Uma família de macacos. Um macaco foi para o canto e saiu e impediu tudo pela floresta. Depois, a rainha, que é a vovó dele, ficou esperando. Como achamos que um bebê se perdeu. “Mas como se perdeu? Ache tudo”. Aí foram lá, achou, a vovó gostou, trazido o almoço. Ela gostou e deu um abraço de carinho, uma banana, uma estrela dourada, um brinco e uma flor. [E para quem que a vovó deu tudo isso?] Todos. A vovó deu um brinco para elas e uma estrela para eles. [E por que ela deu?] Porque ela tava feliz. [E por que ela tava feliz?] Porque eles fizeram um bom trabalho de encontrar o pequenininho que estavam perdidos.

Análise:

Nessa estória há um rompimento entre um bebê e a mãe, uma vez que o bebê vai longe demais e se perde, devido a certo descuido da família que não pode ser compreendido (“*Mas como se perdeu?*”). Há uma expectativa de que a figura materna (ou sua substituta) sinta a sua falta, tanto quanto ela sente a da família, de maneira que se espera que esta última não poupe esforços para reencontrar o bebê. Espera-se, ainda, que o reencontro seja marcado por afeto, de maneira que as feridas causadas pela separação sejam reparadas.

Nono cartão

Título: *“Um coelhinho cansado, foi beber água e escutou um barulho”*

Tinha um coelho deitado em uma cama, então ele ouviu um barulho. Ele achou que era um urso que assustava ele, mas não era nada. Ele levantou, tomou água, comeu uma maçã, voltou a dormir, ficou muito feliz esse dia, gostou muito e foi feliz, para sempre feliz. Fim. [Por que ele ficou feliz?] Porque não era nada, deu tudo certo. Fim.

Análise:

Nessa produção quase autobiográfica, Mariana revela novamente a sua solidão diante de virtuais ameaças, que ela ainda não pode classificar se são reais ou fantasiadas. Ela mostra que não pode contar com ninguém para ajudá-la a fazer essa diferenciação: o personagem está sozinho durante a madrugada e precisa enfrentar os seus medos sem a ajuda de alguém. Sendo assim, há uma aproximação com o cotidiano da participante, que fica acordada durante parte da noite e se alimenta.

Ainda com relação ao fato de o personagem tomar água e comer uma maçã, pode-se pensar que a criança sente a necessidade de introjetar um bom objeto, a partir da ingestão de um alimento, para se sentir fortalecida e aliviada do medo que sentiu, após haver constatado que a ameaça não era real (diferenciação entre sono e vigília, fantasia e realidade). Pode-se entender que esta necessidade ocorra justamente pela ausência de uma figura que a proteja, e também por ela estar sozinha nessas situações que sente como amedrontadoras (filmes de terror).

Décimo cartão

Título: *“Um cachorro não queria fazer xixi e a mamãe perdeu ele”*

Uma senhora, mãe de um animal, ele correu e a mamãe perdeu ele. Ele caiu de uma árvore e a mamãe achou ele. Pegou uma toalha, pôs ele na água, deu banho nele, aí então ele obedeceu, nunca mais fugiu. Ele tomou banho e ficaram muito felizes. Ela tinha sentido muita falta dele e ele dela. Eles se deram um abraço e um beijo. [E aqui o que ela está fazendo com ele?] Sentada. Fazendo um carinho nele.

Análise:

A partir da estória criada, entende-se que a criança demonstra um sentimento de desencontro com a mãe, cujo campo de ação é restrito e não comporta a fluidez da espontaneidade da menina (o animal se perde e depois cai). Há assim uma ideia de que a mãe (ou a filha) foi perdida e é necessário um reencontro. Essa reaproximação afetiva, trazendo de volta o cuidado da mãe, repara o sofrimento da filha, que angustia também a genitora. Assim, o oferecimento de *holding*, na medida em que proporciona limites à menina, forneceria um território seguro para o exercício da espontaneidade. Há a esperança do reestabelecimento do vínculo, e acima de tudo, de que a mãe também deseje o reencontro (*“Ela tinha sentido muita falta dele e ele dela. Eles se deram um abraço e um beijo”* e *“Fazendo um carinho nele”*). Nesse momento, Mariana parece ter procurado demonstrar sua fantasia de cura, ou seja, o restabelecimento do vínculo entre ela e a mãe favoreceria a retomada de seu desenvolvimento emocional.

Escolha dos cartões que mais gostou e que menos gostou

Cartão que mais gostou: Segundo

Eu gostei desse porque eu adoro coisas assustadoras e eu usei esse critério. Eu assisti um filme de uma garota que vira lobisomem e eu adorei. E nessa o urso é assustador.

Cartão que menos gostou: Oitavo

Acho que é esse. Porque ele tem uma vovó. Ela tem óculos e é macaca. Essa avó me deu um medo. Ela tem uma coisa na cabeça e usa óculos. Você sabia que eu tenho medo de carro? [Medo de carro?] Tem uma amiga. Ela tava ali e o carro bateu e machucou aqui e aqui e quebrou um dente. Eu já quebrei o pescoço, a perna e um braço. O pescoço eu caí, a perna foi no pula-pula e o braço é que eu subi em cima do sofá. O do urso é engraçado, assustador e sangrante. E eu adoro coisas assustadoras e sangrantes.

Análise das escolhas:

A partir das escolhas da criança, sobretudo o cartão de que mais gostou, é possível compreender que Mariana é atraída por “*coisas assustadoras e sangrantes*” como uma tentativa de elaborar seus medos, no mesmo sentido que a identificação com o perseguidor é uma defesa contra eles. No entanto, esta estratégia de elaboração não é satisfatória para ela, uma vez que ela também sustenta suas angústias. Desse modo, a exposição dela a conteúdos que causam medo gera ainda mais angústia, uma vez que ela ainda está buscando diferenciar as ameaças reais das fantasiadas.

Ao relatar sobre o cartão de que menos gostou, a criança utiliza o espaço para falar sobre o seu medo de carro, que já havia sido comentado pela mãe. Nota-se que esse medo origina de uma ameaça: a autonomia sem o *holding* seguro da mãe a expõe a situações em que ela pode se machucar. Quando está na rua, a criança sente-se ainda mais ameaçada, como se soubesse que ninguém a protegerá, utilizando o carro para exemplificar este medo. Dessa forma, o espaço transicional, entre a rua e a casa, não pode ser usufruído de modo que possa exercitar aos poucos a autonomia.

Síntese do CAT

A partir da análise geral de todas as histórias, pode-se concluir que a criança apresenta temáticas constantes. Primeiramente, Mariana demonstra uma maneira de ser e de se comportar impulsiva, caracterizada principalmente pela voracidade, que pode, inclusive, levar a danos que ela considera irreparáveis em algumas situações.

O temor a esses danos e a culpa que eles acarretam são sustentados, em sua permanência, pela deficiência de *holding* principalmente no que concerne à falta de limites protetores, que a ajudem a distinguir os perigos reais dos irreais, as ameaças verdadeiras das fantasiosas. Com isso, a criança sente-se desprotegida e vulnerável aos riscos internos e externos. A existência de um enquadre bem delimitado e seguro para a criança lhe permitiria usufruir de sua espontaneidade e de uma existência criativa no mundo.

Mariana demonstra um sentimento de que está sozinha e desprotegida, que precisa se defender, sendo que, diante dos perigos que percebe, transforma-se no perseguidor, como estratégia para se proteger. No entanto, essa estratégia não é suficiente, e o perigo se mantém, o que faz com que a menina continue buscando um *holding* que não é encontrado nos pais.

Por conta disso, procura em seus pares e nos animais uma proteção e limites que lhe permitam controlar sua impulsividade e angústia.

A todo o momento, Mariana demonstra que pede ajuda aos pais, mas que não a obtém. Do ponto de vista da criança, Fátima parece não estar pronta para atender às suas necessidades, e Carlos parece não se importar com seus medos. Assim, Mariana tenta, o tempo todo, ultrapassar os limites, a fim de encontrar *holding* e uma imposição de autoridade por parte da mãe. No entanto, sua mãe não vai ao seu encontro, e a criança fica sem referenciais e sem saber até onde pode ir. A menina, sem referenciais claros, teme se perder novamente da mãe, o que a faria reviver uma privação que já aconteceu em outros momentos, e que parece ser a raiz primeira de suas dificuldades. O desejo da criança parece ser o de ter uma mãe mais firme e consistente, auxiliando-a no processo de compreender os perigos reais, para poder agir com segurança.

Presente em quase todos os cartões está a temática da reparação, com os personagens conseguindo, no final das histórias, restaurar as consequências negativas que a impulsividade, própria ou do outro, ocasionou. A insistência nessa temática revela a esperança da menina de encontrar alguém que a auxilie no desenvolvimento de suas capacidades reparatórias que, introjetadas, farão com que ela tema menos a sua impulsividade, e possa vivê-la sem precisar atuá-la.

4.2.3 Síntese do Caso - Mariana

Os resultados da Bateria Hammer e do CAT-A evidenciam que Mariana experimenta sentimentos de insegurança e dependência em relação ao outro, advindos da maneira como ela vivencia a relação com a mãe: a criança não sabe se a figura materna pode protegê-la. A ausência desse sentimento de proteção impede que se desenvolva livremente rumo ao alcance da autonomia, o que acentua a dependência, criando um círculo vicioso difícil de romper.

Assim sendo, Mariana sente que a mãe não consegue atender suas necessidades, e procurou demonstrar, ao longo de todo o contato com a psicóloga, que o *holding* materno é deficitário e não lhe oferece suporte e limites. Sem contenção por parte da mãe, Mariana não consegue estabelecer solidamente os limites do seu *Self* (e conhecê-los bem), o que a orientaria em relação a quem é e até onde pode ir, sem se perder da família e de si mesma. É essa situação que promove os sentimentos de desproteção, vulnerabilidade e angústia, que ela (ao mesmo tempo) expressa e combate por meio de uma conduta impulsiva e agitada. Embora tenha consciência de que essas ações podem ocasionar danos importantes e graves ao outro,

ela não as consegue conter sozinha, o que lhe agrava a angústia (agora pela culpa) que deseja evacuar rapidamente, por meio dessas defesas de caráter maníaco e antissocial.

A situação se torna ainda mais complexa com a indefinição dos limites do *Self* (que a impede de ir pouco a pouco diferenciando as ameaças reais das imaginárias), e Mariana precisa se envolver sozinha nessa tarefa, usando como uma das estratégias a aproximação de situações fictícias que causam medo (filmes de terror e ficar acordada durante a madrugada, por exemplo), para poder sentir um alívio, ao perceber a sua natureza irreal. Como essa solução não é completamente satisfatória, a menina permanece presa a angústias de natureza persecutória e, sem a ajuda materna, é obrigada a se identificar com o perseguidor, como uma forma de se defender e sentir-se capaz de enfrentar os perigos que ele traz.

As produções de Mariana nas duas técnicas projetivas sugerem que suas dificuldades parecem enraizar-se em situações de perdas sofridas, provavelmente mais de natureza emocional do que real, e vinculadas principalmente à figura da mãe. Essas experiências não puderam ser reparadas posteriormente por Fátima, o que (juntamente com a obscuridade dos limites do próprio *Self* e o da mãe) dificulta o processo de introjeção, por parte da filha, de uma figura materna boa e sólida, que a auxilie a enfrentar as dificuldades quando não há alguém por perto.

Em sua vertente positiva, os comportamentos agressivos, agitados e impulsivos de Mariana constituem um esforço dela para encontrar a mãe que ofereça *holding*, que atenda a suas necessidades e que a auxilie na compreensão dos limites do *Self*, e o insucesso dessas tentativas faz com que mantenha seu sentimento de desamparo, e passe a buscar experiências de reparação em figuras externas ao meio familiar ou mesmo nos animais, mas ainda sem êxito.

Assim, o quadro sintomático da criança demonstra uma busca por mudanças que possam auxiliá-la, indicando que não está passiva, e precisa de ajuda. Além do mais, Mariana reflete, ao longo das atividades, tentativas de fazer e buscar reparações autênticas, que representam o desenvolvimento do comportamento visando à reconstrução do objeto, fato que pode indicar um bom prognóstico para a criança (Bohoslavsky, 1971/1991).

4.3 Fátima (mãe)

4.3.1 Bateria Hammer

A psicóloga vai até a casa de Mariana, sendo atendida por Fátima e Pedro. O menino é bastante quieto, cabisbaixo e tem um olhar triste. Mariana está brincando no quarto. A aplicação da Bateria Hammer é feita na cozinha. Fátima parece bastante ansiosa com a atividade, embora tente não demonstrar. Ela fica mais à vontade no decorrer da conversa.

Ela executa todos os desenhos, conforme solicitado, mas parece bastante incomodada para responder às perguntas feitas. Apesar disso, conversa sobre as dificuldades que tem com a família, principalmente com sua mãe, sua tia e sua sogra, deixando a entender que está com problemas no casamento também, mas não fala explicitamente sobre eles, em momento algum.

Diversas vezes os filhos interrompem a conversa, mas isso não atrapalha o desenvolvimento da sessão. Em um dos momentos, Mariana, que está doente, começa a vomitar. Chama atenção a calma de Fátima que, primeiramente, não se levanta, mas depois vai até a filha e retorna rapidamente, retomando sua fala.

Ao final da sessão, Mariana fica irritada por não ter recebido atenção da psicóloga, sendo que esta marca um horário para retornar à casa e brincar com a criança.

Análise:

O contato com Fátima, inicialmente receosa, oferece informações importantes sobre o relacionamento familiar. A participante parece ter dificuldade para relatar os problemas no casamento, apenas comentando superficialmente sobre a maneira como o marido se relaciona com a família, o que sugere certa ambivalência diante da ajuda oferecida pela psicóloga. Quando Mariana começa a passar mal, Fátima demonstra distanciamento: primeiramente, não vai ajudar a criança e, depois, parece não se importar muito com a situação. Mesmo quando vai auxiliá-la, a mãe demonstra que cuida, mas não lhe oferece atenção suficiente, o que já havia sido percebido no dia anterior de aplicação dos instrumentos.

Desenhos da Bateria Hammer

Casa - Tempo de produção: 25 segundos

Figura 7: Desenho da Casa feito por Fátima

Inquérito

Você pensou em alguma casa para desenhar? *Não... Eu pensei na minha época, no desenho que eu fiz quando eu era criança. Lembrei da minha mãe, ela que ensinava, mandava desenhar a fumacinha.*

Imaginando que fosse uma casa em que você gostaria de morar... Quem você gostaria que morasse com você? *Minha família, meus filhos, meu esposo, minha mãe e a minha irmã.*

E quantos andares teria essa casa? *Normal. Térreo mesmo.*

Qual quarto seria o seu? *O meu de hoje mesmo.*

E como está o tempo nesse desenho? *Tá calor.*

De dia ou de noite? *De dia.*

Você prefere o tempo como? *De dia e calor, mas não precisa ser muito calor.*

Do que esta casa te faz lembrar? *Da minha mãe me ensinando a desenhar.*

Análise:

O desenho da casa é feito com duas portas pequenas, indicando reserva e sentimentos de inadequação e indecisão. Estes sentimentos parecem oriundos da dificuldade de Fátima para lidar com os problemas familiares, o que a leva também a oscilar em sua forma de agir.

Outro fator importante do desenho da casa refere-se à falta de janelas, evidenciando retraimento. Esta ideia está em conformidade com a indicação de reserva expressa anteriormente, o que demonstra uma dificuldade de Fátima para expor suas preocupações e compartilhar suas experiências.

Com relação ao inquérito, Fátima responde às perguntas de forma sucinta, mas, mesmo assim, revela uma recordação de sua infância e de sua mãe (que a ensinou a desenhar, que gostaria de tê-la morando na casa). Nesse momento, Fátima parece experimentar uma regressão durante a atividade, de maneira que volta à infância para reviver a boa relação de ambas, retornando a um momento em que a figura materna era amorosa e lhe oferecia *holding*. Todavia, não se trata de uma regressão pura e simples, visto que há o desejo de prosseguir com a vida adulta (morar na casa com o marido e os filhos, no quarto que já é seu). Dessa maneira, a produção sugere a necessidade de retomada do contato com a mãe, para sustentar a sua vida atual.

Árvore - Tempo de produção: 25 segundos

Figura 8: Desenho da Árvore feito por Fátima

Inquérito

Você pensou em alguma árvore específica? *Ah, eu pensei numa árvore cheia de frutos, tá entendendo? Não tem mais, né? Mas nada assim, você entende?*

E quantos anos você acha que essa árvore tem? *Essa daqui? É da minha infância, essa árvore. Uns 30 anos ela tem na minha mente.*

E ela está viva ou morta? *Viva.*

Se essa árvore fosse uma pessoa, seria um homem ou mulher? *Uma mulher.*

Por quê? *Porque ela é bonita, é assim, meiga. Tão meiga que ela parece! É uma mulher.*

Esta árvore precisa de alguma coisa para ficar mais forte? *Precisa ser adubada, de água.*

Onde ela está? *Em um jardim.*

Sozinha ou com outras árvores? *Não pensei nisso.*

Tem vento soprando? *Não. Está calor, sol. Sem vento.*

Análise:

O desenho da árvore é feito à esquerda da página, indicando retraimento (como no desenho da casa), preocupação consigo mesma, fixação no passado e impulsividade. Com relação à fixação no passado, Fátima transmite essa ideia ao longo dessa atividade, como já discutido no inquérito da primeira produção.

O desenho da árvore é feito sem galhos, o que evidencia novamente que há retraimento. Há indícios de que Fátima apresenta ansiedade e tem necessidade de segurança (desenho da linha do solo e ausência de raízes), buscando satisfazer algumas de suas necessidades de forma fantasiosa (desenho da copa em forma de nuvem). O fato de Fátima ter desenhado a base do tronco mais larga indica que há dependência, da mesma maneira que o desenho de uma árvore frutífera fornece também este indicativo.

Com relação às perguntas, novamente há uma aproximação sua da infância (*“É da minha infância, essa árvore”*). A participante parece representar a figura materna que perdeu a vivacidade que tinha, indicada pela ideia de uma árvore que não tem mais frutos, figura esta com quem ela parece se identificar. As frutas desenhadas, mas que não existem mais, parecem representar a criatividade da mãe que esteve presente durante a sua infância, mas que foi perdida e da qual ela sente falta. No momento em que a participante enfatiza que a árvore precisa ser adubada e irrigada, parece haver uma sensação de que a mãe não pode mais oferecer o que ela precisa, uma vez que é a figura materna que necessita de cuidado neste momento.

Pessoa - Tempo de produção: 35 segundos

Figura 9: Desenho da Pessoa feito por Fátima

Inquérito

A minha mãe.

Sua mãe. Quantos anos ela tem nesse desenho? *30, 30 e pouco. Na época que ela vivia.*

E o que ela está fazendo? *Ela está se comunicando, falando. Hoje ela fala menos, parece que não interage mais, tudo é difícil. A gente se pergunta: “Meu Deus, será que a gente está errando, bajulando demais?”, porque tudo é difícil para ela, tudo o que ela tem que fazer, ela tem condições, mas é difícil. Chega final de ano, até uma comida não dá, não tem assim, comunicação, sabe? É isso que eu acho que dói.*

E como está o tempo nesse desenho? *De dia, calor.*

E onde ela está? *Tá na casa dela.*

E o que você acha que falta para ela ser mais feliz? *Não sei, é difícil achar o que está faltando. A separação fez muito mal para ela.*

Quanto tempo faz que ela se separou? *12 anos. Na época parece que ela estava tão determinada que parece que hoje ela sofre. Na época ela tomou uma atitude: “Não dá para*

mim viver, não é isso que eu quero para mim”. E hoje parece que ela não quer demonstrar, mas faz falta. Entende? Ela vê a sogra do meu irmão, que na época parece que aceitou a traição, tudo. Aí esses dias chegou a sogra do meu irmão: “Devia ter feito igual ela, tá aí numa boa”. Agora ela tem as limitações dela, vive com uma pensão, tem uma dor no braço que não acha o que é. [Mariana começa a vomitar no banheiro. Fátima sai e volta rapidamente]. [Referindo-se à Mariana] Como ela está com tosse, não pode tomar o remédio do refluxo, então ela vomita. Porque o médico falou que se tomar o remédio do refluxo, não deixa o outro fazer efeito. Então é isso mesmo, ela [mãe] sente essa dor no braço. Outro dia, tava no consultório médico e ela leu que podia ser um negócio de dente. Aí ela achou que era o dente. Eu com o meu irmão trocamos a dentadura dela, trocou, ela achou que não ficou bom. Nós falamos: “Mãe, a mãe vai e escolhe o dente que a mãe quer”, mas ela achou que não ficou bom. Levamos em outro. Fez. Nos primeiros dias ficou bom, depois voltou. Ela fala que não aguenta essa dor. E não aceita. Ela quer achar depressão no outro, mas ela não aceita. Nunca consigo levar ela em médico, assim. Não gosta que a gente vai em médico com ela. Na última vez que a minha tia foi com ela, achou que era frescura. Então ninguém vai no médico com ela e eu acho que o que mexe mais comigo e com meus irmãos é essa situação que ela escolheu viver. E a gente não tem como ajudar, né? E além de tudo, ela não para de fumar. Parou, ficou todo mundo contente. E agora, voltou e tá fazendo isso escondido. Você entende? Ela fala que tem um medo de morrer e deixar minha irmã, mas só que não... Ela não deixa de fazer certas coisas. E eu falo que o que mexe comigo e com meus irmãos é isso, a gente faz de tudo para tentar ajudar e não consegue. A gente fala que quando o meu pai tava em casa, a casa podia tá caindo. Agora que não tem condições, a gente faz tudo o que consegue fazer para ela, e não tá bom. Queria um sofá, fomos lá e compramos um sofá. Você acredita que ela falou que não estava bom? Agora queria um rack, compramos um rack pequeno, ela voltou o velho na sala e colocou o novo no quarto da minha irmã. Aí queria uma cortina, compramos a cortina, agora quer que meu marido e o meu genro vai lá para mudar o trilho porque a cortina não tá do jeito que ela quer. [Mariana chega, diz que a mãe tem que fazer um sol no desenho. A mãe diz que ela não vai mexer no desenho dela e pede para ela ir para o quarto. Ela obedece]. Então eu acho que o que mais me machuca no momento é essa mãe que eu gostaria de ter e que eu não tenho. Você entende? Ela fala que luta por causa da Jéssica. Às vezes a gente liga lá e ela fala “Ah, achei que eu ia morrer hoje, mas não foi dessa vez”. Você entende?

Você vai bastante na casa dela? Tô indo até menos agora. Com esse negócio dela ter voltado a fumar, eu chego lá, descarrego as crianças rapidinho para ir entrando, porque se tiver, ela

para. Tá aquele clima, aquele negócio. Meu marido tinha dito para todo mundo que ela tinha parado de fumar. Então, foi um choque. Minha irmã fala: “nem isso a mãe para pra dar uma...”. Nesse assunto de mãe tá difícil, ela é um amor sabe? Sempre foi uma mãezona, mas ela tá... Eu falo que ela tá vivendo em função da Jéssica mesmo. Eu falo que as duas tá mole. Eu tenho uma irmã que é casada e ela fala “Vocês ficam bravos que eu vou todo dia comer na mãe, mas se eu não vou comer, ela não faz comida”. Ela fala que come um miojo, faz um lanche, então a Jô fala: “Eu indo lá, ela faz comida” e ela dá a cesta básica e compra mistura para levar toda semana, e ela fala: “Para mim é melhor porque eu trabalho o dia inteiro” e é verdade. Às vezes eu chego lá de noite e ela fala que fez um miojo para ela e a Jéssica. E as duas estão só engordando. Esse ano a Jéssica vai na APAE de manhã e à tarde no sítio². Ficou melhor, porque senão ela fica só na televisão.

E lá ela faz um monte de atividade, não é? Não faz. Ela é sossegada. Outro dia a psicóloga até chamou a minha mãe. Falou que no começo ficaram até preocupados porque ela passa mal. Mas é que a minha mãe não deixa ela fazer nada. Minha mãe põe roupa nela, ela tem 21 anos. E quando ela tá com nós, a gente fala: “Se vira aí”. Ela foi viajar comigo e com a minha tia para Goiás uma vez e ela ficou no quarto da minha tia e ela falou: “Eu não troco ela, não”. E ela sabe tudo. Eu vou limpar a casa da minha mãe, se eu ponho um tapete errado ela vai reclamar para a minha mãe que eu pus o tapete errado. Eu falo para minha mãe: “Mãe, a mãe precisa ensinar a Jéssica a fazer alguma coisa, tirar um pó”, mas não. Às vezes a minha mãe não tá boa, se ela ver que a minha irmã não vai ajudar, ela fala para minha irmã: “Por que você não vem me ajudar, eu tô tão sem vontade”. Você vê, a Jéssica tem 21 anos. É coisa que ela podia fazer. Isso tá incomodando a gente, mas tem hora que a gente não sabe nem o que é bom ou o que é ruim. Não sei se tô certa, se eu tô ajudando. Mas eu faço a minha parte assim, e a falta. Ela foi uma vó tão boa para a Priscila, que agora eu não sei... Ela liga, qualquer coisinha, ela liga: “As crianças tão boa?”. Mas não é assim, mais, aquela avó assim de falar: “Traz as crianças aqui, tão de férias”. Mas eu também não vou levar porque aí meus irmãos falam: “Olha, a Fátima, tá deixando os filhos tudo com a mãe”. Porque só eu que tenho criança, agora que meu irmão tem um nenenzinho. Mas eu queria levar ela lá para distrair ela, mas uma que a Mari chega lá, já derruba a casa inteira. Ela adora mexer nas coisas da Jéssica, e para a Jéssica é a morte, né? E ela, a Mari, já

² Extensão da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que atende pessoas maiores de 16 anos com deficiência intelectual e deficiências múltiplas. São realizadas atividades da vida diária e ocupacionais, visando à inserção no mercado de trabalho.

percebeu que a Jéssica... Então, ela chega lá, ela fica louca para entrar no quarto da Jéssica, louca, louca. Então, é mais essa parte de mãe, eu falo que eu acho falta daquela mãe, de fazer o pão, de ter o bolo, sabe? Ela parou e a gente que aprendeu a tomar conta de tudo. Nós perdemos o pai e a mãe porque ela não se interage. No fim do ano alugamos uma chácara para ficar, só dar risada. Ela ficou lá com o sudoku dela, que é o refúgio dela. Ela só na mesinha dela, todo mundo lá pintando e bordando e ela só com o sudoku dela. É ela lá e minha avó no bingo. Minha avó não tem mais assunto também, qualquer coisa é bingo. O bingo é na casa dela. Agora, todo dia de tarde, porque ela começou a sair muito e minha tia começou a ficar brava, uma tia que mora com ela: “Mãe, eu tô trabalhando e fico nervosa com a mãe andando para a rua”. O que ela fez? Levou o bingo para a casa dela. Não adianta você nem ligar à tarde para ela que ela nem te dá atenção. Das duas horas até às seis horas ela tá no bingo. Aí a tia chega. Ela fala: “Aí chego, não tem nem uma janta pronta”. “Ai, Sônia, não tem mistura”, aí que vai ver. Eu falo que as duas desligou. Tá difícil viu, falei que tá difícil a união.

Análise:

O desenho da pessoa tem algumas distorções leves, como a diferença entre os braços, ombros e pés, indicando ansiedade. Os traços faciais são leves, com olhos, nariz e boca pequenos. Há, assim, novas evidências de retraimento. Dentre os elementos faciais, deve-se ressaltar os olhos, pequenos e com pupilas omitidas, demonstrando presença de contato pobre com a realidade e introversão.

As pernas da pessoa desenhada são muito finas e estão em posição instável, como na produção de Mariana. É possível observar que o desenho evidencia características de Aparecida, que é a figura reproduzida. Sendo assim, a produção indica que a figura materna é uma pessoa com sentimentos de desamparo e perda de autonomia, ocasionados pela perda do cônjuge. Nesse contexto, a figura desenhada apresenta preocupações sexuais (ênfase nos cabelos), provavelmente originárias das dificuldades relacionais ocasionadas pela separação do casal (pais de Fátima).

No momento do inquérito, Fátima sente-se mais à vontade para expressar suas dificuldades e angústias, provavelmente por este já ser o terceiro desenho da atividade. Como nos desenhos anteriores, ela utiliza este espaço para falar sobre sua mãe, embora agora o relato seja mais claro e profundo. Em sua fala, ela demonstra o quanto o afeto deprimido de sua mãe é vivido com sofrimento, representando esta ideia com a questão do alimento: sente

falta de a mãe fazer bolo e pão. A participante demonstra o quanto se sente impotente por não conseguir evitar o sofrimento de sua mãe, que parece apresentar um quadro depressivo.

Fátima descreve a própria mãe como uma mulher que sofre de uma insatisfação crônica, sendo que as ajudas recebidas se tornam prejuízos (as coisas que ela recebe, a atrapalham). Assim, ela vê a mãe como alguém que tem uma dependência emocional dos filhos, mas que não consegue receber o afeto deles de forma positiva. Os filhos de Aparecida parecem buscar a melhora da mãe, mas sem sucesso, o que sugere um desejo de sua parte de permanecer como uma pessoa que está doente, sem perspectivas de cura.

As associações de Fátima revelam que ela percebe a própria mãe como alguém que já apresentava um quadro depressivo, que se acentuou após a sua separação conjugal, que foi vivida com grande dificuldade por toda a família. Desse modo, em consequência da separação da mãe e da depressão que esta provocou, Fátima se depara com uma privação, que atinge não apenas a ela, mas também a Mariana, que perde a figura da avó como referência. Assim, nem ela nem Mariana podem receber *holding* desta figura importante. A privação sofrida por Fátima e o seu sentimento de impotência por não conseguir aliviar a depressão da mãe, a deprimem também e comprometem as suas condições para oferecer *holding* a Mariana; esta por sua vez, tenta apaziguar a depressão de Fátima, mas, como a mãe, é malsucedida nesse intento.

Pessoa do Sexo Oposto - Tempo de produção: 40 segundos

Figura 10: Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Fátima

Inquérito

E quem você desenhou aqui? *Sabe que eu desenhei sem saber quem que é?*

Quantos anos essa pessoa tem? *Uns 40 anos.*

E o que ele está fazendo? *Eu não tenho nem ideia do que esse homem está fazendo, acho que trabalhando.*

E como ele está? *Está feliz.*

Falta alguma coisa para ele? *Ah... Homem é uma coisa tão assim, sei lá. Não sei o que falta para ele ficar feliz.*

Como está o tempo nesse desenho? *Chovendo e frio. Mais nada.*

Análise:

O desenho da pessoa do sexo oposto é realizado de forma muito semelhante ao primeiro, oferecendo indícios que reiteram as interpretações anteriores: há evidências de ansiedade (distorções leves, como a diferença entre os braços e pés) e de retraimento (traços faciais leves). Novamente, os olhos são pequenos e sem pupilas, indicando introversão e contato pobre com a realidade.

As respostas de Fátima revelam que ela tem uma dificuldade para realizar associações neste momento da atividade. A participante diz que não sabe quem desenhou, não sabe o que ele está fazendo e nem o que falta para ele ficar feliz. Tais dificuldades associativas podem revelar certo apagamento que começa a se realizar da figura paterna em sua realidade psíquica. Desse modo, o distanciamento físico do próprio pai começa a se transformar também em um distanciamento emocional. Tal afastamento da figura masculina contribui para mantê-la em uma relação dual com a mãe e, com isso, o homem se torna alguém difícil de compreender. Além disso, o papel da figura paterna na relação entre mãe e filha não se torna claro e não é possível saber o que pode contentá-lo ou não. Esse modelo de relação com o homem parece estender-se para o seu vínculo conjugal, com o marido sendo visto como uma figura distante dela e que não a mobiliza tanto quanto sua mãe.

Família - Tempo de produção: 1 minuto e 15 segundos

Figura 11: Desenho da Família feito por Fátima

Inquérito

E quem que você desenhou? *Eu desenhei a minha família. Meu marido, eu, a Pri, o Pedro e a Mari.*

O que vocês estão fazendo neste desenho? *Eu acho que a gente está passeando.*

Pensou em algum lugar específico? *Não, assim, no shopping que é um lugar que a gente adora ir.*

Como vocês estão se sentindo? *Felizes.*

Falta alguma coisa? *Para ficar mais tranquilo... É a Mariana. Porque toda vez que a gente vai sair é aquele sermão “não faz isso, não solta da mão”. A gente sempre tem que ver quem vai olhar, então é aquela preocupação. Se a Priscila vai junto, a gente fica mais tranquilo, porque a Priscila ajuda bastante, que ela fica preocupada porque sabe que ela some, você entendeu? Você tem que, entra numa loja, ela se enfia embaixo das roupas, aí a hora que você acha ela tá até com aquela carinha de “fiz cagada”. Então eu não vejo a hora que ela cresce para ficar mais gostoso para a gente sair, porque já não tá tão gostoso por causa dela. Sabe assim, que, se tá só ela comigo, não. Esses dias até o meu marido falou, o Pedro tinha ido na casa do amiguinho dele e a Priscila tá trabalhando o dia todo, então ela ficou comigo à tarde. Aí meu marido acordou “Cadê as crianças?”. “O Pedro tá na casa do Léo”. “E a Mari?” “A Mari tá aí”. Mais quietinha sabe. Comigo ela sai para o quintal, brinca ali fora. Mas se eles estão aqui... Ela entra no quarto da Priscila umas mil vezes, então eu falo que o que mudou a união assim foi a Mari. Para ir na minha sogra mesmo eu penso mil vezes para ir lá. Porque chega lá, ela quer chamar a atenção. Parece que ela quer chamar atenção. E você vai lá bastante? *Eu ia mais. Uma que ela não quer nem descer do carro a hora que chega lá. Ela fala: “Não vou descer”. Não sei, parece que ela não vai. É muita comparação também. “Ai, porque os filhos de tal...”. Então, não sei. O Pedro é quietinho. Minha sogra fala “Ah, mas o Pedro é tão quietinho”. E eu falo que um não é igual ao outro. E quando eu falo para ela que vamos sair, ela fala: “Qual vô?”. Meu marido fica até chateado. E quanto mais você fala, parece que mais ela apronta. Se você fala para ela que não é para ir em tal lugar, aí bem que ela quer ficar. E a minha sogra vai fechando as portas... E a Mari, eu penso mil vezes quando meu marido fala de ir. A Mari é xereta, às vezes meu marido quer conversar, a minha sogra foi viajar e tem um monte de coisa para contar e a Mari também quer ouvir. Esses dias deu até briga, porque aí o meu marido começa a xingar a Mari, dar uma de autoritário. Em casa não faz isso, por que na casa dos outros vai fazer? Mas enquanto a Mari está de férias, não dá para sair. E se eu vou em algum lugar e fico dando**

atenção para a Mari, meu marido xinga porque eu não dou atenção para os outros. Outro dia eu falei para ele: “Sabe o que eu queria? Que a sua empresa transferisse você para um lugar bem longe”. Porque a Priscila já tá moça mesmo, se ela quisesse ficar aqui na faculdade, ela fica com a minha mãe, que eu sei que a minha mãe cuida muito bem dela, e as crianças são pequenas e podem mudar de escola. Porque pelo menos a gente vinha para passear. Eles vinham para passear, é muito problema, assim. Que nem fim de ano, assim, eu não vou aguentar mais nada, eu falei. A mãe que não ajuda em nada. Eu tenho as crianças que com piscina eu preciso ficar preocupada com piscina. Se eu não faço, ninguém faz. Tem uma tia que é solteirona. A minha irmã que é problemática. Pagou a chácara e não foi porque o marido dela tem um remorso do irmão que morreu e ele fica trancado no quarto. As outras tias é aquelas que não se preocupa com comida, se tem come. Não quer fazer uma coisa diferente. Eu tenho que ficar que nem uma louca trabalhando, me preocupo com as crianças, não me divirto. Eu falo que minha mãe não presta nem para olhar dos filhos meus. Eu fico estressada, aqueles que não ajuda a fazer nada são os primeiros que levanta para comer. Aí chega um mais tarde, tem que arrumar a comida para comer. Tem uma prima mais nova que tá casando agora, até a mamadeira do nenê traz para você lavar. Eu peguei tanta responsabilidade para mim. Eu sou a neta mais velha. Então eu falei que parece que tá... Se a gente não corre atrás, nunca faz nada. Nós deixamos para última hora, não tinha edícula para alugar e essa que nós achamos não tinha onde dormir. Essa prima minha que veio de fora falou: “Pode deixar, eu trago barraca”. O que as outras irmãs dela fez, tudo com casa aqui, não foi para lá para dormir? Aí ficava aquele monte de colchão jogado o dia inteiro, coberta. Foi tão estressante que eu falei: “Chega”. Agora nós já vamos ver de pagar uma viagem. Porque mãe eu tenho o ano inteiro depois para ver. Porque eu tô cansada que tudo eu tenho que tomar atitude. Não toma atitude, então a hora que você toma uma coisinha que dá errado é culpa sua. A minha avó acha que de domingo é dia de ir na casa dela e a gente sente falta de uma comida de mãe, porque a minha mãe acha que tem que ir na mãe dela, todo domingo ela tem que ir na mãe dela. A família já cresceu, fica muita gente na casa da minha avó. Aí um não leva o que era para levar, o outro não leva, então fica tudo nas custas da minha tia, que é solteira e mora com a minha avó. Então eu acho que fica puxado, mas é minha mãe que tem que enxergar que nós estamos sem lugar para ir de domingo. É minha mãe que não quer ficar com nós. Ela quer ir na casa da minha avó. Aí chega lá, fica sentado o dia inteiro no sofá, porque a minha avó não tá nem aí, ela vai para bingo de domingo. E a minha mãe não tá certa, o meu pai era um tranqueira mesmo, mas ela não tava nem aí, ela só queria saber da minha avó. E é por isso que minha tia nunca casou, com 50 anos. Tudo

namorado que ela arruma, não tá bom para a minha tia e a minha avó. No ano novo, uma amiga dela ligou para ela ir lá e foi o fim para a minha avó: “Onde já se viu ir atrás de amigo?”. Eu falo que a nossa família é tão pequenininha, que a minha mãe é em quatro irmãs, mas tá tão complicado. E eu falei que eu não vou mais ficar abraçando tudo, porque eu tô de saco cheio já. Eu tô de saco cheio, minha irmã que esse casamento não é casamento, o marido é muito problemático. Eu falo que ela vive essa vida sem precisar viver, porque não tem filho nada, vive aquela vida ali, ela trabalhando e ele em casa. Desde que meu irmão casou, a minha mãe, eu falo que ela tem ciúmes do casamento do meu irmão. A minha cunhada é xaropona, é chatona. Mas eu falo que ele que escolheu, ele tá feliz. E ela fala: “A Célia não limpa a casa, a Célia não faz comida para o seu irmão, porque a Célia não sei o quê”. Eu falo: “Mãe, é o ele que tem que ver se tá bom para ele ou não”. Eu sei que eu já tenho tanta coisa aqui em casa, ainda tem que ficar pensando. Os outros falam: “Para de ficar pensando no problema dos outros”. E eu falo que é complicado essa parte da família. Esses dias eu falei: “Vou arrumar uma psicóloga para cada um de vocês. Porque eu tô cansada de vocês acharem que eu não tenho problema. O dia que eu surtar...”. Era bom que a gente pudesse resolver o problema da família inteira, né? Eu falo que eu sou a mãe da família inteira. Se a minha mãe quisesse vir morar comigo, eu falo que eu faço um quarto bom para ela. Mas ela não quer. Ela quer viver a vida dela. Do jeito dela. Minha mãe não tá acostumada a viver com ninguém. Mas família, hoje, tá difícil.

Análise:

O desenho de família feito por Fátima é semelhante à produção de Mariana. Ambas desenham a própria família e em ordem decrescente de idade: assim, a criança caçula fica mais distante dos pais.

Durante o inquérito, Fátima relata suas dificuldades familiares, principalmente aquelas oriundas do comportamento de Mariana, como sair com ela e perdê-la, parecendo haver uma percepção de que a menina exige um cuidado e uma contenção que ela tem muita dificuldade para oferecer, dada a sua sobrecarga emocional e seu sentimento de não dispor de recursos suficientes para tanto. Por conta disso, parece encontrar um pouco de apoio em Priscila, que exerce este papel de proteção, ficando mais tranquila quando a filha mais velha está por perto.

A sensação de Fátima é a de que Mariana, nesse momento de dependência, exige muito dela, e, por isso, ela demonstra esperança de que essa situação melhorará com a

crescente aquisição de autonomia pela menina. No momento, contudo, ela parece sentir que as dificuldades da filha a impedem de recorrer a outras figuras que lhe proporcionem o *holding* de que necessita e que não é mais oferecido por Aparecida (ela se sente envergonhada pelo fato de Mariana tumultuar as relações e dificultar os passeios familiares, como as visitas à casa de Roseli). Nesse sentido, Fátima relata que tem de se distanciar da família do marido, uma vez que a menina não quer ir até a casa da avó e não se comporta bem. Em suma, Fátima não consegue se aproximar da família do marido, para apaziguar a dor da “perda” de sua mãe.

A seu ver, a busca de *holding* na figura do marido, que implicaria a capacidade dele de impor limites a Mariana, é impossibilitada pela permissividade excessiva de Carlos para com a menina, mesmo que ele tente transmitir uma imagem diferente para as outras pessoas. Essa permissividade, para Fátima, resulta do distanciamento dele quanto à educação da filha, contribuindo para manter mãe e filha num relacionamento dual e de dependência mútua: Fátima conta com Mariana como fonte de apoio, o que lhe faz sentir-se incapaz de se impor perante ela. Tais dificuldades parecem não ser exclusivas do relacionamento entre ela e Mariana, mas se estendem aos seus vínculos com toda a família de origem. Com isso, ela se vê, de certa maneira, abusada pelas demandas dos outros que, além de não oferecerem o *holding* de que necessita, exigem que ela o ofereça a todos. Fátima sente que tem de assumir, junto à sua família de origem, responsabilidades concretas e afetivas, que deveriam ser de sua mãe, ficando como única responsável pela união familiar, que não acontece da maneira como ela gostaria que fosse. Daí sua sensação de sobrecarga e insatisfação com as relações familiares, seguida do desejo de se desembaraçar da maioria dos vínculos firmados.

Desenho livre - Tempo de produção: 1 minuto e 10 segundos

Figura 12: Desenho Livre Feito por Fátima

Inquérito

Tenho um que eu sempre adorei fazer. Nunca fui, mas sempre gostei de fazer. Eu sempre adorei esse lugar. Mas nunca fui. Eu sempre adorei. Desde criança, eu sempre fiz esse desenho. A cachoeira assim, caindo. Um lugar tão lindo.

É um lugar que você imagina? Que eu imagino. Eu falo que parece um paraíso. Que um dia eu vou ver isso. O jeito, o colorido, o azul, o coqueiro, as montanhas, aquele pôr do sol assim. Eu falo que eu tento imaginar. Tem uma pedra, eu andando. Eu não sei se eu já vi esse lugar, tenho essa impressão. Eu acho um lugar lindo, que eu gostaria de tá. Eu não sei aonde que é, mas sempre. Eu falo que, desde a época de criança, na quinta série, foi a capa do meu caderno. Eu lembro que o povo perguntou: “Nossa, você já foi nesse lugar?”. Não, mas eu sei desenhar isso. É uma coisa que eu gosto de desenhar. Parece que é um lugar que eu ficaria muito tranquila de ir, mas um dia eu acho que eu vou num lugar deste. É um lugar gostoso.

Então era isso que a gente tinha para fazer. Foi muito difícil? Não, mas eu pensei nisso ontem: “O que será que ela vai querer que eu faço?”. Eu falo que eu sou, quero ser tão perfeita em tudo, que eu fico nervosa. Mas foi tranquilo.

Análise:

O desenho livre de Fátima, assim como o de Mariana, refere-se a um lugar paradisíaco, como se esse lugar pudesse oferecer o *holding* e a calma que ela busca e que a mãe não pode mais oferecer. Fátima parece necessitar desse lugar para poder reencontrar a sua criatividade, que ficou perdida na infância. Os traços dos desenhos oscilam entre mais fortes (sol, rochas e coqueiro) e muito finos, a ponto de quase não ser possível vê-los (cachoeira e montanhas), indicando, concomitantemente, tensão, ansiedade (traço forte), medo e insegurança (traço leve). Pode-se compreender que Fátima busca o apaziguamento nesse momento da atividade, depois de toda a angústia que foi revelada anteriormente.

Quanto ao inquérito, Fátima demonstra que procura algo que nunca teve na medida em que gostaria, desde a infância: ela diz que nunca foi ao lugar que desenhou e que faz este desenho desde a época de escola. Essa revelação indica que, possivelmente, a privação do *holding* materno que ela sofreu após a separação dos pais tenha sido mais intensa, porque, mesmo anteriormente ao evento, ela não se sentia segura e bem amparada. Parece sempre ter havido uma tentativa de reparar a mãe, demonstrada, na transferência, por seu comentário: *“Eu falo que eu sou, quero ser tão perfeita em tudo, que eu fico nervosa”*.

Síntese da Bateria Hammer:

A aplicação da Bateria Hammer fornece indícios a respeito da personalidade de Fátima e de como ela se relaciona com a sua família e com seus pais. Há evidências de retraimento, introversão, pobre contato com a realidade e dependência, características que parecem resultar da dificuldade de envolvimento emocional entre os membros da família: Fátima sente-se responsável pelo cuidado dos filhos, mas não consegue se aproximar afetuosamente deles e oferecer limites à filha.

A figura materna parece ser aquela que mais mobilizou conteúdos em Fátima ao longo da atividade. A mãe é fonte de preocupação, pela maneira como vive, mas nota-se que há uma falha no envolvimento afetivo, que prejudica a família toda. Fátima apresenta uma ideia de que já não tem mais a mãe que tinha antes, ou a mãe que deseja, dizendo que desenhou a figura materna *“na época que ela vivia”* (no desenho da pessoa) e, também, que a árvore (que simboliza a mãe) já não tem mais frutos. Ela parece buscar ainda o *holding* materno, num momento em que a mãe já tem outras necessidades e não consegue oferecê-lo: Fátima procura assumir esse lugar, mas sem sucesso, e se sente responsável pela união e bem-estar de sua

família de origem, o que a impede de atentar para o seu casamento e para as dificuldades de seus filhos. Enfim, ela permanece ainda muito ligada à mãe, num relacionamento dual, experimentando uma espécie de privação emocional, devido à depressão da mãe, que gostaria de poder curar. Ao identificar-se com sua mãe, procura recuperá-la dentro de si, mas sem recursos para tanto e, diante da impossibilidade de reparação e de recuperação, fica deprimida.

4.3.2 TAT

Ao chegar à casa da família, a psicóloga percebe que a maior parte dos móveis da casa está em lugares diferentes. Fátima comenta que está com “*espírito de mudança*” e, após isso, inicia-se a aplicação do TAT. A mãe de Mariana está muito tranquila e aceita prontamente a atividade.

Iniciada a tarefa, Fátima conta todas as histórias com facilidade e pouco altera suas expressões faciais ao longo da atividade. Sua maior dificuldade é intitular cada história, sendo que, neste momento, ela apresenta uma feição preocupada. Ao final, ela diz que a atividade foi mais fácil do que imaginava, como na Bateria Hammer, e inicia novamente uma conversa sobre as dificuldades familiares, que giram em torno de um primo que está doente. Além disso, declara que seu marido está enciumado, pois não foi chamado para participar das atividades com a psicóloga. Ela diz que isso gerou uma discussão, pois ela acredita que ele não se empenhou em participar. A psicóloga conversa com ela sobre as próximas atividades com o marido. Apesar de Carlos estar em casa, ele fala para Fátima agendar os dias de aplicação dos instrumentos.

Fátima tem dificuldade para deixar a psicóloga ir embora, oferecendo bolo e conversando longamente sobre a festa de aniversário da sobrinha. Nesse dia, não há contato com outros membros da família, pois Pedro está na casa de um colega e Mariana, dormindo.

Análise:

O que mais se destaca com relação a este dia de atividade é a não participação de Carlos na pesquisa. Embora tenha sido chamado para a entrevista inicial, não o fez, sendo que as outras sessões foram de aplicação de instrumentos junto à Mariana e Fátima. É importante ressaltar que o pai havia sido informado de que seria o terceiro a participar da coleta de dados, ou seja, após o término das tarefas com Fátima. Assim, entende-se que esta discussão entre

ele e sua esposa refere-se à relação transferencial estabelecida por Fátima com a psicóloga, representando o relacionamento dual da participante com sua mãe, com pouco espaço para o pai. Sendo assim, o comportamento de Carlos seria reflexo de seu ciúme quanto ao vínculo entre a esposa e a sogra. Apesar da discussão, é Fátima que agenda as sessões do marido, ou seja, compreende-se que o não envolvimento continua, apesar do ciúme.

Deve ser ressaltada a dificuldade de Fátima para deixar a psicóloga ir embora, o que pode indicar gratidão, mas também certa dependência e busca de *holding* nessa nova figura. Dentre outros fatores, pode-se entender que a mãe de Mariana se sente sozinha por não ter, no dia-a-dia, contato direto com pessoas capazes de compartilhar-lhe as dificuldades, em especial quanto à educação de seus filhos.

Estórias do TAT

Cartão 1

Título: “*O menino e o violino*”

O que ele está pensando? Eu acho que ele está querendo saber como se toca, né? Para fazer assim, para tocar o violino. Parece que ele está pensando: “Será que eu consigo? Será que eu não consigo?”. Eu acho que é isso, assim. [E depois, ele vai tentar?] Eu acho que ele vai tentar, é uma coisa que ele precisa. Parece que é uma cobrança, que deram para ele assim, puseram aqui e “você vai ter que fazer”. E ele está pensando: “Será que eu vou conseguir fazer?”. O que eu vejo é isso, ele está pensativo, com medo de não conseguir fazer e tem que fazer, porque deram para ele fazer. [E ele consegue?] Eu acho que ele consegue, porque não é uma coisa difícil, tem que tentar. Tentar, se não conseguir, pelo menos ele tentou. Eu acho que puseram aqui para ele e ele está pensativo: “Será que eu consigo?”. E eu acho que ele consegue, porque não é impossível aprender a tocar, né? Eu acho que todo mundo tem vontade, eu tenho vontade de... Eu falo que vou esperar a Mari crescer mais um pouquinho e eu vou, aprender a tocar um órgão, alguma coisa, eu acho tão bonito. Eu vejo a turma tocando, eu falo: “Olha que coisa linda, né?”, você tirar... Eu acho que eu consigo, né? Eu sempre falava para a Priscila, violão ela toca, mas eu achei que ela ia se interessar por mais coisa. Agora vamos ver o Pedro, se ele vai se interessar por alguma coisa, né? [Você pode dar um título para a estória?]. Título... “O menino e o violino”.

Análise:

A partir da estória contada, compreende-se que Fátima sente que foi colocada em uma situação que não foi buscada por ela, implicando uma exigência importante a cumprir. Nesse contexto, ela parece apresentar certa confiança para resolver a problemática frente à impotência da criança, dizendo que o menino conseguirá aprender a tocar o instrumento. Essa confiança é acompanhada por uma visão mais benigna do mundo, que não exigiria das pessoas mais do que elas poderiam fazer. Assim, considerando que este cartão solicita movimentos de identificação com o personagem, nota-se que a participante coloca a dificuldade de uma situação como barreira para sua solução, embora não se trate de uma barreira intransponível, dando a entender que ela se comporta dessa maneira no cotidiano. Diante desse quadro, Fátima apresenta também a temática do crescimento da filha, que a deixaria mais livre para se dedicar aos próprios interesses, como a música.

Cartão 2

Título: *“Em busca de um sonho”*

Aqui eu vejo assim uma moça abandonando o campo para ir em busca de estudo. Representa que ela está deixando para ir na cidade, que nem a turma antigamente falava. Eu acho que ela está deixando os pais para ir atrás dos estudos dela. E tá assim também com aquele ar de que quer ir, mas ao mesmo tempo tá deixando para trás o que é importante para ela, a família, o crescimento, ela tá deixando tudo para trás para ir buscar o ideal dela, os estudos, mas, ao mesmo tempo, tá abandonando o pai e a mãe. [E como você acha que ela fica quando chega na cidade?] Eu acho que ela fica triste, porque ao mesmo tempo que ela quer uma coisa, ela tem que desprender para ganhar. Eu acho que ela vai perder para ganhar em uma coisa. É uma opção, né? No começo ela vai ser triste assim, mas depois ela vai se esforçar para fazer a coisa melhor, porque ela deixou coisa para trás. Então ela vai ter que fazer o melhor dela para não ficar tão frustrada. Porque se der certo ela vai falar: “Valeu a pena”. Agora, se não dá, ela vai falar: “Abandonei tudo e não deu certo”, né? Eu acho que é isso. Eu tenho essa frustração até hoje. Porque eu sempre quis “Açúcar e Álcool” e na época eu fiz “Açúcar e Álcool” e magistério. Passei nos dois, mas minhas amigas iam para o magistério. Então a minha mãe achou melhor: “Ah, acho que vai ficar mais fácil”. Naquela época de pegar o ônibus, e por fim fiz dois anos e parei porque não era aquilo, sabe? E

agora eu falo: “Será que se eu tivesse feito “Açúcar e Alcool” ia ser diferente?”. Não tem como saber, ficou para trás.

Análise:

O eixo da estória gira em torno de uma adolescente que abandona os pais para seguir outro caminho. Nesse momento, Fátima apresenta uma problemática vivida por ela em sua adolescência: ela precisou tomar uma decisão entre a sua autonomia (estudar o que realmente desejava) e a lealdade, dependência da figura materna (decidindo realizar os desejos da mãe). Sendo assim, Fátima optou pelo curso que a mãe julgava ser o melhor, possivelmente como uma estratégia para manter o vínculo com a figura materna, muito importante para ela. Em consequência de sua opção, a participante convive com uma frustração, questionando sobre como a sua vida seria, se tivesse feito o que realmente desejava.

Cartão 3RH

Título: *“Fundo do poço”*

É uma mulher desanimada aqui, alguma coisa não deu certo e parece que ela está realmente no chão, desesperada, com a cabeça abaixada. O que eu vejo é isso, uma pessoa que está angustiada, acabou, perdeu alguma coisa, não deu certo para ela e ela desanimou. [E você consegue pensar no que não deu certo?] Nossa, para ela estar desanimada assim, alguma perca que ela teve, assim, que... Alguma perca de, sei lá, um namorado. Ela tá bem assim, ao meu ver, porque dá para ver que ela tá para baixo. Alguma perca sentimental, porque do trabalho, alguma coisa, não deixa assim tão arrasada. [E o que você acha que vai acontecer depois?] Eu acho que ela vai precisar de uma ajuda, do jeito que ela tá aqui, porque se não, ela não consegue. Porque do jeito que ela tá aqui, se não chegar ninguém, é capaz até do pior, porque ela tá bem debilitada aqui, né? Eu acho que é isso. [E um título?] Eu acho que “Fundo do Poço”. Porque do jeito que ela tá aqui, ela tá no fundo do poço. Que nem o ditado “A pessoa tá no fundo do poço”. Eu acho que é isso, na minha opinião, assim, é isso.

Análise:

A partir da problemática mobilizada neste cartão, pode-se entender que Fátima atenta para a perda do objeto. De acordo com a estória, é possível perceber que Fátima demonstra angústia com relação a uma possível separação, por exemplo, um virtual fim de seu casamento com Carlos (*“alguma perca de, sei lá, um namorado”*). Tal preocupação parece ter seus fundamentos na maneira como ela percebe que foi vivida a separação entre os seus pais, que ocasionou uma depressão importante à mãe, deixando-a *“debilitada”* ou *“no fundo do poço”*. Assim, tanto ela quanto a mãe (em sua visão) apresentariam uma relação de dependência do objeto que, se for perdido, pode levar à depressão. Se, no caso de sua mãe, essa perda foi vivida devido a um evento real (a separação conjugal), para Fátima ela é vivida também como a perda psicológica da mãe, que não foi mais a mesma desde então. Nesse contexto, como o cartão procura provar a capacidade do respondente para trabalhar o luto e reverter os afetos depressivos, a estória sugere que Fátima demonstra dificuldade para elaborar o luto sem uma ajuda externa, declarando que, se a personagem não for auxiliada, poderá acontecer o *“pior”*. Com isso, ela revela também uma preocupação com o futuro de sua mãe: os sentimentos depressivos só poderão ser revertidos, se ela contar com apoio externo.

Cartão 4

Título: *“Amor não correspondido”*

Ao meu ver, parece que ele não tá nem aí para ela e ela tá tentando, ela tá assim nele, então parece que ele não tá nem aí para ela, parece que é ela que tá buscando ele. Você vê que ele, é, tá até assim... Fazendo pouco “causo”. E ela tá querendo insistir. Uma insistência para dar certo uma coisa que já não tá dando certo. [Você acha que vai dar certo ou não?] Pelo jeito dele, não... Não adianta insistir numa coisa que não é para ser. Pode até dar certo por um tempo, mas depois... Porque pelo semblante dele a gente vê que não é para ser, não quer. Eu acho que é isso. Agora um título... Tem hora que some o título... “Amor não correspondido”

Análise:

A partir da estória contada, nota-se que a relação do casal está apresentada em dois polos, sendo que a mulher fica responsável pelo papel de amor/ternura, enquanto o homem representa a rejeição. Tendo em vista a história de vida de Fátima, entende-se que, numa identificação com a mãe, ela se coloca (na estória) como a mulher que busca pelo relacionamento e que investe na relação amorosa. Já Carlos (representante atual de sua figura paterna) é apresentado como o homem que se distancia e não demonstra afeto, o que ocasiona o título “*Amor não correspondido*”.

Nesse sentido, Fátima parece viver angústias e sofrimentos que fazem parte da história de vida de sua mãe, atualizando-as em seu vínculo conjugal. Por isso, estabelece com o marido um vínculo de dependência importante, como fez a mãe, sendo que a ameaça de uma separação real dele se apresenta em sua realidade psíquica. O distanciamento de Carlos em relação à família não permite que Fátima sinta apaziguada a sua angústia de abandono, que só se intensifica. Por fim, deve-se ressaltar que o contexto edipiano não é introduzido na estória, uma vez que não há inserção de um terceiro elemento.

Cartão 5

Título: “*Histórias da vida*”

Aqui. Ah, eu vejo uma pessoa de idade já olhando o que construiu. Tá procurando... Uma casa. Parece assim, tá representando que ela só construiu e não fez nada. Só pela casa que a gente vê aqui, é uma pessoa que tá olhando do que sobrou da casa. Dá a impressão que ela tá sozinha, que a família já terminou e que ficou só ela e a casa. Eu acho que ela tá sozinha na casa, e triste. Representa que não era o que ela queria. Eu acho que é bem isso.

Análise:

Considerando que uma das solicitações do cartão remete à angústia de perda do amor do objeto, entende-se que Fátima apresenta nesta estória um temor seu (e provavelmente também de sua mãe), de ficar sozinha e sem objetos de amor, a quem possa dar afeto e recebê-lo. A partir da história de vida da participante, e do contexto familiar em que está inserida, pode-se compreender que Fátima teme o crescimento dos filhos, em especial o de

Mariana, que é a mais nova, justamente pelo medo expresso ao longo da estória: a mulher só construiu e não fez nada, está “*sozinha na casa e triste*”. Parece haver um questionamento a respeito do que ela conseguiu construir até este momento, como se o esforço dela tivesse sido em vão, restando-lhe apenas um sentimento de solidão. Assim, Fátima faz um movimento de se projetar no futuro e de vivenciar a angústia de abandono, caso aconteça de se afastar dos familiares, ou perdê-los.

Pode-se perceber que Fátima apresenta uma sequência de ideias entre algumas das estórias do TAT, sendo que essa última constitui uma continuação daquilo que foi referido na anterior: no outro cartão, a participante apresenta uma personagem que insistiu em uma relação que não dava certo, enquanto agora percebe o erro cometido.

Cartão 6MF

Título: “*Desconfianças*”

Sumiu. Representa que ela tá assustada assim diante dele, parece que ela tá surpreendida com alguma coisa, assustou, não era isso que ela estava... Parece assim que ele deu uma cantada nela, pelo jeito. E ela se surpreendeu. Não foi criada para isso, assim no... [E ela vai corresponder?] Eu acho que não, porque parece que ela ficou assim tão surpresa, não achava que... Eu acho que não, que ela não corresponde. Parece até que ela ficou... Se surpreendeu com ele assim. Não era isso. Eu acho que é isso.

Análise:

Percebe-se, pelo relato de Fátima, que há um conflito entre o desejo e a defesa. Como proposto pela solicitação latente, a estória pode ser remetida a um contexto edipiano, sendo que há um homem (pai) sedutor, que representa o desejo, enquanto que a jovem se surpreende, indicando inocência e defesa.

Pelo exposto por Fátima, pode-se compreender que ela procura se defender dos pensamentos referentes ao contexto edipiano, reforçando sua inocência e o não envolvimento com a figura paterna, como se quisesse negar esta temática.

Cartão 7MF

Título: “*O que é ser mãe*”

Uma mãe, uma criança e uma boneca, né? Eu vejo a mãe, aquela figura de mãe, e a filha brincando sozinha com uma boneca, né? A mãe tá só presente, tá ali, mas não tá brincando. Ela tá ali, mas não tá presente. O olhar da menina tá até triste, porque ela tá ali, mas não tá presente. Ela tá perto, mas ao mesmo tempo tá longe, não tá prestando atenção. Eu acho que é isso. Ao mesmo tempo que a mãe tá presente, ela tá longe, não sabe o que se passa. E a menina também está longe, do mesmo jeito que a mãe tá tratando ela, ela tá tratando essa boneca. Porque a boneca também não tá perto, a boneca tá longe, né? É isso. E o título é “O que é ser mãe”. Porque às vezes a gente acha que sabe tudo e não sabe. É uma coisa assim que... E cada filho é diferente, né?

Análise:

A estória contada apresenta uma mãe que está fisicamente presente, mas que não dá amor: ela parece constituir uma representação de como Fátima vive seu relacionamento com Aparecida e de como se relaciona com Mariana, o que está em conformidade com as informações já discutidas até o momento. Fátima apresenta, assim, uma temática transgeracional: da mesma maneira que a mãe se relaciona com a menina, a menina se comporta com a boneca. Com isso, Fátima parece reproduzir com Mariana a maneira como sua mãe (Aparecida) se relaciona com ela, de modo que as mães são distantes, afetivamente, e privam as filhas da atenção que demandam.

Ao final da estória, a participante diz que cada filho é diferente e que mães não sabem de tudo, podendo indicar uma frustração pelas dificuldades que ela percebe que tem ao exercer a função materna. Ela demonstra que há uma distância entre ela e Mariana, maior do que a que existe entre ela e os outros filhos.

Cartão 9MF

Título: “*Sonhos*”

Hum... Tá complicando. Eu acho que é uma pessoa no presente, vendo como ela poderia ter sido. É o espelho dela. Eu acho que essa daqui tá mais feliz do que a do presente. [Ela acha que poderia ter sido mais feliz?] Mais feliz do que ela é, porque aqui parece que ela tá com o semblante fechado, e aqui já é uma pessoa mais solta, parece que ela tá mais solta. Então ela está imaginando o que poderia ser. [E ela faz alguma coisa para mudar?] Eu acho que faz. Porque se assim não tá bom, você tem que mudar para ficar daquele jeito. Essa é a vida que você escolheu, tem que tentar mudar para você fazer dar certo. A gente tem as opções que escolheu, mas se não deu certo, a gente tem que tentar mudar para fazer dar certo. Porque cada coisa tem a sua consequência, né? Eu acho que é bem por aí, ela muda sim, porque ela tá vendo. Ela não vai querer jogar tudo para ir atrás dessa, né? A pessoa sensata que ela é, ela vai tentar mudar, mas o que não foi feito, ficou para trás, né?

Análise:

Fátima não apresenta, aqui, as personagens como duas pessoas distintas, mas sim como a mesma, em épocas diferentes. Dessa forma, é possível pensar em um conflito entre o passado e o presente da personagem, que pode refletir nas próprias decisões.

O relato feito demonstra a presença de uma frustração com as escolhas realizadas. Embora ela apresente uma possibilidade para a mudança, “*a gente tem que tentar mudar para fazer dar certo*”, há evidências de que ela deixou de fazer algo e que isso acarreta consequências negativas, até hoje: “*mas o que não foi feito ficou para trás, né?*”. Considerando que a participante faz um movimento de dar continuidade às histórias, em sequência à narrativa do cartão anterior, parece haver um desejo de tentar quebrar a corrente transgeracional que a impele a repetir as condutas da própria mãe e buscar uma vida mais autônoma, em que sejam priorizados os seus próprios desejos e crenças. Enfim, é esboçado aqui um movimento de separação emocional da mãe, com a consciência de que um processo de luto será necessário para tanto e que, embora as dores do passado possam ser superadas, elas não serão jamais apagadas.

Cartão 10

Título: “O amor”

Aqui, eu acho que é um... Um marido e a esposa, né? Em um momento de, parece que estão bem assim relaxado, que é isso que eles querem. Representa que eles fizeram a escolha certa, que quer um se aproximar do outro, tá um se encontrando no outro, né? Porque é um ombro que ela achou e que ele achou. Assim, no meu modo de ver. É um casal que se encontrou, que deu certo, porque pelo semblante, assim, deram certo os dois.

Análise:

Nesse momento, Fátima refere um casal cuja ligação está relacionada à ternura e à completude. Considerando a sequência da estória anterior e que o cartão presente remete à expressão de desejo em um casal, há indícios de que a autonomia, resultante da separação emocional, liberaria Fátima para viver um relacionamento sexual no âmbito da genitalidade, ou seja, mais maduro. Enfim, seria necessário deixar o passado com a mãe para trás, para poder reescrever a própria vida de uma forma diferente daquela da genitora. Assim, mesmo temendo uma possível separação do marido, almeja a mudança na forma como eles se relacionam, para que possam ter um vínculo mais satisfatório.

Cartão 11

Título: “Sempre tem uma solução”

Ihii... É um caminho bem difícil por aqui, né? Uma estrada difícil de percorrer, ninguém quer passar por isso. Porque olha, nossa, parece que está no fim, né? Está no fim, apesar de ter uma luz, no fundo ali dá para enxergar uma luz. Eu acho que é uma pessoa tentando empurrar os obstáculos dela. Porque tem uma luz no fundo. Então, sei lá, eu acho que mostra que por mais que parece que não tem uma solução, tem uma solução, porque se você tentar, você consegue. No meu ver tem uma pessoa empurrando os problemas dela. Porque na primeira vez que eu olhei, eu não enxerguei isso daqui, essa pessoa, e agora eu já enxergo que ela passou por essa estrada difícil, mas ela está tentando buscar o bom, o certo. Eu acho

que é isso, ela está empurrando o problema, mas devagar ela chega. Tem uma solução para tudo.

Análise:

A partir dessa história, nota-se que Fátima demonstra a presença de dificuldades e a busca pelo enfrentamento. Se for considerado que o cartão leva a movimentos regressivos e pretende identificar a relação materno-primária, percebe-se que Fátima revela que essa relação, bem como a sua infância, foi permeada por dificuldades, que podem ter se estendido ao longo de sua vida, trazendo consequências negativas, como um problema de relacionamento entre Fátima e seus filhos, por exemplo, embora ela indique uma tentativa de mudança e de solução. Todavia, ela percebe o empenho intenso que será necessário para implementar essas modificações. Assim, a participante oferece continuidade à esperança presente no cartão 10, embora aconteça uma oscilação entre esta temática e a do abandono.

Cartão 12RM

Título: *“O fim”*

Um barco abandonado, né? Dá a impressão de uma pessoa que abandonou tudo, abandonou o barco, né? Eu acho que é isso mesmo. Esqueceu da vida: “Chega, não dá mais, estou saindo de cena”. Parece que a pessoa saiu de cena aqui, né? Acabou o mundo dela, né? Pelo que a gente olha aqui assim, é isso mesmo. Acabou. Não quer mais lutar para nada. Eu acho que o título é “O fim”. Tá no meio ainda, né? [Referindo-se à atividade].

Análise:

Nesse cartão, a temática mobilizada pela participante é a da angústia do abandono, tema que foi inserido por ela em outros cartões. Fátima demonstra que há uma instabilidade em suas relações, como se elas caminhassem para um rompimento, assim como os seus movimentos psíquicos, em suas tentativas de elaboração, com as regressões que se seguem. Parte disso a sua preocupação com o andamento da atividade, desejando saber se a aplicação do instrumento terá duração suficiente para que ela possa superar a regressão e elaborar as angústias que foram mobilizadas nesse cartão.

Cartão 13R

Título: “Vai e volta”

Parece que ele tá tão sozinho, abandonado. Eu vejo uma criança abandonada, triste, com o semblante longe, provavelmente parece que os pais saíram de casa, mas vai voltar, mas saíram e deixou ele. É o que acontece hoje em dia, né? A gente tá... Hoje mais ainda, antigamente ainda o povo... Mas parece que antigamente o povo saía de casa para sobreviver, hoje parece que o povo abandona até mais o filho para ter mais coisa, não sei se é bom ou se é ruim. Antes deixava por comida, necessidade e hoje deixa para conforto, para dar um conforto melhor, um estudo melhor, uma coisa melhor para os filhos. E o que eu vejo é isso mesmo, a criança ali. E ele está triste, esperando, esperando o pai e a mãe chegar, sozinho, bem humilde. Então eu acho assim ele tá sozinho às vezes nem por uma opção dos pais, mas por uma necessidade. Difícil, né? Eu acho que o título é “Vai e volta”. Porque ele vai, mas vai voltar e a criança fica, parece que nunca vai chegar ao fim, nunca vai acabar.

Análise:

Este cartão parece mobilizar em Fátima uma revivência de momentos de sua infância, mais especificamente aqueles ligados à solidão e ao abandono parental. A participante parece questionar-se se estes momentos em que ficou sozinha foram por necessidade ou por outros fatores, como se buscasse entender se os pais poderiam ter evitado essa solidão.

Fátima ressalta a necessidade da volta dos pais, para que a criança não sofra prejuízos por ficar sozinha. Nesse contexto, a saída de casa do pai, que não se aproxima da família há 12 anos, não a privou apenas de sua figura, mas também implicou uma perda psicológica da mãe. Embora haja a esperança de que a recuperação das figuras seja possível, real ou psicologicamente, o momento da solidão é quase insuportável, revelando certa deficiência no uso de objetos transicionais para suprir esse espaço. A dor de ficar separada dos pais, mesmo que por poucos momentos, parece ser projetada por Fátima em Mariana. Desse modo, esta estória pode ser inserida também em uma temática transgeracional, embora por meio de uma atitude inversa, uma vez que Fátima parece ter optado por não trabalhar fora de casa, para evitar que os filhos sofram como ela sofreu com o abandono.

Cartão 13HF

Título: *“Um momento de bobeira”*

Estou vendo um homem aqui arrependido do que ele fez. A mulher tá ali, tudo, mas ele tá arrependido, não era para ter feito o que ele fez. Depois do que fez que se arrependeu, né? [E o que você acha que ele fez?] Ué, abusou dela? É, né? Eu acho que foi alguma coisa... Parece que é uma coisa tão assim, uma pessoa deitada, o homem com a mão na cabeça, ele não tá desesperado, ele tá se lamentando. Eu acho que ele abusou. Você vê assim, ela tá com o seio de fora, né? Eu acho que sei lá, uma relação que tiveram e ele pensou bem e não era aquilo. [E o que ele faz?] Eu acho que ele vai embora. No meu ver, assim, ele vai embora, ele não vai encarar o problema, né? Pelo que a gente vê assim. Eu acho que ele se arrepende, às vezes é até um homem casado e aconteceu o que aconteceu. Porque não é a casa dele pelo que a gente vê, é uma cama de solteiro. Então quer dizer, ela é solteira. Pelo que a gente... Eu acho que depois do que ele fez, depois que ele viu a cagada que ele fez, ele vai embora. Eu acho que é isso mesmo. E o título eu acho que é “Um momento de bobeira”. Porque ele não tá nem aí para ela, ele tá pensando nele agora. Ele errou, mas não vai fazer nada agora. No meu ver, é isso. Tá acabando? [Só mais dois].

Análise:

As solicitações latentes deste cartão remetem à expressão da sexualidade e da agressividade no casal. A partir disto, nota-se que Fátima elabora uma estória em que o casal vive uma relação sexual desvinculada do afeto, por conta da simples vaidade masculina, enquanto a mulher é usada e conivente com a situação. Fátima introduz ainda a presença de uma esposa para o homem, enquanto a mulher da figura é uma jovem solteira, favorecendo a interpretação de que há uma relação extraconjugal, em que o homem se envolve por descontrole da sexualidade, e se arrepende depois. Sendo assim, pode-se entender que a participante apresenta a história do próprio pai, que seduziu outra pessoa, abandonou a mãe e originou diversos problemas familiares. Fátima ainda demonstra que gostaria que o pai tivesse se arrependido e voltado para casa. A cena e a estória geraram ansiedade em Fátima, que pergunta pelo fim da atividade (*“Tá acabando?”*), o que expressa, novamente, a sua dificuldade para lidar com os sentimentos advindos da atividade, o que a faz desejar o seu encerramento.

Cartão 19

Título: “*Vida escura*”

Uma coisa tão assim... Um desenho, né? Você olha assim, parece um fantasma, depois você vê uma coisa. Depois você olha e parece que é uma casa assim, uma casa meio escura. Parece que não tem vida nessa casa. Eu acho que é uma coisa triste, não tem vida, lá no fundo. Eu vejo as janelas. Então, Ana Paula, eu acho que é isso. Uma casa sem vida parece. [Ninguém mora aí?] Tem uma família que mora, mas não tem vida. É triste, parece que a casa está escura, não tem vida. É uma casa. E, assim, sempre tem uma árvore e aqui não, é uma família sem vida. É isso.

Análise:

Este cartão busca testar os limites do indivíduo, além de reviver problemáticas que são arcaicas. No caso de Fátima, contudo, ela parece estabelecer uma sequência com a produção anterior, revelando as consequências do descontrole pulsional do pai para a realidade psíquica da mãe e para a vida de toda a família. Assim, ela demonstra que esse evento provocou um duplo rompimento: a partida real do pai, que representou também uma perda psicológica da mãe, que pareceu, segundo Fátima, desvitalizar-se: “*É uma família sem vida*”.

Cartão 16

Título: “*Almoço em família*”

[É um cartão diferente. Ele é em branco e eu vou pedir para você imaginar alguma imagem e me contar uma estória]. *Qualquer coisa?* [Qualquer coisa.] *Eu vejo um almoço de família, com todo mundo junto, sabe?* [Quem você gostaria que estivesse?] *Eu acho que a minha mãe, meus irmãos. Sabe, assim? É bem por aí. Um almoço. Coisa que hoje em dia não acontece mais. Porque antigamente era gostoso. Sentava tudo junto. Coisa simples, mas todos contentes, sabe? Bem por aí, eu vejo isso. Como era antigamente. Hoje, por mais que você faz o almoço, não chega todo mundo no mesmo horário, não para. Uma criança levanta, o outro levanta. Até o almoço, o momento em família, mudou. Eu acho que é isso. Um momento de*

família, um almoço, uma coisa reunida. Não tem mais, mas era uma coisa gostosa de se fazer. Que era mais frequente, hoje em dia até tem, mas não é mais a mesma coisa. Eu vejo um almoço com todo mundo sentado na mesa. Eu acho que é isso. O título é “Almoço em família”.

Análise:

Fátima expõe nesse momento uma contradição entre o seu desejo e a maneira real como sua família se relaciona, indicando uma busca pela união familiar, que foi algo perdido por ela no passado. Assim sendo, fala da própria história e evidencia a dificuldade para reunir a família depois da desorganização, que parece estar presente principalmente após a separação dos seus pais.

Síntese do TAT:

Analisando conjuntamente as produções de Fátima, compreende-se que a participante apresenta na maioria dos cartões histórias com características depressivas, evidenciando principalmente suas dificuldades, permeadas, sobretudo, pela relação entre ela e sua figura materna. No entanto, existem indícios de esperança e de possibilidade de mudança, que podem favorecer a dinâmica familiar, como nas histórias dos cartões 10 e 11 e seu comportamento de mudar os móveis da casa, porque está com “*espírito de mudança*”, conforme mencionado por ela no início deste encontro.

Fátima parece usar o TAT para expressar, principalmente, a sua relação com a família de origem e as dificuldades advindas das interações. Dentre as informações obtidas, nota-se que a separação dos pais foi bastante traumática e pode ter desencadeado outras dificuldades, principalmente para ela e sua mãe. Segundo a percepção de Fátima, Aparecida desenvolveu um quadro depressivo após essa separação e, devido ao adoecimento, deixou de ser a responsável pela união familiar. Sendo assim, compreende-se que Fátima procura unir a família novamente, sem obter sucesso nesta tarefa, dispondo de uma figura materna que não olha para ela e que não atende a suas necessidades, indicando, nesses termos, um *holding* falho.

Com isso, ela percebe um distanciamento entre os membros de sua família: da mesma maneira que ela não mantém contato com o pai e tem uma relação com poucas demonstrações de afeto com a mãe, Fátima revela que em sua casa há também certo distanciamento

emocional entre os membros, o que a faz temer pelo abandono, pela separação do marido e também dos seus filhos, o que pode acontecer a partir do crescimento e independência deles.

4.3.3 Síntese do Caso - Fátima

É possível compreender que a avaliação de Fátima representa para ela um momento de autoquestionamento, quando a participante parece refletir se é capaz de exercer a função materna e se conseguirá continuar assumindo a sua família de origem e a constituída, buscando a união entre os membros.

A partir das informações obtidas pelos instrumentos, nota-se que Fátima expressa, principalmente, a maneira como se relaciona com seu marido, filhos e a família de origem. Com relação aos pais, a participante demonstra que a separação representou um evento traumático para a família, que significou a perda real do pai e a perda psicológica da mãe, que deixou de exercer a função de promover a união familiar, além de ter passado a apresentar um quadro depressivo. Sendo assim, as duas parecem ter se distanciado emocionalmente, o que gerou em Fátima uma busca ainda maior por um *holding* da mãe, num momento em que Aparecida não pode oferecê-lo, porque também está buscando por esse *holding*. Apesar do distanciamento da mãe, Fátima sente-se muito ligada psicologicamente a ela, de modo que, muitas vezes, vivencia angústias e conflitos que são, na verdade, de Aparecida. Essa situação revela a permeabilidade dos limites do *Self* entre as duas, resultado de uma diferenciação que parece não haver se completado e, por isso, permite uma mescla pouco distinta de conflitos, angústias e defesas. Com isso, a volatilidade do espaço vazio entre Fátima e Aparecida dificulta o trabalho de introjeção da figura da última pela primeira. Mesmo diante dessas condições pouco favoráveis, Fátima ainda tenta identificar-se com a mãe, para poder recuperá-la em sua realidade psíquica, introjetando-a, mas suas condições estruturais não lhe permitem sucesso nessa empreitada e, como Aparecida, ela fica deprimida.

Esse possível quadro depressivo de Fátima repercute na maneira como ela vivencia sua relação com a filha Mariana, demonstrando ambivalência em relação à criança: Fátima não quer que a filha cresça, mas, ao mesmo tempo, é condizente com alguns comportamentos não adequados para uma criança pequena, como ficar acordada durante a madrugada. Além disso, como acontece entre ela e sua mãe, a relação com a filha é caracterizada pela dificuldade para lhe impor limites, que poderiam pouco a pouco proporcionar à menina o sentimento de dispor de um *Self* pessoal e autônomo. Há, também, indícios de que o

relacionamento entre Fátima e Carlos é distante, mas que ela suporta as dificuldades por temer a separação, repetindo a história de seus pais.

Por fim, de um modo geral pode-se dizer que as sessões de avaliação de Fátima pareceram significar um momento catártico para ela, o que indica sua necessidade de descarregar, no outro, emoções que podem estar embaraçando o seu desenvolvimento. Nesse momento, nota-se a ausência de Carlos em sua fala, o que demonstra não apenas o caráter predominantemente anaclítico das relações de objeto estabelecidas por Fátima (que a mantém aprisionada no relacionamento dual com a mãe), mas também a ausência dele em seus momentos de dificuldade, impedindo-a de transferir a ele a dependência que tem da mãe. Com isso, Fátima é mergulhada numa atmosfera psíquica marcada pelo desamparo e pela solidão.

4.4 Carlos (pai)

4.4.1 Bateria Hammer

A psicóloga é recebida por Mariana e Fátima. Carlos está utilizando o computador, na sala, e precisa ser chamado pela esposa para se dirigir à cozinha.

O contato com Carlos é difícil: ele se mostra desconfiado, responde às perguntas com poucas palavras, bastante impaciente. Destaca-se que, na Bateria Hammer, no segundo desenho da pessoa, ele faz uma mulher, como no primeiro: ele ri, dizendo “*Saiu uma mulher, fica assim mesmo*”. Nesse mesmo desenho, ele também ignora o pedido da psicóloga para que fosse feito um desenho completo, não apenas de rosto.

Após o desenho livre, quando é avisado que a atividade acabou, Carlos suspira aliviado, levanta-se rapidamente e chama sua esposa para que ela agende o outro encontro, mesmo sabendo que a próxima atividade também seria com ele. Nesse dia não há mais contato da psicóloga com o pai de Mariana, pois ele se dirige ao quarto, sem se despedir.

Análise:

Esse relato revela que Carlos adota uma postura defensiva com relação à psicóloga, sendo até mesmo opositiva no quarto desenho. Além disso, ao esperar que Fátima o chamasse para a atividade e deixar que ela agendasse o próximo horário, mostra uma postura de dependência com relação à mulher, além de indicar que ela fica responsável pelos cuidados dos membros da família, pelas tarefas domésticas e pela educação de Mariana. Ele também parece colocar a esposa em uma posição de inferioridade, como se ela fosse uma secretária sua.

Desenhos da Bateria Hammer

Casa - Tempo de produção: 50 segundos

Figura 13: Desenho da Casa feito por Carlos

Inquérito

Agora eu vou te fazer algumas perguntas sobre a casa. *Vocês ficam tentando tirar coisas da gente...*

É mais para a gente conversar, pode ficar tranquilo. Você pensou em alguma casa para desenhar? *Na minha casa.*

Quantos quartos tem essa casa que você desenhou? *Três.*

Qual quarto você gostaria que fosse o seu? *O meu.*

Quem você gostaria que morasse com você? *Minha família.*

E quantos andares teria essa casa? *Térreo.*

E como está o tempo nesse desenho? *Sol, eu desenhei um sol. De dia.*

Análise:

O desenho da casa tem a sua localização à esquerda da página, indicando retraimento, regressão, preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade e necessidade de gratificação imediata. O desenho na posição superior da página indica que há um esforço irrealista e que Carlos busca a satisfação na fantasia, como se tivesse contato interpessoal pobre, que não atende às suas necessidades. Há, assim, indicativos de frustração, sugerindo que ele tem dificuldades para conseguir satisfazer seus desejos na realidade.

Carlos desenha uma cerca, com linha do solo, o que revela sua necessidade de proteção e de segurança. Há indicativo também de presença de ansiedade, causada pelo contato interpessoal, bem como pela própria atividade da Bateria Hammer. Ele parece evitar demonstrar suas dificuldades e os aspectos de sua casa vistos por ele como não elogiáveis. O desenho também evidencia a ausência de calor e afeto no lar (representada pela omissão da chaminé).

O desenho da porta da casa é feito em tamanho pequeno e com fechadura. Assim, Carlos reforça a sua atitude defensiva na atividade, indicando inacessibilidade, isolamento, demonstrando o quanto quer impedir que seus pensamentos e fantasias sejam conhecidos pelos outros, inclusive pela psicóloga que o avalia.

A janela da casa é feita sem vidraças, o que demonstra hostilidade, e com dois pregadores, parecendo haver uma estratégia de ênfase nesta parte da casa, indicando que há ambivalência no contato social.

Com relação ao momento do inquérito, também se nota claramente uma reação defensiva do participante, como se ele não quisesse expor suas necessidades, angústias e dificuldades. Assim, Carlos responde às questões prendendo-se a um pensamento concreto, como no momento em que diz que está sol porque desenhou um sol.

Árvore - Tempo de produção: 40 segundos

Figura 14: Desenho da Árvore feito por Carlos

Inquérito

Você pensou em alguma árvore específica? *É uma árvore de violetas.*

E quantos anos você acha que essa árvore tem? *Não sei, mas é muito velha.*

E ela está viva ou morta? *Não sei não, acho que viva.*

Como está o tempo neste desenho? *Com vento.*

Se essa árvore fosse uma pessoa, seria um homem ou mulher? *Uma mulher.*

Por quê? *Porque eu quero que seja uma mulher.*

Falta alguma coisa para essa árvore? *Não.*

Análise:

A árvore desenhada é grande, localizada em área superior da folha, indicando que o participante percebe o ambiente como restritivo e que há tensão de sua parte. Essa localização revela também que Carlos busca suprir suas necessidades na fantasia, possivelmente por compreender que o ambiente não pode satisfazê-lo, o que gera frustração.

Como pode ser observado, a copa da árvore fica próxima à margem superior, evidenciando que o ambiente gera medo e tentativa de fuga, além de ansiedade e insegurança, pelo desenho da linha do solo, corroborando o que foi interpretado no desenho da casa.

A árvore desenhada está em um lugar com vento soprando, o que demonstra, mais uma vez, um sentimento de pressão ambiental. As raízes da árvore são omitidas, apontando para a presença de insegurança.

Quanto ao inquérito, Carlos forneceu respostas às perguntas, mas sem justificá-las. Destaca-se que ele diz que a árvore é de violetas, embora não as tenha desenhado. Com relação ao que é dito posteriormente, o pai de Mariana demonstra incerteza quanto ao que dizer, como se não quisesse se comprometer com as respostas. Destaca-se quando ele diz: “*Não sei, mas é muito velha*”, o que sugere que ele havia pensado em uma resposta, mas preferiu se defender antes. Apesar disso, o fato de dizer que desenhou violetas e que a árvore seria do sexo feminino sugere um primeiro esforço de Carlos para fazer uma aproximação afetiva com uma figura importante para ele, possivelmente a mãe.

Pessoa - Tempo de produção: 1 minuto e 20 segundos

Figura 15: Desenho da Pessoa feito por Carlos

Inquérito

Quem você desenhou? *A minha esposa.*

Quantos anos ela tem nesse desenho? *A idade dela mesmo.*

E o que ela está fazendo? *Nada, tá aqui em casa mesmo, não tá fazendo nada.*

E como está o tempo nesse desenho? *Ela tá dentro de casa, então não faz diferença. Eu não sei.*

E o que você acha que falta para ela ser mais feliz? *Não falta nada, ela já é feliz.*

Análise:

O desenho da pessoa é grande, com indicativos que corroboram as produções anteriores: o ambiente é restritivo e causa tensão. Há distorções moderadas na maneira de desenhar, que demonstram ansiedade. A figura está localizada em posição central da folha, indicando rigidez.

Os braços da pessoa são enfatizados, por serem longos, indicando necessidade de realização e agressividade. Além disso, o fato de desenhar uma pessoa de sexo oposto ao seu representa que há um conflito com a identificação do gênero ou uma estratégia de afastamento da atividade. A cabeça desenhada é grande, demonstrando regressão a fases anteriores de sua vida e sentimentos de grandiosidade.

Quanto aos traços faciais, os olhos têm as pupilas omitidas, revelando que há um contato pobre com a realidade. Esta dificuldade é indicada também no desenho do pescoço, que é muito fino. A boca é enfatizada pela presença de dentes, revelando a presença de agressividade, o que é confirmado pela posição afastada das pernas.

Com relação ao inquérito, Carlos diz que desenhou sua esposa, com a idade dela atual. Ele relata que ela não está fazendo nada, pois ela está em casa. Essa resposta aponta, além de um esforço defensivo para não se comprometer, dificuldade para reconhecer as tarefas executadas por Fátima no lar, entre as quais se inclui a educação de seus filhos. Além disso, ele declara que a esposa não precisa de nada, pois já é feliz: assim, parece haver uma dificuldade também para perceber as necessidades de Fátima, revelando o afastamento dele do lar e da esposa. Há uma incongruência no inquérito, já que o participante representa a agressividade (presença de dentes), mas diz que a esposa está feliz. Assim, pode-se pensar que a produção da figura feminina causou incômodos em Carlos, que fizeram com que ele entrasse em contradição.

Pessoa do Sexo Oposto - Tempo de produção: 1 minuto

Figura 16: Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Carlos

Inquérito

Você não quer fazer o corpo do desenho? *Não. Vai ficar assim.*

E quem você desenhou aqui? *Então, você pediu para eu desenhar um homem, mas não sei... Acho que é mais uma mulher mesmo. Saiu uma mulher, vai assim mesmo. Tá com pose de artista. É, desenhei uma artista, mas que eu não conheço.*

Quantos anos essa pessoa tem? *20 anos.*

E o que ela está fazendo? *Tá trabalhando, é artista.*

E como ela está? *Está bem, é rica, né?*

Falta alguma coisa para ela? *Não.*

Como está o tempo nesse desenho? *Noite.*

Mais alguma coisa? *Não, quanto menos falar é melhor.*

Análise:

O desenho da pessoa do sexo oposto apresenta distorções óbvias: a ausência de corpo e a oposição às orientações indicam uma dificuldade no contato com a realidade. A localização do desenho é central e superior, reforçando a ideia discutida nos outros desenhos

de que o ambiente causa frustração e que, por isso, Carlos busca satisfazer suas necessidades na fantasia.

Com relação à ausência do corpo, primeiramente, pode-se dizer que a omissão do pescoço indica a presença de impulsividade, havendo também evidência de sentimentos de culpa, de inadequação frente ao ambiente (ausência de braços), de desamparo e dependência (ausência de pernas e de pés). Apesar de todos estes indicativos, é necessário relativizá-los, uma vez que o desenho apenas do rosto também seria uma forma de se opor à atividade. Desenhar apenas a cabeça revela ainda uma busca de Carlos por viver no mundo das ideias, fantasias e idealizações, como se estivesse fugindo do mundo real e negando a realidade em que está inserido.

Já em relação aos detalhes da produção gráfica, os olhos da pessoa têm as pupilas omitidas, o que também evidencia contato pobre com a realidade. O desenho enfatiza o cabelo, demonstrando que há preocupações sexuais, e uma das orelhas, podendo representar até mesmo o sentimento de perseguição que ele parece ter apresentado durante a atividade.

O fato de Carlos desenhar uma mulher ao invés do que foi pedido indica uma postura opositiva frente à atividade, mas também um bloqueio com relação à figura masculina, representado pela dificuldade em elaborá-la e desenhá-la. É possível que a sua figura masculina de referência (no caso, o pai) seria para ele uma lembrança tão distante que ele não consegue representá-la no desenho. Como nas produções anteriores, o participante responde às perguntas de maneira sucinta e defensiva, apesar de haver uma aproximação entre ele e a artista, já que ambos trabalham à noite.

Ele relata que a pessoa desenhada não precisa de mais nada e que está bem, pois é rica. Esta resposta indica que há uma preocupação de sua parte com aquilo que é material e concreto, que pode ser comprado com dinheiro, dando a entender que há uma minimização do envolvimento afetivo, como pode ser percebido em sua última resposta: “*Quanto menos falar é melhor*”. Enfim, nessa produção, novamente, Carlos tenta se evadir daquilo que foi pedido pela psicóloga, demonstrando que existem falhas e problemas com os quais possa estar envolvido.

Família - Tempo de produção: 2 minutos e 30 segundos

Figura 17: Desenho da Família feito por Carlos

Inquérito

Quem você desenhou? *Eu desenhei a minha família.*

O que vocês estão fazendo neste desenho? *Passeando.*

Pensou em algum lugar específico? *Não sei, na casa da minha mãe, talvez.*

Como vocês estão se sentindo? *Normal, bem.*

Falta alguma coisa? *Falta a Mariana se comportar melhor, né? Porque às vezes o comportamento dela acaba estragando um momento que é para ser bom. Eu não gosto quando a gente vai na casa da minha mãe e ela não respeita. Isso não pode acontecer.*

E quando isso acontece, como você reage? *Tem que ser mais duro com ela, né? Ou, se não, eu deixo para a Fátima resolver.*

Como está o tempo neste desenho? *De dia, porque se fosse de noite eu ia estar trabalhando. E calor.*

Análise:

A partir do desenho feito por Carlos, nota-se que ele organiza a família de forma semelhante à de Fátima e Mariana, dispondo os membros de acordo com a idade. Percebe-se que nenhuma das pessoas desenhadas possui mãos ou pés, o que revela desamparo e falta de

autonomia. Além disso, Fátima é desenhada como uma figura de menor tamanho do que a filha mais velha, fato que não é real, possivelmente como uma estratégia de colocá-la como submissa na relação. Já Priscila não tem a boca desenhada, o que indica agressão e dificuldade de contato com esta filha.

Com relação ao que é dito por ele, há uma concordância com a fala de Fátima: ambos relatam a dificuldade de sair de casa com Mariana, principalmente para ir visitar a avó Roseli. Esse comportamento da criança na casa da avó paterna indica que algo não está bem nessa relação, e também que Carlos se sente impotente para lidar com o problema, de forma que ele não pode desfrutar do contato com a mãe. Ele demonstra um sentimento de desamparo nesses momentos.

A última resposta de Carlos ressalta, novamente, o quanto ele está preso aos fatos concretos, utilizando-os para justificar o que responde. Assim, ele fala que o desenho está no período diurno, pois se fosse à noite ele estaria trabalhando. Há uma dificuldade de Carlos para criar e fantasiar, uma vez que isso poderia ocasionar exposição de suas dificuldades e necessidades.

Desenho Livre - Tempo de produção: 1 minuto e 25 segundos

Figura 18: Desenho Livre feito por Carlos

Inquérito

Pronto.

O que você desenhou? *Isso que você está vendo. Uma casa, numa fazenda, um lugar calmo. Tem uma antena de TV, porque se não tiver antena, não pega.*

E você gosta desse lugar? *Gosto. É tranquilo.*

Como está o tempo? *Calor, mas tem vento. Só isso.*

Tem alguma coisa que você gostaria de falar? *Não. Se acabou, eu vou chamar a minha mulher.*

Análise:

Como Fátima e Mariana, Carlos desenha um lugar em que gostaria de estar. No caso, um lugar calmo e tranquilo, fato que indica uma busca por algo diferente do ambiente de sua casa, já que Mariana costuma tumultuar o cotidiano. Carlos parece buscar um lugar que tenha calor e tranquilidade nos relacionamentos, principalmente no contato com a mãe, o que pode ser inferido a partir de sua fala a respeito da antena da televisão (*“porque se não tiver antena, não pega”*). Assim, sua sensação é a de que falta algo para que a comunicação entre ele e Roseli realmente se efetue.

Síntese da Bateria Hammer:

De modo geral, pode-se perceber, na Bateria Hammer de Carlos, uma oposição à atividade, no sentido de se revelar e demonstrar suas dificuldades. As questões que mais se destacam se referem ao contato pobre do participante com o ambiente, que é visto como ameaçador e como insuficiente para satisfazer suas necessidades. Parece haver um bloqueio no relacionamento com o outro, talvez porque ainda não disponha de estratégias que possam promover a comunicação com as outras pessoas.

Dessa forma, Carlos parece sentir-se desamparado com relação ao outro, com contatos superficiais, que ele sente como insatisfatórios. Além disso, a agressividade e a impulsividade estão presentes e parecem interferir em seus relacionamentos. Ele evidencia a busca por algo que ainda não encontrou, como o lugar calmo feito no último desenho. No entanto, fornece indícios de que não mantém uma postura ativa para a mudança, oferecendo pouco aos outros e

esperando que seus familiares tenham um posicionamento diferente do seu. Sendo assim, ele se omite em algumas responsabilidades, como o cuidado e educação dos filhos.

Essa avaliação demonstra que Carlos tem um contato com o mundo que não vai ao encontro de sua criatividade, que é infértil, de maneira que ele busca gratificação na fantasia. Essa forma de se relacionar com o meio externo parece ser originária da relação entre o participante e seus pais, uma vez que não há evidências de um vínculo sólido com a mãe, além de a figura paterna parecer estar se esvaindo com o tempo de sua realidade psíquica.

4.4.2 TAT

A psicóloga é recebida na casa, por Mariana e Fátima. Ao entrar na sala, Carlos também o faz e senta-se no sofá. Fátima sugere que ele vá à cozinha para a aplicação do TAT, enquanto ela e a filha ficarão na sala. Ele parece descontente com a ideia, mas aquiesce. A psicóloga lhe explica a atividade, e ele a observa atentamente, sem fazer perguntas. Iniciada a aplicação, conta histórias extremamente curtas, mal respondendo ao inquérito. Na maioria das vezes, é muito evasivo e parece querer terminar rapidamente a tarefa. Destaca-se a sua produção no último cartão, em que ele diz claramente que gostaria de falar pouco para que não fossem feitas muitas perguntas.

Ao final, ele conversa um pouco mais, embora pareça querer fugir do assunto principal, dialogando sobre imóveis e contas. Por fim, levanta-se rapidamente e vai até a sala, deitando-se no sofá. Fátima se espanta com a rapidez da atividade. Depois, Mariana não consegue colar com fita adesiva, na parede da sala, uma flor de papel. A criança começa a chorar, batendo na mãe e chutando a porta da casa. Fátima fica bastante envergonhada com o comportamento da filha, enquanto Carlos, deitado no sofá, não diz nada. A psicóloga despede-se, logo depois.

Análise:

Nesse encontro com o pai de Mariana, nota-se uma semelhança com a sessão anterior, em que há distanciamento e receio de se envolver, como se temesse revelar como é a sua relação com a família. Ao responder evasivamente às questões, reitera a ideia de não envolvimento, parecendo reproduzir a forma como se apresenta no ambiente familiar.

Ao final da aplicação dos instrumentos, Fátima fica muito envergonhada por não conseguir controlar a impulsividade da filha, como se isso demonstrasse sua deficiência para

cumprir seu papel de mãe. Carlos apenas observou a cena, indicando, mais uma vez, como Fátima é a principal responsável pelos cuidados da filha. Assim, Carlos parece se engajar muito pouco nas tarefas da paternidade, como se houvesse um sentimento de que tudo o que ocorre à sua volta é desinteressante e não merece o seu envolvimento afetivo.

Estórias do TAT

Cartão 1

Título: “*Um menino sonhador*”

Pelo que eu tô vendo aqui, ou ele tá concentrando para tocar o violino ou ele tá com dúvida de alguma coisa. Tem vários tipos de ocasião que ele pode tá. Eu acho que ele tá mais concentrando, né? Porque os olhos parece que tá fechado. Ele tá com a mão assim, né? Eu acho que é isso. [E ele vai tocar?] Olhando assim, não tá indicando coisa nenhuma que ele pode tocar o violino. De repente, ele só tá imaginando ele tocando também, né? Pode ser que ele nem sabe tocar o violino também, né? De repente ele tá olhando na mesa e calculando, imaginando ele tocando o violino.

Análise:

Considerando que o cartão põe em prova a imaturidade funcional e a impotência relacionada à angústia de castração, pode-se perceber que Carlos coloca o personagem como uma criança que não tem maturidade suficiente para realizar a ação, no caso, tocar o violino. Ao longo da estória, é possível perceber que a capacidade do personagem vai diminuindo, de forma que, no início, ele estava concentrado para tocar o violino e, no fim, ele está apenas imaginando que vai tocar. Desta maneira, o participante finaliza com um personagem impotente para efetuar a tarefa.

Sendo assim, a imaturidade está ligada a um sentimento de impotência, que mantém a angústia de castração pelo não tentar: a atividade é interrompida antes mesmo de se iniciar. O pensamento imaginativo é a única atividade possível, o que gera distanciamento e, conseqüentemente, frustração, sendo que a gratificação somente pode ser alcançada por meio da fantasia.

Cartão 2

Título: “*A professorinha*”

Aqui é... Uma moça, uma professora, né? Nos tempos antigos. Esse daqui tá mais para uma professorinha. [E ela está chegando, está saindo?] Olhando assim parece que ela tá passando no local, aonde eles estão, o homem tá plantando, tem outra mulher encostada. Eu não posso falar para você se ela está chegando, porque não mostra nada aqui. Só está aparecendo uma imagem dela em um lugar, um rapaz trabalhando.

Análise:

De acordo com o relato de Carlos, os personagens parecem não ter relação entre si, como se o participante quisesse demonstrar distanciamento do triângulo edipiano pai-mãe-filha, que corresponde ao conteúdo do cartão. Ao dizer que a professorinha está apenas passando pelo local, nota-se uma tentativa de indicar que ela não faz parte daquela família, podendo evidenciar o próprio sentimento com relação aos seus familiares.

A negação da presença de um casal com a filha parece, assim, representar uma forma de rejeitar a temática latente, ou seja, o contexto edipiano, que o participante não consegue abordar. No âmbito do pensamento, nota-se falhas no raciocínio elaborativo e um apego excessivo à realidade (em detrimento da imaginação), havendo dificuldade para integrar a criatividade com a realidade exterior.

Cartão 3RH

Título: “*A menina chorona*”

Um homem ou uma mulher? [O que você...] Imaginar? [Isso.] Eu acho que é uma mulher, pelo sapato. O sapato e um cinto na cintura, para definir. É, aqui eu acho que é uma mulher mesmo. [E o que você acha que ela está fazendo?] Eu acho que ela tá... Cansada ela não estaria, porque se não ela estaria deitada, né? Eu acho que ela está desabafando aqui. Desabafando não, consolando. Alguma coisa aconteceu, não sei o quê, né? E ela tá assim. Depois passa. Põe aí “A menina chorona”.

Análise:

Carlos constrói esta estória como uma descrição da personagem, justificando, por meio de detalhes objetivos do desenho, as razões de atribuir-lhe o sexo feminino. Desta forma, há uma postura sempre objetiva, que tem como função estabelecer uma proteção contra as projeções que ele poderia realizar.

Da mesma maneira, Carlos alterna entre diferentes interpretações sobre o que está acontecendo com a mulher (cansada, desabafando, consolando), mas em todas elas a tonalidade depressiva do relato não é negada. A despeito da característica disfórica atribuída à mulher, o título dado à estória remete a um certo desprezo por sua condição emocional: “*A menina chorona*”. Desse modo, o participante faz uso de uma defesa maníaca (o desprezo) em uma tentativa de minimizar os sentimentos e o sofrimento. Nota-se a existência de um agudo sentimento de solidão, já que a personagem só conta consigo mesma para consolar suas dores e mágoas.

Cartão 4

Título: “*O casal brigão*”

Aqui é um casal, né? Se é marido e mulher ninguém sabe. Pela fisionomia, ele está bravo com ela. [O que ela fez para ele estar bravo?] Ah, só Deus sabe. Alguma coisa, né? Porque, aqui ela tá querendo falar e ele tá virando o rosto. Ele não quer falar com ela. Esse daqui é “O casal brigão”. [E você acha que depois eles conversam?] Quem sabe, né? Eu não sei.

Análise:

De acordo com a descrição feita, nota-se a presença de uma ambivalência pulsional, na qual o homem representa os sentimentos de agressividade/ódio e a mulher, ternura/amor. Na estória, é a mulher quem tenta reestabelecer a relação, enquanto o homem se nega (“*ele tá virando o rosto*”), não havendo possibilidade de perdão ou de reparação, apontando, assim, dificuldade de comunicação, pois o diálogo não é possível. Desse modo, o “erro” de uma das partes arrisca a manutenção do relacionamento, que é incerta, independentemente dos esforços para tanto. Nessa situação, mais uma vez, a reação de Carlos é a de minimizar os

efeitos da ameaça de perda, por meio do desprezo quanto aos sentimentos dos envolvidos (o título da estória é “*O casal brigão*”).

Cartão 5

Título: “*A mulher curiosa*”

Esse daqui é uma mulher abrindo a porta, não sabe se ela foi chamar alguém, se ela foi olhar alguém, se alguém chegou. Esse daqui também... Põe “A mulher curiosa”, porque a gente não sabe o que ela tá fazendo, mas ela tá com ar de que tá curiosa. Ela pode estar chegando ou saindo.

Análise:

Com relação a esta narrativa, cuja solicitação latente é referente à figura materna que aparece como sedutora e interditora, nota-se que Carlos constrói uma representação da mãe que procura por algo, na verdade, por alguém com quem possa estabelecer um relacionamento. O sucesso ou não do encontro, contudo, permanece em suspenso e, novamente, a necessidade e o afeto ligados a ela são minimizados, cedendo sua importância a uma característica mais pejorativa da mulher (curiosa). Desse modo, a temática sexual e superegóica do cartão é substituída pela da busca de uma relação dual.

Cartão 6RH

Título: “*O homem preocupado*”

Esse daqui tá mais para mãe e filho. Pelo semblante da pessoa é uma ocasião triste. [O que você acha que aconteceu?] Só Deus sabe. Não tem como eu falar, porque não é continuação as estórias. Se fosse continuação, poderia falar que eu ia falar que ia esperar o que vinha depois, mas eu não sei, só que ele está preocupado com alguma coisa e vai tentar resolver sozinho. [Ele consegue?] Não tem como saber. Coloca “O homem preocupado”.

Análise:

Se, no quadro anterior, o tema foi a busca do personagem pelo encontro real e concreto com alguém, nesse momento ele acontece, mas a distância afetiva permanece. Dessa maneira, o vínculo não se estabelece de fato e o participante experimenta um profundo sentimento de solidão, mesmo estando concretamente acompanhado. Assim, o relato revela que a relação com a mãe permanece longínqua, em função de um afeto reprimido de ambos. Aparentemente tudo começou com a mãe, e atingiu o participante, que agora deseja esforçar-se para resolvê-lo, mas sem poder contar com a ajuda materna. A impossibilidade de alcançar afetivamente a mãe parece repercutir no participante também em nível estrutural, por meio das suas dificuldades de associação, que conduzem a um pensamento fragmentado.

Cartão 7RH

Título: “*Os amigos*”

Esse daqui é um senhor e um rapaz mais de idade. Esse daqui ele tá, assim, pelo jeito, eles estão em um lugar e ele tá cochichando com ele. Como a gente pode falar? Põe como título “Os amigos” [Eles são amigos, então?] É, ou também pode ser pai e filho também, quem sabe, pode até ser pai e filho. Um não tem bigode, o outro tem. Esse daqui... Aconteceu assim. Um estava sentado e o outro chegou do lado dele e começou a conversar com ele, meio baixo. Se a figura fosse maior, eles estão numa igreja ou em algum canto que tão conversando baixo. Pode tá conversando, tentando se conhecer neste dia. Pode deixar “Os amigos”.

Análise:

Em continuidade ao tema da estória anterior, a procura frustrada de Carlos por um relacionamento afetivo significativo com a mãe é agora deslocada para a figura do homem, do pai. Parece haver a esperança de que, com essa figura, o estabelecimento de um vínculo de proximidade e de cumplicidade possa se estabelecer de fato. Não contando mais com o pai real ao lado, devido à morte dele, a busca pode ser por um pai simbólico, embora o aspecto concreto do pensamento de Carlos pareça apenas permitir-lhe um vislumbre dessa solução (ambos conversam na igreja).

Cartão 8RH

Título: “*A cirurgia*”

Ah? O cara tá cortando? Aqui pelo jeito é... Não sei, pode ser a mesma pessoa que está deitada e que tá aqui. Tipo olhando o que tá acontecendo, quer dizer, olhando ela não pode porque ela tá olhando para a frente. Pode ser que a pessoa que fez o desenho colocou a foto da pessoa que está sendo operada, não sei... Eu acho que está sendo operada, porque está cortando a barriga com a faca. Põe como título “A cirurgia”. Depois ela pode ficar boa ou não, não tem como saber.

Análise:

A solicitação latente deste cartão remete à agressividade, confrontando agentes passivos e ativos na situação. De acordo com a estória contada, nota-se que há a presença de agressividade (“*o cara tá cortando?*”), mas que lhe foi infligida e ameaça a sua vida. Contudo, essa temática é amenizada pelo contexto da operação, como se Carlos optasse por se distanciar dela, devido à mobilização afetiva despertada. Em razão de suas dúvidas quanto à solidez da própria integridade (sustentadas pela desconfiança na capacidade de reparação), ele emprega, diante da angústia de aniquilação, as defesas do isolamento e do falso *Self*, tornando-se um espectador da própria vida.

Cartão 10

Título: “*O clima entre o casal*”

Aqui pelo jeito é um casal, né? Acho que tá rolando tipo de um clima. [Como é esse clima?] Tá rolando um clima bom entre eles, tão se conhecendo, pode até ficar juntos depois. Ela tá abraçando ele. Pode por “O clima entre o casal”.

Análise:

Carlos representa um casal que está se conhecendo, em cuja relação estão, hipoteticamente, presentes sentimentos de ternura e desejo sexual, como referem as solicitações latentes do cartão. Esse encontro amoroso com o objeto é ardentemente desejado, mas Carlos não se sente ainda seguro sobre a solidez e a continuidade dessa conexão, com o desfecho da estória ainda ficando em suspenso (*“pode até ficar juntos depois”*).

Cartão 11

Título: *“A queda da ponte”*

Uma cachoeira. Tem alguma coisa aqui ou eu tô enxergando demais? [É você que sabe...] Fica difícil, né? Eu não sei se é uma pessoa. Não faço nem ideia. É impressão minha ou tem uma ponte aqui, ó? [Pode ter sim.] Tá vendo? É uma ponte aqui... Eu acho que ela tá caindo. Mas eu não sei por que e nem o que vai acontecer, não tem como falar para você o que é. Põe “A queda da ponte”.

Análise:

As dúvidas expressas na estória do cartão anterior sobre as possibilidades de conexão entre as pessoas persistem na narrativa do quadro presente, quando a ligação sofre uma séria ameaça (a ponte está caindo). Como o conteúdo latente do cartão remete à figura materna arcaica, pode-se compreender que Carlos procura demonstrar que as problemáticas pré-genitais estão associadas ao vínculo primitivo com essa figura, que parece ser ausente (*“eu não sei se é uma pessoa”*) e pouco conseguiu lhe oferecer sustentação e *holding*, quando criança.

Há dificuldades para prever quais serão as consequências desse vínculo que se desfaz e não se sustenta (*“mas eu não sei por que e nem o que vai acontecer”*), mas a dificuldade de comunicação e o sentimento de continuidade com o mundo exterior são ameaçados. Nesse sentido, o apego de Carlos à realidade exterior e o consequente sufocamento da criatividade parecem ocorrer em consequência de um temor de perder o contato com o mundo.

Cartão 12RM

Título: “*O barco abandonado*”

Esse daqui é um barco que foi abandonado em um riacho. [E por que ele foi abandonado?] No mínimo a pessoa veio fazer um passeio, encostou aí. E ela foi para outro canto e deixou aí. [Depois ela volta para pegar ou não?] Pode ser que volta. Por enquanto você põe “O barco abandonado”.

Análise:

Nessa estória Carlos tem dificuldade para introduzir pessoas e relacionamentos, o que resulta em uma não exploração das suas representações quanto às relações ternas ou erotizadas, conforme proposto pelas solicitações latentes do cartão. Já a temática do abandono é apresentada, embora expressa como um “*passeio*”, de forma que há pouco contato com as consequências desse acontecimento. Nesses termos, existe uma continuidade do relato ao cartão precedente, em que houve uma ameaça ao vínculo e à comunicação com o outro. Apesar disso, ele declara a possibilidade de reparação dessa experiência dolorosa, ou seja, do retorno da pessoa que abandonou o barco, embora não tenha certeza de que isso ocorrerá. Em suma, Carlos, após haver demonstrado rompimento de sua comunicação com o outro, devido a um abandono, não está certo de que conseguirá reparar os laços prejudicados.

Cartão 13R

Título: “*O menino esperando seu pai voltar*”

Esse daqui é um menino sentado na porta, uma casa bem, como fala? Não é antiga, é bem simples, de madeira, parece. Coloca assim “O menino esperando seu pai voltar”. Ele está bem, esperando o pai dele voltar do serviço. A mãe fica em casa. Mas os meus não ficam esperando no portão.

Análise:

Em sequência à narração anterior, Carlos revela que a angústia que experimenta quanto à perda de contato com o mundo exterior, além de relacionar-se a uma dificuldade no vínculo com a mãe, associa-se também a um doloroso sentimento de abandono da figura do pai (que em sua história de vida real, morreu há 12 anos). Essa falta é penosamente sentida e, diante da esperança inviável da volta do pai, nada mais lhe resta senão defender-se da dor e da solidão, negando os próprios sentimentos, demonstrando, assim, que a criança está bem, mesmo com a ausência de outra pessoa. A figura da mãe, por suas dificuldades próprias, não pode reparar a perda do pai e se, ao contrário, este pudesse reparar as deficiências dela, agora ele foi perdido. Carlos não consegue também encontrar consolo para esta perda no estabelecimento de um vínculo forte com os filhos, que não mantém com ele a mesma ligação que ele mantinha com o pai: *“Mas os meus não ficam esperando no portão”*. Dessa forma, a solidão persiste, e Carlos demonstra o quanto seus vínculos são sentidos como frágeis, a ponto dele experimentar certo abandono e desinteresse pelo mundo externo.

Cartão 13HF

Título: *“Uma noite ruim”*

Um homem, não sei se ele tava dormindo, não sei se ela está dormindo, se está morta. Põe como título “Uma noite ruim” aqui. [O que você acha que aconteceu?] Então, eu acho que eles tavam dormindo e não foi uma noite boa. A cama era pequena e ele está meio com um corpo ruim, então ele está se espreguiçando. Aí foi uma noite mal dormida.

Análise:

Nesse cartão, em um primeiro momento, Carlos apresenta a temática ligada à perda do objeto numa fantasmática de morte. No entanto, em seguida, o participante nega esse tema e apresenta outro rumo para a estória. A temática então se refere a um relacionamento insatisfatório (a noite ruim) porque, apesar da proximidade física (cama pequena), o contato afetivo não se constituiu (o homem está acordado, mas a mulher está dormindo ou morta). Nesse contexto, o vínculo físico, dissociado de uma intimidade real, não contenta e se torna desagradável.

Cartão 19

Título: “*A casa no morro de neve*”

Esse daqui, olhando assim, é tipo uma moldura de quadro, é uma casa na neve, com duas janelas, chaminé, telhado. [Tem alguém nessa casa?] Olhando assim, não. Só se tiver lá dentro, mas acho que não, aqui para fora, não. Coloca “A casa no morro de neve”.

Análise:

De forma bem semelhante às outras produções, Carlos demonstra distanciamento de suas problemáticas nesta estória. Prova disso é a referência de que a figura representa uma moldura de quadro, como se, por meio da defesa do isolamento, quisesse distanciar-se e não dar vida ao que está desenhado no cartão.

A ausência de personagens revela distanciamento das relações familiares e falta de relações afetuosas dentro do lar, ideia esta que pode ser evidenciada pela presença da casa em um ambiente frio (a neve) e despovoado, carente de calor humano. Nesse mesmo sentido, nota-se que a casa descrita não tem portas (“*duas janelas, chaminé, telhado*”), podendo representar a dificuldade de Carlos para receber afeto e se aproximar do outro, que é visto como frio e distante.

Cartão 16

Título: “*A família feliz*”

[Agora o último é um pouco diferente.] *Não tem nada.* [É em branco e eu vou pedir para você imaginar uma cena e me contar uma estória dela.] *Sobre?* [Qualquer coisa que você imaginar sobre ela.] *Como assim? Você quer saber o quê? Vamos supor que eu desenho uma pessoa...* [Eu vou querer que você me conta dela, como você contou as outras estórias.] *Esse negócio de desenho é só para ficar me complicando. Eu acho que quanto menos eu falar e menos eu escrever, menos eu vou me complicar. No serviço, eu também falo. Às vezes a gente vai em treinamento e eles falam “quanto menos você falar, menos você se complica”. Porque às vezes a pessoa fala e depois ela começa a questionar você. Se você falar “Estou com um problema em um setor da fábrica”. “Mas por quê?”. “Por causa disso, disso e disso”. “Mas*

por que chegou a esse ponto? ”. Então, se eu fizer um desenho aqui, você vai ficar meia hora me fazendo pergunta. [É só para a gente conversar.] Ah, mas eu sou ruim de desenho... [Mas não é para desenhar, não, é só para você imaginar e me contar. Só para você me falar o que você está pensando.] Ah... Eu ia desenhar a minha família. Minha esposa, minha menina mais velha, minha mais nova e a caçula. [Fazendo o quê?] Ah... Por isso que eu falo, se eu falar o que eles estão fazendo, você vai perguntar por que e vai me complicando... Mas eu acho que aqui na minha casa, tudo o que acontece, nós somos felizes. Tudo. Discussão, coisinha, bate boca aqui, gritos... Acontece, mas não tem família perfeita. Isso é normal. Que mais que você quer saber? [Aqui no desenho vocês estão em casa, passeando?] Hoje, tão aqui em casa. A menina mais velha tá trabalhando, o moleque tá batendo perna para a casa dos amigos e a pequena tá em casa comigo e com a minha esposa. Tem o aniversário do meu sobrinho daqui a pouco, lá para umas sete horas. O moleque não era nem para sair hoje, mas não segura em casa. E a menina tá trabalhando, foi com a cara inchada trabalhar hoje, mas foi. [O que aconteceu?] Tirou o dente do juízo sábado e ficou com a boca desse tamanho. Ontem ainda ela pegou atestado, não deu para ir. Mas hoje ela foi, mas o serviço dela é de falar, ela trabalha na parte de atendimento e ela tem que falar. A pessoa vai lá reclamar, vamos supor, se eu vou conversar com a pessoa, você já tá com dúvida, então a pessoa tem que saber falar com você para tirar sua dúvida, não por mais dúvida na sua cabeça. Mas é isso aí, acho que ela tirou dois dentes. [Entendi. Agora eu preciso de um título também.] “A família feliz”.

Análise:

No início dessa produção, Carlos demonstra, novamente, resistência à atividade, principalmente por se tratar de uma tarefa que exige maior criatividade e livre expressão. Diante disso, ele apela para defesas, para não se aprofundar na reflexão sobre suas dificuldades e sofrimentos, dado o receio de chegar às suas raízes e se deparar com uma dor que poderia ser insuportável. Por isso, o próprio sintoma, a dificuldade de comunicação, apresenta a sua faceta protetora. O apego à realidade concreta parece ser uma via de proteção para si (ele descreve o dia da família), mas logo mostrando os seus limites, pois, em sua fantasia de cura, ele revela que o remédio para as dúvidas e angústias implica o contato frutífero com o outro (a filha orienta pessoas e apazigua as incertezas delas). Assim, Carlos revela uma necessidade de ser acolhido pelo outro, para o alívio de suas dificuldades.

Após a aplicação do TAT

Tá ótimo. Foi muito difícil? *Não, mas vamos ver o que você vai entender do que eu falei, né? Mas, assim, aqui em casa, é tudo tranquilo, só a Mari que é um pouco atrapalhada, né? Eu não vejo muito ela, não sei se é por isso. Que ela sai da escola cinco, cinco e pouco e eu já estou indo para o trabalho.*

Que horas você entra? *Tem dia que eu entro às nove e tem vez que eu entro às dez da noite. E eu saio às oito da manhã. Que nem agora que ela vai de manhã, eu vou chegar em casa, ela não vai tá. Vou chegar, a Fátima já levou. Aí a hora que eu acordar ela já vai tá em casa. Se ela estiver cansada, de repente até vai tá dormindo. A Priscila, quando ela nasceu, a gente tinha mais tempo para ela. O Pedro mesmo de já trabalhar, a gente também tinha mais um pouquinho. A Mari, não sei se pela diferença de idade dos outros, ficou meio isolada, né? E é um jeito que ela quer... Esses dias ela falou para a Fátima que ela não ia casar porque ela quer ser a irmã mais velha. “A Priscila vai casar, o Pedro vai casar e eu vou ser a irmã mais velha”. Então, ela quer ser a atração da casa. Você vê, agora ela tá aí, tá brincando. Tem vez que a gente tem que ficar chamando para ver aonde ela tá, de tão quieta que ela fica. Se o Pedro tiver aqui em casa agora, ela não estaria na sala. Vamos supor, se ele tá lá fora jogando bola, ela estaria atrás dele. E se a menina moça chega seis horas, vamos supor, ela entrou no quarto, a Mariana vai lá, chuta a porta porque quer entrar. Ela quer ser muito amorosa, pegajosa, ela quer ficar em cima dos dois.*

Você acha que ela quer atenção? *Atenção. Às vezes a menina chega cansada e fica brava com a Mari. Às vezes o Pedro perde a paciência. E é onde a Mari vai ficando desse jeito. Às vezes os dois brigam, o que acontece? Acaba chamando a atenção dos dois e não precisava. Ela é, assim, muito agitada, né? Se você ficar atrás dela, você vê, ela tem cinco, seis anos, ela conhece tudo. Se você ligar para ela e conversar com ela por telefone, você pensa que está conversando com uma pessoa adulta. E ela não quer dar o braço a torcer para você não, ela não fica por baixo. Ela é uma pessoa que vai ser difícil abaixar a cabeça para os outros. Se ela tiver com a razão, ela não vai abaixar a cabeça. A mais velha é assim. A mais velha, entra num serviço, ela já tá no terceiro serviço dela. Ela trabalhou um ano em uma firma aí, não pegou férias. Saiu. Aí trabalhava na farmácia um ano e pouco, acabou pedindo a conta. Por quê? Ela entra, ela quer organizar uma coisa que a firma faz cinquenta anos que não consegue organizar. Na farmácia ela brigou tanto por causa de uma gerente que tá fazendo coisa errada, ela fez a cama, quem deitou foi outro rapaz, que era um boca mole e não tinha força para nada. E ela acabou fazendo o rapaz ser gerente e aí ela chegou no rapaz para*

pedir para mandar embora e o rapaz acabou fazendo ela pedir a conta. Então, ela foi pegando assim, ficou traumatizada, porque fez, fez, fez. O cara podia falar, “Não Priscila, vou mandar você embora porque aí você recebe o seguro-desemprego”. Não, fez ela sair com uma mão na frente e a outra atrás. Falei para ela: “Priscila, você vai entrar na outra empresa, faz a sua parte”. Que na farmácia ela pegou a menina roubando. “Se tiver roubando, deixa que rouba. Não é seu. Faz a sua parte, se tiver prejudicando você chega e fala para ela que vai entregar ela porque tá prejudicando você. Se não, faz a sua parte e esquece”. Ela pegou a menina roubando lá, por fim a menina está lá até hoje e ela saiu. Ela fazia dez minutos de almoço porque não tinha gente, trabalhou quinze dias sem folga. Não pagavam feriado para ela, tudo fora da lei, irregular. Eu falei para ela: “Deixa. Você não vai poder fazer nada”. A firma que eu trabalho que é uma firma multinacional vira e mexe recebe processo porque tá fora da lei. Ela prefere pagar para você 100 mil reais, mas quantos milhões ela não ganhou em cima de milhões de funcionários. Que nem a firma, você vai pôr na justiça, você até ganha, ela vai brigando, mas sabe que tá errada e até paga. Mas ela anota o seu nome. Amanhã, depois, você tem um filho. Seu filho vai lá. Passou 20 anos, entrar na empresa puxa no cadastro. Como é o seu nome mesmo?

Ana Paula. Ah, Ana Paula, ele não fala, aí se põe, fez entrevista, exame médico e não chama eu. Aí você vai ver no RH, esse daqui é filho de fulano que colocou a empresa na justiça por causa disso, disso e disso. Pode passar anos, ainda mais com negócio da internet. Antigamente era ficha, então ia ficar mais difícil a pessoa pegar arquivo, mas hoje, você coloca seu nome, aparece tudo o que você fez. Se você colocou a firma na justiça, se é bom funcionário, o que você fez. Tem mais alguma coisa para perguntar?

Não, só isso.

Análise:

A fala espontânea de Carlos, após a aplicação do instrumento, revela que ele se sentiu mais à vontade para expressar suas opiniões. Durante todo o seu relato, seja referente à filha mais nova ou à mais velha, a temática é a mesma: a comunicação, proximidade e afeto com o outro, que nem sempre responde da mesma maneira (Mariana chuta a porta do quarto da irmã, exigindo ser recebida por ela). Essa busca de contato é dificultada, a seu ver, pela incapacidade do outro para aceitar e estabelecer um vínculo amoroso e profundo com uma pessoa real. Assim, ser fiel a seus princípios não desperta nada além do repúdio do outro e da rejeição. Portanto, a única forma possível de lealdade consigo mesmo é o afastamento afetivo

do outro, sendo que o desenvolvimento de um falso *Self* se torna condição necessária para sobreviver e não cair num completo ostracismo relacional. Se Carlos, do seu ponto de vista, já aprendeu essa lição, Priscila vem sendo educada e orientada para tanto. Já Mariana, em sua opinião, ainda tem esperança de ser aceita como é nos relacionamentos e representa, assim, a esperança de Carlos de fugir de um sentimento de futilidade em relação ao mundo que cada vez mais o assola e sufoca.

Ao relatar sobre a empresa que não contrata filhos de pessoas que a processou, Carlos indica a sua percepção de que os filhos sofrem consequências pela forma de agir dos pais. Assim, em uma perspectiva transgeracional, o participante pode querer demonstrar que teve prejuízos em seu desenvolvimento em decorrência dos comportamentos de seus genitores, ou, ainda, que seus filhos sofrerão por algo efetuado por ele ou por Fátima.

Síntese do TAT:

A partir das histórias contadas por Carlos, e de suas análises, pode-se compreender uma resistência do participante para demonstrar como são suas relações familiares e quais são suas dificuldades e necessidades. O participante indica que não há razão para expressá-las, uma vez que percebe que não serão atendidas, podendo, inclusive, agravar seus sofrimentos em decorrência da exposição. Assim, ele deve guardar para si aquilo que tem de mais íntimo, pelo risco de ter a criatividade massacrada.

Desse modo, ele cria um distanciamento afetivo do outro, que se concretiza também em suas relações familiares, que se tornam superficiais, parecendo pouco investir nelas. Há indícios de que o participante sofreu um rompimento na comunicação com o outro e com o mundo, o que ocasionou uma postura de desinteresse pelo mundo externo. As origens desse afastamento parecem remeter a experiências desde a tenra infância, com uma mãe que pode bem suprir as suas necessidades físicas, mas não as afetivas, mostrando-se, do seu ponto de vista, distante, fria e pouco capaz de uma intimidade real com ele. A figura do pai parece haver suprido um pouco as dificuldades do participante com a mãe, mas ele foi perdido, o que mergulhou Carlos num profundo universo de desamparo e solidão. Apesar de todas as suas resistências, existe uma concepção inconsciente de que o alívio de suas dores depende do contato com um outro capaz de ouvi-lo e aceitá-lo como é. Se os temores o impedem de ir ao encontro desse relacionamento, Mariana prossegue nessa mesma busca, reivindicando, ruidosamente, o seu direito de ser aceita como é, pelo outro.

4.4.3 Síntese do Caso - Carlos

Conforme pode ser percebido ao longo da avaliação, Carlos demonstra distanciamento do outro e receio de se expor, prendendo-se a fatos e eventos concretos do cotidiano para embasar suas falas. Esse comportamento revela a presença de algumas características paranoides nos relacionamentos que ele estabelece, com desconfiança do outro, que é visto como alguém que não vai ajudá-lo, mas, ao contrário, ainda seria capaz de explorar suas fraquezas e prejudicá-lo mais.

Diante disso, ele desenvolve um profundo sentimento de solidão e apresenta um desinteresse pelos vínculos e pelo mundo. As raízes desse desinteresse seriam decorrentes de uma sensação de rompimento da comunicação entre ele, o outro e o mundo, sensação que, de acordo com os seus relatos no processo de avaliação psicológica, teria sido fomentada por suas experiências infantis com os pais, em várias situações em que ele experimentou um profundo sentimento de abandono, real ou emocional, ligado a essas figuras, parecendo sentir que a mãe era alguém distante, incapaz de compreendê-lo e atendê-lo, afetuosamente. A perspectiva de reparação do *holding* materno deficitário parece ter sido então vislumbrada numa relação de intimidade cúmplice com o pai, mas sem sucesso, situação que foi agravada pela morte do genitor. Dessa maneira, qualquer expressão de suas necessidades tornou-se vã, já que ninguém estaria lá para socorrê-lo. Com isso, a criatividade primária não encontrou e não encontra eco no mundo, o que torna a existência fútil e fastidiosa. O rompimento sofrido repercute nas relações de Carlos dentro de seu lar, de modo que ele não se envolve na educação dos filhos, permanece distante da esposa, a única responsável pelo cuidado das crianças, em especial de Mariana, e pelas tarefas de casa. A tendência de se isolar dos relacionamentos domésticos dificulta um contato afetivo mais presente e vibrante dos familiares para com ele, gerando-lhe a sensação de não ser amado o suficiente por parte deles, o que o leva a isolar-se mais, criando um círculo vicioso. Dessa maneira, ele acaba, involuntariamente, por infligir aos filhos (principalmente à Mariana), também, o abandono que sofreu na infância.

A desesperança de Carlos de encontrar auxílio e apoio no mundo, que o leva a concluir que só pode contar consigo mesmo, e os sentimentos de futilidade que experimenta sugerem a presença de um funcionamento falso *Self* de sua personalidade, que envolve sofrimento, sentimento de irreabilidade e incerteza quanto às suas condições de conquistar um lugar no mundo onde possa desfrutar de uma existência pessoal.

Contudo, Carlos também mostra, mesmo que de uma forma tímida, sua fantasia inconsciente de cura, que está relacionada à presença de um outro que possa ouvi-lo e auxiliá-lo no alívio de suas angústias. No entanto, neste momento, ele ainda apresenta dúvidas se essa reparação de fato poderá ocorrer, o que gera insegurança e dificulta sua mobilização ativa para buscar a mudança.

4.5 Aparecida (avó materna)

Relato da aplicação da Bateria Hammer e do TAT

A psicóloga chega à casa de Aparecida, cerca de cinco minutos adiantada. Ela recebe a profissional, dizendo que estava indo tomar banho, “*mas já que você chegou, vai suja mesmo*” (sic). Aparecida está fumando e pede para que a psicóloga a espere terminar o cigarro e tomar um copo de água. Logo depois, ambas vão para a cozinha.

Aparecida chama a atenção por sua aparência física: seu rosto é muito jovem, aparentando menos idade do que tem. Apesar disso, seu cabelo é grisalho e está despenteado. Sua filha mais nova está em casa, mas se mantém na sala durante toda a aplicação dos instrumentos, não interrompendo nenhuma vez.

Durante a conversa, Aparecida alterna momentos de tranquilidade e de ansiedade, quando parece estar sem ar, falando mais pausadamente. Apesar de chorar em um momento, quando desenha a mãe, parece evitar o choro durante a maior parte do tempo.

Quando é encerrada a aplicação da Bateria Hammer, ela diz que gostaria de realizar todas as atividades no mesmo dia, pois está ficando pouco em casa, por causa de um problema de saúde na família. A aplicação do TAT parece ser mais tranquila do que a da Bateria Hammer. Após a psicóloga encerrar a atividade e desligar o gravador, Aparecida conversa um pouco mais sobre as dificuldades pelas quais a família está passando, em especial com o sobrinho que está doente. Depois, a psicóloga se despede e a avó de Mariana lhe agradece pelo momento, dizendo que foi muito bom relembrar a infância.

Análise:

Com relação à sessão, pode-se perceber que Aparecida mobilizou-se principalmente com a atividade da Bateria Hammer, provavelmente por esta tê-la aproximado de lembranças da infância e também por tê-la feito falar sobre a sua família e suas dificuldades, sobretudo relacionadas à sua mãe e ao seu pai.

4.5.1 Bateria Hammer

Desenhos da Bateria Hammer

Casa - Tempo de produção: 1 minuto e 10 segundos

Figura 19: Desenho da Casa feito por Aparecida

Inquérito

Tô fazendo o desenho de quando eu era criança. Faz muito tempo que eu não desenho, meu braço não afirma muito para pegar o lápis. Porta, né? Janela. Que feia!

A senhora desenhou alguma casa específica? Eu acho que eu desenhei mais uma casa da minha infância, você entende? Que eu desenhava quando ia na escola e a casa que eu morava quando era pequena. A gente morava em um sítio, né? E eu desenhei uma casa de quando a gente morava em sítio.

Quanto tempo a senhora morou no sítio? Ah, eu vim para a cidade eu tinha uns 15 anos. A minha infância foi lá, no sítio.

Com quem a senhora morava lá? Meus pais. Meus pais, né?

Irmãos também? Naquela época tinha duas irmãs já. A outra nasceu quando a gente já tava na cidade. Eu sou a mais velha.

E com quantos anos a senhora se casou? Com 19.

E nessa casa, quem a senhora gostaria que morasse? *Eu não sei se hoje eu iria morar lá. Eu acostumei muito com a cidade. Eu não gosto, assim, de muita terra, muito barro. Eu acostumei aqui. Lá, na época minha não, era uma época gostosa, tinha coisa para você brincar, toda fruta que você queria. Hoje tem que comprar, né? Mas aqui para morar hoje, se fosse aqui, nessa casa, mas aqui no centro, minha família eu queria toda. Minha mãe, meu pai já é falecido, então a gente sabe que ele não viria mesmo, né? E os filhos, porque os filhos, olha, eu sei viver pelos filhos.*

Quantos filhos a senhora tem? *Quatro. Tem a Fátima, né? Aquela do moço que veio aqui, o Jeferson e a Jéssica.*

Então a senhora gostaria que morasse quem? *Nossa, se morasse todo mundo junto era uma beleza!*

E a senhora acha, pensando neste desenho, está de dia ou de noite? *Eu acho que tá de dia.*

Calor ou frio? *Uma temperatura média. Aquele gostoso, entende? Mas aqui seria de dia, de dia mesmo, eu não sei se porque a gente morava no sítio, no sítio tinha força, tinha luz, só não tinha água encanada. Mas chegava de noite era um breu, tinha força dentro de casa. Isso, aquilo. Por isso que quando eu desenhei eu pensei que era de dia.*

E quantos andares tem essa casa? *Uma casa térrea. Uma casa térrea. Aqui seria a porta da cozinha, aqui seria quarto, porque a lateral seria da casa. Entende? A casa que a gente morava no sítio não era tão grande.*

Quantos quartos? *Isso que eu vou pensar agora. Eu acho que só dois quartos, a sala, o corredor e a cozinha. Cozinha com fogão de lenha ainda. Nós só pegamos o fogão a gás quando nós viemos para o centro, que o próprio patrão deu, porque naquela época as pessoas não eram registradas, né? Então, quando saía, o patrão dava um dinheiro e alguma coisa para começar. Então foi ele que deu o fogão e até depois o dinheiro que ele deu foi aonde a minha mãe comprou um terreno e nós construímos uma casa. Porque a gente morava numa chácara, a minha mãe cuidava das criação e da chácara, meu pai trabalhava fora e eu também já trabalhava fora. E aí o ano que eu casei, nós mudamos na nossa casa em 73 e eu casei em 73 mesmo, entende? Então, mas a casa foi com aquele dinheiro do patrão que nós compramos o terreno. Era uma vida gostosa, era uma vida difícil, só que a gente sente saudade. Eu falo difícil aqui porque a gente morava no Parque I., era tudo mato ali, a chácara existe ali ainda, e a gente saía dali e ia lá no Jardim S. J. trabalhar a pé. Não tinha nem circular de manhã. Era cansativo tudo, só que hoje a gente lembra com saudade. A gente lembra com saudade, porque hoje a gente faz tudo de carro ou de ônibus. Bom, eu não gosto*

de andar, sou taxativa para falar, mas naquela época era um divertimento, porque saía de manhã uma turminha, de tarde voltava outra turminha, então.

E o que a senhora acha que falta mais nessa casa para ficar melhor? Nessa daqui que eu desenhei da minha infância, para ficar melhor, eu acho que nada. Na minha infância nada, hoje, se fosse aqui, ia querer uma água encanada, um banheiro dentro de casa, que lá não tinha, tomava banho de bacia e usava uma fossa para fora. Não sei se você já conheceu isso, mas era assim. Agora se fosse aqui na cidade, então já queria uma água encanada, o chão era de tijolo, de tijolo, não era um chão assim. Isso daí. Mas só que essa casinha, o jeito dela, era uma casa geminada, por um lado morava minha mãe e meu pai e o outro lado uma irmã da minha mãe, o marido dela e os filhos dela. Só que a parte dela era maior. Porque ela tinha mais filho, tudo, era maior. Mas é uma coisa que eu falo mesmo daquela época, era suficiente para a gente viver. Meu pai era alcoólatra, mas ele era valente para a minha mãe, para nós não. Era uma vida difícil, minha mãe sempre trabalhou para ajudar. Eu, com 12 anos, já fui trabalhar como empregada, entende? Ficava a semana inteira fora, só vinha no fim de semana. Mas o resto não tem muito o que mudar, tá joia.

Análise:

O desenho da casa é pequeno, feito na margem superior e esquerda da folha. Assim, primeiramente, pode-se perceber que a participante apresenta retraimento e insegurança. Esta maneira de desenhar indica, ainda, que há uma fixação no passado, demonstrando que há uma idealização desta época de sua vida à qual gostaria de voltar. Nota-se, também, que o desenho à esquerda indica a presença de impulsividade.

A casa é desenhada sem chaminé, o que evidencia ausência de calor no lar. Esta ausência pode representar também a percepção de que há pouco afeto nas relações familiares. No entanto, o inquérito traz lembranças afetuosas, sobretudo com relação a sua infância. A participante demonstra isolamento do mundo externo, justificando o retraimento (discutido anteriormente) e a introversão (percebida a partir da ênfase dada ao telhado da casa).

O desenho tem a parede destacada, uma vez que ela apresenta uma fenda, o que significa que a participante apresenta os limites do ego pouco consolidados, enquanto a própria fenda demonstra uma dificuldade na sustentação e na segurança, fazendo pensar que a sua personalidade é frágil. Em consonância com essa fragilidade, a inclinação do desenho sugere certa instabilidade da personalidade. Embora essa característica do desenho possa ser explicada, em parte, à falta de hábito de Aparecida com a atividade do desenho, alguns de

seus comentários, nesse sentido, como dizer que não tem firmeza no braço, indicam uma percepção da participante de que há nela um sentimento de falta de recursos.

Quanto ao inquérito, o desenho levou Aparecida a relembrar momentos de sua infância. Pela sua fala, nota-se que as dificuldades concretas vividas no sítio não foram suficientes para impedir o seu desenvolvimento emocional. Todavia, a vida adulta parece ser permeada por um sentimento de falta: embora ela diga que a vida melhorou em termos dos suprimimentos de suas necessidades mais concretas, há indícios de desamparo e insegurança.

Aparecida parece vivenciar a fase adulta como um período difícil, que a faz ter nostalgia de um passado em que supostamente recebia *holding* de sua mãe. Assim, ela idealiza um passado perdido.

Além disso, sua fala traz a presença de um pai usuário de álcool, que maltratava a mãe, mas que não agredia os filhos. No entanto, existem indicações de uma presença insuficiente de uma figura paterna que auxiliasse os filhos em seu desenvolvimento emocional, dando a entender que a mãe foi a principal responsável por este papel.

Árvore - Tempo de produção: 1 minuto e 10 segundos

Figura 20: Desenho da Árvore feito por Aparecida

Inquérito

Árvore é mais difícil. Eu sempre fui ruim para desenho, não é agora, não. Eu sempre fui ruim, ruim, ruim. Assim.

A senhora pensou em alguma árvore para desenhar? Não sei, viu, aqui na cidade eu nunca morei em uma casa que tivesse uma árvore grande, então eu acho que já vem da minha infância isso, porque lá tinha o pé de manga, o pé de maçã já não é tão grande, o pé de uvaia...

Que árvore seria essa? Assim, na minha concepção, mais um pé de manga. Que é bem redondo, né? Mais um pé de manga.

E quantos anos a senhora acha que essa árvore tem? Ai meu Deus, se é que ela existe lá, eu calculo, não, mas ela não deve existir mais, porque foi quase tudo arrendado aonde a gente morava. Acho, assim, que numa faixa de uns 90 a 100 anos.

E é uma árvore que está viva ou que está morta? Não sei, na minha concepção ela estaria viva, eu gostaria que ela estivesse viva, mas só que eu não sei. Não tem como saber porque nós nunca mais voltamos lá. A gente passa na frente quando vai para a cascata, tem aquele arvoredo ainda, mas na casa que a gente morava não dá para ver. A gente passa muito depressa, vai ver uma coisa, outra, não dá tempo.

E o que a senhora acha que falta para ela ficar mais forte? Acho que ter cuidado, né? Bastante. Mais é cuidado mesmo, a turma “ranca” tudo ultimamente. Mas é cuidado, molhar bem, porque essas árvores, mesmo do sítio, você tem que cuidar delas como a pessoa cuida aqui na cidade. Tem que molhar, porque não é sempre que chove, tem que ter muito amor, é como cuidar dos filhos. Não é verdade? É como se tivesse um amor de filho seu.

E a senhora acha que está de dia ou de noite aí? Ah, e agora? Não posso dizer, não sei. Porque é uma árvore. Ah, eu acho que é de dia. De dia.

E está calor, está frio? Eu fiz ela bem cheinha assim, com folhas, você percebeu? Então eu acho que seria um tempo bem gostoso, um outono, mas que as folhas ainda não caiu. Eu acho. Tá aquele dia de outono, com pouco vento.

Análise:

Com relação ao tamanho e à posição do desenho da árvore, pode-se perceber semelhança com o anterior, ou seja, pequeno, com localização superior e à esquerda. Assim, corrobora-se as interpretações sugeridas anteriormente, que indicam insegurança, retraimento, regressão e impulsividade.

A árvore tem uma linha do solo desenhada, evidenciando uma necessidade de segurança, e presença de ansiedade. Da mesma forma, a omissão das raízes indica que a participante é uma pessoa insegura.

Considerando o desenho e a história da participante, é possível compreender que Aparecida sente que houve uma perda significativa desde quando foi embora do sítio, onde ela crê que desfrutava de *holding* e gratificação, como pode ser percebido pelo desenho da árvore grande e frutífera. Aparecida não tem certeza se conseguiu manter introjetada a imagem materna boa (de que desfrutou durante sua infância), de maneira que a ausência de raízes na árvore indica temor de perder essa mãe boa internalizada. Dessa forma, sente que precisa cuidar para que isso não aconteça, assim como é necessário cuidar da árvore. Ainda sobre o inquérito, a participante declara que passa perto do lugar onde morou, mas não consegue ver a casa, o que evidencia sua procura por algo que ficou ou foi vivido naquela época.

Pessoa - Tempo de produção: 2 minutos e 10 segundos

Figura 21: Desenho da Pessoa feito por Aparecida

Antes de iniciar o desenho:

Agora eu vou pedir para a senhora desenhar uma pessoa. *Uma pessoa? Meu Deus! Ai, ai... Eu não sei desenhar pessoa.*

Inquérito

Vai entortar a cara, vai entortando. Entortou mesmo. Nem a mão saiu igual. Nossa, nem vou por orelha que vai ficar mais feio ainda.

Quem a senhora desenhou, um homem ou uma mulher? *Uma mulher.*

E a senhora pensou em alguém para desenhar? *Desenhei.*

Quem? Eu resolvi desenhar uma pessoa que com tudo eu ter quatro filhos, até choro, para mim é ainda a coisa mais importante da minha vida, que é a minha mãe. Ela é tudo, sabe o que é tudo? Mas ela é... Minha mãe foi pai, foi amiga, entende? Trabalhou muito, muito para a gente ter uma casinha, para tudo. Minha mãe é uma lutadora, é até hoje. Criou nós, criou dois netos. Um que dá muito trabalho, mas ainda assim ela cuida. Ela cuida com todo trabalho que ele dá, envolvido com droga, que agora sofreu acidente e vamos ver se agora ele vai reconhecer tudo o que foi feito para ele. A minha mãe, lógico, o amor de mãe minha para a minha mãe e minha para os meus filhos é quase igual, mas ela ainda para mim é tudo. Eu não consigo ficar um dia sem conversar com ela, nem que for por telefone, não consigo.

E ela mora aqui perto da senhora? *Ela mora, não é longe. Tem, nossa, a Jéssica é outra, se você analisar. Só que a Jéssica é assim, uma coisa que eu adoro, só que eu sei que ela é minha e que eu tenho que cuidar dela. Ela não pediu para vir no mundo, é eu que tenho que cuidar dela enquanto eu estiver viva. Agora a minha mãe, provavelmente, para a gente gostar tanto dela, ela pensou como eu, os filhos era tudo, entende? E eu tive uma vida não ruim não, porque depois que eu casei, eu tive um marido até bom. Bom, assim, nunca tivemos uma desavença feia, depois ele resolveu viver a vida dele, tá vivendo a vida dele. Agora a minha mãe não, minha mãe teve uma vida de luta. Trabalhava, aqui mesmo, trabalhando, cuidando dos netos. É isso aí minha mãe, é tudo meu.*

E aí no desenho a senhora pensou nela fazendo o quê? *Eu acho que aqui ela tá lutando ainda. É. Você sabe que a hora que eu tava desenhando eu tive a impressão que eu tava desenhando ela com 20 anos a menos. Na época que ela saía, ia fazer os negócios. Hoje ela ficou muito pacata, não quer mais sair, só quer jogar bingo, entende? Então a hora que eu tava*

desenhando aqui eu pensava nela há uns 20 anos atrás. Minha mãe ficou viúva muito nova, nunca arrumou outra pessoa.

Quanto tempo faz que ela ficou viúva? Ela tá com 78, já fez, vai fazer agora dia 1º de março, 31 anos que meu pai morreu. Ela tinha 47 anos. Meu pai morreu bem novo.

E como ela está se sentindo no desenho? Eu acho, que dos 20 anos que eu desenhei a menos que eu falei, ela era uma pessoa mais feliz, entende? Com todos os problemas, com tudo. Minha mãe nunca deixou um problema atrapalhar o outro, você entende? E naquela época ela era mais feliz, hoje ela está um pouco mais doente, não doente assim, mas ela tá mais abatida, qualquer coisinha a diabetes dela já altera. Qualquer coisinha a diabetes cai, mas isso daí, eu acho que aqui ela tava bem contente. Nossa, ela era uma mulher pequeninha assim, ela não é maior do que eu, ela é mais magra do que eu, mas sempre bem arrumadinha, cuidadosa. Isso ela é até hoje, gosta sempre de tá com o cabelo cortadinho, a unha feita, mas, só que aqui eu achava que ela... A gente, não sei, hoje é só no bingo. Ela faz bingo na casa dela. Mas binguinho assim, de 50 centavos. Então as mulher vem todo dia, as veiarada, tudo veiarada. Então parece que ela não tem tanto tempo para nós mais, porque a hora que ela sai dali, ela já sai bem cansada, que tem um problema de coluna muito grave, minha mãe teve. Ela fez duas cirurgias da coluna, então a gente pega um pouco no pé dela para ela dar um tempo nesses bingos. Então há 20 anos atrás, a época que eu mais queria ela, mas não é possível. A gente sabe que não é possível. Mas é isso daí mesmo. Depois tem a Jéssica, a Jéssica para mim, ela é... Às vezes eu tô com muita falta de ar, eu tenho crise de asma e ainda fumo que nem não sei o quê. Se eu precisar sair com ela, não importa minha falta de ar. Eu “munto” no ônibus e vou. Eu esqueço muita dor minha por causa da dor dela. Só que se a minha mãe estivesse aqui, eu seria a mesma coisa, você entendeu?

Análise:

Do mesmo modo que podem ser analisados os desenhos anteriores, com relação ao tamanho e à localização na página, pode-se entender esta produção. Assim, tamanho pequeno e desenho na posição superior e esquerda da folha indicam insegurança, retraimento, frustração, regressão, fixação no passado, impulsividade e preocupação consigo mesmo, demonstrando que estas características fazem parte da personalidade de Aparecida.

A pessoa desenhada apresenta distorções moderadas, como a forma das mãos e do rosto, indicando presença de ansiedade, e braços muito finos, apontando dependência e organicidade. Também como já detectado nas produções anteriores, pode ser resultado de um

contato pobre com a realidade (olhos sem pupilas) e sentimento de desamparo e perda de autonomia (pernas finas). Nota-se que as pernas desenhadas estão afastadas e em posição instável, o que demonstra presença de agressividade e reforça os sentimentos de insegurança e dependência. Estas distorções podem representar, ainda, a fragilidade da figura desenhada, devido ao envelhecimento.

Quanto ao desenho do tronco, nota-se que este é feito de forma muito semelhante ao desenho do pescoço, o que indica um hipercontrole das ações e pouco espaço para as experiências pulsionais e afetivas. Além disso, as linhas do desenho são fortes, demonstrando presença de ansiedade e tensão.

Com relação ao inquérito, quando fala sobre sua mãe, Aparecida se emociona muito e demonstra depender muito dela que, de certo modo, ofereceu-lhe *holding*. Assim, nota-se que há uma dificuldade para crescer e ser autônoma, o que está em concordância com as características percebidas na produção gráfica (dependência, regressão, fixação no passado).

Alguns fatos da vida da participante, em especial a sua separação conjugal, fazem com que Aparecida perceba as mulheres como figuras mais confiáveis e fiéis do que os homens: enquanto elas se dedicam integralmente aos filhos, eles se interessam por si mesmos, fato que a participante demonstra ter acontecido com ela, uma vez que o ex-marido decidiu viver sua vida, enquanto ela ficou responsável por Jéssica.

Desenhando a mãe 20 anos mais nova, Aparecida parece representar que o envelhecimento da mãe significou que ela não pode mais lhe oferecer o mesmo apoio e dedicação de antes, pois está num momento de cuidar de seus interesses, como o jogo do bingo. Essas ideias fazem entender que a deformação observada no desenho representa a percepção de Aparecida de que a sua mãe não é mais a mesma de 20 anos atrás.

Aparecida desenha a mãe com 20 anos a menos, ou seja, quando tinha 58 anos, que é a mesma idade da participante hoje. Assim, é possível entender que Aparecida tenta retomar a mãe nessa etapa, para compará-la e usá-la como modelo de identificação.

Pessoa do Sexo Oposto - Tempo de produção: 2 minutos e 30 segundos

Figura 22: Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Aparecida

Antes de iniciar o desenho:

Nossa, como eu vou desenhar um homem? Por calça nele... Pode virar a folha?

Inquérito

Agora melhorou. Ainda que eu costuro, hein, e minha coordenação motora é tão ruim! Tá muito feio?

Tá ótimo. Quem a senhora desenhou aí? Pensou em alguém? Ai. Eu acho que eu desenhei o meu filho. A hora que eu comecei a fazer o desenho, era para eu desenhar outra pessoa, mas se eu desenhar outra pessoa, eu ia... Ficar muito... Para baixo. Entendeu? Então eu resolvi desenhar o meu filho. Um filho que é muito bom, nossa, ele é maravilhoso. O único filho homem que eu tenho. Ele é uma pessoa boa, boa, boa. Tem os defeitos, os momentos de defeito, todo mundo tem, mas ele é muito prestativo, muito trabalhador.

Ele é casado? Agora é, faz dois anos que ele casou.

Quantos anos ele tem no desenho? Aqui no desenho ele tem 18 anos. Hoje ele tem 28.

E o que ele está fazendo aí no desenho? Eu acho que ele está indo trabalhar. Eu tentei por um sapatão aqui, mas eu não sei. Porque ele é torneiro mecânico e tem o sapatão, mas eu não consegui desenhar o sapatão.

E como ele está se sentindo no desenho? *Olha, com 18 anos, fazendo sempre o que ele gostou, que é na parte mecânica, ele tá bem contente. Depois ele mudou a vida dele, entende? Ele entrou em uma empresa de alimentos, lá não é de torneiro mecânico, mas ele ainda faz bico de torneiro, que é o que ele gosta. Aí compensa mais, né? Do que fazer outra coisa, mas aqui ele tá bem feliz, é uma época muito boa que nós passamos. Com tudo, com a separação, que nós separamos, eu e o pai dele, ele tinha uns 16 anos, mas ele se... Ele não ficou decepcionado. Uma que ele não ficou, não sei por que ele não ficou. Uma que ele sabia tudo que tava se passando, a única que não sabia era eu. Então ele foi muito companheiro, muito amigo mesmo, na época que eu mais precisei. E principalmente por causa da Jéssica, que eles foram sempre apegados um no outro.*

Quantos anos a Jéssica tem hoje? *A Jéssica tem 22. Feliz ele tava sim.*

Faltava alguma coisa para ele ficar melhor? *Faltava. Porque eu sempre quis, não sei se não foi possível ou se ele não quis, mas era uma faculdade. Não sei, não sei. Porque hoje em dia consegue, mesmo com pouco dinheiro, se formar. Ele sempre foi um aluno estudioso, nunca repetiu nada, mas nunca gostou muito de estudo. Porque para você fazer uma faculdade depois que você já está com uma idadinha, você tem que gostar muito do estudo. E ele parece que não, ele fez tudo o que ele fez porque precisava. Ele fez mecânica, torneiro mecânico, mecatrônica, mas tudo no SENAI. Não em faculdade. E eu sempre quis que ele fizesse nessa área, eu sempre comentava: “Vamos fazer um esforço, a gente dá um jeito”. E ele falava “Ah, não vou mexer com isso, não”. A única coisa que eu acho. O carrinho dele, ele tinha, hoje tudo bem, tem um melhor. Mas naquela época ele também tinha, tava começando, né?*

Análise:

No desenho da pessoa do sexo oposto, a localização é diferente da dos anteriores, estando um pouco mais centralizada na folha. Apesar disso, nota-se que a tendência inicial da participante era fazê-lo também no canto superior esquerdo, mudando a localização devido a dois erros iniciais, que podem ter acontecido pela dificuldade dela em evocar a imagem masculina. Assim, nota-se que há confirmação das características já descritas: sentimento de frustração, de preocupação consigo mesmo e de buscar gratificações imediatas, procurando a satisfação na fantasia. Evidencia-se uma fixação no passado e regressão a esse momento. O tamanho da figura ainda é pequeno, reforçando que há insegurança, retraimento e descontentamento.

É possível notar a semelhança com o desenho anterior, trazendo informações que confirmam as já discutidas anteriormente: ansiedade (distorções moderadas, linha forte), dependência e organicidade (braços muito finos), contato pobre com a realidade (olhos sem pupilas), desamparo e perda da autonomia (pernas finas), insegurança (pernas com posição instável), agressividade (pernas afastadas) e *acting out* (dedos pontiagudos). Além dessas características, a presença de uma linha mediana vertical no tronco da pessoa desenhada reforça a ideia de dependência e sentimento de inferioridade. Os ombros quadrados indicam hostilidade, enquanto o formato dos pés, feito com apenas uma linha, como se estivesse cortado, demonstra sentimento de desamparo, perda de autonomia e preocupações sexuais (no inquérito ela diz que não conseguiu desenhar o “*sapatão*” do filho). A ausência de cabelo também indica que há preocupação de ordem sexual, podendo entendê-la como vinculada ao abandono, à traição do marido e à dificuldade para aceitar o término do casamento.

Quanto ao inquérito, percebe-se que a participante gostaria de dizer que desenhou outra pessoa, provavelmente o marido, mas não o fez, para não se mobilizar afetivamente. Apesar disso, ela fala da separação e do fato de ter sido a última a saber da traição, enfatizando que até mesmo o filho sabia disso. Ao falar sobre o filho, traz ainda uma aproximação com a separação, dizendo “*Com a separação, que nós separamos, eu e o pai dele, ele tinha uns 16 anos, mas ele se... Ele não ficou decepcionado*”, indicando que esta é a problemática que ela gostaria de associar ao desenho.

Com relação ao filho, nota-se que ele foi a figura que lhe ofereceu *holding* e dedicação durante esse acontecimento, como retribuição ao que a mãe fez por ele, nos momentos anteriores. Com o casamento do filho e sua saída de casa, a participante perdeu parte desse apoio. Além disso, mesmo sendo uma figura importante para ela, ele não era tão forte quanto Aparecida gostaria (ele não fez faculdade). Em suma, o filho fez as próprias escolhas e não substituiu o marido que ela perdeu.

Família - Tempo de produção: 4 minutos

Figura 23: Desenho da Família feito por Aparecida

Inquérito

Eu tenho uma dificuldade no braço direito, acho que foi alguma batida forte que eu não fui ver. E meus desenhos tão tortos porque eu tô sem óculos, mas eu não gosto de óculos. Eu uso só para costurar e para ler. Meu aparelho de ouvido, que eu tenho problema de audição, não uso. Nossa, eu fico louca e não consigo usar. Qualquer hora eu devolvo para a prefeitura. Não acostumo, não tem jeito. Não é que eu tenho vergonha de usar, não é isso, eu não consigo usar. Não consigo, não adianta. Aqui eu fiz uma família que eu admiro muito. Pai, mãe, filho, filha, filha.

É uma família que a senhora conhece? É uma família que eu acho que, com tudo, não dificuldade, mas, muita, mas fazer tudo certinho. O marido quer fazer uma coisa, se vira e faz isso, a mulher a mesma coisa. Um não faz nada escondido do outro. É a Fátima e o Carlos. Não é que eles estão ricos, mas eles conseguem manter uma estabilidade e eu acho isso super bonito. Sem esconder o que fez, porque tem muitos casais que esconde do outro o que fez. Não é esconder, assim, que eu falo, de traição [gagueja], é às vezes comprar uma coisa, pegar dinheiro disfarçadamente, eu não acho isso legal em uma família. E ali não tem isso, tem as brigas com os filhos, tem a Mariana que é uma peste [risos], ela é demais, tem. Lógico que tem, o Pedro não fica muito atrás da Mariana, ele é danado também, só que ele tem um jeitinho mais delicadinho. Mas a Mari, eu adoro ver a Mari! Eu falo para a Fátima, ela

pergunta: “Por que mãe?”. E eu falo que é porque a Mari não fica falando “amém” para todas as coisas. As pessoas têm mania de falar “amém”. Ela não, ela gosta, ela gosta, ela não gosta, não gosta. É reinadeira demais, é lógico. É uma família exemplar, a Fátima tem uma força, o Carlos também. Ele é um pouco bocudo com as crianças, é. A Fátima não. E a Priscila é muito autoritária, ela é a dona. Quando ela enfeza, ela fala que vai vir morar comigo. Cata as coisas e vem, depois vai embora. Mas eu acho uma família muito firme e eu gosto do jeito que eles levam.

Análise:

O desenho das pessoas da família é feito de maneira semelhante aos anteriores, concordando com as interpretações sugeridas. A diferença está na posição do desenho, que é feito na margem superior, mas direita, da folha. Com isso, pode-se perceber a presença de ansiedade e necessidade de antecipar o futuro, o que é corroborado pela fala de Aparecida no início da produção, que indica que o tema da família é mobilizador, desperta dificuldades e retraimento, de maneira que ela tenta fugir dessa temática. Por isso, Aparecida relata problemas de saúde que poderiam prejudicá-la na execução da tarefa, como as dificuldades no braço, visão e audição. Assim, abordar esse tema a faz sentir-se frágil, vulnerável, deteriorada.

Por conta disso, ela decide desenhar uma família na qual ela não está diretamente inserida como uma estratégia de defesa e de afastamento, para não enfrentar as próprias dificuldades familiares, dentre elas a separação do marido, que parece fazer com que ela se sinta incompleta, sem formar uma família apenas com os seus filhos. Então, decide representar uma família ideal do seu ponto de vista, aquela que ela gostaria de ter, enfatizando a proximidade do casal e dos filhos. Ela retrata a família da filha, pois é aquela que vê como ideal e a única que está intacta e é nuclear. Ademais, demonstra que procura uma família em que haja sinceridade e cuidado, independentemente da presença de dificuldades.

Nesse momento da atividade, Aparecida consegue falar mais profundamente do comportamento de Mariana, vendo pontos positivos na maneira de ser da neta, que não se acomoda e nem fala “amém” para o que acontece. Apesar disso, ela destaca a impulsividade da menina, que é “uma peste” e “reinadeira”.

Sobre seu lar, Aparecida revela que a dedicação, como mãe e esposa, não a ajudou a manter a união familiar, o que gerou um sentimento agudo de frustração. Já a família de Fátima, ao contrário, resiste às turbulências dos desejos individuais de todos, sem que ninguém se sinta obrigado a recorrer a um funcionamento falso *Self*, que não assegura, em

absoluto, o amor do outro. Enfim, ser correta e ser feliz são coisas bastante diferentes. Diante dos afetos despertados por sua separação e perda da integridade familiar, a vivacidade exacerbada de Mariana, por procuração, constitui-se em alívio para Aparecida, como defesa para sua depressão.

Em suma, a mensagem que Aparecida transmite é: na família de Fátima há estabilidade, uma vez que continua unida mesmo com a presença de dificuldades, o que pode revelar arrependimento por ter se separado do marido, mesmo que na época era o que parecia certo.

Desenho Livre - Tempo de produção: 6 minutos e 10 segundos

Figura 24: Desenho Livre feito por Aparecida

Inquérito

Me fala o que a senhora desenhcou. *Esse daqui, eu vou falar o que eu desenhei: flores, sol, uma estrela, uma lua, um coração e aqui, que é o que eu queria viver, assim. Hoje não sei se seria uma família, porque a família teria que ter o homem, mas é o que eu queria viver. Não, eu vivo até, não posso reclamar dos meus filhos, mas uma coisa muito gostosa, tudo junto pelo menos uma vez por semana, isso que era minha intenção. Os meus genros e meus netos eu já não fiz por porque ia ficar uma coisa muito grande, né? Cada um vai simbolizando. A Fátima que é a mais velha, a Lo não tem filho, o Jeferson tem um menino e a Jéssica também*

não tem. Então era isso daí. Mas assim mesmo é uma família, porque é a minha família. Então é isso daí.

Análise:

Nesse momento, Aparecida parece continuar a produção anterior, ampliando o tema da família que gostaria de ter: compreende que, mesmo não sendo a ideal, não deixa de ter uma família e pode usufruí-la. Apesar disso, ela demonstra que a ausência de uma figura masculina, o marido, faz com que fique faltando alguém, cuja falta os filhos não conseguem suprir, pois cada um tem já a sua vida. Ela se sente, assim, desamparada, sem o apoio do marido que foi embora e sem poder ainda buscar *holding* e consolo na mãe (que já é idosa e tem outros interesses e necessidades), nem nos filhos. Resta-lhe apenas Jéssica, cuja deficiência permite à Aparecida estabelecer uma relação de dupla dependência, salvando-a da mais completa solidão. Desconcertada e frágil, ela não pode se constituir numa figura de apoio à Fátima nos momentos difíceis da vida; ao contrário, busca suporte na filha.

Síntese da Bateria Hammer:

As produções de Aparecida revelam várias características que se repetem e que favorecem uma compreensão global de sua personalidade. Assim, entende-se que se trata de uma pessoa insegura, retraída, com um contato pobre com a realidade, mas dependente do mundo externo.

O término de seu casamento pareceu ser um evento traumático, que não foi bem elaborado até o momento, já que há dificuldade para aceitar a ausência de uma figura masculina em sua vida, como se isso a impedisse de constituir uma família de verdade.

Sentindo-se frágil, desamparada e incompleta, pelo abandono sofrido, Aparecida busca regredir à infância para que possa, novamente, receber a proteção materna. Desse modo, ela procura assumir novamente o papel de filha (em detrimento do de mãe e de avó), justificando, assim, o apego à sua mãe, por ela relatado. Dado o malogro desse intento de recuperar o *holding* materno, ela busca apoio nos filhos, mas também não o encontra, pois estes - Fátima em especial - desejam que Aparecida lhes seja um pilar, o conforto face às dificuldades da vida. Portanto, mãe e filha esperam a mesma coisa uma da outra, mas a carência de ambas as impede de conjugar esforços para estabelecer uma relação fecunda, de ajuda mútua. Com isso, o sentimento de solidão nelas permanece.

4.5.2 TAT

Estórias do TAT

Cartão 1

Título: “*O menino e o seu medo*”

(Latência de um minuto e 50 segundos) *É uma guitarra?* [Pode ser o que a senhora quiser, não tem certo, nem errado.] *É um menino, como se diz? Pelo olhar da criança, pelo olho da criança, aqui seria um violão, eu acho assim, uma coisa que os pais está impondo e ele não está querendo. Tá fazendo ele aprender uma coisa que ele não queria, entende? Minha concepção é essa.* [E o que acontece depois?] *Eu acho que enquanto ele é criança, pode até ser que ele continue. Mas na época da adolescência ele já... Se é o que eu tô pensando, porque aí a pessoa já vai pelo que ela quer. Não adianta que você queria que ele seja médico se ele quer ser pedreiro. Eu penso nisso. É assim?* [Agora eu vou pedir para a senhora olhar a imagem e dar um título para a estória]. *Não sei. “O menino e o seu medo”.*

Análise:

Considerando a estória relatada, a criança é vista por Aparecida como imatura e imponente, tendo que aceitar as ordens dos pais, mesmo que sejam contra a própria vontade, visto que a desobediência causa o medo da reação deles (conforme descrito no título). Já o momento da adolescência ocasiona uma mudança na relação com os pais, uma vez que o jovem passaria a ter mais liberdade. Assim, a adolescência seria um momento de aquisição de maturidade, de ter opinião e liberdade. Embora o tema dessa estória remeta diretamente à consideração da relação entre Aparecida e o filho (ela relatou que este não quis cursar faculdade, embora fosse desejo dela), também parece dizer respeito a si mesma: foi obrigada a tomar decisões na vida muito mais por uma preocupação com a reação dos demais do que por uma vontade sua.

Cartão 2

Título: “*O estudo e seus preconceitos*”

Eu não sei. Uma moça com um livro, né? Aqui uma plantação, cavalo e uma mulher. [O que está acontecendo?] Eu acho que os pais trabalhando e a filha querendo ir para a escola. Tem hora que dá a impressão que ela vai para a escola até contra a vontade dos pais. Eu acho isso. [E ela acaba indo para a escola?] Eu acho que sim, pelo estilo dela, ela já tem a opinião formada, entende? Então eu acho que é isso. [E qual que é o título?] “O estudo e seus preconceitos”.

Análise:

Como continuidade à estória anterior, na qual o menino não pode escolher o que quer, porque ainda é uma criança, Aparecida apresenta a questão da maturidade vinda com a adolescência, o que possibilita que a jovem se oponha aos pais, à autoridade deles. Assim, ela pode sair de casa e enfrentar os preconceitos sucedentes (“*O estudo e seus preconceitos*”).

Assim, nota-se que a maturidade atingida pela moça do cartão possibilita que ela se liberte, o que pode representar um receio de Aparecida do distanciamento dos filhos. Todavia, a narrativa parece representar também a sua história de ter se vista obrigada a tomar decisões com base no que imaginava que os outros queriam, ao invés de considerar os próprios desejos. A maturidade emocional, no seu ponto de vista, seria a condição para escapar desse tipo de conduta falso *Self*.

Cartão 3RH

Título: “*A hora do desespero*”

Uma pessoa dormindo em um banco. Uma pessoa desanimada da vida, será? [O que a senhora quiser.] Eu acho, uma pessoa em um banco. Abaixada. É uma pessoa que está desanimada, desgostosa da vida. [O que aconteceu para ela estar assim?] Foi abandonada ou viciada? Tá mais para abandonada, acho que ela sofreu um abandono. [E o que vai acontecer?] Eu acho que ela vai até para o pior disso daí. A pessoa tem que ser muito forte

para aguentar muita coisa. Os filhos normalmente não aceitam o que os pais fazem, é muito difícil. Ela vai para o pior. É “A hora do desespero”, o título.

Análise:

A estória relatada também corresponde a uma temática apresentada anteriormente: uma pessoa que está sofrendo em consequência de um abandono, vinculado a um problema relacional com os pais, possivelmente uma oposição a eles (*“Os filhos normalmente não aceitam o que os pais fazem”*). Assim, existe receio de fazer uma escolha não condizente com a vontade do restante da família, ou seja, autonomizar-se, pois ocasiona o abandono e, em consequência, a depressão. Enfim, a personagem da estória parece ter feito suas escolhas, de forma autônoma, sentiu uma solidão, insuportável, com incapacidade de elaborar o luto pelo objeto perdido.

Cartão 4

Título: *“O amor acabou”*

Aqui seria um abandono, uma pessoa querendo ir e a outra pedindo para ficar. Entende? Tipo assim, o amor acabou. Eu acho isso. Ele quer ir embora porque o amor acabou e ela quer tentar de novo. Dá a impressão pelo jeito dele querendo sair do abraço dela, eu penso nisso. [E ele vai embora?] Olha, pelo que eu conheço, pela minha experiência, ele vai embora. Se fosse pela minha época, há muitos anos atrás. Eu acho que ele vai embora, porque a pessoa, quando ela está decidida de uma coisa, ela pode até voltar depois, mas a hora que ela tá decidida a ir embora, ela vai embora. É isso daí. [E qual que é o título?] “O amor acabou”.

Análise:

Considerando o exposto, compreende-se que a representação dos personagens é a de um homem que simboliza a rejeição, pois não há mais amor de sua parte e ele quer ir embora, enquanto a mulher é vista como a principal figura de ternura/amor, pois tenta segurá-lo para que eles possam tentar uma reconciliação. Neste caso, nota-se uma impulsividade da figura masculina, que sai de casa, embora possa mudar de ideia e voltar.

A partir da história de vida da Aparecida, pode-se perceber que ela faz uma referência pessoal, demonstrando reviver o abandono que sofreu com a separação do marido. Sendo assim, a temática - perda/abandono - por parte do objeto é algo mobilizador para a participante, e parece corresponder a um evento traumático em sua vida.

Cartão 5

Título: “*A volta*”

Ah, ai meu Deus. Esse eu não sei. Uma mesa, um vaso, um abajur. Seria uma pessoa chegando depois de bastante tempo, porque tem umas coisas mais surradas pela vida, os móveis, né? E ela entrando pela porta. Não dá a impressão que ela está saindo, dá a impressão que ela tá entrando. Então eu acho que é uma pessoa que depois de muitos anos está de volta. [Ela vai ser bem recebida?] Eu acho que sim, porque ela tá com uma aparência de uma pessoa que queria voltar, entende? Ela não tá com uma aparência de uma pessoa que precisou voltar, porque tem uma diferença muito grande, né? Entre você querer voltar e você precisar voltar. Então eu acho que ela vai ser bem recebida, eu acho. Esse daqui o título é “A volta”.

Análise:

Inicialmente, Aparecida tem dificuldade para se expressar, descrevendo o quadro e fazendo um comentário no começo (“*Ah, ai meu Deus. Esse eu não sei*”). A estória contada apresenta o retorno da personagem, como se a participante expressasse um desejo seu de poder retornar a algum lugar, ou de que alguém retornasse à sua casa, o que sugere a volta de seu ex-marido. Relacionando com a estória anterior, pode-se compreender que o personagem daquela produção, que se separa da mulher porque o amor acabou, retorna à casa após muito tempo.

Nesse contexto, Aparecida revela a possibilidade de reparação dos erros e de receber o perdão, demonstrada pelo fato de o homem poder voltar e ser bem recebido por outras pessoas. No entanto, Aparecida demonstra um desejo de retorno do marido, por ter redescoberto o amor por ela, como ela é, e não em consequência da ausência de uma melhor opção. Assim, existe um questionamento da participante sobre como se pode manter um

vínculo e, ao mesmo tempo, ser autêntica, sem necessariamente corresponder àquilo que o outro espera.

Cartão 6MF

Título: “*O galanteador*”

Nossa! Agora piorou! Aqui seria... Um galanteador? Com uma pessoa mais jovem, né? Eu acho que assim... É galanteador não tanto pelo olhar, mas pelo cachimbo que ele tem na boca, né? E ela assim com um jeito de assustada. O que poderia acontecer aqui eu não sei definir. O que poderia acontecer aqui? Só isso, e o título seria “O galanteador”.

Análise:

Primeiramente, a participante demonstra sinais de choque ao cartão, cujo tema está interconectado com o da estória anterior, apresentando um homem mais velho com um cachimbo, que parece ser um objeto fálico e que demonstra que ele é “galanteador”. Assim, pode-se pensar que o homem da estória anterior abandonou a mulher, para ficar com outra mais jovem, sendo a retratada nesta produção. Já num contexto edipiano, entende-se a presença de um pai sedutor, que tenta se aproximar sexualmente da jovem (filha).

Aparecida, envolvida ainda na sua dor e na incerteza da volta que deseja que aconteça, não consegue finalizar a estória, dizendo se a moça ficará ou não com o homem mais velho. Nesses termos, as temáticas da sexualidade e da sedução perturbam, o que pode decorrer (ou ter sido intensificado) pela separação conjugal traumática.

Cartão 7MF

Título: “*Um momento de aconchego*”

Eu acho que aqui seria uma mãe e filha se reconciliando ou fazendo a companhia aqui para outra. Eu não sei o que a menina tem na mão, mas se fosse a filha cuidando da mãe, seria numa cama, né? Aqui seria em uma poltrona, uma mesinha do lado. É aquele momento que a mãe tá sentada, o filho chega e senta do lado, conversa, ou a mãe vai chamar a atenção de

algum modo, mas o filho está ali, do lado. Agora o título que eu não sei o que dizer. “Um momento de aconchego”.

Análise:

A partir desse relato, observa-se que a participante constrói um contexto de amor e proximidade entre mãe e filha, embora haja a possibilidade de ambivalência nesta relação, uma vez que as duas estão próximas, mas a mãe pode estar chamando a atenção da filha. Nota-se que não há ascensão da filha para o papel de mãe, já que a figura no colo da jovem não é percebida como uma criança. Além disso, há a possibilidade de inversão de papéis, em que a filha estaria cuidando da mãe.

Em um momento da estória, Aparecida declara que *“Se fosse a filha cuidando da mãe, seria numa cama, né?”*. Sendo assim, compreende-se que o cuidado, para a participante, está atrelado à doença, e não ao sentimento de proteção ou *holding*, como se se tratasse de algo difícil para Aparecida oferecer, ou que ela sente não ter recebido.

Diante disso, e levando em consideração as produções anteriores da participante, pode-se entender que ela sai do tema edípico para uma relação dual com a mãe, após haver sofrido uma decepção amorosa. No entanto, devido às dificuldades da mãe, ela não pode atender Aparecida, de forma que os papéis se invertem e esta precisa contar com o apoio da Fátima para receber *holding*, sendo que uma das alternativas para tanto é o adoecimento.

Cartão 9MF

Título: (sem título)

Essa tá difícil. Uma mãe e uma filha ou duas irmãs. Pelo estilo de cabelo, duas irmãs. O que seria aqui? Tá correndo. Um mar ou uma cachoeira? [O que a senhora quiser.] Aqui tem uma árvore, né? Não sei definir, infelizmente. [A senhora consegue pensar por que ela está correndo?] Ela tá correndo, mas não sei se está correndo dela. Entende? Essa daqui tá com uma... Parece roupa na mão. Uma tá mais correndo. Essa daqui tá indefinido, não sei nem um título para ela. Eu sou sincera, essa não.

Análise:

Como em outros cartões, as solicitações latentes deste quadro parecem provocar Aparecida, a ponto de ela sentir dificuldade para se expressar. Assim, ela inicia a estória dizendo “*Essa tá difícil*”, relata que não consegue definir o que está acontecendo (e nem intitular). Apesar disso, é possível apreender o conteúdo expreso, como continuidade das produções anteriores, sendo que esta revela um fracasso no intento de buscar *holding* na filha. Desta maneira, uma mulher corre da outra, como uma estratégia de afastar-se, diferenciar-se e proteger-se da simbiose e do sofrimento daquela. Com isso, a filha-irmã não apazigua o sofrimento do abandono, mas o intensifica.

Cartão 10

Título: “*O aconchego*”

Essa mão é de mulher, a feição, me parece que é um casal de idosos juntos. Um casal, ou em um momento de despedida, de separação, ou de aconchego no lar mesmo. Eu penso nisso, só nisso. O título é “O aconchego”. Ah não, aconchego eu já coloquei em outro. Não, vai esse mesmo.

Análise:

A estória apresenta um casal que tem bom relacionamento, num momento de “*aconchego*”. Apesar disso, fica a possibilidade de uma separação (“*ou em um momento de despedida*”), tema já apresentado nas produções anteriores, ou seja, mesmo com a presença da ternura, que corresponde à solicitação latente, este sentimento não impede a despedida ou rompimento.

É importante destacar, como foi percebido em outros cartões, que há dificuldade para Aparecida falar sobre a temática da perda ou separação do objeto, o que aproxima as estórias produzidas com a dela própria, sendo que, mesmo com a possibilidade de afastamento, o bom sentimento prevalece, fazendo pensar que a participante também se questiona sobre quais foram os sentimentos que permaneceram após a sua separação.

Cartão 11

Título: “O deserto”

Mais chatinha, mais difícil. Na minha concepção aqui é uma mata, uma cachoeira, aqui pode ser um tronco de árvore, porque não poderia ter uma caneca desse tamanho, porque lembra uma caneca. Então é uma mata com uma cachoeira e tem uma cobra aqui. [Tem alguém aí?] Alguém não, não tô vendo nada. Não vejo alguém, é um lugar. [E o que a senhora acha desse lugar?] Ah, eu tenho muito medo de água, viu? Então lugar que tem água eu não vou. Mas é um lugar bonito, mas eu não iria, viu? Esse é “O deserto”. Não é tão deserto, mas...

Análise:

Considerando que este cartão promove movimentos regressivos importantes, com relação à primeira infância e à imagem materna, observa-se que Aparecida apresenta, primeiramente, uma postura de distanciamento da imagem, dizendo que é um cartão “*mais difícil*”, como se essa fosse uma maneira de se defender dos conteúdos mobilizados.

Pensando na continuidade com a produção anterior, pode-se compreender que, após a despedida trazida pela outra história, surgem as ideias de abandono e medo, que podem ser sensações que ela vivenciou após sua separação, que não puderam ser acalmadas pela capacidade de contenção da mãe (“*não existe uma caneca desse tamanho*”). Assim, a dor foi demais para a possível apaziguamento por parte da própria mãe ou da filha. Por isso, Aparecida perde tudo e o sentimento de solidão é mais agudo, porque ela está rodeada de pessoas, mas estas não a compreendem.

Cartão 12RM

Título: “O Paraíso”

Aqui já é um lugar bonito. Uma árvore, uma barca. Seria um rancho? Eu conheço aqui como um rancho, porque eu não tô vendo casa, mas o rio aqui embaixo, a canoa do lado, geralmente tem essas árvores, tem aquele fundo de barranco, que a gente fala “barranco”. O rancho. Meu vô e meus cunhados, a gente costumava muito ir lá. Aqui eu gosto de ir, entende? Hoje em dia, eu vou uma vez por ano só, mas eu gosto muito. Agora... O título “O

Paraíso”. Porque eu gosto, no rio eu não entro. Meu cunhado comprou o rancho, meu filho tinha seis meses, ele vai fazer 29 anos, e a gente ia para lá todo final de semana. Depois da minha separação, que eu falo que eu vou uma vez por ano, que a gente passa o natal lá. “Nóis” enfeita, tudo, compra coisa pro natal. A minha família, como sempre foi. Mas na beira do rio eu nem chego, tenho medo. Tenho medo de levar, eu falo que se eu levar um escorregão eu vou cair lá dentro. Eu nunca andei de canoa, meus filhos, todos eles, minhas irmãs. Mas eu gosto, aquele ar gostoso, é um lugar que eu gosto mesmo, então aqui seria o paraíso.

Análise:

Este cartão tem como uma das temáticas a reativação da problemática da perda ou do abandono. Todavia, Aparecida consegue apresentar um ambiente em que se sente bem, mas de que também tem medo, como se houvesse uma insegurança com relação a esses momentos em família. Desse modo, a participante sente que a família não lhe oferece suporte, o que a impede de arriscar e cruzar certas fronteiras.

Há uma referência à separação do marido, sendo que Aparecida gosta dos momentos em família, mas sente falta da presença dele. Embora ela tente conservar algo que ficou de bom de seu relacionamento, as coisas não são mais como antes e o prazer do convívio diminuiu. Com isso, ela parece ter medo de precisar de ajuda e não encontrar, podendo afogar-se, caso escorregue, e cair em depressão.

Cartão 13R

Título: *“Um lugar triste”*

Aqui eu acho que é um menino, acho não, um menino, uma porta e uma casa de madeira. Aqui eu tô vendo muita tristeza, muita pobreza, às vezes até o abandono desse menino. Tem muita tristeza, eu acho que é o abandono. Às vezes não é assim abandono do pai e da mãe nunca mais voltar, do pai e da mãe precisar sair de manhã, a criança acorda, eles já não tão. A criança fica desamparada. Se bem que eu passei isso na minha adolescência, na minha infância, não abandonada, porque minha mãe nunca me abandonava, mas a hora que eu acordava, minha mãe e meu pai já tavam na roça fazia muito tempo. Então tinha a vizinha do

lado que nunca trabalhava, ia lá, dava uma olhada na gente, isso, aquilo. Então eu vejo um lar triste. E seria o título também “Um lugar triste”.

Análise:

Aparecida consegue se colocar na estória e demonstrar o sentimento de solidão por que passou durante a infância e a adolescência, indicando uma vivência de desamparo por parte dos pais, só podendo contar com a vizinha. Mesmo assim, ela relata que a mãe nunca a abandonava, o que pode demonstrar que ela recebia *holding* da figura materna, mas que este não era sentido como suficiente, deixando-a insegura com relação ao carinho da mãe até hoje. Possivelmente, esta seria a causa das dificuldades posteriores com relação às separações, pois ela teme precisar de ajuda e não encontrar ninguém para tanto.

No entanto, observa-se a presença de um lar triste, cujas relações familiares, nessa época, parecem ser superficiais. Em suma, embora vivesse com os pais e recebesse afeto da mãe, o sentimento de abandono está presente, como se o *holding* não fosse suficiente.

Cartão 13HF

Título: “O desespero da morte”

Aqui eu vejo uma morte, mas não uma morte violenta, uma morte natural. E o homem chorando muito a morte da pessoa, que provavelmente seria sua mulher, né? Então... Eu vejo assim, uma bíblia ou um livro aqui na mesa. [E como ele fica depois?] Eu acho que com o tempo, se recompõe. Porque a gente tem que se recompor. Porque na minha concepção, Deus dá o desespero, mas ele mesmo sabe acalantar depois. Porque ele não quer ver a gente sempre chorando. Agora o título que eu não sei. Seria “O desespero da morte”?

Análise:

Considerando as solicitações latentes deste cartão, nota-se que Aparecida se defende da temática, uma vez que não há expressão de agressividade e sexualidade entre o casal: na verdade, a morte natural ocasiona a separação de ambos.

Em continuidade à temática de abandono, Aparecida revela a necessidade de desenvolver condições para superá-lo. Nesse sentido, demonstra na estória o desejo de

encontrar recursos para a reconstrução, embora pareça precisar de ajuda externa para isso, como a religião.

Cartão 19

Título: “*O desespero*”

Para mim, aqui, seria uma barca, na minha concepção, fantasmas. Seria não o dilúvio que aconteceu há muitos e muitos anos, mas como acontece muito, entre família, entre... Você entende? Muita desavença. Eu penso assim. Um dilúvio sim, mas um dilúvio familiar. Você entendeu? É uma coisa afundando. E qual seria o título? “O desespero”.

Análise:

Diante de um cartão que procura reativar problemáticas arcaicas, é possível compreender que Aparecida apresenta uma temática mobilizadora para ela. Conforme já foi discutido em outros momentos, a participante parece ter como uma das problemáticas centrais a questão da desunião familiar. Sendo assim, tanto os problemas atuais, antecedendo a produção seguinte (cartão 16), quanto a separação talvez traumática do marido modificaram as suas relações familiares.

Em continuidade à produção anterior, em que houve a morte de um personagem, agora Aparecida apresenta uma catástrofe (dilúvio) que atingiu toda a família. A participante demonstra novamente o temor da separação, que não abarca apenas o afastamento físico, mas também uma oposição entre os familiares. Assim, parece se questionar sobre como manter o vínculo com pessoas que pensam e agem de forma diferente da dela.

Cartão 16

Título: “*A volta da família*”

[Este é um cartão em branco e eu vou pedir para a senhora imaginar uma cena e me contar uma estória dela]. *Eu vou pensar, pensar não, eu vou falar uma coisa que esse ano nós tivemos muita preocupação, esse ano já começou muito difícil para nós. Para nós que eu falo é para a minha família. Então eu, mas eu não queria pensar, como muitos desenhos ali que*

tem muita tristeza, eu queria pensar uma coisa mais feliz para o resto do ano. Tem a minha irmã que teve um problema sério, que a gente não sabe se era depressão. O Mateus. Uma outra sobrinha minha que tem um problema muito sério, que tem uma filha deficiente que não anda, a Jéssica anda graças a Deus, um marido muito drogado. Você pensa em tirar ele dela, mas ela vai aonde ele vai. Eu queria que isso, eu sei que eu não tenho esse poder, mas eu queria uma família mais, para a gente não ter tanto com que se preocupar, eu não sei se a gente se preocupa demais, porque nós sempre fomos muito unidos, você entende? Eu casei em 73, vai fazer 40 anos esse ano, vai fazer 12 que eu tô separada, então, mas em todos esses anos nós sempre estivemos juntos. O domingo nosso sempre foi sagrado, na casa da minha mãe, com filho, ou com dois ou com dez, minha mãe tem só quatro filhas e eu tenho quatro, a outra minha irmã tem quatro e a outra tem um e a outra minha irmã é solteirona, não tem filha. E ultimamente tá tão aquele clima que não tem nem o que falar, que não tá dando nem para se unir tudo junto. Parece que quando tá tudo junto já fica aquele clima pesado, você querendo saber o que está acontecendo, a outra pessoa não querendo se abrir, você entende? Então era isso que eu queria de volta, aquela época boa de todo mundo junto, você entende? Então era isso o que eu desenharia, o que eu pensaria. Uma esperança, que voltasse tudo de novo. A gente teve momentos muitos difíceis na vida. A gente não quer muito melhor, mas o que a gente já viveu. Então o meu desenho é uma esperança de que tudo volte como tava. Ainda somos uma família unida, mas despedaçada. [E qual é o título?] “A volta da família”.

Análise:

Em sequência ao cartão anterior, que apresenta a questão do “dilúvio” familiar, Aparecida expõe em sua estória as dificuldades familiares atuais. Embora coloque, novamente, a questão de sua separação, a participante utiliza este momento para falar sobre a desunião familiar, relatando a dificuldade de reunir toda a família e também de compartilharem dificuldades, como se houvesse segredos entre os membros, que atrapalham o usufruto do contato e a capacidade de uns oferecerem *holding* aos outros, cada um ficando imerso no seu narcisismo.

Síntese do TAT:

Considerando toda a produção de Aparecida, compreende-se que sua preocupação dominante refere-se ao abandono e perda do objeto. A separação do marido parece ter sido um momento em que ela reviveu este abandono, e ao qual ela se prende ainda hoje, fato que indica o seu caráter traumático.

Essa dificuldade parece ter surgido na infância da participante, vivida com sentimentos de abandono, que representaram um trauma precoce. Posteriormente, com a separação, Aparecida perde uma pessoa cuja relação poderia auxiliá-la na reparação. Por compreender que não tem pessoas com quem possa contar, o sentimento de abandono e as queixas de distanciamento familiar implicam demasiado sofrimento. Aparecida demonstra que não sentia o *holding* da mãe como suficiente e, ainda hoje, reage a esse fato com o sentimento de que não encontrará alguém quando precisar de ajuda. Daí sua dificuldade para lidar com o distanciamento e a individuação das pessoas, sobretudo de sua família.

Além disso, a ausência de uma figura masculina é algo relevante, que parece fazer com que a participante sinta que não está inserida em uma família. Com a separação, perdeu também alguém que a auxiliava em suas necessidades, oferecendo-lhe *holding*, de modo que o sentimento de desamparo se intensificou após o divórcio, agravando o quadro depressivo.

4.5.3 Síntese do Caso - Aparecida

A partir dos resultados dos instrumentos de avaliação psicológica utilizados, compreende-se que o eixo central que a participante apresenta como sua maior problemática refere-se à sua separação e à perda do objeto.

Durante a infância, parece ter sentido insuficientes o *holding* que recebeu da mãe e do pai, de forma que vivenciou sentimentos de abandono nesse período. Atualmente, revela uma dependência da figura materna, como se houvesse uma necessidade de recuperar esse *holding* e de, agora, senti-lo como em conformidade com aquilo de que necessita. A fragilidade que sente neste momento devido à solidão que experimenta, e que a leva a buscar por esse cuidado materno, ocasionam entrave para assumir o papel de mãe e oferecer *holding* aos próprios filhos, que também buscam por isso.

Diante do trauma precoce da infância, a separação conjugal de Aparecida foi vivida com ainda mais sofrimento. Ela demonstra arrependimento por ter optado pelo divórcio, evidenciando que sua escolha foi baseada, na verdade, pelo desejo de seus filhos e de sua

mãe, que não aceitaram a traição do marido. Ao destacar que os comportamentos da neta podem ser positivos, pois ela não aceita aquilo que lhe é imposto, Aparecida expressa o desejo de ter agido como Mariana em alguns momentos, o que teria evitado a sua separação e, conseqüentemente, alguns dos efeitos negativos que ela percebe pela ausência do marido. Dentre essas conseqüências, Aparecida, ainda hoje, parece ter dificuldade para lidar com o afastamento do outro e, embora necessite ardentemente estabelecer vínculos pessoais, parece ter se fechado para as relações, o que tem prejudicado, inclusive, o seu relacionamento com os filhos. A situação se torna ainda mais difícil porque a ausência do marido faz com que Aparecida não se sinta inserida na família, o que também pode gerar o sentimento de insegurança que foi evidenciado.

O maior questionamento de Aparecida evidenciado durante a atividade foi o referente à sua necessidade de descobrir como pode manter o vínculo com as pessoas, mesmo sendo diferente delas e não estando tão próxima do outro quanto gostaria. Há um entrave importante para aceitar esse afastamento e medo de não contar com ajuda, caso precise, sentimentos que podem ser entendidos como a causa de um possível quadro depressivo por ela apresentado.

4.6 Roseli (avó paterna)

Relato da aplicação da Bateria Hammer e do TAT

Roseli recepciona a psicóloga em sua casa, pedindo desculpas pela bagunça. Ela explica que está procurando a certidão de óbito de seu primeiro marido, e pede para que a psicóloga aguarde até que ela encontre o documento. Enquanto procura, Roseli diz que o filho mais novo precisa do documento para fazer a matrícula na faculdade, relatando que sempre perde papéis importantes. Depois de cerca de dez minutos, o filho de Roseli entra na cozinha e se mostra irritado com a mãe, dizendo que ela sempre perde coisas importantes. Ele diz que vai sair para tentar tirar uma segunda via do documento, e ela fala para a psicóloga que já podem iniciar as atividades.

Quando a psicóloga explica a atividade para a participante, esta responde que é muito “*acelerada*”. Esta declaração é confirmada ao longo da Bateria Hammer, uma vez que os desenhos são feitos rapidamente e sem detalhes. As perguntas do inquérito também são respondidas de modo muito rápido.

Ao encerrar a aplicação da Bateria Hammer, Roseli pergunta se a outra atividade pode ser desenvolvida no mesmo dia, pois ela irá viajar posteriormente e não sabe quando retorna. Assim, o TAT é explicado a ela. Nessa atividade, a participante se mostra mais tranquila, como se não estivesse com pressa para terminar a tarefa. Ela conta as histórias de maneira mais calma, responde a todas as perguntas e fala mais sobre sua história de vida, como o falecimento do marido e as dificuldades que ela sente: teve depressão, sente-se muito diferente do atual marido e do filho, e sua maneira de ser atrapalha o seu cotidiano.

Após contar as histórias, quando o gravador é desligado, a participante refere o comportamento de sua neta, dizendo que nunca pode contar com o filho e a nora, pois a Mariana “*é dos avessos*”: atrapalha a família e cansa os pais, por ser muito mal comportada. Menciona, então, que se encarrega da família toda, pois é a única que não trabalha fora de casa.

Análise:

Esse primeiro contato com a participante já permite observar o modo como ela age no dia-a-dia. Da mesma forma que acontece com Priscila, que perde e quebra coisas, Roseli parece ser impulsiva e não conseguir se organizar, fato que pode ser percebido pela casa

desarrumada e pela fala de seu filho sobre a mãe sempre perder coisas importantes. Este modo de ser parece incomodar a avó de Mariana, que se considera muito atrapalhada, diferente do filho e do marido.

Da mesma maneira, ao relatar sobre a neta, parece haver uma aproximação no modo de ser das duas: Mariana atrapalha o andamento da casa, assim como o de Roseli parece tumultuar o seu lar. Apesar disso, a avó se sente prejudicada pela neta, que sobrecarrega os pais, de modo que se distanciam do restante da família.

4.6.1 Bateria Hammer

Desenhos da Bateria Hammer

Casa - Tempo de produção: 40 segundos

Figura 25: Desenho da Casa feito por Roseli

Inquérito

Vai ser com lápis mesmo. Pode ser pequenininha assim?

Pode, tá ótimo. Agora eu queria conversar com você sobre o desenho. Que casa você desenhou? *Casa que eu desenhei?*

Alguma casa específica? *Não, não... É a casa que eu fazia quando era criança. Do jeito que eu aprendi.*

Se essa casa fosse sua, quem você gostaria que morasse nela? *Eu, meu filho e meu atual esposo.*

E hoje moram vocês três mesmo? *Nós três.*

Essa casa é térrea ou tem mais andares? *Não, é térrea.*

Quantos quartos ela tem? *Não pensei, mas eu fiz um só se for ver.*

Você gostaria que tivesse quantos? *Dois. Um para mim e um para meu filho.*

Quantos anos ele tem? *20.*

No desenho, está de dia ou de noite? *À noite. Eu prefiro à noite.*

Tá calor ou frio? *Calor, mas eu não gosto. Eu prefiro o frio.*

Análise:

O desenho da casa é pequeno, indicando insegurança, retraimento, descontentamento e regressão. Parece haver busca da satisfação na fantasia, porque o ambiente causa frustração, características evidenciadas pelo desenho na posição superior da folha. Pelo fato de o desenho estar localizado à esquerda, reitera-se a presença de retraimento e regressão, adicionando a ideia de que Roseli tem uma fixação no passado, é muito preocupada consigo mesma e bastante impulsiva.

A ausência da chaminé indica que há falta de calor no lar, como se as relações familiares não fossem afetuosas. Apesar de Roseli demonstrar impulsividade em seu comportamento, ela parece ser uma pessoa indecisa, que se sente inadequada, como pode demonstrar o desenho da porta da casa, que é pequeno. Além disso, as janelas estão abertas, o que representa um controle pobre do ego.

Em consonância com o desenho, o inquérito revela a regressão de Roseli a estágios anteriores de sua vida, o que é confirmado por seu relato de se tratar da mesma casa que desenhava na infância.

O inquérito revela ainda que, atualmente, a participante parece se fechar no vínculo com o filho mais novo, não incluindo o outro filho, provavelmente por já ser casado e mais distantes dela. Com isso, Roseli parece demonstrar que, embora deseje maior proximidade com Carlos (ela se queixa que Mariana monopoliza a atenção dele e de Fátima), em seu lar não há espaço suficiente para todos, o que a faz ser mais próxima de quem já está concretamente junto dela. Ela mostra, assim, insatisfação consigo mesma e com o ambiente que a cerca (está fazendo calor, embora ela goste de frio), sinalizando que o mundo não atende a suas expectativas.

Árvore - Tempo de produção: 20 segundos

Figura 26: Desenho da Árvore feito por Roseli

Inquérito

Eu ia pôr uma frutinha, mas não vou por. Só fica essas duas folhas, caindo.

Tudo bem. Você desenhou alguma árvore específica? *Não... Não conheço essa árvore.*

Quantos anos você acha que tem essa árvore? *Do tempo que eu faço, ela já é velhinha. Bem velha.*

Essa árvore está viva ou está morta? *Morta.*

O que fez ela morrer? *O tempo.*

Ela está com outras árvores? *Isolada.*

Como está o tempo? *Normal, sem vento, calor.*

Análise:

Com relação ao desenho da árvore, a localização pouco à esquerda da página reitera as características discutidas no desenho da casa, ou seja, presença de retraimento, regressão, organicidade, preocupação consigo mesmo, fixação no passado e impulsividade.

As outras características do desenho da árvore sugerem que Roseli é uma pessoa insegura (omissão das raízes), com medo e hesitante na sua forma de agir (qualidade da linha

leve). Há ainda evidências de que ela seja dependente (base larga do tronco) e que apresenta falha nos mecanismos que poderiam auxiliá-la a superar dificuldades (folhas soltas).

Com relação ao inquérito, Roseli deixa de colocar uma fruta na árvore, que seria sua ideia inicial. Além disso, ela declara que a árvore desenhada está morta, o que demonstra a presença de distúrbios severos. Roseli aproxima sua vida à árvore desenhada, a mesma que desenhava na infância, como se a tivesse acompanhado: *“Do tempo que eu faço, ela já é bem velhinha”*. Assim, parece haver uma preocupação da participante com relação ao envelhecimento, mas, muito mais do que a passagem real do tempo, ele parece ter a conotação de uma decrepitude crescente da capacidade imaginativa e da capacidade criativa (daí a ausência de frutos). No mesmo sentido, pode-se perceber um sentimento de fragilidade (ao dizer que as folhas que restam da árvore estão caindo), acompanhado de uma importante solidão (ela declara que a árvore está isolada).

Pessoa - Tempo de produção: 1 minuto e 10 segundos

Figura 27: Desenho da Pessoa feito por Roseli

Inquérito

Não lembro. Nossa, que tamanho de corpo! Parece um robô de lata... Tá bom assim, meu bem?

Está ótimo. Me fala, quem você desenhou? Uma menina.

Quantos anos ela tem? Ela é jovem.

E o que ela tá fazendo aqui no desenho? *Sorrindo.*

Ela está em algum lugar específico? *Não, tá sozinha.*

Que roupa que ela está vestindo? *Um vestido.*

Como que está o tempo no desenho? *Tá bem... Tá calor.*

De dia ou de noite? *De dia.*

E o que você acha que falta para ela se sentir melhor? *Amigos. Mais amigos.*

Análise:

Primeiramente, é possível notar a assimetria do desenho da pessoa, principalmente com relação ao cabelo e aos braços, características que demonstram que a participante pode apresentar inadequação física e confusão de gênero. Esse sentimento de inadequação parece ter se apresentado também em outros momentos da conversa com Roseli.

O desenho apresenta distorções moderadas, como os traços faciais e o cabelo descolado do corpo, evidenciando a presença de ansiedade, inclusive durante o contato com a psicóloga. Os braços longos e desproporcionais, que enfatizam estes membros, representam que há uma grande necessidade de realização e que a agressividade está presente, assim como evidenciam as pernas, que estão afastadas.

A boca, que é grande e está deslocada, representa que há uma dependência de Roseli em relação ao outro, característica que pode levar a participante a agir de maneira insegura, hesitante e com medo, conforme demonstra a qualidade da linha do desenho, que é leve.

Com relação ao inquérito, mais uma vez Roseli parece apresentar a questão do sentimento de inadequação, ao relatar que o desenho está parecendo um robô e se criticar pelo tamanho do corpo da pessoa. O desenho do robô sugere dificuldade de integração, como se ela existisse, mas não fosse fluida nem sólida, podendo demonstrar embotamento dos afetos e perda da vivacidade e do dinamismo. Além disso, ela enuncia novamente o sentimento de solidão, ao dizer que a pessoa desenhada precisa de mais amigos para ficar melhor, corroborando o que foi evidenciado na produção anterior. Desse modo, o relacionamento com os demais a salvaria de um sentimento de isolamento e de alienação do mundo, mas, principalmente, de si mesma; enfim, eles resgatariam o verdadeiro *Self* que parece estar escondido pelo falso.

Pessoa do Sexo Oposto - Tempo de produção: 1 minuto

Figura 28: Desenho da Pessoa do Sexo Oposto feito por Roseli

Inquérito

Ai credo, olha a cara do meu homem. Vou até por uma franjinha. Não gostei da cara dele.

Quem você desenhou? Um homem, mas não específico.

Quantos anos ele tem? Com essa cara, ele tá velhinho. Velho.

Quantos mais ou menos? Vamos por que nem a minha idade.

O que ele está fazendo aí? Tá pensativo, porque tá com uma cara de bravo.

E ele está sozinho ou está com mais alguém? Sozinho. De novo.

Que roupa ele tá usando? Uma camisa de botão.

Como está o tempo no desenho? Calor.

De dia ou de noite? De dia.

E o que falta para ele ficar melhor? E agora, o que falta? Amor.

Análise:

A partir do desenho realizado, pode-se notar que há uma assimetria da pessoa, da mesma forma que na produção anterior, ressaltando as características de inadequação física e confusão de gênero. Novamente, há indícios de dependência com relação ao outro (ênfase na boca), que pode ser originária de um sentimento de perda de autonomia e de desamparo,

percebido no desenho das pernas, que são finas, e na forma de desenhar um dos pés, como se estivesse cortado. A questão do desamparo é confirmada também pelas falas de Roseli ao longo de suas produções, uma vez que ela demonstra sentimento de solidão e percepção de que é diferente das outras pessoas que a cercam. Os dedos das mãos não aparecem, mas são desenhados em forma de luvas, denotando presença de agressividade, embora reprimida.

Com relação ao inquérito, assim como Carlos, Roseli parece ter um momento de bloqueio associativo, uma vez que declara que não gostou “*da cara dele*”. A participante inicialmente utiliza a expressão “*meu homem*”, mas depois não consegue associar o desenho a nenhuma figura masculina, como se faltasse a ela esta representação, o que sugere que, na verdade, procurou representar a si mesma no desenho.

Roseli relata novamente a questão do envelhecimento como um peso, dizendo que o rosto desenhado não está bom e, depois, fazendo uma associação da feição com a idade (“*Com essa cara, ele tá velhinho*”), declarando que ela e a pessoa desenhada têm a mesma idade. Ela também diz que o senhor está sozinho “*de novo*”, o que demonstra que este sentimento de solidão lhe faz mal, como se ela sentisse que não recebe amor (ao dizer que falta amor para o homem desenhado ficar melhor) e que foi por várias vezes abandonada, o que a faz experimentar certa depressão.

Família - Tempo de produção: 2 minutos e 20 segundos

Figura 29: Desenho da Família feito por Roseli

Inquérito

Quem você desenhou? *Eu, Juninho e Jaime.*

Quanto tempo faz que você e o Jaime estão juntos? *Seis anos.*

E você ficou viúva há doze, né? *Doze. Deu tumor.*

Como foi? *Não, assim, rápido, durou uns dois meses depois que descobriu. Muito rápido. Mas eu sofri muito também com ele, viu, foi um casamento de sofrimento. Ele bebia, batia em mim. Eu falo que é bem parecido com o casamento da minha mãe. Sabe, meu pai é igual a ele, os dois morreram cedo. Minha mãe sofreu também e a gente teve que aguentar o meu pai bêbado, que nem os meus filhos tiveram que aguentar meu marido.*

Como sua mãe está agora? *Bem velha já, frágil. Mora com uma irmã solteirona, mas acho que ela é feliz.*

E como é o relacionamento do Jaime com seus filhos? *Excelente, melhor com o mais novo. Eu falo que os dois batem, né? São dois calmos. Eu que sou da pá virada.*

E nesse desenho o que vocês estão fazendo? *Conversando.*

Vocês costumam conversar bastante? *Muito. Nem que for para discutir, mas sempre conversando.*

E o que você acha que tá faltando? *Não, tá faltando eu mudar um pouco. Eu tava tendo essa conversa hoje com meu menino, porque se eles são calmos, por que eu tenho que ser a do contra?*

Você se acha agitada ou nervosa? *Eu acho assim, eu atropelo muito as coisas para falar, para fazer. Tudo. Esse é meu defeito. Nesse sentido, eu sou parecida com a Mariana. Ela tumultua tudo, não deixa a gente ficar tranquilo. Eu acho até que a Fátima tem medo dela ficar que nem eu. Eu era assim que nem ela quando era mais nova e agora fiquei assim. Mas eu não era tão assim, ou eu não percebi. Agora vindo a idade, a gente, assim... Minhas irmãs é calma, tranquila para falar. E eu sou... De casa, sou só eu assim. Eu achei até que eu tava com depressão uma época, porque eu tentei parar de fumar e não consegui. Fiquei muito frustrada.*

Faz bastante tempo que você fuma? *Desde os meus quinze anos. Um maço por dia. Em casa ninguém fuma, né? Mas todas as minhas irmãs fuma e a minha mãe fala que tem desgosto disso. Eu achei que fosse isso. Mas aí tinha o serviço, que eu achava que era o serviço, que tava enjoada, aí saí do serviço.*

Então agora você não está mais trabalhando? *Não, mas também não dou conta da minha casa.*

Análise:

A partir do desenho, nota-se que Roseli percebe maior proximidade com o filho mais novo e o atual marido. Este fato evidencia um distanciamento de Carlos, uma vez que ele não é desenhado. Durante sua fala, a participante apresenta as dificuldades vividas com seu pai e com o primeiro marido, fazendo pensar numa aproximação entre eles e também na forma como ela e a mãe se comportam: ambas sofreram com o alcoolismo dos maridos e ficaram viúvas muito jovens. Ela se mostra particularmente preocupada com a fragilidade e o envelhecimento da mãe, figura com a qual tem uma identificação bastante forte. O sofrimento experimentado por ambas é parte importante dessa identificação, que coloca Roseli em contato com o espectro da depressão, sua e da mãe, representada em sua insatisfação com as coisas e as pessoas. Com isso, a agitação parece servir para se defender da depressão, o que ela intui ser também o caso de Mariana.

Assim, de forma mais clara, aparece o descontentamento de Roseli com seu jeito de ser - diferente do marido e do filho - e o desejo de mudar, como se isso fosse a aproximar mais dos dois. Nesse sentido, pode-se entender que ela se sente só e inadequada, sendo uma mudança de comportamento a estratégia de aproximação do restante da família e de recuperação do gosto pela vida.

Desenho Livre - Tempo de produção: 50 segundos

Figura 30: Desenho Livre feito por Roseli

Inquérito

Tá bom assim?

Tá ótimo. Você conhece esse lugar? *Não, imaginei na hora. Eu só lembrei do que eu fazia antes, mas era mais caprichoso.*

E você gostaria de estar em um lugar desse? *Tranquilo, né? Acho que sim. Quem sabe assim eu também ficava mais tranquila, né? Eu acho que é isso.*

Análise:

A partir desse desenho livre, nota-se que Roseli demonstra a procura por outro ambiente, como nos desenhos de Fátima e Carlos, indicando um desconforto e descontentamento com a vida atual. Há uma nostalgia importante do passado, em que as coisas pareciam ter mais sentido para ela e que, por isso, ela se envolvia mais (diz que anteriormente fazia um desenho mais caprichoso). Para sanar o sentimento de descontentamento, a avó de Mariana parece buscar uma mudança primeiramente externa, ou seja, ela relata que a mudança de ambiente, para um lugar mais tranquilo, poderia lhe trazer tranquilidade e recuperação de sentido para a vida. É possível entender que Roseli espera um *holding* que possa auxiliá-la no apaziguamento desse sentimento de futilidade que, no momento, ela somente pode combater pela agitação, que é o oposto do que procura.

Assim, a participante parece comunicar que perdeu algo ao longo do tempo, o que acarretou uma perda do interesse por si mesma e pelo mundo, que ela procura recuperar.

Síntese da Bateria Hammer:

A partir dos desenhos de Roseli e das respostas dadas às perguntas, é possível perceber seu descontentamento com seu modo agir, marcado pela impulsividade, além de indícios de desorganização e perda de controle. Há ainda um sentimento de sobrecarga e de solidão pregnantes: ela parece procurar uma figura que possa lhe proporcionar cuidado, demonstrando sua dependência do mundo externo. O malogro dessa busca ocasiona muita frustração e insatisfação.

A mensagem principal transmitida por Roseli na Bateria Hammer refere-se à sensação de que algo se perdeu ao longo de sua vida e que, após tê-la atirado na perplexidade, ameaça, agora, atirá-la na depressão. Existe uma forte identificação com a própria mãe, vista como

frágil e deprimida, sendo que essa identificação e o sentimento de futilidade que ela experimenta (diante da vida e do mundo) aventam também a possibilidade de alienação frente ao outro e a si mesma, denotando um funcionamento falso *Self*. A sensação de que as coisas perderam o sentido gera angústia e insatisfação, combatidas maniacamente pela agitação incessante, que a aproxima, em suas palavras, de Mariana. Sua fantasia de cura implica a recuperação de um sentido para viver, por meio do estabelecimento de relações afetivamente significativas. Assim, Roseli procura um ambiente e pessoas que lhe ofereçam o que necessita.

4.6.2 TAT

Estórias do TAT

Cartão 1

Título: “*O menino triste*”

Eu acho que ele tá lendo aqui, não tá? [Como você quiser.] *Eu acho que ele tá lendo. Eu acho que ele tá lendo e tá bem concentrado no que ele tá fazendo.* [Ele gosta de ler?] *Ele tá com cara de desanimado. Ninguém lê assim. Ele tá tendo que ler, mas tá desanimado, parece. É isso que eu vejo.* [Agora eu vou pedir para você dar um título para a estória que você me contou.] *Um título? Ai, Ana Paula! “O menino triste”?* [Pode ser.]

Análise:

Em termos do conteúdo da estória, Roseli expressa a questão da obrigatoriedade com relação à leitura, a criança tem que fazer algo sem o querer. Assim, ela aborda um problema relativo à contradição entre o dever e o desejo, tendo que se submeter ao primeiro. Existe, na sua percepção, um descompasso entre o que ela deseja e aquilo que o mundo exige, o que gera isolamento. Em termos formais, a participante não percebe a real condição do menino, que está diante de um violino e não de um livro, o que configura uma distorção perceptiva do estímulo.

Cartão 2

Título: “*O bairro dos estranhos*”

Esse daqui é um homem trabalhando em uma vila. Uma moça com livros, um cavalo. [Os três trabalham aí?] Não, são ambientes diferentes, eu acho. São três lugares. Pela roupa é. [Onde cada um deles está?] Eu acho assim, agora. O moço tá na roça, a mulher está grávida, no mesmo ambiente deles. E a moça não, a moça é mais atual, parece. Eu não acho que ela morava ali, é outra coisa, outra época. [E como eles estão se sentindo?] Como eles tão se sentindo? Tô achando esse cara muito musculoso, muito bombadão. Como que eu acho o quê, Ana Paula? [Como eles estão se sentindo?] A grávida tá com cara da espera, a moça com o livro na mão tá com olhar que está esperando alguma coisa e o moço tá tocando o cavalo, é isso que eu vejo. [E o título?] Título? Eu vou por “O bairro dos estranhos”. Sabe por quê? Eu li um livro que chama Bairro dos Estranhos e do jeito que eu bati o olho, eu lembrei dele.

Análise:

Nesse contexto, a participante expressa um sentimento de distanciamento com relação aos pais, uma vez que há um homem e uma mulher em um ambiente (casal), mas a “filha” não é inserida na cena, sendo descrita como presente em outra época. Sendo assim, pode-se pensar em um desencontro entre pais e filha, que dificulta o contato e a comunicação. Com isso, ela parece se sentir incompreendida por eles, num sentimento de alienação. Esse sentimento é confirmado pelo título da estória (“*O bairro dos estranhos*”), que revela que a participante não se sente pertencente à família e não tem certeza sobre qual é o seu lugar no mundo.

Da mesma maneira que Carlos, Roseli também demonstra dificuldade para descrever quais são os sentimentos e necessidades dos personagens. Apesar disso, ela relata duas mulheres que estão esperando por algo, enquanto há um homem tocando o cavalo, ou seja, há uma evidência de que as mulheres (mãe e filha) possuem alguma necessidade que não pode ser satisfeita nem por elas nem pelo homem (pai): enquanto elas esperam, ele se envolve em outra atividade. As mulheres descritas são passivas e não autônomas, e esperam a presença de outra pessoa (um homem) que lhes mude o posicionamento.

Cartão 3RH

Título: “*A solitária*”

Esse daqui tá chorando, tá muito triste esse. [E o que você acha que aconteceu?] *O que que eu acho? Uma perda. De alguém. Eu acho que é isso.* [E como ele vai ficar depois?] *Se ele for forte, ele vai ser feliz. Mas vai ter que ser forte para ser feliz. É o que eu acho.* [E qual que é o título?] *O título? “A solitária”?*

Análise:

Em continuidade à estória precedente, o sentimento de distância em relação ao outro é agora aprofundado por meio do tema da solidão, aqui causada por alguma perda. Esse sentimento toma conta da personagem que, sentindo-se isolada, não pode contar com ninguém para ajudá-la a combatê-lo. Com isso ela fica à própria mercê, dispondo apenas dos seus recursos (“*Se ele for forte ele vai ser feliz*”), mas sem estar certa de que eles serão suficientes para ultrapassar o sofrimento. Dessa forma, o relato sugere que Roseli não sabe como superar a perda, dadas as suas dúvidas quanto aos próprios recursos e a pouca consistência de seu sentimento de pertencer ao mundo.

Cartão 4

Título: “*A traição*”

Você vai falar: “Essa mulher tá louca”. Aqui é um homem que vai indo embora e a mulher tá segurando ele, como se diz: “Não vai”. É o que eu estou vendo. [Eles são casados?] *Não, porque eu vi uma mulher lá trás. Mas parece que ela tá de camisola.* [O que você acha que está acontecendo?] *Traição. Eu acho que a mulher pegou ele traindo ela com outra. Eu acho.* [E como você acha que vai ficar depois?] *Difícil viu... Eu acho que ele até volta, porque ele que tá traindo.* [E a mulher aceita?] *Se ela tiver orgulho próprio, não. Eu acho que ela não aceita, não. Eu acho que ela não perdoa e eles ficam separados. Eu acho. Você quer um título? [Sim.] “A traição”.*

Análise:

Antes de iniciar a atividade, Roseli faz um comentário (que a psicóloga falaria que ela está louca) que demonstra receio pelas interpretações das estórias e um temor de não ser compreendida, o que sustenta as interpretações anteriores quanto à dificuldade de comunicação com o outro. Dessa forma, pode-se entender que a atividade a mobilizou, mas que ela falava livremente, mesmo acreditando que suas produções poderiam ser pouco adequadas.

Quanto ao relato feito e seu conteúdo latente, a participante representa a ambivalência pulsional presente nos dois personagens principais. Sendo assim, ao mesmo tempo em que a mulher não quer deixar o marido ir embora (ternura/amor), ela não o aceita de volta (agressividade/ódio). Por outro lado, o homem trai a mulher (agressividade/ódio), mas depois tenta retornar para a casa (ternura/amor).

Na produção, a mulher não deseja perdoar o marido e permanecer com ele, porque essa atitude se choca com o orgulho próprio. Assim, Roseli parece expressar sua relação com o atual marido, uma vez que eles têm constantes separações. Em conversa informal com a psicóloga, no início da sessão, ela relatou estar descontente com essa situação, afirmando que gostaria de não aceitar o marido de volta após as discussões. De acordo com ela, essa aceitação é feita a um alto custo de passar por cima de si mesma, pelo medo da solidão. Então, esse temor a leva, do seu ponto de vista, a aceitar o inaceitável e confiar em quem não deveria (traidor).

Cartão 5

Título: “*A emboscada*”

Pelo jeito de abrir a porta, ela não está abrindo para fora, ela está abrindo para dentro de casa. Então, ela está espiando se alguém está na sala ou na copa. É o que eu acho. [E ela está procurando alguém?] Eu acho que ela está mais espiando alguém. [Quem ela está espiando?] Não sei, aí Ana Paula, não sei. Mas não tem ninguém, tá vazio. Depois ela sai furiosa por não achar ninguém. [E o título?] Título? Ai meu Deus! “A emboscada”.

Análise:

Em continuidade ao tema anterior, é expressa a desconfiança da participante quanto ao amor e à fidelidade dos demais. Assim, ela prepara uma espécie de flagrante, para comprovar as suas suspeitas, mas que não é bem sucedido, de acordo com os seus intentos. Suas expectativas, então, não são satisfeitas, mas, ao invés de alívio, o que ela experimenta é raiva e frustração. Desse modo, parece existir uma expectativa de não merecer o amor do objeto, que poderia ser perdido a qualquer tempo. Assim, procura denegri-lo, buscando razões que sustentem a inversão afetiva que faz, ou seja, a de que é o objeto que não a merece (o que a faz preservar o seu orgulho). Sua decepção, no entanto, é dupla: ela nem comprova a ideia de que (por projeção) o objeto não é digno do seu amor, nem o encontra esperando por ela, seja de que modo for. Essa expressão do sentimento de fúria parece ser indicativa da presença de impulsividade na participante, corroborando os dados obtidos na Bateria Hammer.

Cartão 6MF

Título: “*A desconfiada*”

Uma mulher sentada e um senhor com um charuto na mão conversando com ela. [O que eles estão conversando?] O que eles estão conversando? É uma coisa que, porque ela está com cara de assustada, entendeu? Ela está com cara de assustada, eu acho que ele tá bravo com ela. [Por que ele tá bravo com ela?] Por quê? Ela tá com cara de assustada, mas ele não tá com cara assim, bravo. Eu acho... Ele tá com cara de tirando sarro. Talvez seja que ela tá brava porque ele tá tirando sarro, fazendo alguma brincadeira. Eu não tô conseguindo me expressar, mas ele não tá com cara de bravo. [E qual que é o título?] O desconfiado, não... “A desconfiada”.

Análise:

Nesse cartão, Roseli parece ter dificuldade para elaborar uma estória, principalmente para diferenciar os sentimentos dos personagens. Considerando o conteúdo latente do cartão, ela parece revelar uma interdição dos pensamentos ligados à expressão da sexualidade entre os dois.

Todavia, considerando o encadeamento com a estória anterior, essa produção parece prosseguir o tema da desconfiança do afeto amoroso e terno do outro. A proximidade afetuosa do homem surpreende a mulher, que não acredita nos bons sentimentos dele para com ela. Ao contrário, a acessibilidade dele a assusta e a coloca em guarda. Enfim, ela parece estar, *a priori*, em uma posição defensiva, esperando que, a qualquer momento, o objeto vá magoá-la; daí o seu distanciamento dele.

Cartão 7MF

Título: “*À espera*”

Aqui é a mãe, a filha e a neta. É o que eu vejo. [O que eles estão fazendo?] Vamos supor. É a vó olhando para o bebê, mas a menina não, já olhando para a frente, com um olhar perdido. Talvez porque ela seja novinha. É isso. [E como vão ficar?] Se a mãe tocar para frente, feliz. [A avó da criança?] A avó da criança. Ela vai precisar ser forte para, sei lá, para contornar as coisas e ajudar a filha a cuidar do neto, né? [E o título?] “À espera”.

Análise:

Se, nas estórias anteriores a relação com a figura masculina era permeada pela desconfiança, entre as mulheres o vínculo é caracterizado por ternura e amor. A personagem de identificação no quadro, a menina, é vista como uma pessoa com poucos recursos para guiar a si mesma e ao outro, precisando da ajuda da mãe para bem assumir a maternidade e proporcionar um bom desenvolvimento para o bebê (Roseli declara que a mulher mais velha vai precisar de força para lidar com a deficiência de recursos da filha e as demandas da neta).

O título “*À espera*” também vai nessa direção, com a participante demonstrando que espera que a sua mãe possa lhe oferecer o *holding* que ela precisa, o que implica a integridade e vivacidade da própria genitora. Esse título demonstra que a participante anseia por mudanças, espera que elas aconteçam, mas não tem certeza quanto à capacidade que da mãe para auxiliá-la e oferecer-lhe *holding*.

Cartão 9MF

Título: “*À procura*”

Uma mulher, atrás da árvore, lá vai eu de novo. Tô achando que ela tá com um livro na mão. Parece que ela tá escondendo da outra mulher lá embaixo. Ela tá se escondendo atrás da árvore, e a outra passando lá embaixo. [E por que ela está se escondendo?] Eu acho que é porque ela pegou o livro da outra. E a outra vai embora, não encontra ela. E ela fica com o livro. É isso que eu acho. [E qual que é o título?] “À procura”.

Análise:

Inicialmente, a participante apresenta preocupação com suas histórias e possíveis interpretações, ao dizer: “*lá vai eu de novo*”. A solicitação latente do cartão remete a uma agressividade mais violenta que mobiliza o ataque à outra pessoa e o seu desaparecimento. Apesar disso, Roseli opta ainda pelo tema do desencontro e da dificuldade nos vínculos, mesmo entre as mulheres. Se, no cartão anterior, eram expressas as dúvidas de Roseli - poder desfrutar dos recursos e do *holding* da mãe - na presente narração ela mostra que a genitora, provavelmente, em suas palavras, não seria forte o suficiente para tanto. Assim, o tema remete à ideia de uma apropriação indevida que foi feita por uma das personagens, cujas necessidades não foram satisfeitas pela outra. Desse modo, o acesso ocorre de uma maneira ilegítima, mediado pelo objeto concreto, visto que a aliança afetiva não parece ter sido satisfatoriamente consolidada. Com isso, novamente aqui Roseli expressa o seu sentimento de não ser merecedora e de não dispor do afeto do outro. Portanto, o amor do outro não lhe parece ser genuíno nem natural, mas precisa ser obtido com sacrifício, e mesmo de modo ilícito.

Cartão 10

Título: “*Pai herói*”

Aqui eu acho que é pai e filho. [O que está acontecendo?] Eu tô vendo que ele tá beijando a testa do filho. Por ter carinho, eu acho. [Aconteceu alguma coisa?] Não, é o amor entre eles. O título é “Pai herói”, vamos por assim.

Análise:

Se as produções anteriores mostraram a inacessibilidade de uma relação amorosa genuína e generosa com as figuras parentais, esta representa o vislumbre desses relacionamentos que Roseli procura, como uma espécie de fantasia de cura. Assim, é descrita uma relação de ternura e de carinho entre pai e filho, num vínculo de confiança mútua. Desse modo, após a expressão de sua desconfiança quanto aos relacionamentos com a figura masculina, Roseli volta-se para a feminina (materna) para a busca de afeto e *holding*, mas as deficiências da mãe a conduzem novamente à procura de satisfação no relacionamento com o homem. A história de vida de Roseli, em que o pai não está presente, parece levá-la a uma idealização desta figura, justamente pela falta dela, de forma que a participante parece idealizar o pai que lhe ofereça o *holding* que ela não obteve da figura materna. Assim, ela sugere que sua vida seria diferente, se o pai estivesse presente.

Cartão 11

Título: “*O predador*”

Esse daqui parece que eu tô vendo serpente, tem um homem encostado em uma abelhona parece, o homem tá pequenininho. Tipo de uma cachoeira lá atrás. Mas será que é um homem que eu tô vendo? E um dinossauro saindo da rocha aqui. É um homem? É um homem encostado em uma mosca enorme. [O que você acha que o homem está fazendo ali?] Olha, pela posição do dinossauro e dele, escondendo do dinossauro ele não tá. Ele parece que tá na espera de alguma coisa. [E o que vai acontecer?] Do jeito que tá aí, o dinossauro vai comer ele. [Ele está vendo o dinossauro?] Ele tá distraído, eu acho, ele tá distraído. [Qual que é o título?] “O predador”.

Análise:

A participante apresenta o personagem da estória como uma pessoa desprotegida, sozinha em uma situação difícil e sem alguém para impedir o ataque iminente do dinossauro. Sendo assim, nota-se que a ausência do *holding* a expõe a perigos e ameaças. Em conformidade com a produção anterior, é possível interpretar que a busca pelo afeto e pelo *holding* na figura paterna, que Roseli empreende, é também malsucedida, visto que o pai logo

se transforma em alguém que a ameaça e coloca em risco a sua integridade física e emocional. Assim, se a mãe parece demasiada frágil para acolhê-la, o pai não é confiável; ao contrário, ele é imprevisível e pode se tornar perigoso.

Cartão 12RM

Título: *“Paisagem escura e triste”*

Um barco, uma árvore bem assim isolada, né? O lugar é isolado. É um lugar assim bem afastado da cidade, é um lugar abandonado. [Tem alguém aí?] Não, tá vazio. Não tem ninguém no barco, nada. Eu acho que é um lugar abandonado. O título é “Paisagem escura e triste”.

Análise:

Percebe-se que a mobilização é referente à problemática da solidão e do abandono. Diante da imprevisibilidade do pai e da fragilidade da mãe, a participante sente não ter com quem contar, permanecendo, assim, no mais doloroso isolamento. Por conta disso, ela não introduz uma dimensão objetual na estória e descreve um lugar abandonado e isolado. Considerando que o título da estória é *“Paisagem escura e triste”*, pode-se entender que a Roseli apresenta uma representação de tristeza, sendo a solidão algo difícil de ser suportado.

Cartão 13R

Título: *“Esperando a mãe”*

Esse sim está na espera. Na espera e sozinho. Numa casa abandonada parece. [Quem ele está esperando?] A mãe? Acho que a mãe dele foi trabalhar e deixou ele sozinho. Eu acho. [Ela volta?] Volta, mãe sempre volta. Título? [Sim.] “Esperando a mãe”.

Análise:

Nesta etapa, Roseli apresenta novamente a temática do abandono da criança. Diferentemente do que é sugerido pela solicitação latente (abandono pelo casal parental), a

participante não insere a figura paterna nessa estória. Essa omissão, em conformidade com as produções anteriores, reflete a necessidade de se afastar do pai, porque este pode se tornar perigoso, de tempos em tempos. Diante disso, para aliviar a solidão, a participante somente pode contar com a mãe, mesmo com recursos percebidos como suficientes para proporcionar-lhe um viver criativo e cheio de sentido. Sendo assim, a presença da mãe fica fortemente demarcada como a principal (ou única) responsável pela criança.

Cartão 13HF

Título: *“A morte inesperada”*

Nossa, aqui parece que o homem matou a mulher. Eu acho. [E você acha que eles eram casados?] Eram conhecidos, eu acho. [Por que ele matou ela?] Por quê? Acho que por maldade mesmo. [E como ele fica depois?] Apavorado, que é o que ele tá aqui, cobrindo o rosto. Ele se arrepende, eu acho, foi uma coisa que ele não esperava. O título é “A morte inesperada”. Nossa, cada coisa que eu tô falando, tô me sentindo má!

Análise:

A organização da estória é um pouco diferente das anteriores, uma vez que a participante repete várias vezes a expressão “*eu acho*”, como se temesse por afirmar suas próprias ideias. Confirmando esta interpretação, apresenta a frase final “*Nossa, cada coisa que eu tô falando, tô me sentindo má*”. Assim, parece haver uma dificuldade para abordar a temática deste cartão, correspondente à agressividade e, particularmente, à figura paterna introjetada.

Em sequência às anteriores, aqui a figura do pai é vista novamente como perigosa, impulsiva e capaz de causar danos irreparáveis como a morte (ou depressão) da mãe. A agressividade masculina aparece de forma mais clara e violenta, chegando a causar o descontrole do agressor (“*Apavorado, que é o que ele tá aqui*”). Desse modo, o homem é visto como tomado por um ódio avassalador sobre o qual não tem nenhum domínio. Sendo assim, é possível compreender uma percepção da participante de que o pai pode ter causado a depressão da mãe e que isso a influenciou negativamente, uma vez que a figura materna deixou de atender às suas necessidades.

Cartão 19

Título: “*Bola de neve*”

Parece uma casa no meio da neve. Uns fantasminhas aqui é o que eu tô vendo. [Tem alguém na casa?] Não, não tô vendo ninguém, não, não tô vendo nada. Parece gelo e os fantasmas atrás da casa. O que eu pensei primeiro. Eles tão atrás da casa. É isso. [E o título?] “Bola de neve”.

Análise:

Roseli descreve a estória de uma casa na neve em que não há pessoas morando. Assim, a interpretação sugere a ausência de relações de afeto dentro da casa, que está vazia e num lugar frio. A presença dos fantasmas, que rodeiam a casa como se a estivessem assombrando, indicam que algo nesse ambiente não está bem e que os problemas podem aumentar, como indica o título “*Bola de neve*”. Novamente, pode-se compreender que há uma continuidade com a estória anterior: a imprevisibilidade do pai (cujo amor não é confiável), que pode se tornar um perseguidor perigoso, ocasiona a depressão da mãe, o que, por sua vez, conduz a uma frieza da parte dela no relacionamento com Roseli, passível de chegar também à depressão (como uma “*Bola de Neve*”).

Cartão 16

Título: “*Rose e seu carro*”

[Agora é o último, que é diferente. É um cartão em branco. Eu vou pedir para você imaginar alguma imagem nele e me contar uma estória do que você está pensando]. *E agora? Pode ser um objeto? Um carro? [Pode ser.] Um carro. [Quem está nesse carro?] Eu. [Você gosta de dirigir?] Gosto. Eu gosto de dirigir sozinha, para ninguém ficar falando na minha orelha. Mas eu não paro para pensar, eu só dirijo, mas eu gosto. Então eu estou imaginando o meu carro, eu dirigindo, sem pensar. Um título aqui também? [Também] Um título para o cartão do meu carro? “Rose e seu carro”.*

Análise:

De acordo com o relato, Roseli evidencia um desejo de recuperar a fluência de sua vida, de poder agir espontaneamente. A participante anseia por uma vida mais livre, em que não esteja preocupada com as invasões alheias e sem as angústias que costumeiramente a acompanham.

Todavia, essa fluência é inviabilizada pelas angústias e pelas dores que fazem parte do seu mundo mental e que não deixam de acompanhá-la. Se a cura, embora desejada, parece ainda difícil de ser alcançada, uma evasão poderia, mesmo que parcialmente, ajudá-la a se livrar dos obstáculos que embaraçam e retardam o seu desenvolvimento (quer viajar sem pensar e sem “*ninguém ficar falando na minha orelha*”).

Síntese do TAT:

As histórias montadas por Roseli fornecem indícios de uma problemática depressiva. A participante pareceu demonstrar que o *holding* que recebeu da mãe foi insuficiente, dada as condições depressivas que ela também apresentava. A busca, então, pelo *holding* na figura masculina, o pai, é frustrada, por ele ser imprevisível em termos afetivos e, também, poder passar de amoroso a perseguidor em muito pouco tempo, o que a aterroriza e a faz desconfiar dele e dos homens em geral. Com isso, ela suspeita do afeto deles para com ela, e apresenta sempre uma expectativa de que vão deixá-la, porque são desleais. Por inversão, essa situação pode, eventualmente, levar Roseli a pensar que ela mesma não é merecedora do afeto do homem.

Diante da incapacidade de receber o *holding*, o afeto terno e a segurança do pai, nada mais resta a Roseli do que se voltar novamente para a figura da mãe, tendo que se contentar com os limites afetivos que ela apresenta e que impactam o desenvolvimento emocional da participante. Daí surgem sentimentos intensos de solidão e de abandono afetivo que, se não a paralisam, minam a sua confiança em si mesma e a tornam passiva.

Nesse sentido, as histórias da participante frequentemente se referem a personagens que estão esperando por algo da parte de alguém, ou mesmo por alguém que a abandonou e não voltou. Esses dados apontam para a consideração de que houve, na vida de Roseli, um período em que a devoção materna efetivamente existiu, mas se perdeu, com a vivacidade da mãe tendo sido apagada pelos maus-tratos que lhe foram infligidos pelo pai. Desse modo, Roseli sofre uma perda emocional de pai e mãe ao mesmo tempo. Em consequência, ela e a sua mãe

se tornam frágeis, o que a faz ainda procurar uma figura para suprir a sua dependência não atendida. Por não encontrá-la, ela se irrita com o mundo, que não lhe possibilita iludir-se e contar com o outro, o que gera sentimentos de isolamento, tristeza e alienação. Desenvolve-se, também, a sensação de futilidade diante da existência, que passa a carecer de sentido, levando Roseli a combatê-la com defesas maníacas (a agitação, que a faz compreender e identificar-se com Mariana). Nessas circunstâncias, o falso *Self* vai se cristalizando cada vez mais e Roseli permanece com condições muito reduzidas de estabelecer um relacionamento criativo e significativo com seus filhos, oferecendo-lhes *holding*.

4.6.3 Síntese do Caso - Roseli

Os resultados da avaliação psicológica realizada revelam que Roseli apresenta um descontentamento com o seu modo de ser, permeado por descontrole e agitação, que constituem defesas desenvolvidas por ela como forma de reagir à depressão. Ela experimenta um sentimento de que as relações não são satisfatórias, em consequência de não encontrar alguém que possa atender às suas necessidades e em quem ela possa confiar. Os resultados sugerem que a figura materna é vista como frágil, pouco capaz de lhe oferecer *holding* e de conduzi-la à descoberta da capacidade de viver criativamente no mundo. Por sua vez, a figura paterna não pode reparar as falhas da mãe, porque não é digna de confiança, dada a instabilidade de seus afetos. Com isso, Roseli precisa contentar-se com a penúria afetiva e existencial que o relacionamento com a mãe promove. Existe o sentimento de que uma relação significativa entre ela e sua genitora pôde ser estabelecida no passado, mas se perdeu em razão da depressão que a mãe desenvolveu, oriunda dos maus-tratos do pai. Com a perda emocional de ambos os genitores, Roseli desenvolve um sentimento de futilidade diante da vida, visto que a criatividade vibrante de que dispõe não encontra eco na vivacidade da mãe e na solidez do pai. Diante disso, o mundo perde o sentido para ela, que passa a se sentir isolada e sem efetivamente fazer parte dele.

Face a esse sofrimento, Roseli expressa o desejo de mudança, como uma estratégia para se aproximar de outras pessoas, como seu marido e o filho mais novo e, assim, ser atendida. Todavia, essa busca é sem sucesso, visto que sua família também solicita que ela ofereça o *holding* de que ela não dispõe. Com isso, o sentimento de que precisa cuidar de sua família gera em Roseli uma sensação de descontentamento com o mundo e de sobrecarga, que agravam sua depressão.

É possível que, após o falecimento do marido, a participante tenha se afastado de Carlos como uma estratégia de evasão, para esquecer as dificuldades vividas até aquele momento. Além disso, ela provavelmente buscou iniciar uma nova vida, em que gostaria de encontrar uma nova figura para ajudá-la. No entanto, parece ter esbarrado na desconfiança e no medo de sofrer novas decepções.

5 SÍNTESE DA FAMÍLIA DE MARIANA E DISCUSSÃO

Diante dos dados obtidos, que envolvem a avaliação psicológica da criança, de seus pais e de suas avós, foi possível compreender como as relações familiares interferem na maneira como Mariana expressa suas dificuldades e necessidades. Sendo assim, as manifestações da tendência antissocial de Mariana enraízam-se na dinâmica psíquica de cada um de seus familiares e nas relações entre as diferentes gerações deles, conforme será debatido a seguir. Portanto, esta análise considerará como a personalidade dos envolvidos afeta seu relacionamento com os outros familiares, influenciando as relações do grupo familiar como um todo. Nesse sentido, a história transgeracional dessa família se desenvolve a partir de uma trama de perdas concretas e emocionais; sentimentos de insuficiência e de serem exigidos além de suas capacidades; ausência de apoio; buscas malogradas de ajuda no outro; esperança e desesperança; depressão e sentimentos de inutilidade e futilidade diante da vida e do mundo.

Nesse contexto, a partir da análise das produções de Carlos e Fátima, percebe-se que ambos sofreram perdas importantes há pouco mais de doze anos: o pai de Carlos faleceu e os pais de Fátima optaram por se divorciar, de maneira que ela deixou de ter a figura do pai não apenas física, mas também emocionalmente presente. Esses eventos tiveram outros desdobramentos, sendo que Aparecida (avó materna) parece ter desenvolvido um quadro depressivo após o divórcio e, em consequência, não pode auxiliar e apoiar Fátima no exercício da maternagem, principalmente a de Mariana. Já Roseli, genitora de Carlos, distanciou-se do filho após o falecimento do marido, como um mecanismo para se esquecer dos momentos difíceis pelos quais passou no casamento. Dessa forma, tanto Carlos quanto Fátima perderam duas figuras de referência e seus modelos de como exercer a função paterna e materna.

Esses acontecimentos, sustentados em outros ocorridos desde a infância de cada participante, provocaram um impacto importante na constituição, funcionamento e equilíbrio de suas personalidades e nas maneiras como se relacionam entre si e com o mundo, entre elas o desempenho de seus papéis e funções na dinâmica familiar. A separação dos pais de Fátima ocasionou uma importante mudança no relacionamento dela com sua mãe, sobretudo em termos de um distanciamento. A depressão desenvolvida por Aparecida, após o divórcio, parece haver fomentado em Fátima uma percepção de que os vínculos são frágeis, o que

compromete a introjeção de figuras parentais boas, confiáveis e sólidas, situação que se reflete na maneira como Fátima vivencia a maternidade.

A fragilidade da própria, mãe após o divórcio, levou Fátima a olhar de maneira diferente e mais atenta para ela, com grande preocupação, a ponto de vivenciar conflitos e angústias que são, na verdade, de Aparecida. Essa situação revela certa porosidade entre os limites do *Self* de uma e de outra, que (embora acirrada pela situação do divórcio vivido na etapa adulta da vida) parece ter suas origens na infância de Fátima. Desse modo, Fátima evidencia que, desde a infância, busca por um *holding* materno capaz de sustentar suas necessidades de autonomia e que lhe permita aceder, de uma forma protegida e amparada, à própria maternidade. Como a introjeção de uma figura materna boa e sólida não parece assegurada, Fátima permanece ainda muito colada à mãe real, necessitando de sua presença concreta ao seu lado, como apoio. Essa busca pelo *holding* materno parece haver se intensificado, em decorrência das dificuldades que Fátima enfrenta nos cuidados maternos que dispense à Mariana. Como Aparecida não pode mais ajudá-la, Fátima se vê sozinha, isolada e diante de duas empreitadas que não se sente apta a levar a cabo: curar a tendência antissocial de Mariana e a depressão da mãe, sendo que ela fracassa nos dois intentos.

Dessa maneira, Fátima busca, solitariamente, identificar-se com a frágil figura materna introjetada de que dispõe e assumir o papel que supostamente seria o de sua mãe para com sua família constituída e para com a de origem, a saber, manter a união de todos. A pouca estabilidade e a pouca constância da figura introjetada leva Fátima a sentir-se sobrecarregada nessa função, vendo-se como exigida muito além de seus recursos. Por conta disso, ela apresenta ambivalência no exercício da maternidade, seja a de Mariana ou a de sua família de origem, ora fazendo tudo por eles, ora, cansada, irritando-se com suas demandas e, no caso de Mariana, em alguns momentos, afastando-se e deixando a menina entregue a si mesma.

Sendo assim, depreende-se que a dificuldade de Fátima nesse sentido está relacionada à sua impossibilidade de se identificar com a filha e com suas necessidades, o que ocorre devido à busca de Fátima pela mãe e à ligação dela com as angústias vivenciadas por Aparecida. Assim, Fátima evidencia que não consegue se identificar com Mariana porque, para que isso ocorresse, necessitaria de uma capacidade que viesse “da sua própria experiência de ter sido um bebê e de ter sido cuidada; (...) memórias corporais de conforto e segurança, além de experiência de intimidade pessoal” (Dias, 2003, p. 135-136).

A percepção de que os vínculos são frágeis e que sua ruptura pode provocar efeitos bastante deletérios no outro é deslocada também para a maneira como Fátima vivencia seu casamento. Em alguns momentos, ela faz referência a certo descontentamento com algumas

atitudes do marido. No entanto, parece temer o divórcio, de forma que busca manter o relacionamento, para evitar que a história de seus pais seja repetida em sua família, o que causaria sofrimento a todos. Enfim, ela teme que a separação a atire no mesmo abismo depressivo que o da mãe, perigo contra o qual ela parece lutar e debater-se constantemente. Assim, Fátima parece apresentar um temor de que os comportamentos de Mariana influenciem negativamente o seu relacionamento com Carlos, que poderia se afastar ainda mais, pelas dificuldades que os sintomas da criança acarretam.

Neste contexto, a ameaça do divórcio, o temor da separação e das consequências que os comportamentos de Mariana poderiam ter no casamento de Carlos e Fátima são “fantasmas” que permeiam estas relações familiares (Eiguer, 1985). Estes fantasmas seriam originários de relações anteriores vividas por Aparecida e Roseli, que foram transmitidos em uma conexão de conteúdos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. No entanto, conforme mencionado por Valdanha, Scorsolini-Comin e Santos (2013), sendo passíveis de transformação, esses conteúdos parecem haver tomado outra dimensão diante da configuração atual desta família, influenciados pelo divórcio de Aparecida e pelos sintomas de Mariana.

A presença desses fantasmas interfere também em outras relações familiares, como é possível deduzir do relato de Fátima de que estas não ocorrem da maneira como ela gostaria: além de Mariana, Priscila e Pedro também apresentariam dificuldades emocionais. Priscila é descrita pelos pais como uma pessoa que permanece pouco tempo no ambiente familiar e, além disso, o relato de Aparecida revela que há momentos em que a jovem expressa o desejo de morar com ela, em decorrência dos problemas que enfrenta com a família. Quanto a Pedro, a observação do cotidiano familiar, feita pela psicóloga durante as sessões de avaliação, sugere que ele é uma criança que recebe grande carga de culpa por alguns acontecimentos na casa, como em um momento em que foi responsabilizado por haver empurrado a irmã, mesmo sem o ter feito.

O perigo da depressão ocasionada por uma virtual perda do objeto que assombra Fátima, como uma experiência emprestada de Aparecida, impacta diretamente sua relação com Mariana. Da mesma maneira que Aparecida faz com ela, a mãe de Mariana tem entraves para oferecer a ela os limites necessários à constituição de um *Self* autônomo e pessoal. Em decorrência disso, Mariana não sabe até que ponto pode agir com segurança, de maneira que se sente desprotegida e teme pelas consequências de seus comportamentos impulsivos. Fátima, por sua vez, por não conseguir conter a criança, sente-se frustrada, impotente e temerosa de que os comportamentos da filha prejudiquem ainda mais as relações familiares,

ocasionando uma derradeira desorganização (Bordin & Offord, 2002). Prova disso é a sua atitude de evitar visitar o restante da família juntamente com Mariana.

Em consonância com essa dinâmica relacional, da mesma maneira que Fátima faz em relação à Aparecida, Mariana também parece reagir à depressão real ou virtual dessas duas figuras, agindo de maneira agitada e impulsiva, como um tipo de defesa maníaca da depressão presente em sua linhagem matrilinear, defesa esta que não pode ser menos dominante em sua vida, exatamente devido à ausência dos limites que poderiam protegê-la e ajudá-la a estabelecer os contornos do *Self*. Em sua faceta de busca pela reparação das experiências que levaram ao sofrimento, os sintomas de Mariana representam a busca por *holding*, suportes e limites, configurando a procura de satisfação de suas necessidades não compreendidas nem por sua mãe, nem por outros familiares. Essa situação é exemplificada pelo fato de Fátima não reconhecer as dificuldades alimentares e de sono da filha como queixas, sem compreender que há complicações importantes no desenvolvimento da criança, por conta delas.

O não estabelecimento, por parte de Fátima, de uma diferenciação clara entre si mesma e Mariana leva-a à sobrecarga de viver por dois (ou por três, se for considerado que os limites entre Fátima e Aparecida também não são nítidos) e à relação de ambivalência que ela estabelece com a menina. Assim, ora ela impede o desenvolvimento da criança, evitando que a filha faça tarefas simples, ora aceita comportamentos não compatíveis com a sua idade, como ficar acordada durante a madrugada. Essa fusão relativa e a inconsistência de limites que faz parte dela fazem com que Mariana sinta-se perdida quanto ao seu desenvolvimento e ao lugar que deve ocupar no mundo.

Dessa maneira, pode-se compreender que as dificuldades que Fátima experimenta em sua relação com Mariana e que colocam em xeque a sua condição de “mãe suficientemente boa” remetem a uma deficiência na maternagem que é transgeracionalmente extensiva na família. Assim, tanto Mariana quanto Fátima parecem buscar a figura de uma mãe capaz de apoiá-las e sustentá-las por meio da oferta de um *holding* reparador de suas dificuldades.

No entanto, enquanto Mariana comunica que gostaria de retomar algo que ela já teve e que foi perdido (como no desenho livre feito por ela na Bateria Hammer), Fátima revela uma procura por algo que ela gostaria de ter, mas que nunca foi encontrado (também conforme seu desenho livre na Bateria Hammer). Nesse sentido, Mariana demonstra que sofreu uma perda emocional da mãe, o que configura um quadro de de-privação e acarreta a busca por *holding* como tentativa de reparação. Fátima, por sua vez, parece nunca haver conseguido encontrar um *holding* que realmente a satisfizesse, o que ocasionou uma privação presente desde a infância, mas intensificada após a depressão de Aparecida. De alguma maneira, Fátima

pareceu capaz de operar uma superação de suas dificuldades infantis, mas de modo apenas relativo, o que lhe permitiu, até certo ponto e até certo momento, oferecer um *holding* de qualidade para seus filhos. Todavia, ela não pode prosseguir essa experiência (que sofreu, ainda, novo golpe com a depressão de Aparecida), tendo a percepção de que não consegue satisfazer as demandas de Mariana, o que ocasiona a continuidade da de-privação da criança. Com isso, Fátima se cobra, sente-se sobrecarregada e se detém na organização concreta da casa, uma vez que não consegue oferecer o suporte afetivo necessário a Mariana.

Os sentimentos de Fátima também se intensificam devido à falta de apoio do marido no cuidado de Mariana, o que ocorre principalmente pela falta de interesse, da parte dele, pelos relacionamentos, além da presença de sentimentos de futilidade, constante em sua vida, que fazem com que ele se afaste e não confie no outro. Ele evidencia que não pode depender das pessoas para ajudá-lo nas situações difíceis que precisa enfrentar, porque elas vão ignorar seu pedido. Assim sendo, se não recebe apoio, também não o oferece o outro.

A avaliação desse participante sugeriu que algo aconteceu em sua vida, que levou ao rompimento de uma comunicação criativa com o mundo, gerando um sentimento de desamparo e desesperança, o que, por sua vez, ocasionou um entristecimento e pouco desejo de se aproximar do outro. Assim, ele se isola justamente por não se sentir seguro de que pode reestabelecer essa comunicação perdida e procurar mudanças, embora tenha a percepção de que são necessárias. Carlos percebe o mundo como fútil e desinteressante, o que revela um funcionamento falso *Self*, que lhe causa sofrimento e dificulta as relações afetuosas.

Assim, em sua vida doméstica, Carlos se distancia das dificuldades dos filhos, em especial de Mariana, delegando à Fátima a responsabilidade principal (ou exclusiva) pelas crianças. Pode-se observar a construção de um círculo vicioso, pois, enquanto Carlos se afasta e não oferece suporte à esposa e aos filhos (fazendo com que estes sintam que não recebem afeto de sua parte e que estão desprotegidos), ele também demonstra uma sensação de solidão e desamparo e de que os filhos não são afetuosos para com ele e não precisam dele. Considerando que a mãe de Carlos também se afastou dele e seu genitor não era muito presente durante sua infância, Carlos reproduz com os filhos aquilo que viveu com seus pais.

Em suma, da mesma maneira que Fátima não pode contar com um modelo que a auxilie no exercício da maternidade, o pai de Carlos foi uma pessoa ausente ao longo de sua vida, tendo falecido há doze anos, antes do nascimento de Mariana. Daí, a falta de uma boa figura de identificação suficientemente presente para ajudá-lo, por introjeção, a desempenhar sua função parental. O que Carlos teve, na verdade, foi um pai alcoólatra, que era distante e agressivo. Assim, o participante afasta-se da família, talvez como uma maneira de proteger

Fátima e os filhos do perigo de ele se identificar com a figura paterna e levá-los a sofrer o que ele e a mãe sofreram.

Ao procurar proteger Mariana, dado o seu distanciamento, Carlos deixa de lhe oferecer outra forma de proteção, igualmente necessária: aquela que vem da imposição de limites. Em consequência, os comportamentos impulsivos da menina não têm rédeas, o que aumenta sua angústia quanto às possíveis consequências de seus atos.

Por todo o exposto, o distanciamento de Carlos da relação entre Mariana e Fátima acarreta deficiência do cumprimento da função paterna de romper a fusão da díade, que poderia auxiliar na evolução da relação simbiótica para a dual e, posteriormente, triangular (Eizirik & Bergmann, 2004). Fica, então, sustentada a dificuldade de Fátima de se separar emocionalmente da filha, ocasionando a ambiguidade dos limites do *Self* de ambas, que compromete a aquisição gradual da autonomia, pela criança, bem como sua adequação ao mundo exterior e o desenvolvimento de seu sentido de realidade.

Além disso, ao considerar os efeitos da ausência por si do pai na família (e não apenas as suas consequências sobre a relação da mãe com a criança), Winnicott (1989/1994) revela que esse afastamento leva a criança à insegurança e ao temor pelo que pode acontecer com a figura paterna, podendo ocasionar agitação ou estado depressivo. O fato de Mariana ficar acordada durante o período noturno guardaria também o sentido de sua espera pelo pai, para assegurar-se de que ele está bem. É válido lembrar que esse sentido escapa à compreensão de Carlos, que, desolado, diz, em seu relato ao TAT, que seus filhos não o esperam no portão.

Ponderando que Fátima parece ainda aprisionada, em seu desenvolvimento afetivo, às questões relacionadas a um vínculo dual com a mãe, e que Carlos, ao afastar-se da família, busca evitar o desenrolar da trama edípica, não é surpreendente a indicação, na avaliação de ambos, de dificuldades e preocupações sexuais. No caso de Fátima, ela parece estar tão vinculada às necessidades de Aparecida e à procura por *holding* materno, que não há espaço para que ela vivencie um relacionamento íntimo com Carlos. Dessa maneira, o casamento sofre abalos, mas Fátima teme pelo divórcio, pelas razões anteriormente descritas; por sua vez, Carlos faz menção a uma ameaça de separação, como se não negasse a possibilidade desse evento e se, para ele, a distância entre o casal é uma forma de proteção da integridade do grupo familiar, para a esposa ela configura uma ameaça de depressão, como foi discutido, pela identificação com a experiência vivida por Aparecida. Portanto, manter o casamento é, para Fátima, uma maneira de preservar-se e de reparar Aparecida.

Se a avaliação da avó materna de Mariana mostrou que os temas centrais de suas preocupações são a separação e a perda do objeto, ela também revelou que esse temor repousa

na percepção de que o *holding* que recebeu em sua infância da própria mãe foi insuficiente, inseguro, incapaz de auxiliá-la a realizar uma introjeção sólida do bom objeto, repercussões emocionais geradas por sucessivas vivências de abandono. Essas experiências refletiram na constituição da sua personalidade, influenciando seus relacionamentos pessoais.

Aparecida, então, apresenta, ainda hoje, uma dependência em relação à mãe real, que já é bastante idosa, denunciando as falhas na introjeção desse objeto. A mãe, embora viva, está num momento em que tem outros interesses e precisa ser cuidada, não podendo oferecer aquilo que Aparecida necessita, fazendo com que a privação se mantenha.

A relação de dependência materna de Aparecida parece ter sido posteriormente deslocada para o marido, mas, após o divórcio (e a depressão consequente), essa dependência não pode ser novamente deslocada para a mãe, seu objeto primário. Diante disso, Aparecida revela a presença de arrependimento, por não ter mantido o casamento, e acredita que sua família está incompleta, por conta da ausência de seu marido. Daí sua admiração por Fátima, que está casada com Carlos, mesmo diante dos problemas que enfrentam.

Essa situação faz com que Aparecida sinta-se desamparada e certa de que não poderá contar com o auxílio do outro, quando dele precisar, sem recursos para constituir-se como autônoma, o que a faz tentar se reinserir na família, desempenhando o papel de filha que busca pelo *holding* materno. Assim, ela mesma não pode assumir o papel de figura materna de referência para Fátima e lhe oferecer *holding*. Fátima evidencia essa percepção ao relatar que sua genitora não fica em casa para receber os filhos, aos domingos, porque vai visitar a própria mãe.

Sobre a relação entre Aparecida e Mariana, nota-se que a avó apresenta uma admiração pelo modo de ser da neta, pois entende que a menina consegue enfrentar as situações de uma maneira espontânea e pessoal, enquanto ela parece aceitar os acontecimentos e agir em função dos desejos dos outros. Essa comparação com a criança reflete o seu arrependimento pela separação conjugal, uma vez que entende que sua decisão foi influenciada pela opinião de outras pessoas e não pelo desejo próprio. Assim, Aparecida compreende a forma de agir de Mariana no contexto familiar como um rompimento que a criança opera com relação a valores e conteúdos que antes eram transmitidos sem a sua elaboração (Henrique & Gomes, 2005).

Dessa maneira, os resultados das avaliações mostram que tanto Fátima como Aparecida sofreram privações ao longo da vida, que interferem no desenvolvimento emocional delas próprias e no de Mariana. Essa criança pode ser vista como depositária de necessidades inconscientes da mãe e da avó materna, o que suscita como reação o seu

comportamento impulsivo e agitado (Pichon-Rivière, 1980/1994). As carências de Aparecida e Fátima estão relacionadas à procura por *holding* e à aquisição da autonomia mediante a introjeção de uma figura materna boa e consistente, necessidades estas que não foram atendidas, principalmente em decorrência das limitações de suas próprias mães e das circunstâncias de vida por que passaram.

Já Roseli, como Aparecida, também evidencia a busca por *holding* e um quadro depressivo, embora usando o descontrole e a agitação como formas de reagir à depressão, o que não a livra do entristecimento. A história de vida de Roseli contempla a ausência da figura paterna e a reprodução, em sua vida, do que aconteceu com seus pais. Tanto Roseli quanto sua mãe sofreram durante o casamento, sendo que a morte prematura do marido rompeu a relação conturbada. Além do *holding* materno que sentiu insuficiente durante a infância, não pôde contar com o pai como alguém em quem confiar. As produções das avaliações sugerem que a mãe de Roseli chegou a ser afetuosa e capaz de lhe oferecer um bom *holding* por algum tempo, mas não conseguiu mantê-lo devido a, provavelmente, também ter desenvolvido um quadro depressivo, em consequência dos maus tratos que sofreu do marido.

Da mesma maneira que pode ser observado nos outros participantes, Roseli não encontra atualmente alguém capaz de suprir-lhe as carências, fazendo com que a procura por *holding* se mantenha, sentindo suas relações como insatisfatórias, porque o outro é demasiado frágil (modelo de seu relacionamento com a mãe), e pode lhe golpear quando ela menos espera (modelo de seu relacionamento com o pai). Essa desconfiança se reflete em seu atual relacionamento conjugal, marcado por várias separações.

Roseli percebe sua genitora como incapaz de lhe oferecer a certeza de que é possível viver criativamente no mundo, e desenvolveu, como seu filho Carlos, um sentimento de que é bastante difícil superar a distância entre si mesma e o outro, apresentando dificuldade para manter o vínculo com pessoas diferentes dela, acabando por desenvolver o sentimento de que ela precisa se adaptar aos outros e ao mundo. No entanto, não tem sucesso, o que gera frustração e ainda mais descontentamento.

Nesse contexto, ela própria não pode ser para Carlos uma mãe vibrante e cheia de vida, capaz de ecoar a criatividade do filho, ainda mais após a morte prematura do marido, quando parece ter buscado o esquecimento das dores vividas até aquele momento, sendo que uma das estratégias para tanto foi se afastar ainda mais de Carlos, privando-o de contar com ela, por pouco que fosse. Em suma, a avaliação psicológica de Roseli revelou que ela não encontrou uma fonte de apoio para exercer o seu viver criativo e, por sua vez, os filhos não

podem socorrê-la, porque também procuram pelo *holding* materno. Diante da impossibilidade presente de viver criativamente no mundo e sem perspectivas de reparar essa experiência num futuro próximo, percebe o mundo como fútil e desinteressante, de forma semelhante ao funcionamento falso *Self* de Carlos.

Quanto ao relacionamento entre Roseli e Mariana, a participante destaca que ambas são parecidas em sua maneira de agir, particularmente pela agitação e impulsividade e, como apresenta-se insatisfeita com o seu modo de ser, há uma preocupação quanto à neta ter uma trajetória de vida semelhante à sua. Além disso, ela relata que outros membros da família, como Fátima, também percebem a semelhança entre ambas e têm essa preocupação. Roseli também mostra certo descontentamento com os sintomas de Mariana, por entender que interferem na dinâmica familiar. A principal queixa da avó paterna é referente ao afastamento de Fátima e Carlos, que ficam responsáveis apenas pelo cuidado de Mariana, o que faz com que Roseli tenha que se responsabilizar pelo restante de sua família.

As duas avós de Mariana (Aparecida e Roseli) apresentam semelhanças importantes em seu funcionamento mental e nível de amadurecimento emocional, demonstrando que precisam reviver uma dependência que aconteceu em uma fase anterior de suas vidas, embora não encontrem alguém para ampará-las. Há evidências de que ambas vivem um processo depressivo, refletindo nas relações com os filhos, passíveis de transmissão transgeracional para Mariana.

Além disso, as produções na Bateria Hammer e no TAT de Aparecida e Roseli indicam que ambas percebem que a criatividade está se esvaindo, de forma que a incapacidade de criar seria análoga à morte, no sentido de que há pouco espaço para mudanças reais e para novas formas de se relacionar com o outro, deixando de assumir a posição de figura materna e, assim, auxiliar os filhos que procurarem por seu apoio.

Se as avaliações psicológicas mostraram que os psicodinamismos das avós, seus conteúdos psíquicos e suas histórias de vida se interconectam, diretamente ou pela mediação de seus filhos, com a forma de ser e agir de Mariana, a situação dos avós da criança não é completamente diferente. Nesse sentido, Trachetenberg et al. (2005) afirmam que há uma imposição de conteúdos psíquicos à criança que é proveniente também de seus avós, mesmo que ela não os tenha conhecido. No presente caso, a maneira como os avós se relacionaram com Aparecida e Roseli e a forma como Fátima e Carlos vivenciaram seus relacionamentos com suas figuras paternas parece haver interferido no desenvolvimento de Mariana, pelo efeito que tiveram no psiquismo de seus pais e de suas avós. Como exemplo, pode-se citar o

quanto a ausência de uma figura paterna gerou em Carlos dificuldades em seu relacionamento com os filhos.

Considerando as histórias de Fátima, Aparecida e Roseli, é possível compreender que as três mulheres investigadas sofreram privações ao longo da vida, que estão relacionadas à ausência de figuras importantes, a sentimentos de abandono real e afetivo de seus pais e ao *holding* deficitário, muitas vezes não encontrando outra pessoa que pudesse suprir suas necessidades afetivas. Sendo assim, Mariana recebe, em uma perspectiva transgeracional, a angústia de Fátima, Aparecida e Roseli, o desejo delas de mudança, que ela expressa através de sua impulsividade e agitação, que parecem testemunhar sua encenação de defesas à depressão que atinge as três mulheres por décadas, bem como uma estratégia para romper um ciclo em que há dependência do outro, mas com recusa à solução falso *Self*. O rompimento dessa dependência passa pela necessidade e capacidade de introjeção de figuras parentais sólidas, para enfrentar seus problemas de maneira autônoma.

Em resumo, considerando a avaliação de todos os participantes, observa-se que eles apresentam a impulsividade como uma característica, embora seja diferente a maneira como ela é manifestada. No mais, fica evidente a presença da depressão nos membros, ocasionada, entre outros fatores, por privações sofridas, que geram a busca por alguém capaz de satisfazer suas necessidades, oferecendo-lhes *holding*.

Nessa dinâmica familiar, Mariana parece ser o membro da família que, pelo menos aparentemente, mais se distancia do quadro depressivo, apresentando sua busca por *holding* a partir de características relacionadas à tendência antissocial. Daí seu comportamento como uma estratégia para ser cuidada integralmente, até que consiga obter e realizar reparações autênticas dos sofrimentos por que passou e dos danos que provocaram (Barbieri & Pavelqueires, 2012). Enquanto não encontra o que procura, a criança vivencia um sentimento de vulnerabilidade, desproteção, insegurança e desconfiança do meio externo, sustentado pela incompreensão dos limites de seu *Self*, o que a impede de diferenciar a ameaça fantasiada da ameaça real e dar a esta última a sua conveniente dimensão. Por sua vez, essa pouca nitidez dos limites do *Self* origina-se da impossibilidade de introjetar solidamente uma figura materna boa e forte, que sustentaria a sua autonomia pessoal e o seu viver criativo no mundo das experiências compartilhadas.

Essa falta de introjeção da mãe é expressa também pelos problemas alimentares, como o refluxo, a alergia ao leite e a recusa à comida, presentes desde a primeira infância da menina. Winnicott (1958/1999) os compreende como indícios de dificuldade para receber o que é oferecido pela mãe, sendo que a recusa alimentar pode ser considerada um dos

primeiros sinais da tendência antissocial: assim, vem acompanhada da avidez, como pode ser percebido no desenvolvimento de Mariana, que foi considerada um bebê “agitado”. Para o autor, esse sintoma expressaria que a mãe não conseguiu conter as primeiras manifestações de agressividade do bebê, o que o faz buscar por uma figura materna que aceite esses comportamentos e o auxilie nas possíveis dificuldades resultantes desse modo de agir.

Há evidências de percalços na relação entre Mariana e Fátima desde a primeira infância da criança, que se ampliaram com a ausência emocional do pai, uma vez que Carlos não consegue intervir no sentido de protegê-la, auxiliar a esposa e reparar suas dificuldades e insuficiências de cuidado. Essa ausência emocional de Carlos é reflexo da privação da figura paterna sofrida por ele e por todos os participantes adultos: enquanto as avós tiveram pais que maltratavam suas mães e que faleceram precocemente, Fátima e Carlos não têm contato com essa figura há doze anos. Dessa maneira, as funções paternas ficaram perdidas e causaram lacunas nesses participantes, de forma que o único homem presente, Carlos, tem dificuldade para desempenhar o seu papel. Sendo assim, Mariana é a única participante que tem o pai presente, mas cuja representação ainda falta. Da mesma maneira que destacado por Barbieri e Pavelqueires (2012), pode-se compreender que a ausência de um pai presente emocionalmente para Mariana a impede de abandonar a onipotência e integrar, satisfatoriamente, suas pulsões, de maneira que a agressividade representa uma resposta a essas dificuldades que resultam em um comportamento ambivalente e em um sentimento de desproteção.

A partir da perspectiva de Winnicott (1958/1999), as privações sofridas pelos participantes acarretaram insegurança neles quanto a suas ideias e maneiras de ser e de agir, influenciando a forma como cada um deles desempenha seu papel na dinâmica familiar. Em Mariana, esta privação gerou também entrave para experimentar de modo saudável a sua agressividade e, assim, conhecer como é possível conviver com ela.

Dadas essas considerações, depreende-se que, no caso da família de Mariana, a origem e manutenção dos sintomas da criança estão intimamente ligadas à maneira como as relações são vivenciadas e a como os psicodinamismos de seus ancestrais estão interligados. Estendendo a teoria proposta por Winnicott (1956/1993), de que a criança com tendência antissocial busca por algo que foi vivenciado, mas que se perdeu e se esqueceu, pode-se compreender que esta família tem transmitido a busca por um objeto perdido, conforme proposto por Freud (1913/1974) e Käs (1998), e que isso mantém os vínculos, na esperança de que os sintomas de Mariana possam ter a função de elaborar essas perdas e interromper esse processo de transmissão (Correa, 2000).

Winnicott (1958/1999) propõe duas vertentes de manifestação da tendência antissocial, o roubo e a destrutividade, sendo que esta última é aquela que enquadra os sintomas da criança. Nesse sentido, há uma busca no ambiente por estabilidade e limites claros que não foram encontrados no lar, a fim de conter a impulsividade. Há então uma aproximação com os comportamentos impulsivos de Mariana, uma vez que, conforme observado nas avaliações, ela não recebe limites dos pais e de outras pessoas da família: a ausência de moldura faz com que a criança aja de maneira livre, mas desprotegida, de modo que ela se comporta desta forma buscando pelo enquadre que não foi recebido até o momento (Winnicott, 1958/1999; Winnicott, 1956/1993).

A falha dos pais de Mariana para assumir a função parental, impondo limites e oferecendo *holding* à filha é patente e vem dificultando a construção da identidade da menina, nela gerando um sentimento de que foi lesada e, em consequência, os sintomas da tendência antissocial, conforme mencionado por Eiguer, em entrevista a Passos (2006). É importante lembrar que a maneira como a criança relaciona-se com os pais nesta etapa de sua vida influenciará, inconscientemente, as vivências posteriores, até mesmo na fase adulta (Andrade, 1998). O posicionamento de Fátima, que muitas vezes parece temer pelas consequências dos comportamentos de Mariana, pode fazer com que a criança perceba o receio da mãe e, assim, não se sinta segura para conquistar a autonomia e lidar com o próprio crescimento (Passos, 2006). Dessa forma, o *holding* deficiente que recebe pode levá-la a um aumento dos comportamentos agressivos, diminuição da autonomia e dos processos criativos, uma vez que seu desenvolvimento emocional vem sendo influenciado negativamente (Santana, 2004).

Em resumo, no que concerne à vertente transgeracional na compreensão dos sintomas da criança, Mariana parece ter recebido valores e crenças por meio da transmissão de conteúdos inconscientes e não elaborados, que estiveram presentes em suas avós e em seus pais (Falcke & Wagner, 2005). Esses conteúdos se referem, sobretudo, a perdas concretas e emocionais, depressão, ausência de apoio, elevadas exigências e sentimentos de insuficiência. A recepção desses conteúdos tem sido desorganizadora para a criança, levando-a a uma sobrecarga transgeracional, que a fez e a faz reagir de uma maneira diferente daquela já instaurada na família, ocasionando conflitos familiares que contribuem para a manutenção dos sintomas (Eiguer, 1997). Nessa perspectiva, compreende-se que o quadro de tendência antissocial de Mariana é um reflexo de um conflito familiar em que está representando todos aqueles que estão envolvidos (Soifer, 1982).

É nesse sentido que se destaca a necessidade de intervenções terapêuticas. Embora haja resistência por parte dos pais de Mariana quanto à busca desse tipo de auxílio, seria

importante que os participantes pudessem passar por um processo terapêutico familiar, que auxiliasse na ressignificação da posição de cada um dos membros envolvidos (Eiguer, 2006), além do desenlace de conflitos, de maneira que o terapeuta apresente uma escuta atenta daquilo que é proveniente de outras gerações, e que não foi elaborado (Gomes & Zanetti, 2009). Mesmo que apenas Mariana seja inserida em psicoterapia, a participação ativa dos pais nesse processo é de suma importância, de forma que devem buscar compreender, juntamente com o terapeuta, as origens dos sintomas e quais são as necessidades da criança que não foram atendidas (Bueno et al., 2010). No entanto, o estudo realizado revela que a família se encontra numa dinâmica complexa, em que todos os envolvidos necessitam de ajuda e carecem de recursos emocionais para auxiliar a criança. Assim, ressalta-se a necessidade de intervenções familiares, possibilitando avaliar e agir face às dificuldades, a partir de uma perspectiva ampla e integradora, que abarque os diferentes serviços para acompanhamento da família, como escola, saúde e assistência social.

Enfim, entende-se que os sintomas expressos por Mariana surgiram a partir de uma dinâmica familiar construída de maneira sofisticada, envolvendo o modo como foram e são vivenciadas as relações, e como os conteúdos inconscientes foram transmitidos entre as gerações. Sendo assim, a terapêutica não deve ser realizada de modo isolado, para que todos os membros atingidos pelos estilhaços dessa dinâmica possam ser beneficiados, tornando o processo de tratamento o mais amplo e completo possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das avaliações psicológicas realizadas ao longo desta investigação, foi possível entender que as manifestações da tendência antissocial de Mariana estão intimamente relacionadas à maneira como a criança está inserida na dinâmica de sua família e às angústias, sofrimentos e incertezas de seus ancestrais. Os psicodinamismos de cada um dos participantes estruturam e definem o funcionamento afetivo do grupo familiar, de modo que Mariana recebe, a partir de uma transmissão transgeracional, conteúdos não elaborados de vários dos membros da família. Assim, a carga emocional apreendida dos pais e avós inclui perdas sofridas, depressão, *holding* deficitário, sentimentos de inutilidade e de ser exigida além de suas possibilidades.

As manifestações da tendência antissocial de Mariana consistiriam em defesas dessas dores e sofrimentos de toda a família, de uma maneira, mesmo que malsucedida, de elaborar os conteúdos recebidos e ressignificar as relações familiares. Seus sintomas expressariam, assim, a procura de *holding* para definir os contornos do próprio *Self* e, com isso, construir uma existência autônoma e criativa, a partir de limites claros de até onde pode ir.

As avaliações psicológicas desta pesquisa revelam a importância da realização de estudos de caso envolvendo todo o grupo familiar, para que se conheça o sintoma do paciente, em profundidade, possibilitando o conhecimento sobre as origens da queixa, para delimitar melhores estratégias de intervenção, e beneficiar a todos que necessitam de ajuda e não apenas ao paciente que chega ao consultório. Nesse contexto, um tratamento isolado, como a psicoterapia dirigida apenas à criança, por exemplo, seria forçosamente incompleto e com poucas chances de ser bem-sucedido. Dessa maneira, destaca-se a necessidade de novas pesquisas que investiguem as melhores estratégias de intervenção para as famílias que apresentam uma criança com tendência antissocial, ressaltando que não foram encontrados estudos que aprofundem esta temática.

No entanto, é importante salientar que o objetivo desta pesquisa não é propor generalizações das discussões aqui apresentadas para outros casos de tendência antissocial. Sendo assim, entende-se que os debates realizados devem contribuir para maior compreensão das manifestações desse quadro em uma perspectiva transgeracional, embora seja necessário considerar que outros casos certamente terão suas peculiaridades.

Nesse sentido, constantes pesquisas relacionadas à tendência antissocial no contexto familiar (inclusive com a utilização de outros métodos), para aprofundar o conhecimento sobre essa temática, são necessárias, ainda mais quando se verifica a ausência de

investigações mais amplas a respeito das intervenções que conduzam à melhora no quadro, cujo prognóstico é bastante restrito.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS³

- Abadi, S. (1998). *Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott* (L. Y. Massuh, trad). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alegre, A. (2012). Is there a relation between mother's parenting styles and children's trait emotional intelligence? *Eletronic Journal of Research in Educational Psychology*, 10(1), 5-34.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, C. A. (1980). Antepassado. In C. D. Andrade, *A Paixão Medida*. Rio de Janeiro: Alumbamento.
- Andrade, M. S. (1998). *Psicopedagogia clínica: manual de aplicação prática para diagnósticos de distúrbios de aprendizagem*. São Paulo: Pollus.
- Baranes, J-J. (2001). Tornar-se si mesmo: avatares e lugar do transgeracional. In Kães, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J.J., *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (C. Berliner, trad., pp. 191-213). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Barbieri, V. (2010). Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: Confronto de Paradigmas? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 505-513.
- Barbieri, V., & Pavelqueires, J. G. (2012). Personalidade paterna como fator prognóstico no tratamento da tendência antissocial. *Paideia*, 22(51), 101-110.
- Barros, P., & Silva, F. B. N. (2006). Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Revista Brasileira da Terapia Cognitiva*, 2(1), 55-66.
- Bellak, L., & Bellak, S. S. (1981). *Teste de apercepção infantil: Com figuras de animais – CAT-A*. (O. Mantovani, trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1949).

³ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Bleger, J. (1980). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2000). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Editora Porto.
- Bohoslavsky, R. (1991). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971).
- Bordin, I. A., & Offord, D. R. (2002). Transtorno de Conduta e Comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2), 12-15.
- Botero, M. G., Tobón, E. A., Gonzalez, D. M., & Barceló, E. (2010). Características de la teoría en el trastorno disocial de la conducta. *Psicología desde el Caribe*, 26, 103-118.
- Box, S., Copley, B., Magagna, J., & Moustaki, E. (1994). *Psicoterapias com famílias: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1981).
- Brelet-Foulard, F., & Chabert, C. (2005). *Novo Manual do TAT: Abordagem Psicanalítica*. São Paulo: Vetor Editora.
- Brum, E. H. M., & Schermann, L. (2004). Vínculos e iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2), 457-467.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação* (R. Tardivo, trad.). São Paulo: Vetor.
- Bueno, L. M. A. C., Mishima, F. K. T., & Barbieri, V. (2010). Percepção da dinâmica familiar por crianças antissociais: um estudo comparativo com o procedimento de desenhos de famílias com histórias. *Psico*, 41(1), 93-102.
- Carlson, J. S., & Jensen, M. (1980). Reliability of the Raven Coloured Progressive Matrices Test: Age and ethnic group comparisons. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49, 320-322.

- Cauffman, E. (2008). Understanding the female offender. *The future of children*, 18(2), 119-142.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte. Interprétation psychanalytique*. Paris: Dunond.
- Chizzotti, A. (2000). Pesquisa em ciências humanas e sociais (4a ed.). São Paulo: Cortez.
- Chizzotti, A. (2003). A Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236.
- Consuelo, S., & Fuensanta, C. (2010). Personal and social characteristics of schoolchildren involved in bullying in primary education. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 8(3), 1015-1032.
- Corman, L. (1979). O Teste do Desenho da Família. São Paulo: Mestre Jou.
- Correa, O. B. R. (2003). Transmissão Psíquica entre as Gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.
- Correa, O. R. (2000). *Os avatares da transmissão psíquica transgeracional*. São Paulo: Escuta.
- Cunha, J. A., & cols. (2000). *Psicodiagnóstico – V*. (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A. & Polônia, A. C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dessen, M. A., & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), iii-v.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família* (L. M. V. Fischer, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Eiguer, A. (1995). *O Parentesco Fantasmático: Transferência e Contratransferência em terapia familiar psicanalítica* (M. A. Chiarella, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Eiguer, A. (1997). Transgénérationnel et temporalité. *Revue Française de Psychanalyse*, 61(5), 1855-1862.
- Eiguer, A. (1998). *A transmissão do psiquismo entre gerações* (L. H. S. Barbosa, trad.) São Paulo: Unimarco.
- Eiguer, A. (2006). Por um Psicoanálisis familiar recreativo. *Psicoanálisis e intersubjetividad: familia, pareja, grupos e instituciones*, 1(1). Recuperado em 11 de novembro de 2012, de <http://www.intersubjetividad.com.ar/website/articulo.asp?id=159&idd=1>.
- Eizirik, M., & Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(3), 330-336.
- Esquivel, G. B. (1984). Coloured Progressive Matrices. In D. J. Keyser & R. C. Sweetland, *Tests Critiques*, I, 206-213. Kansas City: Test Corporation of America.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner, *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS.
- Fédida, P. (1991). *Nome, figura e memória: A linguagem na situação psicanalítica*. (M. Gambini, trad.). São Paulo: Escuta.
- Féres-Carneiro, T., Lisboa, A. V., & Magalhães, A. S. (2011). Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 102-113.
- Ferrari, J. L. (1999). Por que es importante el padre? In J. L. Ferrai, *Ser padres en el tercer milenio* (pp. 91-117). Mendoza: Ediciones del Canto Rodado.
- Figueiras, M. S. T., Lisboa, A. V., Macedo, R. M., Paiva, F. G., Benfica, T. M. S., & Vasques, V. A. (2007). Avaliação psicossomática no câncer de mama: proposta de articulação entre os níveis individual e familiar. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 551-560.

- Freud, S. (1974). Totem e tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIII, pp. 11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1976) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXI. – A dissecção da personalidade psíquica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XXII, pp. 75-102). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1996). Criminosos em Consequência de um Sentimento de Culpa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 352-381). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2006). Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. II). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Gámez-Guadix, M., Straus, M. A., Carrobes, J. A., & Muñoz-Rivas, M. J. (2010). Corporal punishment and long-term behavior problems: The moderating role of positive parenting and psychological aggression. *Psicothema*, 22(4), 529-536.
- Garaigordobil, M., & Maganto, C. (2011). Empatia y resolucion de conflictos durante la infancia y la adolescencia. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 43, 255-266.
- Godman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology, Psychiatry, and Allied Disciplines*, 38(5), 581-586.
- Golfeto, J. H., & Cury, C. R. (2003). Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): a study of school children in Ribeirão Preto. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(3), 139-145.
- Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
- Haworth, M. R. (1966). *The CAT facts about fantasy*. Nova Iorque: Grune and Stratton.
- Henriques, M. I. G., & Gomes, I. C. (2005). Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. *Psychê*, IX(16), 183-196.

- Hirsch, S. B. (2009). Guia de interpretação do teste de apercepção infantil (C.A.T. – A) de L. Bellak. In M. L. S. Ocampo, M. E. G. Arzeno, E. G. Piccolo, (orgs). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138.
- Käes, R. (1994). Thérapie familiale analytique ou psychothérapie psychanalytique de la famille (en situation de groupes)? Questions. *Revue de Psychothérapie Psychanalytiques de Groupe*, 22, 9-14.
- Käes, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Käes, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In Eiguer, A. (org). *A transmissão do psiquismo entre gerações* (L. H. S. Barbosa, trad., pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.
- Käes, R. (2001). Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In Käes, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J. J. (C. Berliner, trad., pp. 27-69). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Käes, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- Luquet, G. H. (1969). *O desenho infantil*. Porto: Minho.
- Machover, K. (1967). O traçado da Figura Humana: um método para o estudo da personalidade. In H. H. Anderson, & G. L. Anderson (Orgs.), *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico* (pp. 345-370). São Paulo: Mestre Jou.
- MacKenzie, E. P. (2007). Improving treatment outcome for oppositional defiant disorder in young children. *Journal of Early and Intensive Behavior Intervention*, 4(2), 500-510.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, 10(16), 243-255.

- Marino, M. L., & Caballo, V. E. (2002). Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. *Psicologia, saúde e doenças*, 3(2), 141-147.
- Moreira, A. C. G., Vilhena, J., Cruz, A. T. A., & Novaes, J. V. (2009). Quem tem medo do lobo mau? Juventude, agressividade e violência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(4), 677-697.
- Morin, E. (2005). *Ciência com Consciência* (M. D. Alexandre & M. A. S. Dória, trad., 8a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1982).
- Moura, A., & Nikos, I. (2000). Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: Da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 13(140), 69-76.
- Nascimento, M., & Brant, F. (1995). Bola de meia, bola de gude [gravada por Milton Nascimento]. In Milton Nascimento: *Amigo*. Warner.
- Organização Mundial da Saúde (2006). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde* (10a revisão). São Paulo: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português.
- Pasquali, L., Wechsler, S., & Bensusan, E. (2002). Matrizes Progressivas do Raven infantil: um estudo de validação para o Brasil. *Avaliação Psicológica*, 1(2), 95-110.
- Passos, M. C. (2006). Entrevista com o Prof. Alberto Eiguer. *Interações*, XI(21), 167-172.
- Pichon-Rivière, E. (1994). *Teoria do Vínculo* (E. T. Zamikhouwsky, trad., 5a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980).
- Prado, M. C. A. (2000). *Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica*. São Paulo: Vetor.
- Raven, J.C., Raven, J., & Court, J.H. (1988). Matrizes Progressivas Coloridas de Raven. Manual. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rezende, A. M. (1993). A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In M. E. L. Silva (org.), *Investigação e Psicanálise* (pp. 103-118). Campinas: Papirus.

- Rodríguez, J. A. (2010). Bajo autocontrol y conducta antisocial: Em perspectiva de genero. *Revista Cenipec*, 29, 213-240.
- Rutland, A., Abrams, D., & Cameron L. (2007). Children's attitudes towards nonconformists: intergroup relations and social exclusion in middle childhood. *The International Journal on School Disaffection*, 4(2), 45-52.
- Safra, G. (1984). Procedimentos clínicos utilizados no Psicodiagnóstico. Clínicas. In W. Trinca, *Diagnóstico psicológico: a prática clínica* (pp. 51-66). São Paulo: E.P.U.
- Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In M. E. L. Silva, (org.), *Investigação e psicanálise* (pp. 119-132). Campinas: Papirus.
- Santana, J. V. S. (2004). *A tendência anti-social na escola: uma postura indisciplinar ou um pedido de socorro?* São Paulo: Vetor Editora.
- Santiago, M. D. E. (1984). Entrevistas Clínicas. In W. Trinca, *Diagnóstico psicológico: a prática clínica* (pp. 67-81). São Paulo: E.P.U.
- Santos, V. O., & Ghazzi, M. S. (2012). A Transmissão Psíquica Geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 632-647.
- Saur, A. M., & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: revisão de literatura. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 619-629.
- Silberg, J. et al. (1996). Genetic and environmental influences on the covariation between Hyperactivity and Conduct Disturbance in juvenile twins. *Journal of children Psychology and Psychiatry*, 37(7), 803-816.
- Silva, M. F. X., & Villemor-Amaral, A. E. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 205-215.
- Simon, R. (1993). Pesquisas combinando técnicas projetivas e psicanálise. In M. E. L. Silva (org.), *Investigação e Psicanálise* (pp. 159-170). Campinas: Papirus.
- Soifer, R. (1982). *Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo*. Petrópolis: Vozes.

- Souza, H. V. (2012). A Criança e a Expressão do Pensamento através do Grafismo. *Revista Thema*, 09(02), 1-23.
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln, *Handbook of Qualitative Research Thousand Oaks* (pp 435-454). London: Sage Publications.
- Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M., & Mello, V. M. H. P. (2005). *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. São Paulo: E.P.U.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Valdanha, E. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(1), 71-88.
- Valencia, R. R. (1984). Reliability of the Raven Coloured Progressive Matrices for Anglo and for Mexican-American children. *Psychology in the Schools*, 21, 49-52.
- Valles, M. S. (1997). *Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Ed. Síntesis Sociología.
- Wellausen, R. S., & Bandeira, D. R. (2010). O tipo de vínculo entre pais e filhos está associado ao desenvolvimento do comportamento antissocial? *Revista Interamericana de Psicología*, 44(3), 498-506.
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu, trad., pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1983). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Porte Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958).

- Winnicott, D. W. (1994). Psicose na infância. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 53-58). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989).
- Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência* (A. Cabra, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2000). A agressividade e sua relação com o desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (D. Bogolometz, trad., pp. 288-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In D. W. Winnicott. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (D. Bogolometz, trad., pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954).
- Winnicott, D. W. (2000). A tendência antissocial. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (D. Bogolometz, trad., pp. 406-416). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).
- Winnicott, D.W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipola, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1956).
- Woerner, W., Fleitlich-Bilyk, B., Martinussen, R., Fletcher, J., Cucchiaro, G., Dalgarrondo, P., et al. (2004). The Strengths and Difficulties Questionnaire overseas: evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13(Suppl. 2), 47-54.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2a. ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Zen, E. T., Luescher, S. C., Nunes, M. F., Bens, C., & Aguiar, A. M. (2006). Transgeracionalidade e Parentalidade: uma experiência em UTI/UI neonatal pública. In *Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental* (pp. 1-11). Recuperado em 15 de outubro de 2012, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-trabalhos-completos-465>.

8 APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de Entrevista com os Pais

Dados de Identificação

Nome:
Idade:
Data de nascimento:
Peso e altura:
Naturalidade:
Sexo:
Cor:
Religião:
Endereço:
CEP:
Telefone:

Pai

Nome:
Idade:
Est. Civil:
Escolaridade:
Profissão:
Procedência:

Mãe

Nome:
Idade:
Est. Civil:
Escolaridade:
Profissão:
Procedência:

A criança tem irmãos? Investigar idade, escolaridade, profissão e estado civil

Sintomas da criança

1. Como você me explicaria os sintomas de seu filho?
2. Desde quando os pais notam a dificuldade?
3. Quais são os fatores que estão associados ao início e à manutenção destes sintomas?
4. Em que situações estes comportamentos ocorrem? Com que frequência?
5. Houve algum fator de melhora nos sintomas?
6. Houve algum fator agravante dos sintomas?
7. Qual a atitude da família em relação aos problemas?

Gestação e parto

1. Em que circunstâncias ocorreu a gravidez?
2. Como foi a vivência deste período?
3. Como os pais se sentiram ao saber da gravidez?

4. Houve complicações no nascimento?
5. Quais as condições da criança logo após o nascimento?
6. Como os pais se sentiram com a chegada da criança?
7. Acarretou alguma mudança?

Alimentação

1. A criança foi amamentada no peito? Por quanto tempo?
2. Como a criança reagia no momento da amamentação?
3. Como a mãe se sentia no momento da amamentação?
4. Qual era o temperamento da criança nesta fase?
5. Quando foi introduzida a papinha? Qual a reação da criança?
6. Qual a atitude dos pais frente à alimentação? Há horários?
7. Quando surgiram os primeiros dentes?
8. A criança fez uso de chupeta? Ela chupou o dedo?
9. Como é a alimentação atual da criança? Há rejeição de algum alimento?

Sono

1. Como é o sono da criança?
2. Há horários a cumprir?
3. Com quem a criança dorme?
4. Há sinais de ranger dentes, pesadelos, insônia?

Desenvolvimento psicomotor

1. Quando a criança sustentou a cabeça?
2. Quando se sentou?
3. Quando engatinhou pela primeira vez?
4. Quando ficou em pé ou apoiando?
5. Quando começou a andar?
6. Qual a participação dos pais nesse processo?
7. Como foi o processo de aquisição do controle dos esfíncteres? Quem ensinou?
8. Em algum momento houve perda do controle? Como era a reação dos pais?
9. Quais as atividades de vida diária que realiza sozinho? (toma banho, encova os dentes, dá laços, penteia-se, pega objetos pequenos, veste-se, abotoa roupas)
10. Há algum tipo de medo ou fobia (motivo, início)?

Linguagem

1. Quando começou a falar?
2. Fala corretamente?
3. Há dificuldades na compreensão da fala da criança?
4. A criança faz imitações verbais ou motoras?
5. Os pais tinham hábito de conversar com a criança? Se sim, como (linguagem infantil)?

Vida sexual

1. A criança mostra curiosidade sexual? Faz perguntas sobre o nascimento ou sobre órgãos genitais?
2. Como os pais se sentem frente a essa curiosidade?
3. A criança costuma masturbar-se?
4. Qual a atitude da família frente a isso?
5. Há alguém que assume a função de orientar?
6. A criança tem brincadeiras sexuais com outras?

7. Há alguma dificuldade em relação à sexualidade?

Desenvolvimento Emocional

1. Quanto tempo a criança dispõe para brincar?
2. Quais as brincadeiras que a criança prefere?
3. A criança cuida dos brinquedos?
4. Os interesses da criança são compatíveis com a sua idade?
5. Como a criança reage frente às brincadeiras?

Relacionamento/comportamento social

1. A criança prefere brincar sozinha ou acompanhada?
2. A criança divide seus brinquedos?
3. Faz amizades com facilidade?
4. A criança é ou já foi apegada a algum objeto especial?
5. A criança tem mesada?
6. A criança já apresentou comportamentos como roer unhas, bater a cabeça ou balançar-se continuamente?

Condições de saúde física e mental

1. Como é a saúde da criança? Que doenças ela já teve?
2. Já passou por alguma cirurgia ou tipo de hospitalização?
3. Como a criança está se sentindo em relação a sua saúde física no último mês? Por quê?
4. Ela está sob tratamento de alguma doença? Qual?
5. Há algum tipo de diagnóstico psiquiátrico? Já usou medicamentos?
6. Considerando este último mês, como a criança está se sentindo em relação a sua saúde mental? Por quê?

Escolaridade

1. Frequenta a escola? Qual?
2. Quais as escolas já frequentadas?
3. Com que idade começou a frequentar a escola?
4. Como ela reagiu e como foi sua adaptação?
5. Como é o rendimento escolar?
6. Qual a atitude dos pais em relação ao rendimento?
7. A criança é disciplinada? Gosta de estudar?
8. Como é o momento de tarefa de casa? Há algum tipo de ajuda?
9. Como é o relacionamento da criança com colegas e professores?
10. Quais as dificuldades observadas?

Dinâmica familiar – relacionamentos

1. Como os pais se descrevem em termos de saúde?
2. Como os pais se descrevem em termos de personalidade?
3. Como é o relacionamento entre os pais da criança?
4. Como cada um dos pais se relacionam com cada filho?
5. Como a criança se relaciona com os irmãos?
6. Quem exerce autoridade em casa?
7. Há algum tipo de animal de estimação em casa?
8. A criança auxilia em alguma tarefa doméstica?
9. Se os pais estão ausentes, quem cuida da criança?
10. A família já morou em outros lugares ou não?

11. A família frequenta clubes, parques ou igrejas? Qual a reação da criança nessas ocasiões?
12. Em geral, como é o dia de aniversário da criança?
13. Descreva um dia de vida da criança.

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (criança)

Meu nome é Ana Paula Medeiros, sou aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Barbieri. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional”, em que pretendo conhecer as crianças e suas famílias que procuraram atendimento para o filho com queixas semelhantes às apresentadas por vocês. Por isso, gostaria de convidá-los a participar de minha pesquisa.

O método desta pesquisa envolve a participação da criança, de seus pais e avós paternos e maternos, sendo que serão realizados alguns encontros com cada um dos participantes. Mais especificamente com relação à criança, serão realizados três encontros, em que serão utilizados instrumentos psicológicos, que consistirão principalmente em atividades como desenhar e contar histórias. Após a coleta e análise dos dados haverá uma devolutiva aos pais a respeito do que foi percebido sobre a criança.

A participação da criança é voluntária e a sua vontade será respeitada, podendo ela desistir de participar a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo ou penalidade. Todas as informações obtidas na pesquisa são confidenciais e mesmo que os dados sejam utilizados para publicações científicas a identidade de seu filho será preservada.

Ao final da avaliação de vocês, se for confirmada a necessidade de atendimento psicológico para o seu filho este será providenciado, ficando sob responsabilidade da pesquisadora.

Se você tiver alguma dúvida ou queira obter maiores informações poderá entrar em contato comigo ou com a psicóloga e docente Valéria Barbieri nos telefones e e-mails abaixo relacionados.

Caso concorde em participar, peço que assine a autorização a seguir. Desde já agradeço a colaboração e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional” desenvolvida pela aluna da Pós-graduação Ana Paula Medeiros e declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20__.

Assinatura: _____ (mãe)

_____ (pai)

Ana Paula Medeiros
 Telefone: (16) 3442-5972
 E-mail: paulla_medeiros@hotmail.com

Profa. Dra. Valéria Barbieri
 Telefone: (16) 3602-3798
 E-mail: valeriab@ffclrp.usp.br

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais)

Meu nome é Ana Paula Medeiros, sou aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Barbieri. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional”, em que pretendo conhecer as crianças e suas famílias que procuraram atendimento para o filho com queixas semelhantes às apresentadas por vocês. Por isso, gostaria de convidá-los a participar de minha pesquisa.

O método desta pesquisa envolve a participação da criança, de seus pais e avós paternos e maternos, sendo que serão realizados alguns encontros com cada um dos participantes. Mais especificamente com relação aos pais, será realizada uma entrevista com a presença de ambos e, posteriormente, haverá dois encontros com cada um, separadamente. Estes encontros serão agendados de acordo com a sua disponibilidade e compreenderão a aplicação de dois instrumentos de avaliação da personalidade. Após a coleta e análise dos dados haverá uma devolutiva, para relatar o que foi percebido sobre você ao longo do processo.

A participação na pesquisa é voluntária, sendo que você pode desistir a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo ou penalidade. Todas as informações obtidas na pesquisa são confidenciais e mesmo que os dados sejam utilizados para publicações científicas a identidade de todos os participantes será preservada.

Ao final da avaliação da família, se for identificada a necessidade de atendimento psicológico para os pais, este será providenciado, ficando sob responsabilidade da pesquisadora.

Se você tiver alguma dúvida ou queira obter maiores informações poderá entrar em contato comigo ou com a psicóloga e docente Valéria Barbieri nos telefones e e-mails abaixo relacionados.

Caso concorde em participar, peço que assine a autorização a seguir. Desde já agradeço a colaboração e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional” desenvolvida pela aluna da Pós-graduação Ana Paula Medeiros e declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Ribeirão Preto, ___ de _____ de 20__.

Assinatura: _____

Ana Paula Medeiros
 Telefone: (16) 3442-7259
 E-mail: paulla_medeiros@hotmail.com

Profa. Dra. Valéria Barbieri
 Telefone: (16) 3602-3798
 E-mail: valeriab@ffclrp.usp.br

Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (avós)

Meu nome é Ana Paula Medeiros, sou aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Barbieri. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional”, em que pretendo conhecer as crianças e suas famílias que procuraram atendimento para com queixas semelhantes às apresentadas pelo seu filho. Por isso, gostaria de convidá-los a participar de minha pesquisa.

O método desta pesquisa envolve a participação da criança, de seus pais e avós paternos e maternos, sendo que serão realizados alguns encontros com cada um dos participantes. Mais especificamente com relação aos avós, será realizada uma entrevista com a presença de ambos, a fim de conhecer a sua história de vida, e, posteriormente, haverá dois encontros com cada um, separadamente. Estes encontros serão agendados de acordo com a sua disponibilidade e compreenderão a aplicação de dois instrumentos de avaliação da personalidade. Após a coleta e análise dos dados haverá uma devolutiva, para relatar o que foi percebido sobre você ao longo do processo.

A participação na pesquisa é voluntária, sendo que você pode desistir a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo ou penalidade. Todas as informações obtidas na pesquisa são confidenciais e mesmo que os dados sejam utilizados para publicações científicas a identidade de todos os participantes será preservada.

Ao final da avaliação da família, se for identificada a necessidade de atendimento psicológico, este será providenciado, ficando sob responsabilidade da pesquisadora.

Se você tiver alguma dúvida ou queira obter maiores informações poderá entrar em contato comigo ou com a psicóloga e docente Valéria Barbieri nos telefones e e-mails abaixo relacionados.

Caso concorde em participar, peço que assine a autorização a seguir. Desde já agradeço a colaboração e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “Os psicodinamismos dos problemas de conduta: um estudo transgeracional” desenvolvida pela aluna da Pós-graduação Ana Paula Medeiros e declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20__.

Assinatura: _____

Ana Paula Medeiros
 Telefone: (16) 3442-7259
 E-mail: paulla_medeiros@hotmail.com

Profa. Dra. Valéria Barbieri
 Telefone: (16) 3602-3798
 E-mail: valeriab@ffclrp.usp.br

9 ANEXOS

Anexo A - Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por)

Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por)

P4-16

Instruções: Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento do seu filho / da sua filha nos últimos seis meses.

Nome da criança

Masculino ☐ Feminino ☐

Data de nascimento

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
É sensível aos sentimentos dos outros	☐	☐	☐
É irrequieto/a, muito mexido/a, nunca pára quieto/a	☐	☐	☐
Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos	☐	☐	☐
Partilha facilmente com as outras crianças (guloseimas, brinquedos, lápis, etc.)	☐	☐	☐
Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras	☐	☐	☐
Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho/a	☐	☐	☐
Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam	☐	☐	☐
Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado/a	☐	☐	☐
Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente	☐	☐	☐
Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos	☐	☐	☐
Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga	☐	☐	☐
Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as	☐	☐	☐
Anda muitas vezes triste, desanimado/a ou choroso/a	☐	☐	☐
Em geral as outras crianças gostam dele/a	☐	☐	☐
Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar	☐	☐	☐
Em situações novas é receoso/a, muito agarrado/a e pouco seguro/a	☐	☐	☐
É simpático/a e amável com crianças mais pequenas	☐	☐	☐
Mente frequentemente ou engana	☐	☐	☐
As outras crianças metem-se com ele/a, ameaçam-no/a ou intimidam-no/a	☐	☐	☐
Sempre pronto/a a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças)	☐	☐	☐
Pensa nas coisas antes de as fazer	☐	☐	☐
Rouba em casa, na escola ou em outros sítios	☐	☐	☐
Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças	☐	☐	☐
Tem muitos medos, assusta-se com facilidade	☐	☐	☐
Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção	☐	☐	☐

Tem algum outro comentário ou preocupação? Descreva.

Por favor, vire a folha – há mais algumas questões no outro lado

Em geral, parece-lhe que o seu filho / a sua filha tem dificuldades em alguma das seguintes áreas: emoções, concentração, comportamento ou em dar-se com outras pessoas?

Não	Sim dificuldades pequenas	Sim dificuldades grandes	Sim dificuldades muito grandes
☐	☐	☐	☐

Se respondeu "Sim", por favor responda às seguintes questões sobre essas dificuldades:

- Há quanto tempo existem essas dificuldades?

Menos de 1 mês	1-5 meses	6-12 meses	Mais de 1 ano
☐	☐	☐	☐

- Essas dificuldades incomodam ou fazem sofrer o seu filho / a sua filha?

Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
☐	☐	☐	☐

- Essas dificuldades perturbam o dia-a-dia do seu filho / da sua filha nas seguintes áreas?

	Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
Em casa	☐	☐	☐	☐
Com os amigos	☐	☐	☐	☐
Na aprendizagem na escola	☐	☐	☐	☐
Nas brincadeiras/tempos livres	☐	☐	☐	☐

- Essas dificuldades são uma sobrecarga para si ou para a família?

Nada	Pouco	Muito	Muitíssimo
☐	☐	☐	☐

Assinatura

Data

Mãe ☐ Pai ☐ Outro ☐ (por favor, indique quem):

Muito obrigado pela sua colaboração

Anexo B - Descrição de conteúdos manifestos e latentes dos cartões do CAT-A - Conforme proposto por Boekholt (2000), Chabert (1983) e Haworth (1966)

“Análise do material, conteúdos manifestos e solicitações latentes” (Boekholt, 2000, pp. 106 – 121)

Cartão 1

Conteúdo manifesto: Três pintinhos sentados à volta de uma mesa sobre a qual há uma grande taça cheia. Ao lado, esbatido, um grande frango (CC⁴).

Conteúdo latente: Remete para uma relação com a imagem materna da ordem da oralidade (CC). As respostas dizem respeito à oralidade *versus* gratificação ou frustração, em torno da qual se centra a rivalidade fraterna (MH⁵).

Cartão 2

Conteúdo manifesto: Um urso grande puxa uma corda, também puxada do outro lado por outro urso grande com um ursinho por trás (CC). O ursinho puxa a corda com o urso grande (MH).

Conteúdo latente: Remete para a relação triangular progenitor-filho num contexto agressivo e/ou libidinal (CC). As respostas estão relacionadas com a escolha identificatória e com a expressão de uma interação agressiva ou lúdica. A corda veicula interesses fálicos e masturbatórios (MH).

Cartão 3

Conteúdo manifesto: Um leão, com um cachimbo e uma bengala, está sentado num cadeirão. À direita, em baixo do cartão, um ratinho num buraco (CC).

Conteúdo latente: Remete para a relação com uma imagem de potência fálica (CC). Remete a uma imagem paterna potente cujos atributos podem ser valorizados ou denegridos. O ratinho, com o qual a criança geralmente se identifica, encarna a impotência ou a manha (MH).

Cartão 4

Conteúdo manifesto: Um grande canguru com um chapéu, um saco e um cesto onde está uma garrafa de leite. Ele tem na bolsa marsupial um bebê canguru que segura um balão. Por trás dele, uma criança canguru numa bicicleta (CC).

Conteúdo latente: Remete para a relação com a imagem materna eventualmente num contexto de rivalidade fraterna (CC). Refere, entre os temas, a rivalidade e o que se passa no ventre das mães. As crianças cangurus apresentam os conflitos de autonomização/dependência (MH).

⁴ CC: A descrição de Boekholt (2000) é baseada na descrição de C. Chabert (1983)

⁵ MH: A descrição de Boekholt (2000) é baseada na descrição de M. Haworth (1966)

Cartão 5

Conteúdo manifesto: Num quarto sombrio, uma caminha com dois ursinhos dentro. Por trás, uma cama grande cujos cobertores parecem estar levantados por alguma coisa (CC). Uma grande cama em segundo plano, cobertor não mencionado (MH).

Conteúdo latente: Remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas de cena primitiva (CC). Remete para a cena primitiva e para os jogos sexuais entre crianças (MH).

Cartão 6

Conteúdo manifesto: Uma gruta na qual se veem mais ou menos bem dois ursos grandes. À frente, um ursinho, olhos abertos e folhas (CC). Duas silhuetas de ursos numa gruta obscura, ursinho deitado (MH).

Conteúdo latente: Remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas de cena primitiva (CC). O cartão 6, assim como o precedente, remete para a cena primitiva e para a masturbação (MH).

Cartão 7

Conteúdo manifesto: Na selva, um tigre salta para um macaco. O macaco parece agarrar-se a um cipó (CC). Um tigre, com as presas à vista e a deixar as garras de fora (MH).

Conteúdo latente: Remete para uma relação carregada de agressividade (*versus* castração ou devoração) (CC). Remete para o receio da agressividade privilegiando o registro da castração (MH).

Cartão 8

Conteúdo manifesto: Dois macacos grandes, sentados num sofá, bebem chá. À direita, um macaco grande sentado num pufe aponta para um macaquinho (CC). O macaco no primeiro plano fala com o macaquinho (MH).

Conteúdo latente: Remete para a culpabilidade associada à curiosidade e à transgressão na relação pais-filhos (CC). O macaco grande, no primeiro plano, remete para uma imagem parental, paterna ou materna. A criança é convidada a situar-se nas relações familiares (MH).

Cartão 9

Conteúdo manifesto: Um quarto sombrio cuja porta está aberta. Uma cama de criança com um coelho dentro, sentado (CC). Porta aberta para uma divisão iluminada, o coelho está virado para a porta (MH).

Conteúdo latente: Remete para a problemática de solidão e/ou de abandono (CC). Remete, para além do medo do escuro e da solidão, para a curiosidade sexual (MH).

Cartão 10

Conteúdo manifesto: Um cãozinho, deitado de barriga para baixo nos joelhos de um cão grande. À direita um banheiro e toalhas (CC). Há traços expressivos nos dois cães (MH).

Conteúdo latente: Remete para a relação agressiva progenitor/filho num contexto de analidade, evidenciando-se a proximidade corporal (CC). Remete para a dialética disparate/punição num contexto superegóico e/ou transgressivo (MH).

Anexo C - Descrição de conteúdos manifestos e latentes dos cartões do TAT - Conforme proposto por Brelet-Fourlard e Chabert (2005)

“Análise do material, conteúdos manifestos e solicitações latentes” (Brelet-Foulart e Chabert, 2005, pp. 64-72)

Cartão 1

Conteúdo manifesto: Um menino, a cabeça entre as mãos, olha um violino colocado à sua frente.

Solicitações latentes:

- A partir do acento colocado sobre a imaturidade funcional (trata-se de uma criança), é uma problemática de impotência atual associada à angústia de castração que organiza a imagem de acordo com os diferentes destinos demarcados pela qualidade dos movimentos identificatórios;
- A solidão da criança, associada à ferida narcísica imposta pela sua imaturidade, é suscetível de determinar uma angústia de perda mais ou menos "elaborável".

Cartão 2

Conteúdo manifesto: Cena campestre. No primeiro plano, uma jovem moça com livros, no segundo plano, um homem com um cavalo e uma mulher encostada numa árvore. Diferença dos sexos, nenhuma diferença de gerações.

Solicitações latentes:

- O cartão remete ao triângulo edipiano pai-mãe-filha apesar da ausência de diferença de gerações no nível manifesto. Ele coloca em prova a organização edipiana e sua característica mais ou menos estruturante: a atração da jovem pelo homem, rivalidade com a mulher, reconhecimento da interdição, reconhecimento do amor edipiano, nostalgia, declínio do édipo.
- A interdição e a renúncia que provoca um constrangimento são vivenciadas como uma impossibilidade de separação dos objetos imaginários. O sujeito fica "colado" ao casal, recusando-se a reconhecer seu vínculo sexual privilegiado, a exclusão em relação ao casal sendo experimentada como uma rejeição maciça e insuportável.

Cartão 3RH

Conteúdo manifesto: Uma pessoa caída, apoiada aos pés de uma banqueta (sexo e idade indeterminados, objeto jogado no chão).

Solicitações latentes: (remetem à posição depressiva com tradução corporal):

- Num contexto edipiano, é a culpabilidade em sua valência depressiva que é mobilizada. A solidão fica suportável, o trabalho de renúncia é possível e o deslocamento dos investimentos renovável.
- Num contexto de posição depressiva tal como ela foi elaborada por Melanie Klein, a problemática de perda de objeto reativada a esse cartão coloca em prova as capacidades de trabalho de luto, a reversibilidade dos afetos depressivos e o suporte para que o desejo advenha.

Cartão 4

Conteúdo manifesto: Uma mulher próxima a um homem que se vira (diferença de sexos, ausência de diferença de gerações).

Solicitações latentes:

- O cartão remete à ambivalência pulsional na relação do casal, com os dois polos agressividade/ternura ou ainda amor/ódio. Num contexto edipiano, é um terceiro (a guerra ou uma outra mulher) que determina a eventual partida do personagem masculino.
- O cartão solicita, além do conflito do desgosto de amor, a angústia de separação e de abandono.

Cartão 5

Conteúdo manifesto: Uma mulher de meia-idade, com a mão na maçaneta de uma porta, olha para o interior de um cômodo.

Solicitações latentes (remetem a uma imagem feminina/materna que penetra e olha):

- Num contexto edipiano, o cartão reviva a culpabilidade ligada à curiosidade sexual e aos fantasmas de cena primitiva, a figura da mãe aparecendo ao mesmo tempo sedutora e interditora.
- Num outro registro, são os movimentos ambivalentes, mais arcaicos, associados à angústia de perder o amor do objeto, que são tocados com tratamentos diferentes de acordo com os sujeitos (vertente narcísica, depressiva ou persecutória)

Cartão 6RH

Conteúdo manifesto: No primeiro plano, um homem jovem, de frente; no segundo plano, uma mulher idosa, de perfil (diferença de sexos, diferença de gerações).

Solicitações latentes (remetem à relação mãe/filho num contexto de tristeza);

- Num contexto edipiano, o cartão organiza-se em torno de um fantasma parricida (a tristeza está ligada à morte do pai) e coloca em prova o reconhecimento da interdição do incesto.
- Num outro registro, o cartão reviva as modalidades singulares da relação do filho com a mãe em suas referências precoces, portanto, ligadas à angústia de perder seu amor, colocando em conflito com o distanciamento necessário imposto pela renúncia edipiana.

Cartão 7RH

Conteúdo manifesto: Dois homens (no qual se vê somente os rostos) próximos um do outro (diferença de gerações, ausência de diferença de sexos).

Solicitações latentes: (remetem à aproximação pai/filho):

- Num contexto edipiano, o cartão remete à ambivalência da relação com o pai: rivalidade ou vínculo homossexual no seio do Édipo negativo.
- Como em todas as cenas de aproximação manifesta, o cartão provoca a associação fantasmática de uma separação e de um distanciamento.

Cartão 8RH

Conteúdo manifesto: No segundo plano, um homem deitado, dois homens inclinados sobre ele com um instrumento (cena de operação). No primeiro plano, um adolescente de costas voltadas para a cena e uma espingarda (ausência de diferença de sexos, diferença de gerações).

Solicitações latentes (remetem a uma cena de agressividade aberta confrontando homens adultos e um adolescente, em posições contrastadas ativa/passiva):

- Num contexto edipiano, é o desejo parricida, a culpabilidade, a angústia de castração e a ambivalência face ao pai que são mobilizados.
- Além disso, as pulsões agressivas com valência destrutiva reavivam fantasmas de ataque mortífero contra os objetos e a angústia de perda concomitante.

Cartão 6MF

Conteúdo manifesto: Uma jovem mulher sentada, no primeiro plano, vira-se em direção de um homem que se inclina sobre ela (leve diferença de gerações, diferença de sexos).

Solicitações latentes: (remetem a uma relação heterossexual na oposição conflitual entre desejo e defesa):

- Num contexto edipiano, esse cartão convoca fantasmas de sedução do tipo histérico; é o homem mais velho (o pai ou seu substituto) que é o agente sedutor, versão que preserva a inocência da jovem mulher.
- A problemática de perda de objeto é bem menos demarcada nesse cartão. Ela pode ser subjacente à relação edipiana ao pai (renúncia difícil) ou à mãe (medo de perder seu amor na rivalidade). No entanto, em alguns registros, parece evidente que a figura do pai ocupa um lugar e assume uma função reparadora quando a figura materna é fortemente conotada pelo abandono.

Cartão 7MF

Conteúdo manifesto: Uma mulher, com um livro na mão, está inclinada em direção de uma menina com expressão de sonhadora, que segura um boneco em seus braços (diferença de gerações, ausência de diferença dos sexos).

Solicitações latentes: (remetem à relação mãe/filha):

- Num contexto edipiano, o cartão solicita movimentos de identificação da menina com a mãe que autoriza ou não a ascensão a um lugar de mulher e de mãe.
- Em outros contextos, o conflito duplica-se na reatualização da ambivalência na relação mãe/criança, em termos de amor e de ódio, de proximidade e de rejeição.

Cartão 9MF

Conteúdo manifesto: No primeiro plano, uma jovem mulher atrás de uma árvore olha uma outra jovem mulher que corre embaixo, no segundo plano (não há diferença de sexo e nem diferença de gerações).

Solicitações latentes (remetem à rivalidade feminina):

- Num contexto edipiano, a rivalidade entre as duas mulheres centraliza-se em torno de um terceiro, um homem amado.
- Além da rivalidade, é uma agressividade mais violenta e, eventualmente, mortífera que se mobiliza numa problemática em que o ataque da outra é suscetível de desencadear seu desaparecimento.

Cartão 10

Conteúdo manifesto: Um casal que se abraça (não há diferença de gerações, vaga e ambígua diferença dos sexos).

Solicitações latentes (remetem à expressão de desejos no casal):

- Num contexto edipiano, as ligações são possíveis, ou não, entre ternura e desejo sexual, a referência incestuosa é mais ou menos presente.
- Além dos "reencontros" do casal, é a ameaça de sua separação que permanece subjacente ou claramente formulada.

Cartão 11

Conteúdo manifesto: Paisagem caótica com vivos contrastes de sombra e de claridade, em escarpa.

Solicitações latentes:

- O cartão induz movimentos regressivos bastante importantes, atualizando problemáticas pré-genitais singulares, geralmente referidas a uma imago materna arcaica.

Cartão 12RM

Conteúdo manifesto: Paisagem arborizada na margem de um riacho, com um barco e uma árvore no primeiro plano. Vegetação e segundo plano são imprecisos. Aspecto leve e claro.

Solicitações latentes:

- Num contexto edipiano, encontra-se a suscitação de representações de relações ternas ou nitidamente erotizadas.
- Além disso, as dimensões depressiva e/ou narcísica se manifestam pela reativação de uma problemática de perda e de abandono ou pela impossibilidade em introduzir uma dimensão objetal.

Cartão 13R

Conteúdo manifesto: Um menininho sentado na soleira da porta de uma cabana de tábuas separadas.

Solicitações latentes (remetem à capacidade de estar só):

- Num contexto edipiano, o cartão reaviva o sentimento de solidão da criança abandonada pelo casal parental.
- Além disso, a problemática dominante mobilizada pelo cartão é sobre a capacidade de estar só num ambiente precário e coloca em prova a qualidade do material e seus efeitos sobre o sujeito.

Cartão 13HF

Conteúdo manifesto: Uma mulher deitada, com o peito desnudo e um homem de pé, no primeiro plano, com o braço na frente do rosto (diferença de sexos, ausência de diferença de gerações).

Solicitações latentes (remetem à expressão da sexualidade e da agressividade no casal):

- Num contexto edipiano, o cartão organiza-se em torno de uma situação triangular dramatizada expondo mais ou menos uma fantasmática incestuosa e mortífera.
- Além disso, como em todos os cartões que são suscetíveis de solicitar uma fantasmática mortífera, é a questão da perda violenta e da destruição que é reavivada, e dessa vez, a carga da problemática pode desencadear um transbordamento e uma desorganização patentes.

Cartão 19

Conteúdo manifesto: Imagem "surrealistas" de casa sob a neve ou de barco na tempestade.

Solicitações latentes:

- Colocar em prova limites entre dentro/fora, bom/mau e a reativação de problemáticas arcaicas depressiva e/ou persecutória, segundo as capacidades de continente e de diferenciação do sujeito.

Cartão 16

Conteúdo manifesto: Carta branca para o sujeito.

Solicitações latentes:

- Remete à maneira como o sujeito estrutura seus objetos internos e externos e organiza suas relações com eles.

Anexo D – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CETP/FFCLRP-USP/083/-jsl

Ribeirão Preto, 15 de junho de 2012

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "**Os PSICODINAMISMOS DOS PROBLEMAS DE CONDUTA: UM ESTUDO TRANSGERACIONAL**" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE - 00942612.9.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil (ícone 'Notificação').

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

À Senhora

Ana Paula Medeiros

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP USP

Com cópia para a orientadora:

Prof.ª Dr.ª Valéria Barbieri

Departamento de Psicologia da FFCLRP USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP

Fone: (16) 3602-4811

Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015

Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br